

ERIN BEATY

O REINO

TRAIÇOEIRO



SEGUINTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ERIN BEATY

O REINO TRAIÇOEIRO



SEGUINTE

ERIN BEATY

O REINO TRAÍDOEIRO

Tradução

GUILHERME MIRANDA

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57

58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82

Epílogo

Agradecimientos

Sobre a autora

Créditos

Landmarks

Cover

Title Page

Body Matter

Table of Contents

Epilogue

Acknowledgments

Copyright Page

*Para minha mãe, que mostrou para mim e minha irmã que inteligência
deveria ser motivo de orgulho. E para meu pai, que nos mostrou que
homens de verdade querem o convívio de mulheres que pensam.*



1

PARA ALGUÉM QUE ODIAVA LUTAR, até que Clare estava ficando boa. Sage agora precisava suar um pouco para derrotar a amiga, o que era algo impressionante num dia de frio intenso como aquele. As enormes muralhas de pedra de Vinova, a fortaleza avançada de Demora, protegiam dos ventos de inverno que sopravam sobre a planície ao leste, mas não faziam muito no sentido de reter calor. Rechaçar invasões e resistir a cercos havia sido a prioridade dos construtores. Agora que a nação de Casmun, ao sul, estava aberta para conversas diplomáticas, aquele era o lugar mais importante para a posição de Sage como embaixadora. Defesa pessoal, porém, era importante para a vida, de modo que Sage insistira que sua melhor amiga e acompanhante treinasse combate.

Clare fez uma careta de concentração enquanto segurava um espadim com a mão enluvada. Seus olhos se estreitaram por cima do escudo no braço esquerdo, mas não era a aquilo que Sage estava atenta.

Sob a saia na altura dos joelhos, as botas de Clare se mexeram. Inconscientemente, Sage se inclinou para a direita, firmando os pés na terra congelada, esperando pelo movimento que entregaria sua amiga. Raros eram os guerreiros que conseguiam atacar sem nenhum prenúncio na linguagem corporal, mesmo os mais experientes. Sem ter completado dezessete, Clare era quase dois anos mais nova do que Sage, e havia começado o treinamento apenas alguns meses antes.

Foi um movimento leve e abrupto, uma fração de segundo antes de Clare avançar, que a entregou, mas bastava. Sage bloqueou seu golpe à esquerda com o escudo antes de chocar a espada de Clare contra a sua, fazendo a lâmina subir, traçar um círculo no ar e descer. O

movimento as fez ficar cara a cara, com as lâminas travadas. Sage se manteve aberta para um contra-ataque.

— O que você está esquecendo? — ela perguntou, fazendo força para baixo até que a espada de Clare tocasse o chão.

Em resposta, a outra girou e bateu o escudo no lado exposto do tronco de Sage.

Seu escudo também é uma arma.

Sage abriu um sorriso largo enquanto caía para trás, mas sua amiga não sorriu ao erguer a cabeça e jogar a trança grossa por cima do ombro. Seus olhos castanhos cintilaram em um desafio silencioso. Seu corpo esguio estremeceu, mas não de frio.

— Você não precisa ficar me explicando tudo — Clare resmungou.

Ela estava irritada. O que significava que as coisas estavam prestes a ficar interessantes.

A raiva era útil em uma luta — Sage sabia daquilo melhor do que ninguém. A raiva aguçava os sentidos e conferia força e resistência à pessoa, mas ela também havia experimentado a imprudência que muitas vezes a acompanhava. A falta de controle de Clare talvez forçasse Sage a reagir de uma forma que poderia machucar uma delas, se não as duas.

— Quando quiser — provocou Clare, sua voz abafada sob o escudo.

Sage deu alguns passos cuidadosos para a direita, forçando Clare a ajustar a postura e a lhe dar mais tempo para pensar. *O que Alex faria?*

Pensar nele levou um sorriso involuntário a seus lábios. No ano anterior, Sage tinha descontado sua raiva em uma luta com Alex, e ele a havia desarmado e batido logo abaixo de seu quadril com a parte plana da espada em um único movimento. Alex não prosseguiria naquilo. Permaneceria metódico, descendo ao nível dela, sem nunca a forçar demais, sem nunca ceder terreno também.

Clare esperava que ela fizesse um movimento. Sage se moveu para a esquerda, girando a espada curva em um arco preguiçoso, refletindo brevemente um raio de sol que atravessava a cobertura de nuvens no céu.

Sua amiga não mordeu a isca. Ela estava controlada agora, mas não precisaria de muito para aquele equilíbrio ser perturbado.

Sage começou a perpassar uma série de arcos, golpes e defesas básicos, privando seus movimentos do estilo pessoal que havia desenvolvido ao longo do último ano e meio. Ela se imaginou como o relógio na torre da capela — engrenagens, pêndulos e ponteiros firmemente ancorados no centro girando de maneira restrita e previsível. O único som ao redor era a respiração pesada delas e o estrepito contínuo de metal contra metal.

Com apenas uma levíssima torção sem aviso, Clare interrompeu o ritmo, rebatendo com um golpe na perna de Sage, perto o suficiente para cortar o tecido de sua calça. Os olhos de Clare se arregalaram assustados, mas Sage não se deixou afetar, recusando-se a dar tempo ao medo de tomar conta de uma delas. A luta perdeu todo o ar de formalidade e treino repetitivo. Ainda que nenhuma das duas quisesse machucar a outra, de repente a luta começou a parecer *de verdade*, e elas dançaram uma em volta da outra muito concentradas, com vagos sorrisos.

Sage botou uma forte pressão sobre Clare, esgotando lentamente o reservatório de raiva. Sua amiga conseguiu controlar o temperamento, e não houve nenhum golpe agressivo de nenhuma delas, só alguns ruídos agudos quando as espadas tocavam nos escudos.

Depois de cerca de vinte minutos, a chama tinha sido consumida. Sage descansou sobre um fardo de palha na frente do cercado de cavalos, verificando o rasgo na calça. O frio se fazia notar de novo, começando pelo nariz dela. Ao seu lado, a respiração de Clare se condensava no ar enquanto se recuperava aos poucos do esforço. De tantos em tantos segundos, ela lançava um olhar culpado para a perna de Sage, que se esforçava para ignorar a preocupação da amiga. Ela não achava que tinha cortado a pele, embora fosse difícil ter certeza com as luvas. De qualquer maneira, Clare não deveria se sentir mal por aquilo.

— Acho que suas roupas lhe dão uma vantagem — Sage disse, casualmente. — É mais difícil ver o que suas pernas estão fazendo. Você fica menos previsível.

— Finalmente tenho alguma vantagem sobre você — Clare disse, descendo a saia o máximo possível. A calça que usava por baixo era

grossa o bastante para esconder o formato de suas pernas, mas ela ficou constrangida mesmo assim. Não houvera nenhuma ironia na sua voz, apenas exaustão, o que era uma coisa boa.

Sage sentiu um calafrio e passou a mão na cabeça, ajeitando o cabelo que havia escapado do rabo de cavalo curto. Pela sua sombra, podia ver que parecia um gato escaldado. A trança cor de mogno de Clare estava impecável, como sempre.

— Ainda temos tempo para um pouco de *tashaivar* — Sage disse, olhando para a posição do sol.

Naquele exato momento, o sino da capela bateu. Seus badalos ecoaram pela pedra exposta da fortaleza e das muralhas circundantes, declarando que três horas haviam se passado desde o meio-dia. Clare se levantou de um salto, a energia restaurada.

— Não, não temos.

Sage resmungou internamente, mas trato era trato — Clare se submetia ao treinamento de combate da amiga e Sage fazia aulas de diplomacia com ela. Além disso, Sage precisava de um banho quente. O frio havia se infiltrado em seus pés, e a umidade sob as roupas casmuni que usava para lutar gelava sua pele. A calça e o casaco largos eram feitos para o deserto e dispersavam o calor do corpo rapidamente. Embora seus dentes tivessem começado a bater, Sage se ofereceu para guardar as armas de Clare para que a amiga pudesse se lavar primeiro.

Clare já havia terminado quando Sage entrou na sala de vestir que interligava suas suítes. Quando as duas estabeleceram residência em Vinova alguns meses antes, Sage tinha achado cruel hospedar sua amiga nos cômodos destinados à mulher do embaixador posicionado na fortaleza da fronteira. Afinal, Clare ia se casar com o filho do embaixador anterior, Lord Gramwell, que também viria a ser um emissário algum dia. Ela havia passado nove meses vivendo com a família do noivo, preparando-se para aquilo.

O que nunca mais aconteceria.

Uma flecha kimisara podia ter sido responsável pela morte do tenente Lucas Gramwell, mas Sage nunca conseguiria esquecer que ele havia sido atingido para protegê-la. Clare não a culpava, exceto talvez

em seus piores momentos, que felizmente estavam se tornando mais raros. Sage não tinha passado pela batalha incólume. Ela e Clare haviam passado muitas noites dormindo na mesma cama, confortando uma à outra entre pesadelos. Agora os pesadelos apareciam talvez uma vez por semana. Era mais comum ser Sage quem acordava gritando e se debatendo.

De dia, os episódios de raiva de Clare em geral surgiam por algo trivial e então aparentemente se abrandavam até irromperem no meio do treino, no jantar ou durante uma aula de diplomacia. Era a reação que a própria Sage havia tido depois da morte do pai seis anos antes, de modo que não condenava sua amiga. O tempo era a única coisa capaz de realmente curar as feridas.

Sage afrouxou os cordões do casaco com a mão direita enquanto mergulhava a esquerda na água da banheira. Perfeita. Tirou o resto das roupas suadas e entrou. Clare revirou os olhos quando a água escoou para o piso de madeira polida, mas Sage mal notou enquanto afundava e soltava a fita de couro do cabelo curto cor de areia. O lado esquerdo de seu corpo ardia mais do que uma simples coceira justificaria, mas ela ignorou a dor e tirou a cabeça da água, pegando o frasco de tônico capilar.

— Está quase acabando — disse Sage, arrancando a rolha com os dentes para não tirar o braço esquerdo da água. Um aroma de laranja e jasmim subiu do frasco aberto.

— Deixa que eu ajudo — Clare terminou de amarrar o corpete de seu vestido cinza simples e foi ajudar Sage a tirar o resto de tônico capilar do frasco. Em vez de simplesmente derramá-lo na cabeça de Sage, começou a lavar o cabelo da amiga. Ela vivia fazendo aquelas coisas, encontrando maneiras pequenas de compensar os momentos em que perdia a calma. Sage não achava que os pedidos de desculpa silenciosos fossem necessários, mas eles faziam sua amiga se sentir melhor. — Quando foi a última vez que teve notícias do major Quinn? — Clare perguntou casualmente, como se não soubesse. Falar do noivo de Sage era outra forma de aliviar o clima entre elas.

Com a menção ao nome de Alex, um rubor tomou conta das bochechas de Sage. Ela tentou responder no mesmo tom casual:

— Dois dias atrás.

— Como está indo o treinamento?

Alex comandava os norsaris, os combatentes de elite de Demora. Na primavera anterior, a unidade do exército fora reinstituída, vinte anos depois de sua dissolução. A companhia inicial tinha ficado pronta bem a tempo de enfrentar uma força kimisara que atacara a nação de Casmun, ao sul. Agora, a unidade de norsaris estava sendo expandida para formar um batalhão completo. Aquilo tinha sido planejado desde o princípio, mas de repente se tornara uma necessidade. O rei Ragat de Kimisara tinha sido morto na Batalha do Vidro Negro, e ninguém em Demora sabia o que o tempo quente da primavera junto ao novo governante traria. O que quer que fosse, os norsaris estariam nas linhas de frente. E Alex também. Sage tentou não pensar na distância e no perigo enquanto passava uma toalha sobre as cicatrizes rosas e azuis na perna.

— Vai completar sete semanas agora.

Clare usou um pequeno jarro para enxaguar o cabelo de Sage.

— Ele vai conseguir nos visitar?

Sage balançou a cabeça e tirou as bolhas de sabão dos olhos.

— Não pode ficar longe por tanto tempo. — O campo de treinamento ficava a quase duzentos e cinquenta quilômetros para oeste. Na melhor das hipóteses, era uma viagem árdua de quatro dias até Vinova e mais quatro dias de volta, e o clima do inverno não ajudava. — Talvez quando completarem mais seis semanas.

Mas ela sabia que ele não viria. Alex não teria como justificar uma viagem daquelas face a suas responsabilidades, ainda mais considerando que eles não eram casados — ele não poderia se casar antes dos vinte e quatro anos. Sage franziu a testa pensativa e contou na cabeça os dias desde o solstício de inverno. Então sorriu.

O aniversário dele era no dia seguinte. Faltava só mais um ano.

2

UMA HORA DEPOIS, era a vez de Sage fazer uma careta. Quando fora que comer ficara tão complicado?

— Hoje, você tem um conde de Reyan à sua esquerda, um príncipe casmuni de baixo escalão à sua direita, e eu sou uma condessa demorana — disse Clare à frente dela na mesa, na qual havia mais pratos, utensílios, baixelas e cálices do que Sage conseguia contar. — O conde só fala a língua dele. Eu falo reyno e demorano, e o príncipe fala kimisaro e casmuni. A quem você se dirige primeiro e em que língua?

Diplomacia dava dores de cabeça e até alguns pesadelos a Sage. Pelo menos não havia kimisaros na história. O melhor que Demora poderia esperar deles seria uma trégua instável e negações constantes de que alguma das invasões em Tasmety vinha de seu país. Reyan era um aliado antigo, mas a relação com Casmun era nova. As famílias reais das duas nações queriam que aquilo desse certo, mas os cidadãos comuns de ambos os lados demoravam a mudar depois de tantas gerações de hostilidade. O processo era delicado, especialmente depois dos acontecimentos do verão anterior.

— Eu já compartilhei água com o príncipe antes? — Sage perguntou. Os casmunis achavam falta de educação se dirigir diretamente ou usar o primeiro nome de uma pessoa antes de ser apresentado formalmente a ela.

— Sim, mas foi anos atrás, e você não sabe se ele lembra.

Clare era ardilosa. Mas ser embaixadora era bastante complicado, e caso não estivesse preparada Sage poderia causar um desastre em nível nacional. Ela nunca se sentia tão incapaz de lidar com alguma coisa como durante aquelas aulas. Sage sorriu de repente.

— Vou deixar você conversar com ele enquanto falo com o mensageiro que acabou de chegar.

Clare se virou para o sr. Finch, que se aproximava com um pergaminho amarrado com um laço violeta.

— Isso parece estranho — ela disse.

Sage soltou o laço e desenrolou o pergaminho, depois passou alguns minutos estudando as palavras em silêncio. Clare a chutou por baixo da mesa.

— Não pode demorar tanto tempo assim para ler — ela repreendeu.

Um sorriso lento se abriu no rosto de Sage.

— Acho que deveríamos trocar o príncipe à minha direita por uma princesa. — Ela virou o pergaminho para mostrar a Clare o que estava escrito em casmuni. — Lani está vindo nos visitar.

— Quando? — Sua amiga pegou o pergaminho de aparência oficial, franzindo a testa enquanto o analisava, mais devagar do que Sage. — Antes do verão?

— Amanhã.

Deixando de lado a lição, Clare se levantou de um salto.

— Espírito do céu, temos de nos preparar!

— Não podemos pelo menos terminar de comer? — Sage observou com desejo as baixelas cobertas e os pratos ainda vazios. O treinamento no pátio sempre a deixava faminta. Às vezes, a promessa de comida era a única coisa que tornava as aulas de etiqueta suportáveis.

— Você está brincando? — Clare já estava quase chegando na porta, lançando um olhar por cima do ombro que indicava que, se Sage não fosse junto, seria levada à força. — Não vamos ter tempo nem para dormir esta noite.

Com um suspiro, Sage se levantou e seguiu a amiga, mas não antes de pegar um pãozinho. Ou três.

Sage já tinha visto uma companhia norsari marchar para a batalha de uma hora para a outra. Era a única coisa que ela poderia comparar à atividade na fortaleza Vinova nas horas seguintes. Clare assumiu o controle das questões de hospedagem e cozinha, mandando preparar a

comida e os aposentos.

Alaniah Limistraleddai seria a primeira casmuni a pôr os pés em Demora em duzentos anos, e ela não era uma emissária qualquer; era a irmã do rei e a *chessa* — princesa — de mais alto escalão no país.

— Tem quantas pessoas na comitiva dela? — Clare perguntou de novo.

— Doze — Sage respondeu sem olhar para a carta. — Além de sessenta soldados. — Não eram muitos, considerando a posição de Lani.

— Ela poderia ter nos avisado com mais antecedência — Clare resmungou, contando os frangos depenados e estendidos.

— *Um embaixador está sempre pronto para receber* — Sage declamou com um sorriso.

Clare fez careta.

— Graças ao Espírito que papa começou a arrumar as coisas quando estive com ele aqui no verão passado. Estaríamos em muito maus lençóis se ele não tivesse feito isso. — Ela estava se referindo ao pai de seu noivo, um diplomata aposentado que havia sido convocado para atuar como embaixador na fortaleza Vinova perto da fronteira sul quando Demora estava começando a se preparar para retomar relações com Casmun. Aquilo tinha sido interrompido por um ataque organizado pelos kimisaros, e Sage havia fugido para Casmun com o filho caçula do rei, tornando-se sem querer a primeira demorana com quem eles falavam em gerações. Lord Gramwell liderara a campanha para recuperar o príncipe, que ficara conhecida como a Batalha do Vidro Negro, em que demoranos e casmunis combateram os kimisaros e venceram. O filho único de Lord Gramwell não retornara da batalha, e depois que a poeira assentara e o príncipe fora levado de volta para casa, o embaixador solicitou a aposentadoria permanente, abalado pelo luto.

Sage fora nomeada para substituir Lord Gramwell e ficara com Clare, tanto pela companhia como para impedir que sua amiga fosse obrigada a voltar para o próprio pai agora que seu noivo estava morto. No papel, Sage era a pessoa mais qualificada no reino para o cargo, já que ela havia aprendido a língua casmuni e criado uma boa

relação com a família real — mas ainda era uma plebeia de dezoito anos sem nenhum treinamento formal, e pensava se não seria substituída em algum momento. Não que o rei Raymond tivesse dado alguma indicação de que aquilo aconteceria.

Enquanto isso, ela se submetia às aulas de Clare. Com o conhecimento de sua amiga e o que ela mesma havia aprendido sobre o povo e os costumes de Casmun, Sage torcia para ser digna do trabalho.

Seu primeiro teste chegaria em algumas horas.

3

NA TARDE SEGUINTE, Sage e Clare estavam envoltas em peles no topo da torre mais alta de vigia, observando o destacamento casmuni se aproximar. A maior parte da experiência de viagem de Sage era com unidades militares, e o tamanho da caravana da princesa Lani a assustava.

— Por que ela precisa de tantos cavalos e carroças? — murmurou.

— Presentes — respondeu Clare, tensa. — Essa não é apenas uma visita amigável. A diplomacia dita que devemos retribuir com algo de igual valor.

Sage ficou pálida.

— Não temos nada aqui ainda. — Os recursos demoranos estavam escassos em razão do conflito com os kimisaros em Tasmét. As remessas de grãos e minérios do lado leste dos montes Catrux tinham se tornado mínimas, e os portos do norte costumavam se fechar no inverno.

— Ela não sabe que está muitos meses adiantada?

— Tenho certeza de que sim. — Clare balançou a cabeça. — Não sei o que espera de nós.

— Podemos tentar compensar com cobertas confortáveis e água quente. — Sage apontou para a figura empacotada sobre um cavalo branco. Se ela não estivesse na frente usando uma espada dourada curva, Lani estaria irreconhecível. — Ela parece com frio.

Felizmente, havia lenha de sobra naquela região. Eram tantos os arbustos mortos e as árvores caídas na floresta vizinha que não havia sido necessário derrubar nada até então. Sage ordenou que as lareiras nos aposentos fossem atizadas e que mais lenha fosse trazida dos celeiros.

— E dobrem a quantidade de água quente disponível! — ela gritou para o mordomo enquanto seguia Clare escada abaixo a fim de receber os hóspedes.

Elas esperaram no alto da escada que dava para a torre principal enquanto a comitiva entrava no pátio central. Lani e seu círculo restrito foram além e atravessaram o segundo portão. Como a princesa era superior a Sage e Clare em hierarquia, as duas desceram para encontrá-la enquanto desmontava. Sage e Clare fizeram uma reverência ao mesmo tempo, mas, antes que dissessem alguma coisa, Lani passou por elas e subiu a escada para o edifício de pedra sem esperar um convite.

— Sim, sim — ela disse em sua língua. — Primeiro me aqueçam, depois conversamos.

Sage e Clare subiram correndo para acompanhar a princesa, que seguiu diretamente para a lareira do outro lado do salão de recepção. Três criadas foram atrás dela, pegando as roupas que sua ama havia começado a tirar. Um véu grosso foi o primeiro, soltando sua trança cor de ébano, seguido pelas luvas e por um casaco. Embora finamente tecidas, as roupas pesadas que a princesa vestia eram parecidas com as que Sage usava para treinar nos pátios. As mulheres casmunis normalmente usavam saias longas como as demoranas, mas eram muito mais práticas em vestir calça na hora de cavalgar ou praticar *tashaivar*, a forma de combate do país delas. Sensível ao desconforto de suas criadas, Lani fez sinal para se juntarem a ela no calor. Todas suspiraram.

— Desculpe a falta de educação — a princesa disse em casmuni, estendendo as mãos na direção das chamas. Sua pele cor de bronze tinha manchas rosadas onde havia sido exposta ao vento. — Mas não paro de tremer de frio desde que cruzamos o rio. Vou levar meses para me acostumar. — Lani suspirou, com resignação nos olhos castanho-esverdeados. — Mas o solstício de inverno acabou de passar, então deve esquentar um pouco, não?

— Hum... — Sage lançou um olhar para Clare, que parecia ter entendido que Lani pretendia ficar muito tempo. — Os dias estão ficando mais longos, princesa, mas o frio apenas começou em Demora.

— O queixo de Lani caiu, horrorizada, e Sage se apressou em tranquilizá-la: — Mas raramente temos neve aqui.

— O que é “neve”? — perguntou Lani, repetindo a palavra demorana com interesse. — Vai ter disso em Tennegol?

A maior parte de Casmun era formada por deserto ou floresta tropical. Sage se esforçou para explicar.

— É quando a chuva fica tão fria que parece lã e repousa sobre o chão.

Uma criada derrubou as roupas que segurava e começou a chorar. Outra tentou consolá-la. Lani olhou para a garota antes de se dirigir a Sage.

— Feshamay vem de uma cidade no extremo sul. Até Osthiza é fria para ela às vezes. Não se preocupe — disse à criada. — Essa “neve” não deve chegar a seus pés.

Sage trocou olhares com Clare. Seria uma visita interessante.

— Deseja viajar até Tennegol? — Sage perguntou, trazendo a conversa de volta à aparente intenção da princesa de visitar a capital demorana. Fazia quase um ano que Sage não ia para lá. Quando ela e Alex estavam voltando de Casmun quatro meses antes, os mensageiros reais os haviam encontrado na estrada com o pedido de que voltasse para Vinova e assumisse o posto de embaixadora. Alex também tinha sido promovido e enviado para Tennegol em busca de novos recrutas norsaris a fim de formar um batalhão completo. Com a falta que sentia de Alex, o isolamento e as saudades de casa, Sage ficaria feliz em atuar como intérprete e guia de Lani. Clare também pareceu animada, embora já devesse estar contabilizando todas as mensagens a enviar e provisões a reunir.

— É claro que devo ir até lá — disse Lani. — Vocês têm duas princesas, e devo escolher aquela que melhor se adequa a Casmun.

Ia realmente ser uma visita *muito* interessante.

O MOTIVO DA CHEGADA SURPRESA DE LANI tinha ficado claro: os cerca de trinta cavalos criados no deserto e as carroças carregadas com que a princesa chegara eram objetos de negociação. O rei Raymond ficaria muito mais propenso a discutir o casamento de uma de suas filhas com um príncipe casmuni depois de receber tantos presentes generosos.

Sage decidiu que seria melhor continuar a conversa em particular. Fora Clare, os residentes da fortaleza Vinova entendiam apenas frases rudimentares em casmuni, mas era melhor prevenir. Depois que Lani garantira que pretendia repousar ali por alguns dias, Sage deixou Clare levar a princesa a seus aposentos e ao banho quente que a esperava e foi verificar as acomodações do resto dos casmunis.

No pátio principal, as carroças estavam sendo descarregadas e os cavalos, guiados para os estábulos. Toda a escolta de Lani portava armas, o que significava que os carregamentos extras de espadas, lanças e facas recém-forjadas eram presentes — um sinal positivo, visto que os casmunis faziam questão de dar armas apenas àqueles em que mais confiavam. Ela teria de explicar a mensagem subliminar ao rei Raymond.

Sage voltou para as muralhas internas e os aposentos dos hóspedes. Lani já estava arrumando os do seu agrado, e pedia para as criadas tirarem as roupas dos baús e pendurarem tapeçarias luminosas nas paredes vazias. Feshamay fungava enquanto arrumava um baú de tecidos.

— Falei para ela costurar com o tecido que mais gostasse uma roupa quente para usar — Lani explicou enquanto tomava uma xícara de chá quente perto da lareira. — Era tudo destinado à sua princesa, de modo

que pudéssemos fazer vestidos casmunis para ela, mas há tecidos mais do que o suficiente.

— Sim, e quanto a isso... — Sage disse, sentando-se na poltrona à frente de Lani e se virando para manter o lado esquerdo longe do calor. Ela não sabia dizer o que a amiga estava usando por baixo das cobertas dobradas sobre o colo e os ombros, mas seu cabelo preto e comprido caía solto em volta do rosto, secando depois do banho.

— Eu lhe agradeço por tudo isso — Lani disse, erguendo a xícara. — É exatamente do que eu precisava.

— Não há necessidade — Sage respondeu. — O que era que você estava dizendo?

— Tenho uma nova bainha para você — Lani interrompeu. — Foi Reza quem fez. Ela não teve tempo de terminar antes de você partir, por isso Banneth lhe deu uma tão simples junto com sua espada.

A *harish* original tinha sido perdida em combate, encoberta sob o monte de pedra derretida que dera nome à Batalha do Vidro Negro. Reza era a filha de dez anos do rei Casmuni.

— Aceitarei de bom grado — Sage respondeu, depois aproveitou a pausa de Lani para tomar um gole de seu chá. — Por que você está aqui, Lani?

A princesa franziu a testa.

— Para aprender mais sobre Demora, claro. Para abrir o comércio e começar oficialmente nossa aliança. Avisei você que viria.

— Sim, mas não esperávamos sua visita até daqui a alguns meses.

— Isso foi antes de ficarmos sabendo do rei Ragat — disse Lani.

Sage tinha recebido apenas recentemente a notícia oficial da morte do rei de Kimisara. Tinham suspeitado daquilo no verão anterior, mas dentro da nação de Kimisara a verdade havia sido encoberta por um bom tempo. A confirmação através das redes de espiões tinha demorado meses, depois haviam sido necessárias mais algumas semanas para que a informação chegasse até Sage em seu posto. Ela e Alex tinham discutido algumas das implicações daquele acontecimento em suas últimas cartas, mas tudo o que podiam fazer era especular.

— Depois da traição de Sinda no último verão — Lani continuou,

um pouco hesitante —, nosso povo está preocupado com o futuro, especialmente porque a relação com Demora não está definida oficialmente. Estou aqui para isso. — Ela abriu um sorriso ardiloso. — E para planejar seu casamento. Você precisa da minha ajuda para que seja um evento apropriado.

Sage, sem graça, se ajeitou na poltrona, pensando que sua amiga devia ter entendido mal o quanto ela e Alex ainda precisavam esperar.

— Isso vai demorar um ano.

E somente se eles voltassem a se encontrar. Seu coração apertou um pouco. O que havia parecido um tempo curto no dia anterior voltava a soar como uma eternidade.

— Posso ficar até lá.

Sage soltou um suspiro aliviado.

— Então quando você falou de escolher uma princesa...

— Ela pode ir para Osthiza antes de mim — disse Lani, com o ar despreocupado. — Assim o povo casmuni verá que somos aliados agora. Kimisara também.

Sage havia sido tutora das duas filhas do rei Raymond, e a mais velha delas tinha apenas catorze anos. A ideia de uma de suas alunas ser obrigada a se casar tão jovem a deixou desconfortável.

— Não acho que nosso rei esteja disposto a esse tipo de acordo.

— É por isso que precisamos de sua ajuda — disse Lani.

— Fui apenas uma aprendiz de casamenteira — Sage contestou. — E não tinha jeito para o trabalho. Trabalhei com isso por menos de um ano.

Lani ficou olhando para ela, espantada.

— Banneth não quer se *casar* com ela, Saizsch. Ela é apenas uma criança, não é?

Era no filho do rei casmuni que Sage estava pensando.

— Mas Hasseth...

— Tem doze anos. — A xícara de Lani retiniu contra o pires. — Pelo Espírito, Saizsch! Você mais do que qualquer pessoa deveria saber que meu irmão nunca faria uma coisa *dessas*!

É claro que não. Quando não passava de um garoto de quinze anos assustado e recém-coroadado, Banneth tinha sido obrigado a se casar

com uma menina que o detestava. Sage se recostou no dorso da poltrona.

— Ora, o que mais devo pensar quando você fala de vestir uma princesa demorana com suas roupas e levá-la embora para Osthiza?

— Bem... — Lani pareceu um pouco culpada. — Só queremos que ela viva entre nós por alguns anos. Se desenvolver afeto por Hasseth ao longo do tempo, ficaríamos muito contentes.

Sage semicerrou os olhos.

— Imagino que pretendam estimular isso.

— Vamos fazer de tudo para deixá-la feliz — Lani argumentou, calma. — Mas nunca vamos obrigá-la a nada. — Ela arqueou uma sobrancelha perfeita enquanto tomava outro gole de chá. — Até onde sabemos, ela não nasceu para rainha. Talvez seu país esteja querendo mais do que pode ter.

— Talvez — disse Sage, imitando a expressão da princesa, depois sorrindo quando ela sorriu.

Uma das criadas ofereceu uma xícara de chá casmuni para Sage, então voltou a encher a de sua senhora. Sage aqueceu os dedos na porcelana e suspirou.

— Estava com saudade dessa bebida — ela disse. Rosa e jasmim. Parecia promissor. — Acho que a princesa que melhor se adéqua a essa ideia é Rose. Ela tem o mesmo nome de sua flor *risha*.

— E acha que sua *risha* transplantaria bem? — perguntou Lani. — Ela gosta de visitar lugares novos?

Sage bufou atrás da xícara de chá. Rose havia viajado muito pouco na vida e confessara a Sage que era enlouquecedor viver tão protegida quando ansiava por uma aventura de conto de fadas. A princesa demorana provavelmente faria os baús na mesma noite em que a proposta fosse feita.

— Ela vai estar aberta à ideia — foi tudo o que Sage disse.

A rainha Orianna, por outro lado...

— Fico contente que você esteja do meu lado, Saizsch — disse Lani, com o ar presunçoso.

— Estou do lado de Demora — Sage retrucou. — E de Rose.

Lani deu de ombros.

— E estou aqui para garantir que estejamos todos do mesmo lado.

Elas voltaram ao chá, e uma ideia se formou na cabeça de Sage. Clare se uniu a elas alguns minutos depois, fazendo uma breve pausa das preparações para a viagem.

— Rascunhei uma mensagem informando a suas majestades que nos esperem — Clare disse a Sage, aceitando uma xícara de chá. — Depois que a aprovar, vou finalizá-la e enviá-la. Quanto antes melhor.

— Quanto tempo vai levar até Tennenogol? — perguntou Lani.

Um mensageiro trocando de cavalos com frequência levava duas semanas para cobrir a distância entre Vinova e a capital demorana, mas uma caravana diplomática grande levava pelo menos duas vezes mais, especialmente no inverno.

— Cerca de trinta dias — Sage respondeu. — Mas eu estava pensando... — Ela lançou um olhar para Clare.

— O quê? — disse Lani, arqueando as sobrancelhas quando Sage não completou a frase.

— Talvez você queira passar no acampamento norsari no caminho — Sage disse com inocência. — Seus soldados podem estar interessados em ver um pouco do treinamento deles. Podiam passar alguns dias trocando técnicas de combate ali. Como uma demonstração de boa vontade.

— Hum. — A princesa olhou para a lareira com o ar pensativo. — O tenente Casseck ainda está servindo com eles?

— Ele é o capitão Casseck agora — disse Sage. — Sim.

— *Kap-tan* — Lani repetiu lentamente. — Foi uma promoção?

— Sim.

As bochechas já coradas de Lani ficaram um tom mais escuro enquanto ela escondia o nariz na xícara de chá.

— Acho que eu deveria parabenizá-lo pessoalmente então.

ALEX TENTAVA ESCREVER UMA CARTA PARA ELA.

Estava em sua tenda, sentado na cama, com uma prancha sobre os joelhos e uma pena na mão sem luva. O inverno estava chegando com força total, embora fosse mais ameno ali no sul e ele usasse uma camada extra de roupa marrom. Era o uniforme que Alex havia criado para os norsaris, melhor para camuflagem do que o preto tradicionalmente usado pela cavalaria. Ele ainda esfregava as mangas por reflexo quando elas chamavam sua atenção, imaginando que estivessem empoeiradas.

Ele flexionou os dedos frios e franziu a testa para o pergaminho que esperava suas palavras. Santo Espírito, como sentia falta dela.

O ideal era que aquela fosse uma substituta para a carta perdida. Alex a havia enviado para Sage mais de um ano antes e a encontrara entre as coisas dela depois da invasão kimisara que a havia forçado a fugir para Casmun. Ele tinha levado a carta consigo ao ir atrás dela, mas, quando fora capturado e aprisionado por alguns dias haviam incendiado todas as suas roupas para evitar pragas. Embora as páginas estivessem cheias de frases e descrições que faziam Alex corar só de lembrar, Sage estimara cada uma delas.

Ele ainda sentia a mesma coisa por ela, talvez com ainda mais intensidade do que no ano anterior. O problema era que a irritação se sobrepunha àqueles sentimentos. Portanto, tudo o que ele pensava em escrever era corrompido.

Sua frustração não se devia a suas responsabilidades. Comandar os norsaris era uma missão dos sonhos — sem mencionar que ele agora era o major mais jovem da história de Demora. Tampouco se devia ao fato de seu tio ter nomeado Sage embaixadora em Casmun. Não havia

ninguém mais indicada para o trabalho. Os dois estavam no melhor lugar possível, considerando o estado do mundo.

O mundo. Era o mundo que os mantinha separados. E o maldito regulamento do exército.

Na realidade, mudar a restrição etária que proibia oficiais do exército de se casar não alteraria muito a situação deles. As missões dos norsaris eram mais arriscadas e sigilosas do que as do exército regular, e um combate contra os kimisaros em Tasmet estava previsto para quando a primavera chegasse. Sage continuaria sendo uma emissária no estrangeiro com suas próprias responsabilidades.

Mas ao menos quando eles estivessem juntos poderiam *estar* juntos.

Faltava menos de um ano, pelo menos. Alguns dias eram mais fáceis de suportar do que outros. Nos dias de missa, as rotinas eram mais relaxadas, o que só lhe dava mais tempo para sentir saudades dela. Quando ele sentira as nuvens encobrendo seu humor naquela manhã, havia se distanciado da companhia de seu melhor amigo e segundo no comando, o capitão Casseck. Ninguém precisava ver seu comandante emburrado feito uma criança.

Alex cerrou o punho e bateu na prancha com tanta força que ela voou de seu colo, derramando o pote de tinta sobre a página e o chão. Ele o ergueu rapidamente e chutou um pouco de terra sobre a poça, praguejando por conta da carta destruída. Não que tivesse conseguido escrever mais do que meia dúzia de palavras. Da outra vez, havia aberto seu coração. De alguma forma, tentar repetir o feito tornava aquilo mais difícil.

— Permissão para entrar, senhor? — disse uma voz conhecida fora da tenda.

Alex não estava no clima de formalidades.

— Entre, Cass.

O capitão Casseck entrou, trazendo uma brisa fria consigo. Lá fora, o sol estava perto do ápice, brilhando forte no céu sem nuvens. Seu amigo ficou parado, observando Alex por alguns segundos, como se o avaliasse. Seu cabelo loiro roçava no teto da tenda.

— Você está doente? — perguntou por fim.

O tom de brincadeira irritou Alex. Cass sempre sabia o que se

passava na cabeça dele. Pressentira a atração de Alex por Sage desde a noite em que ele a conhecera, e ficara extremamente irritado com ela.

— Só queria ficar um pouco sozinho.

— É sobre isso que vim conversar. — Cass virou a cadeira dobrável, sentando-se nela com o peito no encosto, de frente para Alex. Ele cruzou os braços, focando os olhos azuis e sérios no comandante. — Faz mais de dez semanas que não tira um tempo para você. Precisa de um descanso.

O treinamento dos norsaris era intenso, e Alex sabia que os homens precisavam de tempo para relaxar, por isso se revezavam para tirar um dia de folga. A maioria saía para uma das duas vilas próximas, fazia uma trilha ou cavalgava até o rio Kaz ou a estrada de Jovan. Em função do sigilo, certas distrações haviam sido proibidas no ano anterior. Agora, a reinstituição tinha se tornado pública, e a notícia da batalha do verão em Casmun logo se espalhara pelos quatro cantos de Demora.

Aquilo tornaria o nome de Alex ainda mais conhecido. Como se ele já não sofresse pressão suficiente para ter bons resultados.

Alex virou o pergaminho manchado e começou a escrever para esconder o frio que de repente surgiu em sua barriga.

— Não fiz quase nada hoje.

— Não é o suficiente. Você precisa sair daqui — disse Cass. Como Alex não respondeu, ele tentou uma abordagem diferente. — Seria bom para os homens ver que confia em mim para liderar quando não está.

— Bom para você, você quer dizer.

— Também.

Alex fechou a cara, mas seu amigo estava certo — mesmo que um comandante fosse benquisto, havia algo na ausência dele que mudava o clima no acampamento militar, fazendo os soldados relaxarem mesmo que não soubessem que estavam tensos.

— Certo. No próximo dia de missa.

— Hoje — disse Cass com firmeza.

— Agora você me dá ordens?

— Você vai me deixar no comando, então sim.

— Certo — Alex suspirou. Tendo se resignado à ideia, já sentia um peso ser tirado de seus ombros. — Eu vou... para algum lugar.

— Ótimo. — Cass se levantou com um sorriso largo.

Havia triunfo demais no tom dele. A desconfiança de Alex de repente foi despertada. Um mensageiro estava para chegar, mas ele podia ouvir mais atividade do lado de fora do que aquilo provocaria. Alex semicerrou os olhos para o amigo.

— O que está acontecendo?

Casseck apenas bateu continência e se virou para sair.

— Você tem uma visita — ele gritou por cima do ombro.

Visita?

Uma mão segurou a abertura da tenda antes que ela se fechasse, e uma figura pequena usando roupas casmunis de cavalgada entrou. Alex se levantou de um salto bem a tempo de abraçar Sage, que se lançava em seus braços.

Santo Espírito, ele só podia estar sonhando.

As bochechas sardentas dela estavam coradas e seu nariz parecia gelado ao roçar contra o dele, então seus lábios se encontraram, e Alex soube que era de verdade, porque nem seus sonhos poderiam ser tão bons. Fazia tanto tempo que não a via — quase seis meses — que quase parecia a primeira vez que se beijavam. Hesitantes a princípio, depois ansiosos. Então desesperados. Alex ergueu Sage, depois se moveu para colocar as pernas dela em torno de seu quadril de modo que pudesse se sentar com ela no colo.

Ele se esqueceu que os dois estavam usando espadas. A lâmina demorana reta e pesada dele bateu contra a cama e a inclinou para baixo, fazendo com o que o outro lado se erguesse, enganchando-se na *harish* casmuni curvada que Sage carregava no quadril. Por alguns segundos, Alex tentou manter o equilíbrio, mas não conseguiu. Caiu para trás, tentando protegê-la da queda, batendo desajeitadamente sobre o punho da espada e ouvindo o rachar de madeira. Era o pé da cama que quebrava.

— Ai — ele disse.

Os dois olharam um para o outro, corando antes de rir. Bendito Espírito, como ele sentia falta daquele som.

Sage sorriu e tirou os fios rebeldes de cabelo na altura do ombro da frente do rosto enquanto se soltava das pernas dele e do estrado da cama quebrada.

— Acho que sentiu tantas saudades de mim quanto senti de você.

— Mais — ele disse, e Sage revirou os olhos, mas Alex a puxou para perto de novo antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa. Depois de beijar todos os centímetros de sua pele exposta (ela estava bem agasalhada e não havia muita, então ele beijou tudo duas vezes), Alex finalmente perguntou por que estava ali.

— Princesa Lani — ela disse, um pouco sem ar. — Estamos a caminho de Tennegol com ela. Pensamos em parar aqui, já que estava no caminho. Como um gesto de boa vontade e tudo mais.

— Bem pensado — ele disse distraidamente enquanto dava uma terceira leva de beijos. Como ele poderia ter esquecido o cheiro maravilhoso dela? Mesmo depois de dias de cavalgada, o aroma de sabonete floral continuava em seu cabelo e suas roupas, mas não era apenas aquilo. Alex não sabia como, mas sempre sentia que estava inspirando a luz do sol na presença dela. E sentindo seu gosto.

A voz de Casseck os interrompeu de fora da tenda.

— Major, estou com todos os relatórios e preparações — ele disse formalmente. — O senhor está dispensado.

Sage olhou por cima do ombro para a silhueta do capitão na parede de lona.

— O que isso significa? — ela perguntou baixo.

— Obrigado, capitão — Alex respondeu, e a sombra de Casseck desapareceu. Ele se virou para Sage, quase inebriado. — Significa que ele quer que eu saia. Prometi que tiraria um dia de folga.

Por um segundo, Sage ficou radiante, mas logo a culpa tomou conta dela.

— Ah, não. — Ela balançou a cabeça. — Não quero atrapalhar

Que o Espírito a abençoasse por tentar, mas já era tarde demais para aquilo.

— Está tudo bem — ele a tranquilizou. — Preciso de um descanso, e... — Alex limpou a garganta. Teve uma ideia, mas Sage ficaria relutante se achasse que o estava afastando de suas obrigações. —

Você poderia me ajudar com uma coisa.

Uma centelha de interesse iluminou o rosto dela, como ele sabia que aconteceria. Alex se inclinou para sussurrar no ouvido de Sage. Quando ela recuou, seus olhos cinza estavam arregalados.

— Sério? — ela perguntou.

Ele assentiu, acanhado.

Sage mordeu o lábio, embora um sorriso ansioso se abrisse de leve.

— Não sei o quanto eu conseguiria fazer em poucas horas.

Alex deu de ombros.

— Qualquer coisa já seria melhor do que nada.

— Mas não está um pouco frio para isso?

— Tenho um lugar em mente.

SAGE CORREU PARA PEGAR AQUILO DE QUE PRECISAVA, depois trocou de roupa na tenda de Alex enquanto ele saía em busca de comida e outras provisões. Ele havia dito que levaria ao menos uma hora para chegarem ao destino, então tinham de se apressar se quisessem estar de volta antes do anoitecer. Rumaram para o norte, e Alex mal esperou que estivessem longe dos olhos do acampamento para segurar a mão dela.

O ar gelado da montanha do oeste os fez passar frio no começo da viagem, mas seus passos rápidos os aqueceram depois do primeiro meio quilômetro. Sage perguntou a Alex tudo sobre seu treinamento, deliciando-se com a felicidade e o orgulho dele com o que estava fazendo. Eram as últimas três semanas dos norsaris naquele acampamento, e ele descreveu com entusiasmo seu plano de dividir os soldados em esquadrões de elite e pelotões com habilidades específicas como arco e flecha ou luta com faca. A concorrência já estava acirrada para as vagas. Nenhum homem estaria em uma unidade especial sem um nível alto de sucesso em uma ou outra categoria.

Quando aquele assunto se esgotou, Alex perguntou a ela sobre seu tempo em Vinova. Sage descreveu as aulas de diplomacia e etiqueta de Clare, e ele riu.

— Tinha esquecido que me ensinaram essas coisas quando eu era pequeno — ele disse. — Eu também detestava as aulas.

— Eu não *detesto* — ela disse. — Só faz eu me sentir inadequada. Ele se abaixou para dar um beijo na orelha dela.

— Isso nunca, Sage.

— *Humpf*. — Ela o empurrou com o ombro, depois parou ao

reconhecer onde estavam. — É aqui? O lago que encontramos ano passado?

— Isso. — Não era muito grande, mas Alex dissera que a quantidade e o tamanho dos peixes que os norsaris haviam pescado indicavam que o lago era razoavelmente profundo. Uma névoa fina flutuava sobre a superfície, indicando que a água era mais quente que o ar. Sage foi até a beirada e mergulhou os dedos.

— Está mais quente do que eu imaginava — ela admitiu. — Mas ainda está fria demais. Não vamos durar nem dez minutos.

Ele a puxou pelo cotovelo.

— Por aqui.

Eles deram a volta pela margem sul. No ano anterior, haviam parado no lago apenas por tempo suficiente para beber água antes de voltar para o acampamento. Agora, conforme o vapor ficava mais denso, Sage notava um cheiro de enxofre no ar.

— Ele é alimentado por uma fonte termal? — ela perguntou.

Alex sorriu e assentiu, guiando-a ao longo do córrego estreito cujo calor Sage sentia através da sola das botas. Pararam em uma prainha de seixos contra o vento do vapor, que agora tinha um aroma mais forte e acre. Ali a água do lago tinha um tom amarelado, e o chão estava claramente mais quente.

Ele franziu o nariz.

— Desculpa pelo cheiro.

Sage balançou a cabeça e sorriu.

— Acho que a recompensa vai valer a pena.

Alex começou a juntar lenha para uma fogueira a fim de mantê-los aquecidos quando saíssem da água. Ela o observou acender as chamas, contemplando as pequenas diferenças na aparência dele desde que tinham se despedido quase cinco meses antes. Seu cabelo preto tinha sido cortado na prisão casmuni, mas agora estava quase tão desgrenhado como quando haviam se conhecido. Ele tinha deixado a barba crescer também. Barbear-se todo dia havia se tornado impraticável, Alex escrevera, desculpando-se. Aparada rente daquela forma, Sage a considerava o melhor de dois mundos — dava-lhe uma aparência elegante e madura, mas não era tão áspera contra o rosto

dela. Ou talvez só tivesse se acostumado. Depois que ele deixou a fogueira como queria, olhou para ela.

— Pronta?

Sage assentiu e se virou para esconder as bochechas coradas, perguntando-se por que não tinha passado pela cabeça dela quão despida ficaria na frente dele. Sentir vergonha, porém, era bobagem. Alex havia cuidado dos ferimentos dela no verão passado; já sabia como era sem roupa. Além disso, Sage também sabia exatamente como ele ficava sem aquilo tudo. Ou quase tudo.

Foco, ela disse a si mesma com firmeza. *Alex precisa da sua ajuda.*

Determinada, Sage ficou de costas para ele e tirou as camadas de roupa até restarem apenas as ceroulas de linho masculinas que ela sempre havia preferido, para o desespero de sua tia, e uma camisa de seda casmuni comprida e sem mangas. O ar sobre as pernas expostas a fez sentir certo desequilíbrio, visto que um lado queimava com o frio enquanto o outro meramente tinha arrepios. Depois de deixar as roupas em uma pilha bagunçada, Sage passou rapidamente por Alex, que estava sem camisa, e entrou na água, mergulhando fundo o bastante para cobrir os ombros antes de ter coragem de se virar. Não era exatamente um banho quente, mas era quase tão agradável quanto, embora, quanto mais se afastasse da margem mais frio ficasse. Alex entrou em seguida, usando apenas ceroulas.

Ela *nunca* se cansava de vê-lo daquele jeito.

Para esconder o fato de que estava encarando, apontou para o ombro esquerdo dele.

— Tatuagem nova?

Alex parou com a água na altura da cintura e se virou para mostrar a cabeça angulada de uma ave cujas asas se estendiam alguns centímetros por seu peito e suas costas. O desenho arqueava sobre as tatuagens que ela já conhecia, que representavam a cavalaria e as outras unidades do exército das quais havia feito parte.

— Norsari — ele explicou.

A ave de rapina veloz e mortal que havia inspirado o nome dos norsaris. Havia poucos detalhes no desenho na pele dele, tratava-se mais de uma silhueta escura. Como a última coisa que as presas dos

norsaris viam — quando viam algo — antes de ser apanhada pela morte.

Sage se arrepiou, e não de frio.

— Certo — ela disse, virando-se de costas e entrando o suficiente na água para mergulhar a cabeça. — O mais importante é ficar relaxado. Se ficar tenso demais, é mais difícil flutuar. — Ela olhou para trás.

Alex tinha sumido.

O coração de Sage palpitou enquanto virava de um lado para o outro, chamando o nome dele, tentando enxergar dentro da água turva, mas vendo apenas o reflexo do sol na superfície. Ele a tinha seguido até longe demais, até a beira da pedra onde o fundo despencava. O terror apertou a garganta de Sage. Espírito do céu, ela teria forças suficientes para puxá-lo até a superfície? Será que ele entraria em pânico e a puxaria para baixo junto?

Uma mão em sua perna a fez gritar, mas Sage não foi puxada para baixo. A mão foi subindo pelo seu corpo, e Alex emergiu na frente dela, inclinando a cabeça para trás para tirar o cabelo dos olhos, que brilhavam de divertimento. Sage levou alguns segundos para entender que ele se virava sem dificuldade.

— Seu imbecil! — ela gritou, empurrando-o e jogando água nele com raiva. — Você já sabe nadar!

— É claro que eu sei nadar — Alex riu e tirou a água dos olhos. — Mas tinha certeza que não resistiria a bancar a professora.

Sage fechou a cara.

— Você continua sendo um tonto — ela disse, mas deixou que a puxasse para perto dele.

— Desde que eu possa ser o seu tonto. — Alex a envolveu em seus braços e bateu as pernas para guiá-los para a água mais rasa e quente. Quando chegaram aonde dava pé, ele ergueu as pernas dela em torno da sua cintura, como havia tentado fazer de maneira tão desastrosa mais cedo.

Sage cruzou os pés em suas costas e se acomodou contra ele, vibrantemente consciente de todos os pontos em que seus corpos se tocavam.

— Eu deveria castigar você por isso — ela sussurrou encostada à

boca dele.

— Talvez eu gostasse — ele disse, os fios ásperos de sua barba roçando nos lábios dela. Suas mãos subiram pelas coxas dela e chegaram à cintura.

Agora o coração dela estava batendo forte por um motivo completamente diferente.

Alex se aproximou para diminuir a distância minúscula entre eles, mas Sage se inclinou para trás.

— Notei que aqui você não está com medo de que todos saibam que estamos juntos.

— E notei que você não está usando nada embaixo dessa camisa. — Ele passou as mãos sob a seda até as costas dela, puxando-a para si.

— Alex.

Ele parou, esperando. Sage baixou e desviou o olhar, traçando o bíceps direito dele com os dedos. O músculo sob a pele escura tatuada e coberta de cicatrizes era sólido como ferro. Havia uma leve diferença na textura onde estava a tatuagem em tons claros de verde e violeta, em vez do vermelho, azul e preto fortes do lado esquerdo. Os soldados não arriscavam o braço da espada, o que tornava as folhas e flores de sálvia no direito muito mais significativos. Ela era a força dele. Era aquilo pelo que arriscaria tudo.

— Você mudou de ideia então? — ela sussurrou.

— Sobre dormir com você? — Alex ergueu uma mão e puxou o queixo dela para encará-lo. — Ou melhor: sobre *não* dormir com você até casarmos?

Sage soltou uma inspiração trêmula enquanto encontrava os olhos ardentes dele, quase pretos.

— Isso.

— Não.

— Então não pode continuar fazendo isso — ela disse, balançando a cabeça para esconder a decepção em seu rosto. — Não pode ficar nos levando até o limite. Um dia, você vai cruzar a linha. E vai se odiar por isso. — *Sem motivo*, ela acrescentou em silêncio.

Alex suspirou e encostou a cabeça no ombro dela.

— Você tem razão — ele disse, depois beijou sua clavícula. —

Desculpa — disse, então tirou a mão de baixo da camisa dela.

— Por que você precisa ser tão honrado? — Sage perguntou, deslizando os dedos pela nuca dele, enroscando-os em seu cabelo molhado.

Alex ergueu a cabeça para encará-la nos olhos.

— Por você — ele respondeu, sério. — Senão, de que adiantaria?

DECLARAÇÕES HONRADAS À PARTE, Sage deixou que Alex a mantivesse na água por mais tempo do que deveria, depois ficou aninhada junto dele perto da fogueira. Os dois dividiram a comida e tomaram o chá que ele havia levado, conversando sobre os lugares que queriam mostrar um para o outro algum dia. Alex prometeu levá-la para as montanhas do leste, onde seus avós moravam, e Sage contou sobre os vastos campos de cereais em Crescera, cercados por grandes extensões de florestas em meio às quais ela conseguia se nortear de olhos fechados. Naquelas horas preciosas, não havia guerra, não havia o pensamento de meses de separação agora ou depois. No entanto, seu tempo juntos acabou cedo demais.

Eles voltaram para o acampamento dos norsaris quando os picos das montanhas absorviam os últimos raios de sol. Sob a calça e a manga da camisa de Sage, a pele rosa e tensa coçava e ardia enquanto ela caminhava. A água sulfurosa a havia secado, e Sage teria de passar os óleos que mantinham sua pele flexível e estimulavam a cicatrização. Alex quis ver as cicatrizes de novo. Ela mal conseguia suportar a ideia de mostrar, mas ele insistiu.

— São muito feias — Sage sussurrou, contendo as lágrimas enquanto ele passava os dedos calejados pela perna esquerda dela. Ela odiava o quanto o toque dele parecia diferente ali, como se ficasse mais distante em algumas partes e chegasse ao osso em outras.

Alex se abaixou para beijar um ponto acima do joelho dela.

— Eu lembro que já estive muito pior. Agradeço ao Espírito todos os dias por você ter sido forte o suficiente para sobreviver. A maioria não seria.

Perspectiva. Ela estava viva. Outros não. Mesmo através da névoa

de agonia, Sage havia sentido o cheiro da carne carbonizada de centenas de cadáveres. Homens que ela havia matado ao detonar a arma que depois a queimara. Por um tempo, desejou que tivesse morrido também, por causa do que havia feito. Tanto a memória como o fogo em si assombravam seus sonhos.

A postura de Alex ia mudando lentamente conforme voltavam. Quando o acampamento surgiu em seu campo de visão, Sage o observou parar e voltar a vestir o manto invisível do comando. Em alguns sentidos, adorava aquilo — significava que havia um lado dele que era reservado apenas para ela. Mas também significava que havia horas e lugares em que Sage não fazia parte da vida dele.

— O que vai acontecer quando vocês acabarem aqui? — ela perguntou em tom baixo.

— Vamos para Tennenogol para nos apresentar ao rei. Fazer algumas demonstrações, principalmente para o conselho, a fim de assegurá-los de que fiz um bom trabalho treinando os norsaris. — Ele apertou a mão dela e baixou os olhos com uma piscadinha. — E, quando não estiver muito ocupado com isso, pretendo desgrenhar seu cabelo em cantos escuros.

Era uma piada recorrente entre os dois, porque ele havia bagunçado todo o cabelo dela na primeira vez em que tinham se beijado. E na segunda também. Sage abriu um sorriso bobo.

— Você vai estar lá ao mesmo tempo que eu? Por que não me disse antes?

Alex deu de ombros, sorrindo.

— Não me passou pela cabeça até agora. Acho que estava empolgado demais com sua chegada.

Era quase bom demais para ser verdade.

— Agora estou mais contente do que nunca por Lani ter vindo, ou eu não estaria aqui. — Sage fez uma pausa. — E depois?

— Tasmet e a fronteira com Kimisara — ele respondeu, suspirando com a realidade da situação. — Faz meses que não recebemos informações, mas vai saber o tipo de caos que a morte do rei Ragat vai causar. Os kimisaros podem estar mais desesperados do que nunca, e novos governantes muitas vezes acham que precisam provar seu valor.

Precisamos estar preparados para tudo.

Não era típico de Alex se eximir de um combate, mas daquela vez ele não parecia ansioso. Ela entrelaçou os dedos nos dele.

— Você parece preocupado.

— Não no sentido em que deve estar pensando — Alex disse. — É só que... — Ele parou de falar, o manto invisível se apertando mais à sua volta.

Ela entendeu. A pressão de ser bem-sucedido. A necessidade de provar que tinha um posto porque o merecia, e não porque seu pai era o general comandante. E os riscos eram mais altos do que nunca. Sage tinha certeza de que ninguém que de fato tivesse servido ao lado de Alex poderia duvidar dele, mas milhares o conheciam apenas pelo nome.

— Você puxou ao seu pai — ela disse. Havia conhecido o general Quinn, e não dava para negar o quanto os dois eram parecidos, não apenas na aparência, mas na postura e na força de vontade. Na maneira como cuidavam daqueles sob seu comando. — Mas fez por merecer tudo o que tem. Todos aqui sabem disso.

Ele balançou a cabeça.

— Fora daqui é diferente. Muitos não acreditam que mereci esse comando.

— E alguns nunca vão acreditar. — Ela puxou o braço dele para que a encarasse. — Alex, não pode deixar que isso tire de você aquilo que conquistou.

— É tudo por você, sabe? — ele disse com o ar solene. — Tudo o que faço, tudo o que tenho, é seu.

Sage revirou os olhos, embora as palavras dele a aquecessem por dentro.

— Então o que o motivou nos primeiros vinte anos?

Alex deu de ombros.

— Não sei. Prestígio. Patente. Arrumar as coisas que estavam erradas ou estragadas. Proteger o reino. — Ele hesitou e desviou o olhar. — Vingança.

Ela sabia a que estava se referindo. Alex quase havia deixado o exército depois de seu primeiro combate, fisicamente chocado por ter

tirado uma vida, mas então um amigo seu tinha sido morto. Depois daquilo, sempre houvera mais uma morte para vingar, mais um mal para consertar, até ele perder a contagem dos corpos.

E então o irmão de Alex fora morto.

— Você não é um monstro — Sage sussurrou.

Ele balançou a cabeça.

— Não faz ideia do quanto quero que paguem pelo que fizeram com você. Com Charlie. — Alex fechou os olhos e respirou fundo. — Tenho medo de que isso afete meu discernimento.

— Você é melhor do que isso.

— Não tenho tanta certeza.

— Você precisa ser — ela disse com firmeza, erguendo as mãos para virar o rosto dele para o dela. — Esse ciclo de violência não vai acabar até pessoas como nós disserem “basta”.

— Os dois lados precisam dizer “basta”, Sage.

Ela ficou na ponta dos pés para dar um último beijo nele.

— Alguém precisa dizer primeiro.

A maneira como Alex retribuiu o beijo mostrou a Sage que o havia reconfortado, o que lhe deu certa tranquilidade para combater suas próprias inquietações profundas. Porque ser um monstro era algo reservado àqueles que matavam centenas em um único ato de fúria e dor.

Pessoas como ela.

SAGE SOUBE QUE TINHAM SIDO AVISTADOS pelos sentinelas porque Casseck foi até eles acompanhado por um dos escudeiros adolescentes, com uma expressão envergonhada.

— O mensageiro de Tennegol chegou há uma hora — ele disse. — Está tudo pronto para o senhor na tenda de comando.

Alex retribuiu a continência do capitão sem demonstrar nenhum sinal de cansaço ou frustração.

— Muito bem. Vou diretamente para lá. — Ele soltou a mão de Sage e ambos tiraram as sacolas dos ombros para o escudeiro carregar.

— A correspondência da srta. Fowler também está lá, já que ele as estava levando. — Casseck baixou a mão. — Falei para a cozinha levar seu jantar. O restante dos oficiais vai comer na tenda da princesa casmuni. Eu disse para sua alteza que seria melhor ter sua presença, mas ela insistiu. — Ele deu de ombros, desamparado. — Disse que quer comemorar minha promoção. Pelo menos acho que foi o que falou. Espero que tenha entendido que só estive no comando por algumas horas.

O olhar de Alex se voltou para Sage, mas ela piscou com inocência.

— Tudo bem, capitão — ele disse. — Você nunca teve um reconhecimento adequado pela sua promoção. Divirta-se. — Alex colocou a mão nas costas de Sage e a guiou na direção da tenda de comando. Quando não podiam mais ser ouvidos, disse: — Não sei se devemos estimular o interesse da princesa Lani por ele.

Sage riu.

— Tente dizer “não” para ela.

A mesa sob a tenda principal estava quase transbordando de documentos, metade deles para Sage. Ela grunhiu.

— Isso vai levar a noite toda.

— Que tal dividirmos em duas pilhas: coisas que importam para nós dois e todo o resto. Vamos nos preocupar apenas com a primeira esta noite.

Ele estava certo — não havia por que correr para resolver tudo. Tennegol já receberia notícias dela antes do que esperavam. Sage se juntou a Alex à mesa, sentando-se em frente e um pouco de lado em relação a ele, e abriu a primeira mensagem, que carregava um selo oficial. Perdeu o fôlego com a primeira frase.

A presença da embaixadora Sage Fowler e de Lady Clare Holloway é requisitada em Tennegol por sua majestade o quanto antes.

Não dizia o motivo.

Alex a observava.

— Algum problema?

Sage já abria a mensagem seguinte.

— Eu e Clare fomos convocadas para a capital imediatamente, mas não sei por quê.

A próxima carta era pessoal, da princesa Rose. Sage a deixou para depois.

Outra carta, da sua tia Braelaura. Para depois.

Uma carta de sua prima Hannah, que tinha treze anos agora. Ela começava perguntando se poderia ir ao casamento de Sage, com uma forte insinuação de que gostaria de passar os próximos anos na corte. Sage estava mais interessada no bilhete da pequena Aster, rabiscado ao pé do pergaminho, que também ficaria para depois. Ela deixou a carta na mesa e pegou a próxima.

Era uma carta pessoal da alta casamenteira de Crescera, Darnessa Rodelle. Sage se demorou apenas o suficiente para notar que sua antiga empregadora tinha uma nova aprendiz e queria todas as informações que Sage pudesse fornecer sobre as mudanças no cenário político, visto que afetava futuras uniões. Aquela carta exigiria uma resposta longa, e qualquer coisa que Sage pudesse escrever no momento talvez mudasse quando Lani acrescentasse Casmun à mistura real.

A última correspondência era da rainha, dizendo que ficaria feliz em celebrar o casamento de Sage quando ela chegasse a Tennenbol. Ninguém em todo aquele país pensava em *nada* além de casamento? Sage fez uma careta e ergueu os olhos.

— O que você recebeu? — ela perguntou a Alex.

— Uma lista anual típica de mudanças nos regulamentos do exército — Alex murmurou enquanto jogava várias páginas em uma pilha de mensagens abertas. — Apenas respostas e relatórios regulares. A ordem oficial para voltar a Tennenbol está aqui também, mas isso já era esperado.

— Você também foi chamado para voltar antes? — Sage sorriu com a ideia de viajarem juntos para a capital.

Ele balançou a cabeça ao deixar outro pergaminho de lado.

— Só quando completarmos o treinamento. Está escrito para eu ir *imediatamente*, mas isso não significa nada. Já isto parece importante. — Alex pegou uma carta com três selos e mostrou a Sage. Um dos selos de cera tinha a gravura de uma pena cruzada com uma espada. Era um relatório de espionagem.

Sage observou enquanto Alex rompia o selo e lia a carta. Sua impaciência cresceu quando ele inspirou fundo e não disse nada.

— O que aconteceu? — perguntou quando não conseguia mais esperar.

— Kimisara tem oficialmente um novo rei — ele disse. — O filho de Ragat, Mesden, subiu ao trono.

Sage revirou sua memória.

— Mas as esposas anteriores de Ragat morreram sem ter filhos, e ele se casou com a última faz uns doze anos. Esse tal Mesden deve ser uma criança.

— Ele tem seis anos. — Alex franziu a testa enquanto olhava o pergaminho em sua mão. — Está longe de ter idade suficiente para governar. — Balançou a cabeça. — O que significa uma luta para ver quem vai de fato governar.

— Mas não será uma luta interna? — Sage tomou o pergaminho da mão dele e o avaliou. — E já há uma regente oficial, a rainha Zoraya, mãe de Mesden. Já está definido.

— Sage — Alex disse em tom baixo. — Você sabe o que aconteceu com as duas primeiras rainhas de Ragat?

— Só ouvi boatos — ela disse. — Em Crescera, dizem que as duas foram executadas porque não geraram um herdeiro. — Ela franziu a testa. — Por mais terrível que seja, reis demoranos já fizeram coisas parecidas no passado. — *Reis da família D'Amiran*, ela pensou.

— E Zoraya sobreviveu vários anos sem ter filhos.

— E daí?

— Quer dizer que ela é uma sobrevivente — disse Alex. — E provavelmente foi sagaz o bastante para tirar o controle de uma dúzia de homens que matariam para ter a posição dela. Homens poderosos que dificilmente vão aceitar a derrota com tranquilidade.

— Você acha que eles vão continuar a lutar pelo que ela tem? — Sage devolveu o pergaminho. — Tem medo de alguém assim porque sua regência pode não durar?

Alex balançou a cabeça enquanto voltava a dobrar a mensagem.

— Eu teria mais medo de alguém cuja regência pudesse durar.

O CAPITÃO MALKIM HUZAR estava um passo atrás e ao lado do trono menor no palanque, com uma expressão cuidadosamente inexpressiva. Naquela situação, como em muitas outras, tinha de ser invisível, parte da decoração. O jovem rei se remexia em sua almofada de veludo, mas os movimentos da última meia hora tinham mudado um pouco.

Mesden precisava urinar.

No trono maior, a rainha regente ignorava o filho enquanto ouvia o brazapil Dolana falar sem parar, mas Huzar sabia que ela estava ciente do desconforto do garoto. Embora muitas mães fossem cuidadosas com seus filhos, Zoraya ia além. Como o menino tinha sido tudo o que havia entre ela e a morte nos sete anos anteriores, aquilo era compreensível, mas a rainha também o amava intensamente. Talvez porque, durante muitos anos, não tivera mais ninguém para amar — uma dor que Huzar conhecia muito bem.

A luz refletida no coque da rainha cintilou no canto da visão de Huzar. Duvidava que alguém no reino soubesse como era comprido quando estava solto, talvez chegando aos pés dela em ondas preto-azuladas.

Ele sabia.

Mesden, sem conseguir chamar a atenção da mãe, lançou um olhar para Huzar.

Aquilo era perigoso.

Zoraya mantinha o jovem rei longe dele na maior parte do tempo, com medo de que a proximidade dela com o capitão pudesse se tornar conhecida pelo povo por uma fala displicente de criança, que não tinha como ignorar o tempo que ambos passavam juntos. Ninguém tinha, aliás.

Huzar fingiu não notar Mesden, concentrando-se na frustração crescente que ouvia no tom da rainha enquanto discutia com o homem diante dela. Ela havia controlado seu temperamento a tarde toda, mas sua voz tinha assumido um tom afiado, cortando o espaço entre ela e Donala, o membro mais rico do conselho. Em vez das camadas de nobreza de Demora, Kimisara tinha apenas o título de brazapil entre os plebeus e a realeza. Qualquer um poderia reivindicá-lo desde que o pedaço de terra que possuísse fosse grande o bastante para ser chamado de brasa. O sistema concedia aos donos de terra uma autonomia quase absoluta, remanescente da história nômade vagamente unificada do país, mas aquilo tendia a deixá-los cheios de si. Com o peso de mais de uma dezena de brasas no bolso, Hanric Donala era o mais impertinente brazapil.

Ele também tinha sido a escolha do conselho para regente, mas Zoraya havia prevalecido, graças, em grande parte, às informações de Huzar. Ela havia interrompido os ministros antes que fizessem sua votação oficial para revelar a declaração real com seu nome no topo e a caligrafia infantil de Mesden ao pé da página. Como os próprios brazapilla haviam redigido o documento, eles não tinham como questionar sua legalidade.

E não tentaram fazê-lo, com a espada de Huzar ao lado dela.

— Sim, conheço os planos gloriosos que meu marido tinha para nossa nação — a rainha retrucou, finalmente perdendo a paciência. — Mas talvez você tenha se esquecido da falta de sucesso dele.

Huzar ficou tenso, e todos os cortesãos do salão prenderam a respiração com o insulto dela à memória do rei Ragat. Zoraya se levantou, fazendo o vestido prateado esvoaçar em volta dela. Prata era a cor do luto em Kimisara, usada para lembrar a todos de não manchar diante de uma viúva o nome de seu falecido esposo. Ninguém sabia como reagir a uma mulher que fazia aquilo por conta própria.

— Não vou fingir que meu filho herdou uma posição de grande poder, tampouco vou me recusar a reconhecer de quem é a culpa — ela disse. O salão ficou em silêncio, exceto pelos roncões suaves do cão dormindo aos pés da cadeira entalhada de Mesden. — Demora sem

dúvida sabe disso também, e vamos parecer ainda mais fracos se negarmos a verdade.

Ao lado de Donala, um homem com cara de doninha que devorava todas as sobras que os brazapilla mais poderosos atiravam em sua direção se arriscou a dizer.

— Kimisara não é fraca, alteza...

Zoraya o interrompeu.

— Nosso povo está morrendo de fome, brazapil Nostin. Há três anos, fomos dizimados por uma praga que acabou com a maior parte de nossas colheitas e reduziu nossos armazéns a quase nada. No ano seguinte, incêndios destruíram metade de nossos prados e florestas, sem deixar nenhum animal para caçarmos. Depois fizemos uma aliança com aquele traidor demorano, Morrow D'Amiran, e ele se voltou contra nós. Digam-me, era o melhor momento para planejar a maior invasão do século?

Huzar tinha estado lá quando Ragat tentara invadir Demora através de Casmun. Havia sido um desastre, embora em grande parte graças a uma arma casmuni que derreteria o vale — e os kimisaros —, formando uma parede sólida de vidro negro.

A rainha fez uma pausa e observou ao redor, suas bochechas avermelhadas parecendo sugar a cor dos rostos empalidecidos que a miravam.

— Não. Não era. Qualquer um que acredite nisso é um tolo, e eu não sou tola.

— Então devo lembrá-la com todo o respeito — disse Nostin, seu tom transbordando condescendência — de que os demoranos não são confiáveis. O plano de estabelecer um diálogo não vai acabar bem.

Huzar quase riu. Travara várias batalhas com um dos soldados mais competentes de Demora — um homem da sua idade chamado Quinn — e sempre perdera, mas preferiria enfrentá-lo novamente a dar as costas para as cobras naquele salão.

— Talvez — Zoraya deu três passos na direção de Nostin e Donala, com a cabeça erguida. — Mas foi sorte de terem concordado em se encontrar conosco.

Donala fez uma reverência.

— Então nos esforçaremos para cumprir sua vontade.

— E eu estarei lá para garantir que cumpram.

Com isso, a máscara impassível de Huzar se desfez, e ele voltou o olhar para a rainha. Ela não havia dito que participaria das conversas pessoalmente.

Os olhos azuis de Zoraya percorreram o salão e encontraram os de Huzar por um brevíssimo segundo.

— Escrevi ao rei demorano para dizer que estarei lá.

— Sem dúvida isso não é necessário...

— Creio que sim — ela interrompeu. — Minha presença mostrará aos demoranos que estamos falando sério. — Ela estreitou os olhos cor de safira para a dupla balbuciante diante dela. — E *estamos* falando sério. Nunca poderemos recuperar nossa força sem um período de paz.

A rainha virou para se dirigir ao jovem rei, que foi astuto o bastante para perceber que a situação estava tensa e tinha parado de se mexer nos últimos minutos.

— Venha, meu filho — ela disse. — Terminamos nosso trabalho por hoje.

Mesden desceu do trono. O cachorro a seus pés acordou e ficou alerta no mesmo instante, trotando atrás de seu jovem dono. Quando os dois chegaram ao lado dela, a rainha pegou a mão do filho e desceu a escada da plataforma. A multidão se abriu em silêncio para ela, que mal atentou àquilo. Ao chegar às portas duplas da sala do trono, Zoraya parou e se voltou para encarar o mar de conselheiros e cortesãos. Para todos os outros, ela parecia tremer de fúria, mas Huzar reconheceu isso como medo, e seu estômago se revirou de nervosismo.

— E vou dizer isto apenas uma vez, *brazapil* — ela falou, enfatizando o título como se fosse uma palavra grosseira. — Sou a regente, sim, mas também sou a rainha. A morte de Ragat não me tira o título. Deve se lembrar de me tratar como tal. Ou farei com que se lembre.

Zoraya saiu do salão. Huzar contou devagar até dez no palanque, depois saiu para ir atrás dela.

— Isso foi prudente, minha rainha? — Huzar perguntou em voz

baixa enquanto fechava a porta atrás de si.

Ela não respondeu, só continuou olhando por uma janela para o pátio movimentado. Uma voz lá embaixo pediu-lhe uma bênção, e a rainha sorriu e ergueu a mão cheia de anéis em resposta.

Huzar se aproximou, mas se manteve fora da vista. Zoraya era cinco anos mais velha do que ele, mas os doze anos que passara casada com Ragat haviam envelhecido sua aparência para além da idade. Não que aquilo a tornasse menos bela.

— Devo ser forte por Mesden — ela disse sem tirar os olhos do movimento do pátio.

— Sim, mas está conquistando inimigos poderosos — Huzar disse.

Zoraya balançou a cabeça.

— O verdadeiro poder está com o povo. Eles estão cansados das exigências dos brazapilla. Se eu tornar a vida deles melhor, veremos quem tem sua lealdade.

Era difícil saber se aquela era uma preocupação real com o povo ou com o bem-estar dela. Zoraya tinha uma origem humilde, o que tornava a primeira opção mais provável. Huzar às vezes tentava imaginá-la como a menina despreocupada que havia sido antes de o rei a tirar de uma vila obscura e fazer dela sua esposa, a terceira. As duas primeiras não haviam tido fins agradáveis. Zoraya tivera um talento para a sobrevivência que suas antecessoras não tinham demonstrado.

— Sabe por que ele me escolheu? — a rainha disse em tom baixo, como se ouvisse os pensamentos de Huzar. — Meus pais tiveram dez filhos, e eu era a única menina. — Ela se virou para encará-lo, as bochechas ainda vermelhas pelo confronto na sala do trono. — Por isso, ele imaginou que eu fosse fértil, e que filhos homens fossem mais prováveis. Minha função estava definida desde o princípio. — Seu queixo se ergueu. — Mas isso também me tornou rainha. Se eu perder isso, perderei tudo, a começar pelo que é mais importante.

Mesden.

— Onde está o rei? — Huzar perguntou. Embora mantivesse distância do garoto, gostava bastante dele.

— Falei para Mesden satisfazer suas necessidades e sair para gastar

um pouco de energia. A ama-seca está com ele. — Zoraya deu mais um passo na direção de Huzar e colocou as mãos na parte da frente do gibão dele, traçando a estrela branca de quatro pontas símbolo de Kimisara bordada no couro. — Estamos a sós.

Aquelas palavras tinham se tornado um sinal entre eles, mas Huzar não estava pronto para baixar a guarda. Ele colocou as mãos sobre as dela, que pareciam macias e frágeis nas suas.

— Você não me disse que pretendia ir às negociações — ele falou.

A rainha inclinou o rosto para encará-lo nos olhos. O azul brilhante dos olhos dela era sempre espantoso.

— Como eu poderia fazer de outro modo? Eu e você sabemos que não posso confiar que os brazapilla serão honestos comigo, ou que vão trabalhar pelos meus objetivos.

— Por isso *eu* deveria ir com eles.

— Sim, mas você não tem autoridade. Só poderia me contar o que aconteceu depois.

— Não é seguro — Huzar insistiu.

Zoraya sorriu timidamente e puxou a lapela do gibão dele.

— Meu guarda-costas mais fiel estará lá.

Huzar franziu a testa. Ela superestimava as habilidades dele.

A rainha baixou os olhos para seus dedos entrelaçados. Seus cílios longos pairavam sobre as bochechas.

— Talvez eu também me preocupasse que fosse sentir sua falta — ela murmurou.

Huzar conhecera duas mulheres diferentes em Zoraya ao longo dos seis meses anteriores. Uma capaz de manipulação ardilosa e outra de vulnerabilidade doce. A questão era qual das duas estava diante dele agora.

E qual o havia levado para a cama na primeira vez.

— Malkim — ela sussurrou, apoiando-se contra ele. — Não posso fazer isso sem você.

No fim, não importava. Amava as duas.

10

ALEX JAMAIS CONSEGUIRIA ESQUECER O GRITO DELA; ainda o escutava em seus sonhos.

Ele acordou com um sobressalto. O som era inconfundível, ainda que estivesse abafado pela distância e pelas paredes de lona entre eles. Sage estava gritando.

Ele jogou a coberta de lado e pulou da cama quebrada. Pegando suas botas e seu cinto com a espada, saiu correndo na direção do acampamento casmuni, onde Sage estava instalada. Cabeças espiavam para fora das outras tendas enquanto ele passava, sem lhes dar atenção. O barulho cessou assim que Alex parou diante da tenda da princesa e recuperou o fôlego.

Vários guardas casmunis saíram das sombras, com as lanças apontadas para ele. Outros dois saíram da tenda, embainhando as espadas curvas. Quando o viram, deram ordens aos homens em volta de Alex, que baixaram as armas e recuaram.

Estava tudo silencioso.

Será que ele havia imaginado o grito?

Ao olhar ao redor, viu que não. Pelo menos uma dezena de norsaris tinha vindo correndo, com as armas em punho. E não estava tudo silencioso; ouvia-se um choro baixo.

Sage.

Ainda carregando as botas e a espada, Alex avançou descalço para a tapeçaria pesada que servia de porta da tenda real. Os guardas deram um passo para bloquear sua entrada, mas ele fez menção de empurrá-los.

— Saiam do meu caminho! — gritou.

Entendendo ou não o que ele dissera, não obedeceram, e colocaram

as mãos nos ombros de Alex para detê-lo. Alex se virou, obrigando-os a atacar. Ele rosnou.

— Eu falei...

— *Chet!* — veio a voz de uma mulher. — *Hasta vos nel.*

Não o impeçam. A princesa casmuni estava na cortina, abrindo-a para ele entrar.

Alex se desvencilhou dos homens sem encará-los e entrou. Estava escuro, mas a luz do fogão de ferro era suficiente para enxergar. Lani parou diante dele, o cabelo preto em uma única trança que descia por suas costas enquanto apertava uma coberta de lã em volta do corpo.

— Você a ouviu? — ela perguntou em casmuni.

— Eu a ouço agora — Alex respondeu, embora fosse difícil com o eco de seu coração palpitante. — O que aconteceu?

Ele deu um passo na direção do choro, mas Lani colocou uma mão sobre seu peito.

— Por favor, tenha calma.

— Mas...

— Ela está sendo bem cuidada, *maizschur* — Lani disse com firmeza, pronunciando mal as mesmas consoantes em seu título que tinha dificuldade para falar no nome de Sage.

Os soluços começaram a parecer uma tentativa de vômito. Outra voz, reconfortante e feminina, vinha de trás de uma divisória. Alex entendeu depois de um tempo que Lady Clare devia estar consolando Sage de um pesadelo.

— Já viu isso antes? — ele perguntou.

Lani balançou a cabeça, depois pareceu pensar melhor.

— Uma vez, em Osthiza, quando ela acreditava que você estava morto. Ela carregava muita culpa na época. — A princesa olhou por cima do ombro enquanto os sons estrangulados cessavam. — Clare me disse que acontece às vezes, mas é a primeira vez que vejo nesta jornada.

O vocabulário de Alex em casmuni não era muito vasto, e ele precisava escolher entre as palavras que conhecia para formar uma frase coerente.

— No sono, ela pega fogo — ele disse.

— *Da.* — Lani assentiu uma vez.

— Clare a ajuda?

Lani assentiu de novo.

— Acho que ela gosta que Saizsch tenha essa dor. — O queixo de Alex caiu, horrorizado, e ela suspirou. — Essa não é a melhor maneira de dizer. O amor dela morreu, e Saizsch se feriu. Assim, elas compartilham o sofrimento da batalha. Entende?

Apesar da escolha estranha de palavras, Alex entendeu.

— Vou ficar até poder ver como ela está — ele disse.

— Ela já está dormindo. — Clare fechava a divisória atrás de si ao sair. — Sinto muito por ter escutado isso, major.

— Acho que todo mundo num raio de dez quilômetros escutou, Lady Clare.

Clare suspirou enquanto se aproximava. Depois de agradecer a Lani em casmuni, voltou a se concentrar em Alex, e a princesa retornou para a área onde dormia.

— Não acontece mais com tanta frequência quanto antes.

— Mas acontece. — Alex deu a volta por Clare e foi até a divisória. Com a mão em que ainda segurava as botas, abriu a cortina. Sage estava em cima de tapetes grossos, deitada sobre o lado direito, enrolada embaixo das cobertas. Seu cabelo e suas roupas estavam suados, sua respiração saía superficial e regular. Um vaso vazio repousava perto de sua cabeça.

— Ela está melhorando, juro — Clare sussurrou. — Não chegou a vomitar desta vez.

Uma frase tão casual que demonstrava quantas vezes pior os pesadelos podiam ser. Alex deu um passo para trás, soltando as botas e a espada e cobrindo o rosto com as mãos.

— E eu deixei que ela fosse lá — ele sussurrou.

A maré da batalha tinha virado de repente quando os kimisaros os haviam atacado de duas direções, então Sage pedira para ajudar os soldados que tentavam usar o fogoágua casmuni. Alex havia concordado, mandando o tenente Gramwell para protegê-la. Quando a encosta desmoronara, derramando a fúria da arma sobre as fileiras de kimisaros invasores, ela havia caído. Alex conteve um soluço.

— Achei que seria mais seguro longe do combate. A culpa foi minha.

— Não, major — Clare sussurrou. Ela ergueu o braço e o puxou para seu ombro. — Não pode culpá-la por isso, não quando ela salvou todos nós.

Alex se afastou, balançando a cabeça.

— E como você pode me perdoar sabendo que enviei Luke atrás dela?

O rosto pálido de Clare brilhava sob a luz fraca.

— Ele estava onde precisava estar por Demora. — Ela fez uma pausa. — E sei que vocês dois fariam de tudo para trazê-lo de volta. É assim que posso perdoar.

Tudo em que Alex conseguia pensar naquele momento era vingança por Luke e Sage. Aquele maldito conflito sem fim. Quantos outros amigos perderia nos anos por vir? Quantos homens Demora acabaria sacrificando pelo que nunca passava de alguns meses de paz? Por quantos anos Sage seria atormentada pelos pesadelos?

Esse ciclo de violência não vai acabar até pessoas como nós disserem “basta”.

Sage carregava cicatrizes e sonhava com fogo e conseguia perdoar.

Clare tinha perdido seu futuro e conseguia perdoar.

Durante a batalha, o capitão kimisaro Malkim Huzar, cercado por compatriotas mortos e moribundos, havia dado a Alex seu próprio manto para levar Sage embora, mesmo sabendo que ela era responsável pela destruição em volta deles. Ele conseguia perdoar.

Alex não sabia se estava pronto.

ALEX AJUDOU SAGE A MONTAR em um garanhão casmuni. As raças do deserto eram muito menores do que os cavalos de guerra demoranos, e aquele era do tamanho da égua dele. Sage não precisava de ajuda, mas ele queria tocar nela o máximo possível. Então manteve a mão em sua perna.

— Onde está Shadow? — ele perguntou.

A égua que tinha desde a infância estava com dificuldades para suportar o peso de um soldado completamente armado, então ele a havia deixado aos cuidados de Sage. Ela abriu um sorriso acanhado.

— O frio está sendo difícil para ela, e achei que a jornada poderia ser um pouco desgastante demais. Mas Shadow está feliz. Aproveitando a aposentadoria. A filha do cozinheiro não para de mimá-la.

Alex passou a mão livre no focinho do cavalo.

— Suponho que Lani tenha lhe emprestado este.

— É meu, foi um presente de Banneth. — Sage corou um pouco, e Alex se perguntou se o cavalo na verdade deveria ter sido um presente de casamento. — Ele enviou muitos outros para o rei Raymond.

Alex entregou as rédeas a ela, considerando se mencionava a outra noite ou não. Clare estava irredutível de que Sage não queria que ele soubesse, no dia anterior ela havia agido como se estivesse tudo bem, rindo e brincando enquanto praticava *tashaivar*, a arte de combate casmuni, com Lani e Clare. Ele considerou que aqueles últimos momentos não eram a hora de tocar no assunto. Continuava com a mão direita na perna dela. Quando finalmente a tirasse, Sage iria embora.

— Vou chegar a Tennegol logo depois de você — ele disse. — Então

vamos ter tempo de sobra.

Ela respondeu com um sorriso que não parecia sincero.

— Sempre falamos isso, mas nunca acontece.

— Dessa vez vai acontecer.

Os dois tinham passado a última noite discutindo as implicações do novo rei e da regente kimisara com Lani, Clare e os oficiais de Alex. Nem mesmo a princesa casmuni estava otimista.

Sage assentiu, distraída.

— Faltam quantos dias agora?

— Trezentos e quarenta e oito — ele respondeu sem hesitar.

— Se estivermos do mesmo lado da montanha. — Sage sorriu com tristeza.

— Movo as montanhas se for preciso — Alex prometeu.

Ela riu baixo, mas durou apenas um segundo. A alguns metros, a montaria de Lani bateu os cascos no chão com impaciência. A princesa indicou com a cabeça a trilha que levava à estrada.

— Hora de partir — Sage disse.

Alex assentiu.

— Vejo você em breve — ele disse. — Te amo.

— Também te amo — ela sussurrou antes de puxar as rédeas para um lado. O cavalo deu meia-volta, e a mão de Alex ficou no ar. Quando ela alcançou Lani e Clare, as três seguiram pela trilha para a estrada de Jovan. Alex observou o grupo até que todos deixassem o acampamento, depois voltou para sua tenda com um suspiro. Naquele dia, os norsaris se concentrariam em luta e arremesso de facas, competindo para encontrar os melhores entre eles para um pelotão especial, mas outros oficiais teriam de tratar daquilo. Ele tinha todas as correspondências menos importantes para colocar em dia.

Ninguém falava sobre aquilo no comando. Todo o trabalho administrativo significava menos tempo atuando como um soldado. Ele havia observado seu pai por tempo suficiente para esperar aquilo, mas também via como um teste: tinha que se concentrar nas partes importantes e delegar o resto. E Alex era péssimo em delegar. Casseck o havia repreendido mais de uma vez por não passar tarefas para ele e os demais.

Alex ficou olhando para a pilha de pergaminhos em sua mesa. Já estavam divididos entre primordiais ou não, e em algum momento da noite anterior Sage os havia organizado em mais tópicos — provisões, mensagens genéricas para o exército, acontecimentos recentes resumidos pelos duques de cada província, relatórios anuais sobre as condições de estradas. Cada pilha combinava perfeitamente com as obrigações secundárias de seus oficiais: Hatfield, Casseck, Tanner e Nadira. Era como se ela soubesse. Talvez Cass tivesse sugerido que fizesse aquilo.

Alex se virou e saiu da tenda, então chamou o primeiro escudeiro que viu.

O menino de catorze anos foi correndo até ele.

— Pois não, major? — disse ofegante, a voz falhando pelo nervosismo e pela idade.

Alex apontou para trás de si com o polegar.

— Informe todos os oficiais de que cada um tem uma pilha de despachos para cuidar em minha mesa. Quero um resumo de todos eles até a noite de hoje.

O adolescente bateu continência e saiu correndo. Alex seguiu para os campos de treinamento, tirando a adaga do cinto no caminho. Acima de tudo, ele era um soldado. O resto podia esperar.

Apesar das saudades de Sage, Alex estava de bom humor naquela noite enquanto lia calmamente as correspondências pessoais que costumava deixar de lado até os despachos formais terem sido resolvidos. Todos os oficiais menos Cass tinham feito seus relatórios sobre sua pilha, e nenhum havia levado mais de dez minutos. Ao todo, cada um havia ocupado apenas uma hora de seu tempo e poupado quatro ou cinco horas do tempo dele. Da próxima vez, ele não hesitaria em dividir tarefas.

Alex terminou outra carta e a deixou de lado. Sua mãe estava nas nuvens pelo novo bebê de sua irmã, Serena, mas parecia ansiosa para visitá-lo quando ele chegasse a Tենnegol em algumas semanas. Alex era o único filho homem que ela tinha, com Charlie morto.

O último pergaminho era uma missiva curta do coronel Traysden, o

ministro da Inteligência. O fato de se tratar de uma carta pessoal era um tanto fora do comum. Alex imaginava que a carta fosse relativa aos norsaris, visto que o mestre de espionagem também tinha sido comandante de sua dissolução vinte anos antes, mas ela era sobre Sage.

Mais uma vez o parabênzito pela promoção, major. Deixaremos que compartilhe a notícia com a srta. Fowler.

Parecia simples na superfície, mas Alex havia sido promovido cinco meses antes, e Sage estava com ele quando recebera a notificação. O coronel Traysden já tinha uma idade avançada — era mais velho que o pai de Alex, o general comandante do exército ocidental —, mas sua mente era afiadíssima. Sabendo que Traysden jamais cometeria um erro daqueles, Alex examinou as palavras de novo e de novo, em busca de um padrão ou código escondido nelas. Nada.

Ele ainda estava franzindo a testa para a carta quando Casseck entrou, trazendo os despachos que haviam sido atribuídos a ele. Alex ergueu os olhos.

— Seu relatório.

Cass lhe entregou uma página.

— Aqui está uma lista das alterações pertinentes nos regulamentos do exército desde o ano passado.

Alex soltou a mensagem de Traysden e passou os olhos pela de Casseck, que também era curta. Quase nada naquele envelope se aplicava aos norsaris.

— Muito bem. — Ele ergueu os olhos para o amigo. — Obrigado — disse, referindo-se tanto ao resumo como à insistência para delegar.

O capitão assentiu, mas não se virou para ir embora. Seus lábios se apertaram no mesmo sorriso que ele havia suprimido quando Sage chegara.

— Há outra mudança que pode ser do seu interesse. — Cass tirou uma pilha de páginas de baixo do braço esquerdo e as colocou na frente de Alex. — Artigo vinte e nove.

Alex conhecia aquele regulamento de cor. Havia tentado encontrar uma maneira de contorná-lo, mas a linguagem simples tornava aquilo

impossível. Casseck sorriu de orelha a orelha quando Alex pegou o pergaminho para lê-lo.

E, de repente, a carta do coronel Traysden fez todo o sentido.

A COMITIVA CASMUNI viajava devagar, em razão de seu tamanho e do frio, com neve na segunda semana. Sage tinha se perguntado como Feshamay, a criada de Lani que vivia tremendo, lidaria com sua primeira neve. E ficara surpresa quando a menina virara para ela e dissera que era a coisa mais bela que já havia visto. Feshamay nunca mais se queixara do frio — desde que houvesse neve.

Três semanas depois de saírem do acampamento dos norsaris, a estrada deixou a floresta e se abriu para o vale. Ansiosa, Sage examinou as encostas ao nordeste em busca dos primeiros sinais da capital. Quando Tennenegol surgiu à vista, ela apontou a cidade para Lani, que cavalgava perto dela, envolta em agasalhos pesados como sempre. A princesa estreitou os olhos para os telhados e domos cobertos de neve que contrastavam com as sempre-verdes fora das muralhas da cidade. A capital de Casmun era construída em terraços sobre uma pequena montanha de pedra, então Sage pensou que a visão deixaria a amiga impressionada. Lani só apertou os lábios.

— Não consigo decidir se sua cidade parece estar caindo do palácio lá no alto ou subindo na direção dele. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Ou talvez tenha sido construída no vale e então esticada para cima como uma coberta para esquentar a montanha.

Sage riu baixo e conduziu o cavalo adiante. Ela tinha batizado o jovem garanhão de Snow, por ele ser branco como a neve. “Como se esse país precisasse de mais neve”, Lani havia dito. Agora, a princesa olhava para trás, na direção das planícies baixas pontilhadas de árvores esqueléticas.

— Acho que prefiro os desertos casmunis aos demoranos.

— Não é um deserto — Sage disse. — Na primavera e no verão, o

vale inteiro fica verde. A maioria de nossas frutas é cultivada aqui.

— Sua *neve* não pode esconder de mim que tudo agora está morto ou morrendo — redarguiu Lani. — Se não lhe agrada chamar isso de deserto, farei sua vontade.

Um cortejo real saiu dos portões da cidade e foi na direção delas. Sage reconheceu os tons de cobre do cabelo do príncipe Nicholas antes mesmo de identificar seu rosto. Ao lado dele, cavalgava uma mulher com cachos dourados que, à primeira vista, parecia ser a rainha, até Sage ver que era Rose. A princesa havia mudado muito nos onze meses anteriores. Tinha catorze anos no momento, e era muito fácil ver a mulher que logo ia se tornar. O plano de Lani de unir Casmun com Demora no longo prazo pareceu plausível de repente, e Sage não sabia ao certo como se sentia quanto àquilo.

Nicholas parecia sentir orgulho de ter sido escolhido para guiar a delegação — o tipo certo de orgulho, mais parecido com gratidão do que com arrogância. Ele cavalgou até elas e fez uma reverência em sua sela. Rose se manteve um pouco atrás, mas abaixou a cabeça em cumprimento.

— É um prazer rever minha princesa — disse Nicholas em casmuni. — Eu e minha irmã — ele apontou para trás, e Rose assentiu outra vez — damos as boas-vindas a Tennenol.

— É bom ver você, Nikkolaz — Lani disse, embora sua atenção estivesse fixada em Rose, cujas bochechas estavam coradas pelo frio e pela emoção. — Sua irmã é ainda mais bela do que Saizsch me disse.

Quando Nicholas traduziu, o sorriso de Rose vacilou conforme compreendia as implicações do interesse da princesa estrangeira por ela. Seus olhos verde-azulados se voltaram para a direita de Lani, onde estava Sage, que abriu um sorriso tranquilizador.

— Agradeça à *palachessa* por suas palavras gentis — Rose disse, hesitante. — Estou ansiosa para compartilhar água com ela.

Muito bem. Ela tinha se referido a Lani corretamente como “minha princesa” e sabia que não deveria dirigir-lhe a palavra antes de ser apresentada formalmente. Lani pareceu contente quando Nicholas traduziu de novo. Ela se virou sobre a sela para se dirigir a suas criadas.

— Quem está com a água? Podemos fazer isso agora.

Sage ergueu o braço para impedir Lani.

— Minha princesa, imagino que nosso rei e nossa rainha queiram compartilhar água e lhe dizer seus nomes de uma única vez, em uma cerimônia apropriada.

— Ah, sim, será melhor dessa forma. — Lani se voltou para Nicholas. — Pode nos levar para o palácio agora.

O príncipe rapidamente fez o comitê de recepção dar meia-volta. Enquanto Sage, Clare e Lani seguiam para a frente com Nicholas e Rose, Lani olhou para Sage com uma sobrancelha arqueada.

— Sua *risha* não é a criança que você me descreveu.

— Ela mudou muito desde a última vez que a vi — disse Sage. — Mas ainda é uma criança.

Lani sorriu e voltou a olhar para a frente.

— Se sei alguma coisa sobre meninas da idade dela, é que não se vê como uma.

DEPOIS DA PARTILHA FORMAL DE ÁGUA com a família real na sala do trono, a princesa Lani não perdeu tempo para pedir uma reunião com o conselho do rei. Como todos os lordes e ministros estavam presentes para sua recepção — e provavelmente já esperavam o pedido —, a reunião foi marcada para a manhã do dia seguinte. Sage e Clare encontraram Lani depois do café da manhã, para acompanhá-la.

— Ontem à noite, sua Rosachessa expressou interesse em aprender *tashaivar*, Saizsch — disse Lani, unindo o título real casmuni ao nome da princesa, como era costume deles. — Acho que o pai dela concordou mais para agradar a mim do que a ela.

O rei Raymond nunca tinha sido muito aberto a permitir que suas filhas treinassem com armas, embora, em suas cartas, Rose confessasse que Nicholas vinha lhe dando aulas particulares. Sage anotou mais um motivo por que ela acreditava que Rose aceitaria o plano de Lani de morar na corte de Banneth.

Sage e Clare recuaram dois passos atrás da princesa ao entrar na câmara do conselho. Todos na sala se levantaram e fizeram uma reverência. Sage procurou o único membro do conselho que havia conhecido, o ministro da Inteligência, coronel Traysden, mas ele não estava presente. Um rosto que ela reconheceu foi o de Ash Carter, que estava ao lado do rei. Sage franziu a testa. O príncipe ilegítimo não tinha sido incluído na recepção da noite anterior. Não era justo que ele fosse responsável por tantas coisas e, no entanto, fosse mantido nas sombras, embora ele geralmente preferisse passar despercebido.

— Onde estão Oriannasandra e Rosachessa? — Lani perguntou em demorano, com um sotaque puxado. — Aconteceu algo para elas se atrasarem?

— Ah — disse Sage, tentando se recuperar do fato de que Lani havia falado em demorano, tendo até então usado apenas algumas poucas palavras na língua. Aparentemente, ela vinha praticando. Sage se perguntou o quanto a tradução na noite anterior tinha sido desnecessária. — Minha princesa pediu para se reunir com o conselho do rei — ela explicou.

Os olhos castanho-esverdeados de Lani percorreram a sala enquanto ela franzia a testa, confusa.

— Para discutir um futuro em Casmun para Rosachessa, sim. Onde estão ela e sua mãe?

Sage sabia que Lani só se fazia de desentendida quando tinha segundas intenções. A princesa não esperava encontrar Orianna ou Rose ali, motivo pelo qual conhecia as palavras em demorano para perguntar sobre a ausência delas. Lani queria que os homens na sala explicassem por que achavam correto discutir e planejar o futuro de Rose sem a presença dela ou de sua mãe.

O rei teve a decência de parecer envergonhado, e um rubor subiu a suas orelhas.

— Creio que houve algum mal-entendido sobre até que ponto discutiríamos essa questão. Se a *palachessa* nos der licença por alguns minutos, podemos mandar buscá-las. Srta. Sage, Lady Clare, podem acompanhar nossa hóspede até os jardins? Mandaremos chamá-las quando minha esposa e a princesa estiverem a caminho.

Sua resposta era complicada o bastante para Sage ter de traduzir, e Lani assentiu com o ar magnânimo.

— Sim, vou dar uma volta até elas chegarem. — Lani se virou e saiu, mas, assim que chegaram ao corredor, abandonou a confusão inocente no rosto e revirou os olhos para Sage e Clare. — Os conselhos em Demora são iguais aos de Casmun — disse, retornando à sua língua. — Têm pouca consideração com os mais envolvidos.

— Sem dúvida, agora que Darit faz parte do conselho de Casmun há mais consideração — disse Sage, referindo-se ao soldado do deserto que havia salvado a vida dela, de Nicholas e de um dos amigos mais próximos de Banneth. Ele era o ministro interino de Finanças quando haviam partido, mas Lani mencionara que tinha sido empossado como

ministro da Guerra. — Se minha princesa assumisse uma posição, haveria ainda mais.

Lani deu de ombros.

— Talvez algum dia. — Depois de algumas voltas, elas entraram no jardim do palácio, que era lindo mesmo no inverno, graças a uma nascente de água quente que corria por ele. Quando saíram, Lani voltou o rosto na direção do céu azul cristalino e suspirou um pouco. — Senti muita falta do sol. É o primeiro dia sem nuvens desde que deixamos seus norsaris.

As três caminharam por entre as árvores e as fontes que soltavam um pouco de vapor no ar gelado. As bochechas de Sage coraram quando ela se lembrou da fonte a que Alex a havia levado e de como desejava que tivesse sido diferente. Aquele regulamento absurdo do exército não deveria nem se aplicar a ele: era feito para garantir o comprometimento à patente de oficial, para que ninguém entrasse nele apenas pelo prestígio e a possibilidade de um casamento melhor. Alex já havia chegado a capitão aos vinte anos, três antes da média, e agora era major. A única coisa que ameaçava sua lealdade ao exército era o fato de que o impedia de estar com ela.

— Tenho uma pergunta — disse Lani, interrompendo a reflexão de Sage. — Por que você é chamada de “senhorita”, e não de “lady”, como Clare? Esse é o título para uma emissária?

Sage balançou a cabeça.

— O título é “embaixadora”. “Senhorita” é o pronome para uma mulher comum.

Lani franziu a testa.

— Se embaixadora é seu verdadeiro título, por que ele não é usado aqui? — Quando Sage deu de ombros, a princesa parou e bateu o pé. — Você deixa aqueles homens te chamarem pelo pronome mais comum, sendo que tem mais respeito do meu país do que todos eles juntos?

— Ela tem razão — Clare disse.

Sage deu de ombros de novo.

— Sou a embaixadora. Me chamar de “senhorita” não muda isso.

— Garanto a você que muda — disse Lani. — É para isso que

servem os títulos, para lembrar aos outros de tratar uma pessoa com o respeito que lhe é devido. Não tem como exercer suas funções se isso for esquecido.

Um rubor subiu pelo pescoço de Sage.

— Para mim é difícil exigir algo desse tipo. Você nasceu uma *chessa* e foi ensinada desde o berço a esperar tal tratamento. Eu nasci um nada.

— Darit também. Agora ele é ministro da Guerra, segundo do rei em Casmun. Você também não é mais um nada.

— Pensei que minha princesa fosse a segunda. — Sage arqueou uma sobrancelha. — Parece que também reluta a impor sua posição.

Os lábios escarlates de Lani se abriram em um sorriso enquanto ela pegava os braços de Sage e Clare e voltava para a trilha.

— Nesse caso, que bom que estamos aqui para lembrar uma à outra.

As três haviam chegado até a extrema ponta e dado a volta quando um mensageiro se aproximou e fez uma reverência.

— Se sua alteza voltar às câmaras do conselho, poderá encontrar a rainha e a princesa do lado de fora das portas.

Sage traduziu e Lani assentiu, animada. Elas seguiram para o corredor principal, onde Ash Carter esperava com Orianna e a princesa mais velha. Quando o grupo se encontrou, Rose soltou o braço do meio-irmão e abraçou Sage.

— Obrigada por insistir para sermos incluídas.

— Agradeça a Alaniahchessa — disse Sage. — Sua felicidade nisso tudo é importantíssima para ela.

Lani fez que não era nada quando a rainha e a princesa lhe agradeceram.

— Fico tentada a fazer aqueles homens esperarem mais um pouco, mas meus pés estão ardendo de frio. Vamos?

SAGE ESTAVA SE PREPARANDO PARA DORMIR quando ouviu uma batida na porta da suíte. Desde a insistência de Lani na reunião do conselho de manhã de que fosse tratada pelo título de embaixadora, Sage estava se sentindo muito menos acanhada com os aposentos grandiosos que lhe haviam dado. Como a princesa dissera, eles também serviam para mostrar aos outros a importância de seu papel. Até havia consentido em deixar as criadas ajudarem a se despir, embora o choque delas ao ver suas queimaduras tivesse sido um pouco constrangedor. Mas as criadas tinham sido dispensas pela noite, então Sage vestiu um roupão e atendeu à porta ela mesma.

Um pajem lhe entregou um bilhete escrito pela rainha, perguntando se Sage poderia ir aos aposentos dela para discutir um assunto em particular. Ela não havia tido um momento para conversar com Orianna a sós desde sua chegada no dia anterior, e teria o maior prazer em fazer aquilo. Sage escolheu um vestido que a rainha havia lhe dado pouco antes de sua partida no ano anterior. Nunca havia tido a chance de agradecer propriamente a ela, muito menos de usar o vestido.

A própria rainha abriu a porta, com um sorriso acolhedor. Com um vestido simples e o cabelo loiro amarrado em um único nó atrás da cabeça, Sage nunca a tinha visto tão informal.

— Obrigada por vir. Queria alguns minutos com você antes que o rei volte. — Orianna a guiou para uma poltrona perto da lareira. — Você fica linda com essa cor, minha querida. Estou feliz em ver que finalmente pôde usar o vestido.

— Obrigada, vossa majestade. É meu vestido demorano favorito. Seu gosto é muito refinado.

A rainha se sentou à frente dela.

— Notei que você falou “vestido demorano”. As roupas da princesa Alaniah estão causando um alvoroço. Veremos damas com vestidos semelhantes na corte em questão de uma semana.

— A *chessa* ficará muito lisonjeada, tenho certeza. — Sage ia cruzar as mãos sobre as pernas, mas a rainha estendeu o braço e pegou sua mão esquerda.

— Soube que foi gravemente ferida na batalha do último verão — Orianna sussurrou, passando o polegar sobre a pele manchada e iluminada do punho de Sage, que apenas assentiu. — Você sofreu muito por Demora — a rainha disse com tristeza, apertando os dedos de Sage e depois soltando. — Jamais esquecerei.

Sage corou e baixou a manga.

— Sou apenas uma súdita leal — ela disse.

— E provou isso hoje no conselho. Fico muitíssimo grata por Rose e eu termos sido incluídas.

— A responsável foi Lan... Alaniah — Sage disse. Ela não assumiria o crédito pelo que não havia feito. — Fico envergonhada em dizer que estava pronta para começar sem vocês.

— Às vezes é preciso alguém de fora para ver quando as coisas estão erradas. — A rainha voltou a se sentar e observou Sage com os olhos verde-azulados muito solenes. — Agora, preciso que me diga o que não disse hoje de manhã.

— Vossa majestade? — Ela não havia mentido nem deixado de apresentar nada. Tampouco Lani; a princesa tinha sido simples e franca ao revelar sua ideia, embora Sage tivesse suavizado certas partes na tradução.

— Preciso que me diga se aprova o convite da princesa Alaniah. Acredita em tudo o que ela diz? Minha filha será respeitada e cuidarão bem dela?

Sage refletiu muito antes de responder, pois a confiança da rainha era algo intimidante.

— O rei casmuni é sincero em suas intenções. Ele quer fortalecer a aliança entre nossas nações e acredita que essa medida demonstrará isso a seu povo. É uma oportunidade maravilhosa para Rose aprender

e para representar Demora. Acho que ela fará isso muito bem.

Orianna torceu as mãos.

— Existe um príncipe casmuni da idade dela?

Lani não havia mencionado Hasseth, mas a rainha não era tola.

— O filho de Banneth tem doze anos — disse Sage. — Acredito que ficariam muito contentes se uma união ocorresse, mas juro que não forçariam esse tipo de acordo. — Ela pensou em todas as conversas que havia tido com Lani no mês anterior. — Quer isso aconteça quer não, acredito que um segundo propósito de ter Rose lá é ensinar a filha de Banneth, Reza, sobre Demora. Talvez algum dia ela seja considerada um par para o príncipe Nicholas. Isso seria daqui a muitos anos, mas as bases poderiam ser construídas desde agora.

Sage fez mais uma pausa, pensando em algumas das frustrações de sua majestade sobre a posição dela.

— Quanto antes Rose se envolver em questões de Estado, mais conhecimento vai adquirir e menos será deixada de lado nas decisões futuras. Sei que vossa majestade gostaria disso.

A rainha concordou enquanto olhava para o fogo.

— Eu sabia que esse dia chegaria — ela disse em voz baixa. — É um grande fardo carregar e dar à luz um filho que nunca será seu de verdade. — Orianna balançou a cabeça enquanto continha as lágrimas. — Rose não vê a hora de ir. Por que quer me abandonar?

Sage procurou uma maneira delicada de dizer que Rose havia sofrido tantas restrições em sua criação que abrir as asas não era apenas desejável, mas necessário.

— Ela não tem medo porque não entende as dificuldades que a aguardam, mas essa é uma lição que todos aprendemos de alguma forma. O rei Banneth é um homem bom e honesto. Estará segura e cuidarão bem dela, prometo.

Orianna abriu um sorriso.

— Obrigada — ela sussurrou.

— Fico feliz de poder deixar vossa majestade mais tranquila. — Sage se recostou na poltrona, soltando um suspiro pesado. — Há mais alguma questão que queira discutir?

Os modos da rainha mudaram de repente, e um sorriso astuto

apareceu nos cantos de sua boca.

— Agora que mencionou, soube que visitou o major Quinn a caminho daqui.

— Garanto que a cortesia entre os norsaris e os guardas casmunis valeu o atraso em nossa jornada — Sage disse rapidamente, torcendo para não ficar vermelha demais.

O sorriso de Orianna se abriu mais e seus olhos brilharam.

— Há alguma notícia que queira compartilhar?

— Hum. — Sage pestanejou, sem entender. — Não, vossa majestade. Ficamos lá por apenas dois dias.

A rainha a observou por alguns segundos, como se pensasse que Sage estava escondendo alguma coisa. Depois deu de ombros, desapontada por um momento antes de sorrir de novo.

— Acho que devo convidar Lady Quinn e suas filhas para nos visitar quando o major estiver aqui.

A mãe de Alex havia recebido Sage de braços abertos, e as irmãs dele eram inteligentes e bem-humoradas, mas ela sentiu certo ciúme pelo pouco tempo que teria com Alex. Foi um esforço para ela dizer que era uma boa ideia. As duas conversaram sobre questões menores por mais alguns minutos, e Sage conteve mais de um bocejo, ansiando pela cama macia que esperava por ela. Felizmente, a porta se abriu e o rei Raymond entrou, seguido imediatamente por Ash Carter. Sage e a rainha se levantaram e fizeram uma reverência. Ela seria afinal dispensada.

— Ah, embaixadora — o rei disse, alegre. — Desculpe por tê-la chamado a essa hora, mas imagino que está ansiosa para saber por que pedi que viesse a Tennenol.

De repente, o sono era a última coisa na mente de Sage. Com toda a agitação relacionada a Lani, tinha sido frustrante o motivo de sua própria convocação parecer esquecido por todos.

— Estou pronta para servir sua majestade como solicitar — ela respondeu.

Raymond fez sinal para Sage e sua esposa se sentarem, e Ash puxou mais duas poltronas confortáveis para perto da lareira.

— Antes de começarmos, embaixadora — disse Ash —, soube que

visitou o major Quinn a caminho daqui. Queria lhe oferecer...

— Ela já me garantiu que meu sobrinho está com boa saúde — a rainha interrompeu. — E que o treinamento dos norsaris está progredindo de maneira admirável. — A segunda frase era direcionada ao marido.

Tanto Ash como o rei fitaram Orianna, depois trocaram um olhar entre si. Sage se ajeitou, desconfortável. Já era ruim o bastante que a família real soubesse de sua relação com Alex, mas falarem abertamente de seu tempo a sós era constrangedor.

— Bom — disse o rei, voltando os olhos anogueirados para Sage. — Primeiro, gostaria de lhe agradecer por seu trabalho hoje no conselho e ontem à noite na recepção. — Ele sorriu um pouco. — A princesa Alaniah é uma verdadeira força da natureza. Estou correto em presumir que não traduziu tudo o que ela disse com precisão absoluta?

Sage se contorceu.

— Algumas frases não soam bem quando traduzidas ao pé da letra, vossa majestade. Juro que nenhum sentido se perdeu.

O rei riu baixo.

— Está se tornando uma diplomata e tanto. — Antes que ela pudesse responder, ele fez sinal de que não deveria falar. — Esse é o motivo pelo qual estou aqui. Soube que o rei Ragat de Kimisara morreu no último verão?

— Sim, senhor, mas sei pouco além disso. — Era Alex quem lidaria com as consequências daquilo. Eles iam lhe dizer que ela não poderia vê-lo por anos? — Muita coisa vai mudar com o novo governante.

O rei Raymond concordou enquanto a observava, mas foi Ash quem falou.

— Kimisara disse que quer negociar um fim para o conflito atual.

Sage ficou boquiaberta. Ela não sabia ao certo o que esperava, mas não era aquilo. Anos — gerações — de luta não acabavam assim.

— Po-podemos confiar que estão falando sério? — ela balbuciou.

— Temos motivos para crer que sim, ou que pelo menos alguns deles estão — disse Ash, que era o braço direito do mestre de espionagem. Ele sabia. — Antes mesmo de considerarmos, porém, definimos um conjunto rigoroso de termos para uma trégua. Eles

respeitaram as condições nos últimos dois meses, por isso concordamos em nos encontrar com eles no equinócio de primavera.

O rei assentiu com gravidade.

— Se essas negociações forem bem-sucedidas, podem ser o primeiro passo rumo a uma paz duradoura.

Sage sentiu uma emoção no peito ao imaginar aquilo. Paz.

Ela e Alex poderiam ter uma vida juntos de verdade. Seriam separados com frequência pelo dever, mas os pais de Alex haviam conseguido sobreviver àquela situação por quase vinte e cinco anos, chegando a formar uma família grande. Sage estava tão perdida imaginando o futuro que quase não escutou as palavras seguintes do rei.

— Sua presença é solicitada nessas conversas, *embaixadora*.

Havia uma ênfase no título. Sage teve um leve sobressalto ao voltar para o presente.

— Devo... — Ela tinha dificuldade de entender o papel que representaria. — Devo reportar tudo isso a Casmun?

O rei Raymond balançou a cabeça, com os olhos fixos nos dela.

— Quero que seja minha representante pessoal, com o príncipe herdeiro.

O QUEIXO DE SAGE CAIU DE ESPANTO. Tecnicamente, ela era uma embaixadora, mas de Casmun, uma nação que ela conhecia melhor do que qualquer outro demorano. A nomeação era lógica. Mas o que o rei estava propondo era impensável.

— Vossa majestade, não sou qualificada...

— Mas é. Fala a língua deles e tem um conhecimento íntimo dos acontecimentos recentes entre nossas nações. Também tem a perspectiva dos interesses casmunis.

— Eles nunca vão levar uma garota de dezoito anos a sério! — O pânico quase a fazia gritar.

— Você terá dezenove quando as conversas chegarem ao fim — disse Ash com um brilho sarcástico nos olhos pretos. Sage lançou um olhar feio para ele antes de conseguir se conter.

O rei apenas sorriu e tirou um pergaminho dobrado de seu casaco de veludo azul.

— A rainha regente Zoraya vai comparecer também.

— Então ela deve esperar sua presença, vossa majestade — Sage insistiu.

— Talvez, mas tenho apenas esta missiva dela. — Ele estendeu a página para Sage. — Pode ser um artifício para me tirar de Tennegol.

Ash se inclinou para a frente, os olhos escuros sérios.

— Relatos indicam que a rainha está exercendo seu poder, mas tem vulnerabilidades. O príncipe Robert será o negociador principal e terá a autoridade real, mas acreditamos que ela responderá melhor a outra mulher.

Os olhos de Sage se voltaram para Orianna, que tinha ficado em silêncio.

— Então por que não sua majestade? As duas são rainhas e mães; sem dúvida há um vínculo nisso. — Um silêncio constrangedor se estendeu entre eles, até Sage entender. — Eu sou descartável — ela sussurrou.

O rei balançou a cabeça.

— Não descartável, apenas um alvo menos interessante caso as coisas deem errado.

Os kimisaros haviam feito duas tentativas de tomar reféns da realeza nos anos anteriores em troca de proteção para bater em retirada. Sage estivera envolvida na frustração das duas tentativas. Mandar Robert já era um risco. Ela havia estado em situações perigosas antes, embora não com tanto conhecimento prévio. Nem com tantas cicatrizes.

Você pode recusar, Alex havia dito quando ela fora nomeada embaixadora. *Já contribuiu com muita coisa*.

Mas ele sabia que ela não recusaria. Sage flexionou o braço inconscientemente, sentindo a pele repuxada no cotovelo. Outros sofreriam se a guerra continuasse. As cicatrizes de Clare eram internas, mas não a impediam de cumprir com seu dever, assim como as queimaduras de Sage não a impediriam. Com sua amiga ao seu lado — porque não havia a possibilidade de ir sem Clare —, talvez conseguisse convencer a rainha de Kimisara como outros não conseguiriam.

Alex não ficaria feliz com aquilo. Sage já o imaginava se queixando do tio por colocá-la em perigo. Aquilo também significava deixá-lo para trás, como Alex tantas vezes faria pelo bem de Demora. Se ele podia fazer aquele sacrifício, Sage também podia.

Ela respirou fundo para manter as palavras firmes.

— Vou me esforçar para servir a Demora como me é pedido.

Todos sorriram e relaxaram um pouco. Sabiam o quanto estavam pedindo.

— Quando partimos? — Sage perguntou. A carta da rainha Zoraya dizia que as conversas seriam no Cruzamento de Cabeça de Flecha, em Tasmet. O equinócio era dali a seis semanas, mas a jornada demoraria quase um mês.

— Assim que possível — disse Ash. — Mas é melhor esperar até os norsaris chegarem. — Ele sorriu. — Afinal, foram incumbidos de proteger vocês.

Não foram fantasias de paz que mantiveram Sage acordada até altas horas da madrugada, tampouco imaginar uma missão com Alex, e sim o fato de que a rainha, o rei e Ash achavam que ela teria alguma novidade. Alex havia adiado lidar com a maior parte das suas mensagens para passar o tempo com ela. Aquilo afetaria a reputação dele caso soubessem? Ou ela havia deixado escapar algo em suas próprias mensagens?

Sage saiu de baixo das cobertas e foi até a mesa, vasculhando todos os pergaminhos que havia recebido nas semanas anteriores. A maioria eram relatórios regulares, como o resumo anual de alterações e adendos nas leis do território feitos no ano anterior. Alex havia recebido um também. Sua mão paralisou enquanto deixava a página de lado.

Ele havia recebido uma compilação parecida de regras e estatutos do exército.

Os sorrisos bobos. Alusões a parabenização. O convite para a família de Alex visitar.

Só havia um regulamento que a afetava. Embora não parecesse possível, não havia outra explicação.

Sage saiu de perto da mesa e calçou as botas. Em vez de se trocar, só vestiu um roupão grosso sobre a camisola. Ninguém estaria vagando pelos corredores àquela hora da noite. Ela saiu do quarto e foi direto para a biblioteca.

As portas pesadas estavam trancadas, mas, em vez de acordar o mestre de livros, Sage tirou um pino longo de metal do bolso. Tinha aprendido a arrombar fechaduras com os norsaris na primavera anterior. No entanto, duvidava que alguém tivesse colocado aquela habilidade em prática no palácio.

As tranquetas se encaixaram. Ela girou a maçaneta silenciosamente e abriu a porta. Como embaixadora real, tinha o direito de acessar a biblioteca à hora que quisesse, mas provavelmente seria menos

desconcertante se ninguém descobrisse que abrisse a porta sem a chave. Sage entrou, inspirando fundo o cheiro familiar de pergaminho, encadernações em couro e pó. O luar entrava pelo vidro do domo, permitindo que ela encontrasse uma lanterna rapidamente. Sage acendeu a vela com um leve tremor — o fogo contido em lareiras e lamparinas era tolerável a certa distância, mas faíscas e chamas na ponta de seus dedos eram um pesadelo — e fechou o vidro antes de começar a busca.

Conhecia a seção militar. Seu olhar perpassou as colunas de livros sobre a arte e as táticas da guerra. Em vez de buscar a edição mais recente dos regulamentos, Sage optou por um caderno que documentava as mensagens para todo o exército. Ela folheou até as páginas mais recentes para encontrar o que queria: o resumo das mudanças feitas no ano 510 — aquele que Alex havia recebido. Passou os dedos pelas linhas até chegar ao artigo vinte e nove: Regulamentos Relativos a Soldados Casados.

Subseção Quinze:

Antes: Nenhum oficial comissionado deve se unir em casamento antes dos vinte e quatro anos.

Agora: Nenhum oficial comissionado deve se unir em casamento antes dos vinte e quatro anos ou da obtenção da patente de major, o que ocorrer primeiro.

Santo Espírito.

USANDO UMA TÁTICA DE VIAGEM RÁPIDA que ele aprendera com o exército casmuni, Alex conduziu os norsaris até a capital dois dias antes do esperado, na tentativa de impressionar o rei e o conselho real. Ele guiou os soldados pelo desfile no palácio, esforçando-se para não desviar os olhos para a plataforma de observação lá no alto. Soubesse ou não da mudança no artigo vinte e nove, Sage estaria lá, inquieta enquanto seus olhos cinza brilhavam de euforia — uma euforia que ele havia sentido também, até a dura realidade destruir o sentimento.

Mas ele ainda assim teria de ser digno de seu orgulho.

Os homens pararam e volveram ao mesmo tempo para ficar de frente para o rei e os ministros reunidos. Alex bateu continência.

— Batalhão Norsari Um, se apresentando para as ordens de sua majestade — ele gritou em uma voz que ecoou pelo terreno cercado. O rei sorriu e retribuiu a continência. O coronel Traysden não estava ali, o que era uma surpresa, mas Ash Carter, sim. Boatos diziam que Ash tinha finalmente aceitado uma promoção a oficial e se afastado das operações do exército regular, passando um bom tempo com o mestre da Inteligência.

— Muito bem, major — disse o rei Raymond. Alex baixou a mão quando ele fez o mesmo.

Ele não tinha como evitar vê-la agora. Sage estava à esquerda do rei, com um manto pesado sobre o que devia ser o vestido verde que ela havia usado em Casmun. Aquele que tirava o fôlego dele. Suas bochechas estavam coradas e, embora Alex não soubesse dizer o que em seu sorriso o fez chegar à conclusão, não tinha dúvidas de que Sage tinha ficado sabendo da alteração.

Droga.

Concentrada nele, ela não pareceu notar os sorrisos condescendentes que os nobres abriam à sua volta. Um ministro se aproximou do rei, falando alto o bastante para Alex ouvir.

— Que demonstração *impressionante* do seu sobrinho, vossa majestade.

Ele sentiu um frio na barriga. Já estava começando.

— Como é *exímio* para a idade dele. — O adjetivo estava carregado de sarcasmo, deixando que todos soubessem a verdadeira opinião do orador. O ministro da Agricultura tinha um filho no exército que era alguns anos mais velho do que Alex. Ele tinha chegado a capitão apenas no outono anterior.

Alex baixou os olhos enquanto outros intervinham, competindo para apontar as conexões dele, o que o tornava especial.

— A cara do pai, não acha?

— O legado Quinn está seguro agora.

Alex cerrou os dentes enquanto mantinha o olhar fixo à frente. Esperava que, de alguma forma, a chegada dos norsaris acabasse com as dúvidas, que as pessoas lembrariam que havia vencido uma batalha impossível no verão anterior e feito novos aliados, mas nada importava. Ele não passava de um garoto privilegiado tirando proveito do sucesso do pai. Alguém para quem as regras não importavam.

Pior: por quem as regras haviam mudado.

Ele se virou e dispensou os norsaris. Enquanto os soldados seguiam para o quartel para uma noite de sono e descanso merecido, Alex voltou a erguer o rosto. Sage olhava feio para o grupo de nobres. O rei o encarou e fez sinal para que subisse para conhecê-los. Quando Alex chegou à plataforma, Sage havia desaparecido, certamente para deixar que ele se concentrasse em suas obrigações.

Demorou horas até Alex ir para o quartel. Em virtude de sua patente e posição, ele tinha seu próprio quarto, com móveis de verdade. Um bilhete esperava em cima da mesa, mas ele o ignorou, pegando as malas que o escudeiro havia trazido e as colocando em cima da cama. Devagar e deliberadamente, Alex tirou algumas coisas das malas e as deixou onde ia usá-las nas semanas seguintes. Enquanto separava as roupas para que lavassem e remendassem, seus olhos se voltaram para

o pergaminho dobrado. Se o lesse, teria de resolver aquilo.

Mas ele ansiava tanto por algo dela que não demorou para pegá-lo. O manuscrito era curto e direto.

Você sabe onde estarei.

Alex fechou os olhos e expirou. Quanto tempo fazia que ela estava no jardim, com os olhos brilhando, o corpo tremendo, à espera de que fosse lhe dar a notícia que queriam ouvir havia quase dois anos?

Casseck bateu na porta antes de entrar.

— Pensei que não estaria aqui — ele disse.

Com um suspiro, Alex jogou o pergaminho de volta na mesa.

— Estou saindo.

O amigo o observou preocupado.

— É melhor contar para ela o quanto antes.

Alex virou para encará-lo.

— É a decisão certa, não é?

Cass balançou a cabeça.

— Ah, não. Eu não me envolvi na última briga de vocês e definitivamente não vou me envolver nesta.

— Sei que você interveio antes, Ethelreldregon. — Alex estreitou os olhos enquanto enfatizava o nome de batismo do amigo como se fosse uma arma. — Tanto no começo como no fim.

Casseck se contorceu. Detestava seu primeiro nome, mas Alex o havia defendido de tantas provocações na infância por causa dele que tinha uma permissão tácita para usá-lo — com moderação.

— Talvez ela entenda. Sempre esteve preparada para tal.

Alex bufou.

— Quanto dinheiro está disposto a apostar nisso? — Como Cass não respondeu, Alex se voltou para a mesa. — Foi o que imaginei. — Ele pegou o pergaminho e rasgou uma parte em que não havia nada escrito. Sob o olhar de Casseck, Alex escreveu três frases cuidadosas no papel antes de assinar, dobrar o pergaminho no meio e entregá-lo ao amigo. — Me faça um favor e leve isto para o quarto dela. Deixe onde o encontre quando voltar.

Cass hesitou, depois assentiu e pegou o bilhete.

— Boa sorte.

O jardim estava mais quente do que do lado de fora das muralhas do castelo, mas ainda assim as árvores haviam perdido as folhas durante a estação. Alex conseguia ver o vulto de Sage pelos galhos desnudos do salgueiro-chorão. Quando se aproximou, ela se levantou da toalha onde estava sentada, mas esperou até ele entrar no abrigo da árvore para se aproximar.

Independentemente do que acontecesse depois, Alex poderia aproveitar aquele momento. Abriu o casaco dela e colocou os braços em volta da cintura de Sage. Ele a ergueu enquanto ela colocava os braços em volta dos seus ombros e o beijava. Por alguns segundos, Alex saboreou o gosto da boca de Sage e sentiu seu corpo quente junto ao dele. Sua determinação vacilou. Como poderia querer alguém — alguma coisa — mais do que ela?

Sage recuou e mordeu o lábio, sorrindo com timidez. Alex roçou o nariz no dela.

— Espero que não tenha esperado demais.

— Não muito — ela disse em tom baixo. Apertou os braços em volta do pescoço dele e se afundou em seu peito. Os dois se encaixavam tão bem que chegava a doer. — Ah, Alex, ninguém para de falar sobre os norsaris. Até aqueles que duvidavam que você estivesse à altura da tarefa ficaram impressionados. Estou muito orgulhosa.

Até aqueles que duvidavam.

Alex a colocou no chão devagar.

— Precisamos conversar.

Sage assentiu e voltou a se sentar na toalha que havia disposto, puxando-o com ela. Ele se sentou o mais próximo que conseguia e segurou suas mãos. Pequenas se comparadas com as dele. Calejadas, mas nem tanto. Mais pálidas. Com mais cicatrizes. Ele virou a mão esquerda de Sage e passou o polegar de leve sobre as queimaduras cicatrizadas. Ela se arrepiou.

— Sage... — Ele hesitou, na esperança de que ela dissesse algo para que pudesse avaliar a melhor maneira de proceder, mas Sage não queria atrapalhá-lo. — Acho que você já soube da notícia — Alex disse

finalmente.

— Que notícia? — ela perguntou, piscando inocente.

— Não vai me enganar. Quem contou?

A máscara dela caiu.

— Ninguém. Eu só...

— Você descobriu sozinha — ele completou. Claro que ela havia descoberto. Bom, pelo menos agora Alex não teria de estrangular ninguém por tornar aquilo mais difícil.

— Ainda quero que você me conte — ela disse, apertando a sua mão.

— Mais alguém sabe? Você preparou alguma coisa?

— É claro que não. — Ela balançou a cabeça, depois pareceu se sentir um pouco culpada. — Quer dizer, contei para Clare. Achei que a notícia poderia ser um pouco difícil para ela no começo, e foi, mas depois de alguns dias conseguiu ficar feliz por nós. E prometeu que não contaria a ninguém.

Um leve alívio. Alex baixou os olhos para as mãos, como se as palavras estivessem tatuadas na sua pele.

— Não preciso de nada especial — Sage disse. — Preferia que fôssemos apenas eu, você e nossos amigos mais próximos. A rainha disse que sua mãe e suas irmãs chegarão em breve. Podemos esperar por elas.

Sua mãe sem dúvida já havia ficado sabendo do artigo vinte e nove. Seu pai nunca escondia nada dela. Era provável que tivesse ficado sabendo antes mesmo do conselho.

Alex tampouco queria um casamento grande. Havia quase montado em seu cavalo e corrido atrás de Sage na noite em que ficara sabendo da mudança, disposto a fazer os votos na primeira capela que encontrassem — até perceber o que mais aquilo significava.

— Você soube para onde vamos? — ela perguntou, distraíndo-o da lembrança. Seus olhos cinza brilharam sob a luz fraca das estrelas.

Alex assentiu em silêncio. Seu tio já havia dito que sua primeira missão seria acompanhar as conversas com Kimisara. Sage e o príncipe herdeiro representariam Demora, e a presença dos norsaris garantiria a segurança ao mesmo tempo que deixaria claro que o

tratado entre as duas nações havia sido anulado. Sob os acordos de vinte anos antes, a unidade de elite fora dissolvida como uma condição para a paz.

A paz não havia sido mantida, então os norsaris tinham voltado.

Também seria a primeira vez que o exército regular ia vê-los em ação. Todos os olhos estariam neles. E em Alex.

Embora ele estivesse grato de ser encarregado da segurança de Sage, aquilo complicava tudo ainda mais.

Ela ainda estava esperando que ele falasse, com um sorriso cheio de expectativas no rosto. Alex respirou fundo.

— Sage, não podemos nos casar agora.

Ela franziu a testa, confusa, mas não brava. Ainda.

— Mas pensei que o regulamento agora dizia...

Ele levou os dedos aos lábios para impedi-la.

— Serei mais específico.

Mais honesto. Era o que ela merecia.

— Não *quero* me casar.

As palavras pesaram no ar entre eles, verdade e mentira ao mesmo tempo.

ELE NÃO QUERIA SE CASAR COM ELA?

Os dedos de Alex ainda estavam em seus lábios, os olhos dele suplicantes, mas Sage não entendia.

— Por favor, me deixe explicar — ele implorou, embora ela não tivesse dito nada. Não havia conseguido encontrar palavras. — Fiquei sabendo na noite seguinte ao dia em que foi embora. Quis ir atrás de você no mesmo instante. Mas...

Um aperto súbito no peito dela tornou difícil inspirar mesmo que pouco ar. Ele tinha ficado tão feliz com a notícia quanto ela. Então por quê?

— Você mudou de ideia? — Sage perguntou, ouvindo a própria voz como se vinda do fundo de um poço. — Não quer mais se casar comigo?

Alex ergueu a outra mão para tocar o rosto dela.

— Não, Sage, eu quero — disse fervorosamente. — Só não quero me casar *agora*.

Quando Sage tinha oito anos, ela e o pai haviam encontrado um lagunho com uma saliência rochosa alta. Eles tinham observado meninos mais velhos e mais novos do que ela saltarem da beira para a água, gritando de pavor animado. Ela implorara para o pai deixá-la subir. “Você tem certeza?”, ele havia perguntado uma dezenas de vezes, e ela suplicara e suplicara até ele deixar. Mas quando o pai a levava até o topo da saliência e ela espiara da beirada, descobrira que não estava nem de perto tão preparada quanto pensava. Nos meses anteriores, Sage havia temido que, quando o dia finalmente chegasse, a ideia de se casar com Alex lhe daria a mesma sensação. *É muito maior do que eu pensava.*

Mas não era ela quem se sentia daquele jeito. Era ele.

Sage recuou, atordoada.

— Deixe-me adivinhar — disse, friamente. — A questão não sou eu.

Alex concordou, aparentemente sem entender a referência à briga no ano anterior, que tinha sido sobre ela ir com os norsaris ao campo de treinamento. Na época, ele tinha medo de que, em uma situação de perigo, escolheria Sage em detrimento de suas responsabilidades com seus homens. Mas, daquela vez, o dever dele era com *ela*.

Sage se recostou, sentindo-se desmoronar por dentro, como se tudo tivesse sido arrancado de dentro dela.

— Você não percebe? — O tom dele se tornou suplicante. — A mudança no regulamento só vai se aplicar a mim. Isso foi feito especificamente para nós.

— E não acha que merecemos? — ela se afastou, a incredulidade dando lugar à raiva, que cravava as unhas em seu coração. — Não acha que merecemos algum tipo de recompensa pelo que sacrificamos, pelo que conseguimos fazer?

— Nem todos vão enxergar dessa maneira! — Alex disse. — Só vão enxergar o filho do general recebendo tratamento especial *de novo*. O sobrinho do rei fazendo uma lei mudar apenas para ele. Você os escutou hoje. Ninguém acha que mereci minha promoção. Pensa que não estão falando coisas parecidas no exército regular?

As bochechas de Sage arderam de calor. Ela tinha ouvido o sarcasmo e os insultos velados, mas nada daquilo importava para ela.

— Você vai mudar a cabeça deles quando virem do que os norsaris são capazes — Sage insistiu, tentando desesperadamente conter as lágrimas.

Alex balançou a cabeça com tristeza.

— Não. Sem entrar em batalha, eu não vou, e não posso esperar que meus homens lutem comigo se não me respeitarem. — Ele baixou a voz em um sussurro. — Estou à beira de um fracasso espetacular, Sage. Não posso me arriscar a nada que pareça injusto. Seria usado contra mim por aqueles que não querem que eu me saia bem, ou acham que tal possibilidade não existe.

Mas ele havia *merecido* tudo. Tinha se saído bem onde outros

havam fracassado. Não conseguia acreditar nisso?

Não conseguia acreditar nela?

Aparentemente, não.

A ideia latejou na mente de Sage, cravando uma estaca mais profundamente em seu coração a cada eco. Ela afastou a mão e se levantou tão de repente que Alex quase caiu para trás.

— Preciso ir.

Ele surgiu ao lado dela em um instante, ajeitando o manto.

— Levo você até o quarto.

— Não, obrigada — ela disse com frieza.

As mãos dele pararam.

— Tem certeza? — Alex examinou o rosto dela, os olhos cheios de preocupação.

— Só preciso ficar sozinha. — Sage nem conseguia olhar para ele.

Alex engoliu em seco e assentiu.

— Tudo bem.

— Boa noite. — Ela se virou para ir, mas ele pegou seu braço e a puxou de leve junto ao corpo. Depois de um momento de hesitação, ergueu o queixo dela e a beijou. Sage mal encostou nos lábios dele, mas sentiu o pedido de desculpas que Alex não conseguia exprimir em palavras.

Ele continuou segurando o rosto dela, deixando a testa junto à de Sage por alguns segundos antes de finalmente a soltar.

— Boa noite.

Ela saiu sem dizer nada, sem olhar para trás. O trajeto até seus aposentos era curto, mas Sage não sabia por quanto tempo mais conseguiria manter a compostura. Naquela manhã, estivera tão feliz, achando que tinha o mundo a seus pés.

E, embora tivesse falado para o rei e a rainha que participaria das negociações de paz, só tinha se sentido segura de que daria conta quando Ash dissesse que os norsaris também iriam. Ela conseguiria fazer qualquer coisa com Alex ao seu lado. Talvez o rei e a rainha também soubessem daquilo.

Mas ele não queria estar do lado dela agora.

Onde aquilo a deixava?

Sage entrou em seu quarto e trancou a porta. Achando que ficaria até tarde com Alex, ela tinha dispensado as criadas pela noite, e não havia ninguém para ajudá-la a se despir. Enquanto puxava os cordões das costas desajeitadamente, lembrou-se de ter pensado mais cedo que talvez Alex se dispusesse a ajudá-la a se preparar para dormir. Mas então...

O vestido se soltou o bastante para ela tirá-lo, e Sage se contorceu para sair das mangas e do corselete, tentando não pensar na expressão de desejo de Alex na primeira vez que a vira nele. Ela o atirou do outro lado do quarto, sem conseguir ver onde caíra através das lágrimas que escorriam pelo seu rosto. Não se deu ao trabalho de vestir a camisola, apenas subiu na grande cama de penas com as roupas de baixo de seda. Enquanto puxava o cobertor, um pedaço de pergaminho dobrado em cima de seu travesseiro chamou sua atenção. Ela o abriu sem pensar.

Te amo mais do que nunca. Por favor, acredite que encará-la hoje foi a coisa mais difícil que já tive de fazer. Tudo o que tenho, tudo o que sou, é seu para sempre.

Com amor,

Alex

Sage amassou o bilhete e o atirou na lareira.

AO MENOS NÃO HAVIA CONTADO PARA NINGUÉM, Sage se lembrou na cama na manhã seguinte, criando forças para se levantar. Não teria de aguentar perguntas e olhares de piedade de ninguém além de Clare, do rei e da rainha. Talvez da mãe e das irmãs de Alex. Gostava delas, mas não sabia ao certo de que lado ficariam ou o que seria pior: sentirem pena dela ou concordarem com Alex.

Uma batida de leve na porta a fez resmungar. Lidar com o bom humor das criadas não melhoraria em nada seu ânimo, mas talvez um banho quente, sim. Ela não poderia ter um sem o outro. Na quinta sequência de batidas, elas já estavam tão altas que não havia mais como fingir estar dormindo.

— Já vou — Sage gritou, rolando para fora da cama. Ela vestiu uma camisola e foi até a porta, esfregando o rosto e torcendo para não ser óbvio que havia chorado.

Clare estava à porta, com uma expressão de culpa. Lani estava ao seu lado, o que explicava as batidas vigorosas. As duas a observavam com nervosismo.

— Quem contou? — Sage perguntou em casmuni para que ninguém que estivesse perto entendesse.

— O capitão Casseck — disse Clare, torcendo as mãos. — Ele me pediu para deixar um bilhete do major no seu travesseiro, e tive que perguntar o motivo.

Lani fechou a cara.

— Ainda estou brava por não ter me contado sobre essa mudança de regras. Talvez eu tivesse feito tantos preparativos para seu casamento que ele não ia se atrever a isso.

— O major está sob muita pressão — disse Clare. — Não deve estar

pensando direito.

Lani revirou os olhos.

— Não quero falar sobre isso — disse Sage, afastando-se da porta, mas a deixando aberta para que suas amigas pudessem entrar. As duas a seguiram para dentro e se sentaram junto com ela perto da lareira, cujo fogo havia se apagado durante a noite. Sage ficou olhando para o chão. O bilhete de Alex não havia chegado ao fogo e estava caído em uma bolota amassada a seus pés.

— Clare me contou que você vai conversar com os kimisaros — disse Lani. Sage assentiu e chutou o pergaminho com a ponta do pé, querendo se livrar dele, mas sem coragem de colocá-lo nas cinzas. — Decidi falar com o rei Raymond que seria interessante se eu também comparecesse. São as negociações da sua nação, mas creio que Banneth gostaria que eu acompanhasse.

Clare deu um leve chute em Lani, e a princesa lançou um olhar para ela antes de continuar.

— Mas farei tal coisa apenas se você achar uma boa ideia, Saizsch. — Ela fez uma pausa. — A missão é sua, e vou respeitar isso.

Sage não pôde conter um sorriso. O entusiasmo de Lani era exatamente o que ela precisava para sobreviver às próximas semanas.

— Obrigada, minha princesa — ela disse. — Seria um prazer ter sua companhia.

— Não precisa agradecer — disse Lani, alegremente. — Não se preocupe, Saizsch. Vamos fazer Alex se arrepender. Ele vai mudar de ideia antes mesmo de partirmos.

— Ah, Santo Espírito, não! — lamentou Sage. Ela levou as mãos ao rosto. — Lani, por favor, me prometa que não vai se envolver com isso.

A princesa cruzou os braços e se afundou na poltrona acolchoada.

— Só estou tentando ajudar.

— Eu sei — disse Sage, com um suspiro. — E agradeço. — Ela baixou as mãos para olhar para a amiga, cujos lábios escarlates estavam fazendo beicinho sob os olhos verdes inflamados. O rosto de Lani já estava maquiado, mesmo elas ainda não tendo tomado o café da manhã. — Só não quero complicar as coisas.

— Boa sorte com isso — a princesa disse, mas sorriu um pouco. — Vou obedecer ao seu desejo, mas saiba que estou preparada para complicar as coisas assim que mudar de ideia.

Clare se abaixou para pegar o bilhete. Sage não protestou enquanto a amiga abria o pergaminho e o alisava sobre o joelho para ler as palavras de Alex.

— Quais são seus planos agora? — Clare perguntou.

— Não sei — Sage disse. — Íamos passar todos os momentos livres juntos, mas isso está arruinado.

— Eu estava pensando... — disse Clare. — E se partirmos antes?

Sage ergueu os olhos, surpresa. Partir para Cabeça de Flecha sem Alex?

— Se quisermos chegar preparadas para as negociações, minha irmã, Sophia, seria a melhor pessoa com quem conversar — Clare continuou. — Ela sabe em primeira mão tudo que aconteceu e entende as preocupações da população local.

Sophia era apenas um pouco mais velha do que Clare, e elas tinham sido próximas na infância, embora não tivessem se visto desde que Sophia se casara com o conde Rewel D'Amiran. Seu marido era o irmão caçula do duque, que havia se aliado aos kimisaros e criado toda aquela confusão dois anos antes, quando Sage trabalhava como aprendiz da casamenteira. Depois que tudo dera errado e o duque Morrow D'Amiran fora morto em Tegann, Rewel fugira de Jovan para as profundezas de Tasmét, levando consigo Sophia, que estava esperando um bebê. Alguns meses depois, ela dera à luz uma menina, e o conde a abandonara junto com o bebê diante das forças do general Quinn, que avançavam. Ninguém soube dele desde então, mas imaginava-se que tinha se entregado aos kimisaros.

Toda a situação enfurecia Sage, não apenas porque a pobre Sophia havia sido entregue a um marido abusivo, mas porque fora o esquema da família D'Amiran que tinha levado à batalha em Tegann e à morte do irmão de Alex, Charlie. Ela havia ficado feliz em saber pelo rei Raymond que uma das prioridades dela nas negociações seria trazer Rewel D'Amiran de volta para que fosse a julgamento.

Sophia e sua filha, Aurelia, passaram a residir na fortaleza Jovan

quase como prisioneiras, embora não pudessem ser culpadas pelas atitudes do marido da primeira. Como Aurelia era tecnicamente a herdeira da província, o rei tinha esperança de usar mãe e filha para levar estabilidade a Tasmet depois que Rewel D'Amiran tivesse sido levado a tribunal.

Sage já vinha considerando passar por Jovan por causa de Clare, mas a distância era maior do que se fossem por Tegann. Se esperassem até os norsaris finalizarem suas demonstrações para o conselho, a caravana não teria tempo suficiente para passar mais do que uma noite lá. Porém, se partissem antes dos norsaris, Clare poderia ficar mais tempo com a irmã.

Lani pareceu interessada.

— Se fica ao sul, o tempo será mais quente?

— Muito mais — disse Clare, embora Sage soubesse que estava exagerando um pouco. O tempo bom só melhoraria de verdade com a primavera.

— Então sou a favor dessa ideia — disse Lani.

— E você, embaixadora? — Clare perguntou. A esperança no rosto dela lançou um raio de luz no abismo de tristeza e autopiedade de Sage.

Clare a havia apoiado durante tudo e deixado de lado sua própria dor para ficar feliz por Sage quando pensavam que ela ia se casar com Alex. A ideia de agradar Clare animou Sage. E era uma ideia boa. Não apenas a condessa forneceria informações valiosas como também havia poucos que tinham mais a perder naquelas negociações do que ela. Além das garantias do rei Raymond de que seria bem cuidada, Sophia merecia alguém que a representasse à mesa.

Sem falar que Sage não tinha mais motivos para permanecer ali.

Seu sorriso, ainda que conquistado a duras penas, foi sincero ao dizer:

— Quanto antes partirmos, mais tempo poderemos ficar lá.

DEPOIS QUE CONSEGUIRAM A APROVAÇÃO DO REI, Sage, Clare e Lani mergulharam nos preparativos para partir o quanto antes. Lani teve a ideia de arrumar apenas aquilo de que precisariam para chegar lá, depois mandar que o restante da comitiva e das provisões seguisse na data planejada originalmente, o que agilizaria a partida delas. O rei então sugeriu que os norsaris viajassem como se os representantes de Tennegol estivessem com eles, agindo quase como uma isca a caminho de uma situação possivelmente perigosa. A olhos externos, parecia que apenas um grupo pequeno viajava por Jovan. Uma criada de Lani e cerca de dois terços dos soldados casmunis permaneceriam na capital para aprender mais sobre Demora e preparar Rose para a jornada dela.

A distração do planejamento foi bem-vinda, assim como a animação de Clare. Alex passava a maior parte do tempo ocupado com demonstrações e reuniões com o rei e seu conselho. Ele nem tentou visitar Sage naquele dia, fosse por causa de suas obrigações ou porque a estava evitando. Ela só recebeu um bilhete à noite, dizendo que ele havia ficado sabendo que estava partindo e perguntando se podiam conversar. Sage mandou a folha dobrada de volta com duas palavras em resposta ao pé da página: *Hoje não*.

Não sabia se suportaria vê-lo. A rejeição ainda era uma ferida tão dolorida e em carne viva quanto suas queimaduras tinham sido nas primeiras semanas, uma comparação que apenas a fazia se lembrar do carinho com que ele havia cuidado dela na época. Porém, os preparativos para a partida levariam dois dias, e ela imaginou que Alex ia procurá-la depois. Lani a vestiu pela manhã, maquiou seu rosto e arrumou seu cabelo — ao menos até onde Sage suportou —, de

modo que, quando cruzasse com Alex, estaria mais linda do que nunca.

— Ele não vai mudar de ideia — Sage insistiu enquanto Lani arrumava seus cachos cor de areia em uma trança que envolvia sua cabeça feito uma coroa. — Não importa quão bonita eu esteja.

Lani deu de ombros enquanto prendia um grampo cravejado de joias no cabelo da garota.

— Talvez não, mas você pode fazer com que ele se arrependa de não ter mudado.

Não adiantou de nada. Ela não o viu naquele dia

À noite, depois das verificações de última hora, Sage tentava pensar em uma desculpa para não sair da suíte de Lani. Graças às excelentes habilidades de gerenciamento de Clare, tudo estava pronto. Não havia nada a fazer além de dormir, mesmo que fosse improvável pegar no sono.

— O major vai nos ver partir amanhã de manhã, tenho certeza — Clare disse enquanto voltavam juntas para seus quartos.

— Estou quase torcendo pelo contrário.

Elas pararam na frente da porta de Sage.

— Quer que eu passe a noite com você? — Clare se ofereceu. — Minhas malas estão praticamente prontas, mas posso trazer o que deixei para guardar de última hora para seu quarto.

Era tentador, mas Sage sabia que elas passariam a noite toda conversando. Só porque ela não conseguiria dormir não significava que Clare tinha de sofrer também.

— Não precisa, vou ficar bem — disse. — Descanse um pouco. A jornada vai ser longa.

Clare apertou sua mão e virou para o quarto dela, do outro lado do corredor.

— Boa noite, então.

— Boa noite. — Sage fechou a porta, mas a deixou destrancada para as criadas entrarem pela manhã. Um fogo baixo na lareira lançava luz na sala, e ela identificou um vulto que conhecia muito bem sentado em uma poltrona perto da chama. O estômago dela se revirou de ansiedade e um pouco de euforia, mas Sage se recusou a admitir o

sentimento ou mesmo a presença de Alex. Os olhos castanho-escuros dele a seguiram enquanto ela atravessava o quarto até a penteadeira e começava a tirar os grampos do cabelo.

— Você nem me contou que estava de partida — ele disse enquanto a trança caía em volta das orelhas dela, os fios soltos mal tocando os ombros.

— Eu sabia que descobriria — Sage respondeu, seus dedos tremendo enquanto buscavam os grampos espalhados.

Alex se levantou e se aproximou.

— Como vou proteger você se partir dessa forma?

— Os norsaris serão os responsáveis pela segurança durante as conversas — ela respondeu, ainda sem olhar para ele. — Vamos encontrar vocês lá. Antes disso, a comitiva de Lani será mais do que suficiente.

Ele parou tão perto que Sage conseguiu sentir o calor de seu corpo, mas não fez menção de tocar nela.

— Tudo isso porque quer ficar longe de mim?

Sage derrubou um monte de grampos na mesa.

— Porque Clare deseja visitar a irmã, e não tenho motivos para ficar aqui. — Ela se virou para encará-lo. — Me corrija se eu estiver errada sobre a última parte.

— Não — ele sussurrou. — Não tenho o direito de pedir que fique.

Para ele, tratava-se sempre do que era certo. Ela amava e odiava aquilo.

— Por favor, mande meu pedido de desculpas à sua mãe por não esperar para recebê-la.

— Vou mandar.

— E para suas irmãs. Eu tinha prometido a Brenna que poderia praticar línguas comigo.

— Vou mandar.

— E Amelia...

— Sage. — Alex levou a mão à bochecha dela. — Não quero falar sobre minha família agora. Quero falar sobre nós.

Ela resistiu ao impulso de apoiar a cabeça na mão dele.

— Não acho que tenhamos o que dizer.

— Talvez não. — A luz da fogueira se refletiu nos olhos dele, aumentando o calor que ela não conseguia evitar sentir. — Vi você algumas vezes hoje, mas achei que não queria me ver. Estava tão linda. — Seus dedos traçaram o queixo dela, e ele sorriu, hesitante. — Foi como me apaixonar por você de novo.

— Mesmo assim, você não mudou de ideia.

A mão dele parou, e Alex estreitou os olhos.

— Acha que é essa a questão? Que não amo você *o suficiente*?

Ela sabia que não era verdade. Alex havia atravessado um deserto para encontrá-la e suportado dias de interrogatório para mantê-la segura. Talvez ele a amasse até demais. Sage balançou a cabeça para negar, mas Alex entendeu errado. Algo que ela não conseguia definir desapareceu do rosto dele. De repente seus lábios encontraram os de Sage com um desejo que ela nunca havia sentido antes. Os braços dele a envolveram e a apertaram junto a seu corpo.

Os pés de Sage foram erguidos do chão. Um segundo depois, as costas dela estavam contra a parede e as mãos dele estavam por toda parte — seu cabelo, seus quadris, sua cintura, seus seios. Sage não conseguia respirar nem ver nem tocar o chão, mas aquilo não importava, porque ele era o ar dela. Era seu céu, sua terra. Ela retribuiu o beijo com tudo o que tinha, entendendo por instinto que aquilo era o que ele sempre havia segurado. Aquilo era o que ele sempre quisera.

O punho da espada de Alex se cravou nas costelas dela. Sage o empurrou para o lado e seguiu o cinto até a fivela na frente. Ela puxou a ponta livre até a lingueta se soltar, e um barulho pesado ecoou pelo quarto quando a espada e a adaga caíram no chão de madeira. O cinto dela também escorregou por seus quadris até o chão. Sage se sentiu livre, leve. Talvez porque naquele momento estava sendo carregada.

Suas costas encontraram a maciez do colchão, e Alex surgiu em cima dela, beijando todos os centímetros de sua pele exposta e afrouxando os cordões de seu corselete. Os dedos de Sage puxaram o gibão dele até Alex se levantar e puxá-lo por cima da cabeça em vez de tirá-lo da maneira apropriada. Sua camisa de linho saiu pela metade, e ela se sentou e a jogou de lado, depois pousou a mão sobre

o coração dele, sentindo-o palpitar, rápido e forte. Sage ergueu os olhos para Alex.

Espírito do céu, ele era tão bonito que ela perdia o ar.

Tudo o que tenho, tudo o que sou, é seu para sempre.

Alex hesitou, seus olhos cor de mogno buscando os dela, os músculos do peito e dos braços ficando tensos. Sage ergueu a mão até o pescoço dele e voltou a se deitar, puxando-o junto a si. Seus beijos se tornaram mais urgentes enquanto ele soltava o vestido dela devagar e o baixava. Depois que os braços dela ficaram livres das mangas, Sage enfiou as mãos no cabelo de Alex enquanto ele empurrava o tecido sobre o quadril dela. Quando o vestido saiu, a mão dele subiu pela perna dela e sob a camisa de seda fina.

Era como fogo, como chuva, como raio onde Alex tocava. Os dedos dela exploraram o peito e as costas dele. Os dois já haviam dormido na mesma cama, aninhados juntos, tocando-se o quanto se atreviam, mas nunca tinham chegado tão longe. Parecia tudo natural. Perfeito. Todas as fibras de Sage exclamavam que nada que os dois quisessem tanto poderia ser errado.

Mas algo não estava certo.

— Alex — ela sussurrou.

Ele levantou para levar seus lábios aos dela.

— Sage — Alex disse perto da boca dela, antes de beijá-la de maneira profunda e desesperada. O calor da pele dele era inebriante.

Quando digo e repito o quanto desejo que seja minha, é apenas porque já sou inteiramente seu.

Alex havia insistido em esperar, dizendo que era o que *ela* merecia, por mais que os dois não quisessem. Agora ele estava disposto a admitir a derrota. A fazer o que não achava certo. A fraquejar.

Tudo para provar algo que ela já sabia.

— Alex — ela repetiu.

Ele ergueu a cabeça para encará-la nos olhos. Sage pensou que os olhos de Alex a queimariam quando botou a mão no peito dele, afastando-o.

— Eu te amo — Alex sussurrou, mas devia ter visto algo na expressão dela, porque sua voz tremulou.

— E eu te amo. — Sage balançou a cabeça. — Mas você não quer isto.

— Eu quero.

— Eu também. Mas não o bastante para fazer você se odiar. — Os olhos dela se encheram de lágrimas. — Porque você *vai* se odiar, e não posso fazer isso com você. Não *vou* fazer isso com você.

Por um longo momento, ele se manteve completamente imóvel antes de se levantar e se virar para sentar na beira da cama, colocando a cabeça entre as mãos. Ela o escutou respirar devagar por alguns segundos, o som ecoando pelo quarto silencioso. Então Alex se agachou no chão para pegar a camisa. Ele a vestiu pela cabeça e começou a procurar o resto de suas roupas, de costas para ela.

Sage se levantou e pegou seu roupão. Ela se levantou, vestindo-o enquanto observava Alex se vestir, embora ele evitasse seus olhos. O autocontrole estava de volta. Sage conseguia ver aquilo em todos os movimentos dele, todas as respirações, e agora percebia que sempre havia estado ali.

O cinto de couro rangeu quando ele o prendeu em volta da cintura. Alex baixou as mãos e fitou o chão.

— Desculpa.

— Não precisa se desculpar — Sage sussurrou. Não depois de ver até onde ele estava disposto a ir por ela.

Ele expirou e ergueu os olhos suplicantes.

— Sabe por que não posso me casar com você, não sabe? Por favor, diga que entende.

Havia um abismo entre saber e entender. Sage nunca o tinha ouvido tão desesperado por uma garantia dela que o tranquilizasse, motivo pelo qual conseguiu apertar a camisola sobre o buraco em seu peito e murmurar:

— Sim. Eu odeio isso, mas entendo.

Alex a observou por um longo momento em silêncio, como se tentasse avaliar se ela estava sendo sincera; então, deu três passos para cortar a distância entre eles. Colocou as mãos em volta do rosto dela de modo que não teria como desviar os olhos.

— Eu te amo, Sage Fowler — ele disse. — De todas as coisas que

disse e fiz, essa é a mais verdadeira.

Aquelas tinham sido as palavras que ele havia dito na noite em que ela descobrira que Alex tinha mentido sobre quem era — não um soldado comum seguindo ordens, mas um capitão que a manipulava com elas. Sage o havia estapeado com toda a sua força. Era quase como se ele estivesse implorando para que fizesse aquilo de novo, para encontrar a raiva e usá-la para vencer o desespero, mas Sage não conseguia. Não restava mais nada nela além de tristeza.

Como não obteve resposta, Alex se abaixou, pousando a testa na dela, e sussurrou:

— Por favor, me diga que sabe disso.

Sage fechou os olhos em uma tentativa inútil de conter as lágrimas.

— Eu sei.

E ela sabia. Era a única coisa que tornava aquilo suportável.

Quase suportável.

Alex a beijou uma última vez, colocando todas as palavras que não conseguia exprimir no beijo, mas o muro estava erguido.

E não seria derrubado.

A DOR NO PEITO DE SAGE nas duas últimas semanas se aliviou bastante ao ver a expressão de Clare quando saíram do desfiladeiro Jovan e avistaram o castelo onde Sophia morava. O clima de primavera havia coberto o vale de trechos largos de grama verde-amarelada e flores brancas da montanha, fazendo as paredes de granito destoarem da paisagem rochosa. Parecia tão convidativa quanto uma fortaleza podia ser — e muito maior e mais confortável do que aquela que guardava o desfiladeiro de Tegann ao norte. Sage não sabia por que o duque Morrow D’Amiran havia escolhido morar lá, mesmo com sua localização mais estratégica.

Elas mal haviam passado pelo segundo portão da fortaleza Jovan quando Clare desmontou e correu para os braços da irmã. As duas choraram abertamente enquanto se abraçavam na escada que levava à torre principal. Nos quatro anos desde que tinham sido separadas pelo casamento de Sophia com Rewel D’Amiran — uma união arranjada pelo ambicioso pai delas em vez de uma casamenteira —, as duas haviam sofrido muito. Lani, que tinha sido informada da violência sofrida por Sophia, observou a jovem condessa com interesse.

— Ela se porta bem — a princesa declarou. — Melhor do que outras que vi.

— Imagino que você também fosse se portar assim depois que estivesse livre de uma união como aquela — disse Sage.

— Ela ainda não está livre.

Sage passou a perna sobre o dorso de Snow.

— Como mãe de uma criança D’Amiran, nunca vai estar livre de verdade.

Lani pareceu horrorizada.

— Certamente a menina não vai pagar pela traição do pai.

— Não, de maneira alguma — disse Sage. — Mas outros podem tentar usar as duas para benefício próprio. Ainda há aqueles que consideram a família D'Amiran os legítimos governantes.

— Demora é um lugar volátil — Lani disse.

Sem pensar, Sage retrucou.

— Quem diz isso é a princesa de uma nação cujo rei quase foi assassinado por um de seus próprios ministros. — Ela corou. O amante de Lani havia tramado o plano e sido sumariamente executado por aquilo. — Desculpe lembrá-la dessa história, *palachessa* — Sage disse, usando o título pelo qual chamava Lani com cada vez menos frequência.

— Acredito que seja um comentário justo — Lani respondeu, embora o sorriso que ela abriu quando Sophia e Clare se aproximaram fosse um pouco tenso.

A condessa era uma versão mais alta e com mais curvas da irmã caçula, com o cabelo alguns tons mais claros e os olhos castanhos com toques de dourado. Entre o encanto etéreo das duas e a beleza impetuosa e colorida de Lani, Sage se sentia como um camundongo entre pavões. Ou talvez um ouriço fosse uma analogia melhor, pensou ela, ao ver de relance os fios rebeldes de seu cabelo curto.

Sophia ignorou a reverência desajeitada que Sage tentou fazer com sua túnica de cavalgada que chegava à altura do joelho e se dirigiu a Lani.

— Seja bem-vinda. Sou muito grata. Senti muita falta de Clare. É solitário aqui enquanto aguardo a justiça chegar. — Seu sotaque era aristocrático, mas o tom era suave e repleto de gratidão.

Envergonhada por ter pensado que a condessa ia cumprimentá-la antes da princesa, Sage apresentou Lani formalmente.

— Minha honorável Lady, essa é a princesa Alaniah de Casmun.

Sophia pareceu perplexa quando sua hóspede real bebeu do seu cantil e depois o ofereceu a ela, mas aceitou e deu um gole delicado. Lani pegou o cantil de volta e o tampou com um floreio.

— Agora pode me chamar de Lani — ela disse com ar majestoso em demorano, língua que vinha treinando para falar bem. — Você é

amada pela minha amiga, portanto é amada por mim.

— É uma honra, vossa alteza — disse Sophia. Ela tomou o braço de Lani no seu e enlaçou o de Clare com o outro. — Permita-me lhe levar a seus aposentos para que possa se banhar e descansar de sua jornada.

Juntas, elas se dirigiram à entrada principal da torre, seguidas por Sage. Quando chegaram às largas portas duplas, a condessa se virou para se dirigir a ela.

— Pode providenciar o alojamento da comitiva de vocês, srta. Sage?

— Eu... — Sage se sentiu levemente insultada, mas então lembrou que Sophia estava animada em ver Clare e tinha uma princesa para hospedar. Era natural que Sage cuidasse dos detalhes mundanos, ainda mais considerando a barreira linguística entre os guardas da fortaleza e a escolta casmuni. Repreendeu-se por um momento por considerar que aquilo estivesse abaixo dela. O cargo de embaixadora estava subindo à sua cabeça. — Seria um prazer, milady.

Na realidade, havia pouco para ela fazer. Os casmunis que viajavam com elas já dominavam tanto a língua local que tudo estava arranjado. Sage ajudou com o que pôde, depois voltou à torre. Ninguém estava esperando para lhe mostrar seus aposentos, mas ela vagou pelos corredores até reconhecer a bagagem entrando por um batente. Dentro do cômodo, encontrou Clare tirando vestidos de um baú para pendurar, a fim de desamassar.

— Todos os preparativos de sua comitiva estão prontos, milady — Sage disse com uma reverência irônica.

Clare ergueu os olhos com uma careta.

— Não precisa ser rude. Sophia não pediu para você limpar os estábulos ou algo do tipo.

Sage se empertigou, com as orelhas vermelhas de vergonha. Ela não tinha a intenção de ter sido tão sarcástica, mas ser ignorada a havia magoado mais do que queria admitir.

— Sophia foi rude primeiro — disse Lani, entrando no quarto. Ela arqueou uma sobrancelha para Sage. — Não é algo que uma hóspede de prestígio deveria fazer.

Clare franziu a testa, mas Sage fez sinal indicando que estava tudo bem antes de sua amiga dizer mais alguma coisa.

— Precisava ser feito, e eu cuidei disso. Estamos aqui para que Clare possa visitar a irmã. — Sage deu a volta para ajudar a amiga a estender o vestido. — Como ela está?

Clare relaxou um pouco, mas franziu as sobrancelhas.

— Sophia mudou. Parece insegura, medrosa.

— Não foi o que vi — disse Lani.

Clare balançou a cabeça.

— Você não a conhecia antes. Ela era tão animada. Nada a fazia desistir do que queria.

Lani se sentou em uma espreguiçadeira perto da lareira.

— Não há muito mais o que querer. Ela tem um castelo lindo e terras para governar, uma filha para criar. Um dia, vai se casar novamente, com um marido melhor, embora isso não seja dizer muito.

— Ela nunca vai ter o que realmente queria — Clare disse com um sorriso triste. — Quando éramos pequenas, Sophia dizia que ia se casar com o príncipe Robert, e que eu seria sua dama de companhia até ela me unir com um conde de menor importância.

— Menininhas sempre desejam se casar com príncipes, sem se dar conta de que eles são homens como quaisquer outros. — Lani revirou os olhos. — Muitas vezes, piores.

Clare suspirou.

— Tudo isso acabou quando ela se casou com Rewel. Eu me lembro do casamento dela; a crueldade do conde deve ter começado cedo, porque o sorriso dela era falso já no primeiro dia. — Clare voltou os olhos suplicantes para Sage. — Tenho certeza de que minha irmã não tinha a intenção de menosprezar você. Não seja muito dura com ela.

— É claro que não — Sage prometeu. Ela evitou o olhar crítico de Lani, sabendo que a princesa estava indignada por Sage ter permitido que Sophia a destratasse. Ainda era difícil para Sage se ver como uma pessoa importante.

No entanto, se ela achava difícil exigir o devido respeito mesmo de uma pessoa tão gentil e tímida quanto Sophia, aquilo não era um bom sinal para as negociações que estavam por vir.

NATURALMENTE, NÃO HAVIA JEITO FÁCIL de corrigir sua anfitriã. Quando a condessa Sophia se dirigiu a ela como “senhorita” no jantar daquela noite, Sage não contestou, nem mesmo quando Lani a beliscou por baixo da mesa e fez uma careta. Na segunda vez, Sage limpou a garganta assim que viu a mão da princesa se aproximar da perna dela.

Sophia parou no meio da frase, um brevíssimo traço de impaciência perpassando seu rosto.

— Pois não?

— É só que... hum — Sage murmurou, depois falou mais alto ao sentir os dedos de Lani na perna de sua calça. — Gostaria que se referisse a mim pelo título. Por favor.

A condessa olhou para Clare.

— O que ela quer dizer?

Clare pressionou os lábios antes de responder.

— Sage é uma embaixadora, Sophia. Deve chamá-la assim. Não... — Ela parou de falar, constrangida.

— Entendi. — Sophia voltou os olhos para Sage. — Não sabia que vocês duas tinham sido nomeadas.

Sage teria ficado feliz em deixar as coisas daquele jeito, mas Clare respondeu, com as bochechas vermelhas de vergonha.

— Sage é a única embaixadora. Sou a acompanhante dela.

— Uma acompanhante valiosíssima — Sage declarou rapidamente.

A condessa arqueou a sobrancelha.

— Parece que entendi mal a situação. Você deve admitir que é inusitado, considerando a posição de Clare.

Sage teria se contorcido de constrangimento se as unhas pintadas de Lani não estivessem prontas para se cravar em sua perna.

— Toda essa situação é inusitada, creio.

Sophia abaixou a cabeça.

— Por favor, aceite minhas sinceras desculpas, embaixadora — ela disse, tensa.

— É um erro fácil de cometer — respondeu Sage. Estava ansiosa para seguir em frente, e quando a conversa passou para o que havia acontecido durante a escolta do Concordium teve o maior prazer em discorrer a respeito daquilo.

— Sei muito pouco sobre o ocorrido — disse a condessa. A filha tinha sido trazida no meio da refeição, e estava aninhada em seu colo enquanto Sophia acariciava seu cabelo. — Meu marido estava cheio de segredos, escondendo hóspedes de mim, nunca explicando por que carregamentos de armas e alimentos iam e vinham.

— As provisões eram para o exército que o conde e o duque Morrow D'Amiran estavam montando — explicou Sage. — Grande parte era fornecida pelos dotes de vários nobres de Tasmét, através de uniões feitas em sigilo, sem casamenteiras. Minha antiga empregadora, a srta. Rodelle, os notou, mas só percebemos que era parte de um plano maior quando já estava quase completo.

— Você percebeu — murmurou Clare.

— Só porque eu cuidava dos livros para ela — disse Sage. — Com todas as informações em um só lugar, ficou óbvio.

Sophia a observou sem piscar.

— O que a fez decidir virar aprendiz da casamenteira? Foi a esperança de conseguir um casamento melhor do que seu nome teria conseguido?

Lani fez uma careta ao ouvir aquilo, mas Sage não se ofendeu.

— Muitos pensam isso — ela admitiu. — Mas a verdade é que minha entrevista correu muito mal, e a srta. Rodelle não achou que poderia encontrar alguém para se casar comigo.

— Correu mal? — Sophia inclinou a cabeça como Clare fazia quando estava confusa. — Perdoe-me, mas você não me parece uma pessoa que não consiga se lembrar das respostas adequadas.

O rosto de Sage ficou vermelho ao se lembrar de como a casamenteira a havia feito ter um chique.

— Tenho um temperamento ruim — ela disse apenas, e Lani bufou.
— Mas ela achou que eu poderia ser útil — continuou Sage. — Eu poderia voltar para a casa do meu tio ou poderia trabalhar para ela e talvez ser livre algum dia. Era a melhor opção que tinha na época.

As palavras da srta. Rodelle naquela manhã surgiram de repente na memória dela: “Um dos jeitos mais simples de conseguir o resultado desejável é criar uma falsa escolha”. Na época, Sage havia pensando que ela estava se referindo à tática de fazer os homens escolherem a esposa que ela queria para eles usando Sage como uma alternativa menos atraente; agora, porém, estava claro que Darnessa havia usado a mesma manipulação para fazer com que ela aceitasse a aprendizagem. Sage havia acreditado não ter nenhum outro lugar para ir, e seu tio temera que ela fosse responsabilidade sua para sempre. No entanto, a casamenteira não queria apenas a ajuda de Sage. Sempre tivera a intenção de ajudá-la a encontrar seu caminho — com ou sem um casamento.

Sage de repente sentiu uma saudade dolorida de Darnessa. Ela saberia o que pensar daquela confusão com Alex. Havia entendido os dois melhor do que eles próprios se entendiam. Parecia impossível que pudesse ter cometido um erro ao uni-los, mas, desde então, haviam acontecido várias coisas que ela não teria como prever.

— E agora você está noiva do sobrinho do rei — disse Sophia, admirada.

— Do sobrinho do primeiro casamento de sua majestade — Sage disse, sentindo o mesmo incômodo que Alex sentia diante do respeito imerecido. O fato de que a tia dele havia sido a primeira esposa do rei Raymond o elevava aos olhos dos outros, embora ela tivesse falecido antes que ele tivesse a chance de conhecê-la. — Ele é um soldado, nada mais.

— E filho do general comandante. Isso não é pouca coisa.

Sage franziu a testa. Sophia não sabia nada sobre Alex, mas tendia a respeitar imediatamente coisas sobre as quais ele não tinha controle.

— Ele é Alex. É tudo o que importa.

A condessa beijou o topo da cabeça da filha e apoiou a bochecha nos cachos castanhos.

— Todos nos tornamos o que nascemos para ser, embaixadora.

— Meu pai sempre disse que o berço era uma maldição que ninguém percebe que tem o poder de quebrar — respondeu Sage.

— Estranho ele dizer isso, considerando o nome que deu a você. — Sophia notou o olhar horrorizado que Clare lançou para ela e se empertigou. — Sem querer ofender — ela disse rapidamente. — Só acho curioso que ele tenha carregado você das suposições que as pessoas fariam com base em seu nome.

Com a exceção de Rose, que era usado apenas para princesas, nomes botânicos costumavam ser reservados a filhos ilegítimos. Os pais de Sage, cujo nome se referia a sálvia, tinham sido casados, mas o nome carregava um sentido especial para eles, e seu pai sempre tinha orgulho em zombar das convenções. Ela deu de ombros.

— Talvez ele quisesse que eu entendesse por que fazer suposições era errado. — O olhar de Clare se voltou para Sage, e ela percebeu que havia atacado de volta.

— Querem saber o que meu pai me falava? — perguntou Lani. Ela esperou até todas se voltarem para ela. — Sempre coma a sobremesa. Vai demorar para chegar?

Enquanto Sophia fazia sinal para o criado levar os pratos, Lani encarou Sage nos olhos e piscou. Sage respondeu com um sorriso, mais grata do que nunca por ter a princesa com ela. Clare apenas franziu a testa.

AS INTERAÇÕES DE SAGE COM SOPHIA ficaram um pouco mais relaxadas ao longo dos dias seguintes, mas ainda era difícil obter quaisquer informações que pudessem ser úteis para as conversas de paz. A condessa parecia contente em deixar que os outros tomassem as decisões por ela, e o general Quinn não a mantinha informada de suas ações em Tasmét, o que surpreendeu Sage. Ela teria de pedir para Alex conversar com o pai sobre a questão. Na verdade, a própria Sage faria aquilo, afinal, diplomacia era seu trabalho.

Não era típico do general deixar alguém na posição de Sophia às escuras, considerando o quanto ele contava para a própria esposa. Talvez as informações fossem delicadas demais para ser reveladas, uma ideia que só deixou Sage mais apreensiva quanto a onde estava se metendo. Apesar da presença do príncipe Robert e vários outros, o rei Raymond havia depositado muita confiança nela. E se a rainha kimisara percebesse o motivo por que Sage estava lá e se recusasse a falar com ela? E se tudo não passasse de uma armadilha?

Clare estava encantada com a sobrinha e a enchia de atenções. Era inspirador ver a alegria dela. No entanto, aquilo fez outra preocupação surgir na mente de Sage. Em Tennenhol, a ideia das negociações e suas consequências pareciam importantes, mas longínquas. Ver Clare e a irmã com Aurelia tornava a ideia de fracasso ainda mais terrível. Embora estivessem relativamente seguras e felizes agora, o futuro da condessa e de sua filha estava em jogo.

Talvez aquele fosse o verdadeiro motivo da frieza de Sophia em relação a Sage. Desde aquela primeira noite, a condessa havia evitado a maioria das tentativas da embaixadora de bajulá-la e ganhar sua confiança. Permanecia fora do seu alcance, como uma fruta irresistível

em um galho alto.

No último dia, Sage estava sentada na torre de vigia ao amanhecer, sem ter conseguido dormir, permitindo se sentir solitária e triste sem Alex ao recordar uma manhã muito parecida com aquela em que haviam se encontrado em Tegann. Fora o dia em que ele a havia beijado — primeiro por necessidade, fingindo ser um casal escondido em um armário quando sua espionagem estava prestes a ser descoberta, depois porque era o que ele queria.

Quando os dois estivessem juntos de novo em Cabeça de Flecha, Sage desconfiava que Alex ia mantê-la à distância, ao menos quando os outros estivessem por perto. Seria tanto pela imagem profissional dela quanto pela dele. Como ele agiria em particular já não podia saber, principalmente depois daquela noite terrível.

O barulho suave de tecido arrastando no piso de madeira atrás dela fez Sage olhar por cima do ombro. Sophia estava lá, usando um manto brocado azul-escuro, que parecia uma cauda real.

— Estou incomodando a embaixadora? — ela perguntou em voz baixa.

— Não, milady — Sage disse, baixando o pé que tinha apoiado na parede. *Isso não é postura de uma dama*, Darnessa teria dito em repreensão. Alertas internos parecidos haviam atormentado Sage durante toda a semana na presença refinada de Sophia.

— Odeio isso — Sophia disse com um rancor repentino. — Ser chamada de “milady” quando na verdade deveria ser chamada de “vossa graça”.

Sage levou alguns segundos para entender do que a condessa estava falando. Tecnicamente, com a morte de Morrow D’Amiran, seu marido, Rewel, havia herdado o título de duque, o que a tornava a duquesa de Tasmet. A distinção do pronome mais elevado parecia bobagem para Sage, mas era provável que fosse uma das poucas coisas que Sophia tinha para se apegar enquanto esperava a justiça ser feita contra o marido, que a havia abandonado e traído Demora.

— Se desejar, posso chamá-la assim, vossa graça — Sage ofereceu.

Sophia pareceu um pouco cheia de si, ou talvez estivesse apenas satisfeita. Era difícil saber.

— Eu queria fazer uma pergunta e pedir um favor.

— Tudo que eu puder responder e fazer, vossa graça.

— O que o rei pretende fazer com minha filha?

— Hum. — Sage hesitou, censurando-se mentalmente pelo ruído desajeitado. — Não sei ao certo se ele já tem algum plano, vossa graça. — Toda vez que ela usava o título, Sophia parecia claramente satisfeita. Se Sage soubesse que aquilo poderia tê-la conquistado, talvez a condessa, ou duquesa, tivesse sido mais simpática desde o começo.

— Quando Rewel morrer ou for executado, Aurelia vai se tornar a herdeira de Tasmet, não? — Os pontos dourados nos olhos de Sophia endureceram.

Aquilo era algo que Sage não tinha como garantir.

— Até onde sei — ela respondeu.

— O rei vai mandar alguém para assumir a guarda? Para se casar comigo?

As perguntas provavelmente se baseavam no quanto Sophia pensava que Sage sabia sobre o ofício das casamenteiras, mas seus instintos lhe diziam que a resposta era provavelmente sim, especialmente se as negociações fracassassem e a província voltasse a ser ameaçada. A fortaleza Jovan teria uma importância estratégica maior do que nunca, uma vez que era o portão de entrada para o leste de Demora. Se Sage tivesse sucesso, porém, e conquistasse certo grau de paz para a região, era possível que Sophia escapasse daquele tipo de acordo.

— Ele pode não achar necessário caso vossa graça se mostre capaz de cuidar da província sozinha.

Sophia franziu a testa, insegura. Apertou ainda mais o manto pesado em volta do corpo e expirou devagar pelo nariz, o ar condensando em volta do rosto e obscurecendo seus olhos por um momento.

— Talvez eu conseguisse, se não fosse por aqueles que ainda são leais à família do meu marido.

Ela se referia aos vassalos que haviam se rebelado dois anos antes. Muitos haviam sido presos, mas um grande número alegara desconhecer o plano do duque. Na realidade, apenas os nobres

inferiores e menos poderosos que D'Amiran haviam sido obrigados a assinar um documento que os ligava à causa dele. Seus aliados mais poderosos ainda estavam à solta, mas não havia evidências sólidas para prendê-los no momento.

— Mas, se eles são leais, como podem atrapalhar você? — Sage perguntou.

— A lealdade deles a mim é mínima — disse Sophia. — É Aurelia que eles querem. Quem a controlar controla a província.

Não havia muito a controlar. A população era escassa e a terra era de difícil cultivo. No entanto, homens haviam lutado e morrido por muito menos, Sage pensou.

— Quem está lhe causando problemas, vossa graça? — ela perguntou.

Sophia baixou e desviou o olhar.

— Barão Underwood. Lord Fashell.

Sage conhecia os dois. Lord Fashell tinha fornecido ao duque a maior parte de seus estoques de materiais, mas como a lei poderia culpar um homem por fornecer o que seu suserano lhe pedira? Quanto ao barão Underwood, sua casa ficava no cruzamento das estradas Setentrional e Tegann, um centro importante de comércio. Sua lealdade a Morrow D'Amiran era conhecida, mas, também em seu caso, nada que ele havia feito configurava uma traição evidente.

Como um dos nobres de mais alto nível de Tasmety, o barão Underwood estaria nas negociações com Kimisara. Se Sophia estava dizendo que a lealdade dele era com a causa de Rewel, todas as suas atitudes seriam suspeitas.

— O que eles fazem? — Sage perguntou.

— Mandam espiões — disse Sophia. — Mensageiros constantes que ficam mais do que deveriam. Oferecem proteção. Então enviam tropas para patrulhar a região sem meu consentimento, e esperam que eu garanta a subsistência deles.

Preocupante.

— Acha que pretendem tirar Aurelia de vossa graça?

Sophia mordeu o lábio.

— Acredita que tentariam algo assim? — Ela parecia apavorada.

Sage queria dizer não, mas não seria verdade.

— Não sei. Vossa graça escreveu ao general Quinn sobre seus receios? Há menos soldados aqui do que eu esperava. Talvez ele possa enviar mais.

— Ele está mais preocupado com as negociações em Cabeça de Flecha, convencido de que a ameaça vem dos kimisaros.

Sage refletiu minuciosamente. Apelar ao rei poderia fazer a duquesa parecer fraca, talvez o levando a crer que ela precisava de um guardião. Sophia perderia toda a autonomia. Sage poderia conversar com o general, mas tinha pouco conhecimento militar, portanto suas alegações poderiam ser desconsideradas, como as de Sophia. Ela sorriu de repente.

— Ainda falta algum tempo, mas Ash Carter passará por aqui no fim do mês a caminho das negociações. Pode expressar seus receios para ele, que investigará. Tenho certeza de que o general Quinn dará ouvidos a ele.

Sophia franziu a testa.

— O príncipe bastardo é de confiança?

— Ele é muito respeitado tanto no exército como no conselho — Sage disse, estremecendo. A origem de Ash não era culpa dele, e em quase todos os aspectos era compreensível que, abalado pelo luto, o rei tivesse buscado consolo em alguém após a morte de sua primeira esposa. Mas a aversão de Sophia também era compreensível, pois seu marido era conhecido por ter diversas amantes. Nenhum filho nascera daquelas relações, felizmente.

A duquesa assentiu, embora suas palavras soassem um pouco amargas quando ela disse:

— Vou seguir seu conselho.

Sage sorriu. Era um avanço.

— Fico muito grata por poder oferecê-lo, vossa graça. Não havia também um favor que gostaria de me pedir?

— É sobre Clare.

— Então será feito com todo o prazer.

Um lampejo do que parecia ciúme iluminou os olhos de Sophia, mas logo desapareceu.

— Você está levando minha irmã para uma situação perigosa — Sophia disse. — Pelo que ela me conta, não é a primeira vez.

— Eu nunca obrigaria Clare a nada — Sage insistiu. — Se ela desejar ficar com vossa graça, vou respeitar isso. — Um buraco se formou no peito de Sage com a ideia. Como faria sem sua melhor amiga?

— Clare não vai ficar, embora eu tenha pedido. — As palavras de Sophia eram curtas, tensas. — O apego dela a você é forte demais.

— Acho que é uma devoção ao dever mais do que qualquer coisa, vossa graça — Sage disse, tentando não demonstrar seu alívio e triunfo. — E ela foi treinada para isso. Fico grata por contar com sua instrução.

— Então deve me prometer que vai fazer seu máximo para protegê-la. Além de Aurelia, ela é tudo que eu tenho. — Sophia olhou no fundo dos olhos da outra.

Sage já fazia aquilo havia anos, desde aquela primeira noite em que Clare havia desatado a chorar a caminho do Concordium. Ela colocou a mão sobre o coração.

— Juro que darei minha vida por ela se for preciso. Pode me cobrar por essa promessa.

Sophia assentiu, os olhos duros e brilhantes como bronze.

— E cobrarei.

QUANDO FINALMENTE ESTAVA NO ACAMPAMENTO principal do exército, Alex ficou aliviado por chegar antes de Sage. Deu as instruções para que tudo fosse preparado para ela e deixou Casseck no comando enquanto ia fazer seu relatório para o general comandante, seu pai.

Alex entrou de cabeça erguida no mar de tendas do exército, tentando exalar uma confiança que não sentia. Olhares o seguiam a cada passo. Alguns eram hostis, mas a maioria dos soldados fingia desinteresse até ele passar. Então vinham as zombarias baixinho.

— Lá vai o bichinho de estimação do tio Raymond.

Alex manteve o olhar fixo à frente. Era mais ou menos o que os membros do conselho haviam dito, mas as palavras desdenhosas de uma pessoa que provavelmente havia servido ao seu lado machucavam mais. Ele continuou em frente como se não tivesse ouvido, na esperança de que a barba aparada rente a seu rosto cobrisse seu maxilar cerrado. A tensão crescia a cada passo enquanto esperava o próximo insulto, mas havia apenas silêncio agora. Foi quase um alívio quando Alex cruzou com o recém-promovido major Larsen, que tinha uma patente alta o bastante para dizer o que pensava na cara dele.

— Ora, ora, se não é o Bolotinha do general — disse Larsen, com um sorriso sarcástico, estendendo a mão para denotar que estava provocando Alex apenas de brincadeira.

Era uma referência às folhas de carvalho prateadas que Alex usava na gola, sinal de sua patente. A maioria de seus colegas só chegava a capitão. Ele rangeu os dentes e apertou a mão do oficial de cavalaria. Larsen a segurou por mais tempo do que a cortesia ditava, impedindo Alex de seguir em frente.

— Faz um ano que não o vejo, jovem Quinn. — A voz de Larsen ressoou no silêncio. — Finalmente disposto a voltar ao trabalho?

A maioria dos soldados sabia apenas que Alex estava em uma missão de treinamento, sem desconfiar que, naquele período, ele havia atravessado centenas de quilômetros de deserto e enterrado uma dezena de homens sob seu comando, incluindo um amigo próximo. Talvez tivessem ouvido falar da Batalha do Vidro Negro, mas Alex não tinha como culpá-los por pensarem que sua magnitude havia sido exagerada — a ideia de derreter um vale inteiro soava ridícula a quem não estivera lá para ver com seus próprios olhos. Retrucar só daria peso aos insultos de Larsen e mostraria a todos como irritá-lo. Então ele respondeu à pressão esmagadora do major em sua mão, mostrando os dentes no que ninguém chamaria de sorriso.

— Claro. A comida do palácio é gordurosa demais.

A julgar por sua expressão confusa, Larsen não esperava que Alex fosse concordar, mas ele não estava no clima daqueles joguinhos. Retribuiu o aperto até Larsen se crispar. O sorriso de Alex se tornou mais sincero quando virou a mão de Larsen e a soltou, colocando logo em seguida um pedaço de metal na palma da mão do major.

— Por ser o primeiro a receber os norsaris de volta — ele disse.

Norsaris. A palavra ecoou pelo pequeno círculo que havia se reunido em volta deles. Chegaria a todo o acampamento antes do pôr do sol.

Larsen ergueu a moeda para olhar, segurando-a com a ponta dos dedos. Como as várias guildas profissionais, cada batalhão do exército tinha a sua. Quando estavam de licença, soldados que se encontravam podiam desafiar um ao outro sacando suas moedas. Quem não estivesse com a sua — ou tivesse a mais manchada — normalmente tinha de pagar uma rodada para todos no bar. A maioria era feita de prata ou bronze, mas não havia nenhum brilho na que estava na mão de Larsen, apenas o relevo cinza opaco de uma ave de rapina como a tatuada no ombro de Alex. O outro lado não tinha nada.

— É aço de pederneira — disse Alex, apontando para ela. — Queria algo que fosse útil.

O major Larsen ficou encarando o medalhão.

— Você andou ocupado.

— Um pouco. — Alex deu de ombros com modéstia. — Deveria participar dos nossos exercícios matinais — ele disse. — Quem conseguir acompanhar nosso ritmo é convidado a pedir transferência. — Alex deu um passo para trás. Começava a gostar da cara de espanto de Larsen, mas no momento menos era mais. — Se me dá licença, preciso fazer meu relatório. — Ele deu as costas para o oficial de cavalaria e saiu andando, obrigando alguns curiosos a saírem de seu caminho.

Continuariam falando, mas ele tinha assumido parte do controle. Se tivesse sorte, o assombro pelo retorno dos norsaris ia se espalhar mais rápido do que o desdém pela promoção dele.

Uma dupla de sentinelas à frente da tenda do general Quinn assumiu posição quando ele se aproximou, indicando que podia entrar. Alex respondeu à continência e seguiu para dentro, mantendo a mão erguida para saudar o pai, que estava sentado a uma mesa coberta de mapas e despachos. Perto dele estava o coronel Traysden, o ministro da Inteligência, que estivera ausente em Tennegol, e, atrás dele, o oficial do estado-maior, Murray, que agora usava a insígnia de tenente-coronel — outra promoção que ressaltava quanto tempo Alex tinha ficado longe.

O general bateu continência sem sair da cadeira.

— Ah, é bom ver você de novo, major. — Ele parecia sinceramente feliz.

Alex baixou a mão depois de o general Quinn tê-la baixado.

— É bom estar de volta, senhor.

Seu pai se levantou e deu a volta pela mesa para recebê-lo.

— Chega disso por um minuto. — O general estendeu a mão, que Alex pegou por reflexo, mas acabou sendo puxado em um abraço. — Senti sua falta, filho.

Não foi apenas o contraste com o cumprimento do major Larsen que pegou Alex de surpresa. Ele não conseguia se lembrar da última vez que seu pai o havia abraçado, e definitivamente não tinha sido na frente de seus oficiais. Mas os dois não se viam desde as ordens sigilosas de Alex se reportar a Tennegol um ano e meio antes. Ele lançou um olhar para Traysden e Murray, que não pareciam

constrangidos por presenciar a demonstração de afeto de um pai. Sem jeito, retribuiu o abraço.

— E eu a sua.

Os olhos do general Quinn estavam um pouco úmidos quando ele voltou para a mesa, afagando a barba cor de ferro, um tom mais claro do que Alex se lembrava.

— A embaixadora chegará em dois dias — seu pai disse. — Alguns dos kimisaros já chegaram, mas estão vindo em grupos pequenos, nos obrigando a dividir a escolta ao longo da fronteira. O que é bastante frustrante.

— Tendo a pensar que isso indica que existe pouca união entre os brazapilla, e não um desejo de nos atrapalhar — disse Traysden, referindo-se aos nobres kimisaros. Ele coçou os fios ralos de sua cabeça raspada. — Mas essa possibilidade tampouco é promissora para as negociações.

— Não que eu estivesse terrivelmente otimista — disse o general, voltando a se sentar na cadeira. — Antes de discutirmos questões oficiais, tem alguma notícia da família?

— Ah, sim. — Alex revirou os bolsos em busca do pacote de cartas pessoais. Seu pai se correspondia regularmente com todas as seis filhas, dando seu melhor para se manter envolvido na vida delas, mesmo que à distância. Alex ofereceu o pacote de cartas para ele. — Minha mãe quer sua permissão para deixar que uma das meninas acompanhe a princesa Rose quando ela for a Casmun no verão. Não sei os detalhes, na verdade.

O general bufou.

— Os casmunis não perderam tempo, hein? — Ele pegou a pilha e usou a adaga para cortar o barbante que prendia as cartas, rompendo imediatamente o selo da mais grossa. O fato de ler mensagens pessoais na frente dos outros era surpreendente, mas havia algo de humano na ansiedade por ter notícias da esposa. Ela costumava ficar com ele no campo por semanas a fio, junto com o jovem Alex e suas irmãs, e muitas vezes voltava com outro bebê. Mas o vinha visitando com cada vez menos frequência, tanto pelo aumento do perigo na região como para focar nas filhas que viriam a se casar, e graças a Serena agora

tinha um neto também.

Uma moeda de ouro deslizou da carta para a mão do general. Por um momento, ele a ficou encarando, depois ergueu os olhos para Alex.

— Você não se casou com ela.

O coronel Traysden franziu um pouco a testa, com os olhos ferrenhos estreitados.

— Eu, hum, não. Não casei — disse Alex.

— Soube da mudança no artigo vinte e nove, não? — seu pai perguntou.

— Sim — Alex respondeu. — Mas achei que seria prudente esperar.

O general torceu a boca.

— Por quê?

— Sei que a mudança se aplica apenas a mim, e que dificilmente virá a se aplicar a outra pessoa. Não quero ser visto como uma exceção a regras estabelecidas há muito tempo.

Os cantos dos olhos de seu pai se enrugaram com bom humor.

— Entendi. — Ele olhou para o coronel Traysden. — Pode pagar, Kristor.

O coronel Traysden fez uma careta e revirou o bolso, depois jogou uma moeda de ouro para o general.

— Quem diria, Penn? Você o conhece mesmo.

— É claro que conheço. — O general Quinn deixou a moeda na mesa em cima daquela que veio na carta da esposa. — É meu filho.

Eles tinham apostado se Alex ia se casar com Sage ou não. Aparentemente, sua mãe e o ministro da Inteligência haviam acreditado que ele aproveitaria a mudança, mas seu pai não. Um rubor subiu pelo pescoço de Alex. Se o general tinha achado que não adiantaria, por que autorizara a mudança no artigo vinte e nove?

— Bom, isso complica um pouco as coisas — resmungou Traysden.

— Não muito — disse o pai de Alex. — Ela já está vindo para as negociações, e o dever dele o obriga a ficar perto dela.

— O quê? — Alex exclamou.

Seu pai voltou o olhar para ele.

— O plano era usar sua proximidade com a embaixadora Fowler para facilitar a passagem de informações. Ela poderia agir ao mesmo

tempo como observadora e mensageira, reportando-se para o rei quanto a questões delicadas demais para colocar em missivas.

— E eu estraguei isso ao não me casar com ela?

Traysden balançou a cabeça.

— O general está certo. Sugerimos a mudança nas regras antes de saber que o rei ia mandá-la em uma missão oficial. Não precisamos mais de uma desculpa para a presença dela.

— Mesmo com uma posição visível como a que ela tem agora — o general Quinn disse —, você ficaria surpreso com a pouca atenção que uma mulher recebe, ainda mais quando está do lado do homem que todos imaginam ser a ameaça.

Alex se sentiu zozzo.

— Minha mãe sabia que esse era seu objetivo ao modificar o regulamento? Basicamente transformando a nora numa espiã? — Talvez fosse o motivo pelo qual ela não havia tentado fazer com que ele mudasse de ideia quando soubera da recusa de Alex.

— Lady Quinn? — O coronel Traysden abriu um sorriso irônico. — Quem acha que cumpriu esse papel nos últimos vinte anos?

Alex ficou encarando os dois. Uma centena de memórias um tanto estranhas de sua infância de repente fizeram sentido. Sua mãe havia levado pessoalmente o irmão de Alex, Charlie, para o acampamento do exército a fim de começar seu treinamento de pajem três anos antes. Fora quando o general Quinn começara a desconfiar das atividades da família D'Amiran, tanto que encarregara Alex de fazer a escolta do Concordium com o objetivo secundário de espionar o duque enquanto passavam por Tegann. Seu pai nunca havia dado o nome de sua fonte, mas agora era óbvio quem tinha dado o alerta.

Sua mãe.

A JORNADA DE JOVAN PARA CABEÇA DE FLECHA tinha aberto seus olhos, para dizer o mínimo. Tendo viajado pela estrada de Tegann com Darnessa e as noivas do Concordium, Sage achava que conhecia Tasmét, e que não era muito diferente de Crescera. O principal contraste haviam sido as casas um pouco mais defensáveis do que aquelas na província agrícola pacata onde ela crescera, mas os costumes e as condições de vida pareciam os mesmos.

O sul de Tasmét era incrivelmente diferente.

Por mais de cinquenta anos, os reis de Kimisara — até o último, Ragat, morto pouco antes — haviam incentivado seu povo a realizar ataques no território que ainda considerava seu. Como resultado, a população local vivia com medo, escondendo-se atrás de fortificações. Em quase duas gerações, poucos campos novos tinham sido lavrados para o cultivo, e nenhum moinho ou fundição de qualquer tamanho fora construído. A prosperidade só tornava as pessoas um alvo, tanto para os saqueadores como para os impostos da família D'Amiran. Em todo lugar por onde Sage, Clare e Lani passavam, plebeus e nobres imploravam para saber o que as negociações significavam. Boatos sobre a fraqueza de Demora — que eram baseados na realidade — tinham levado muitos a crer que o rei Raymond havia decidido que não valia a pena manter Tasmét. Muitos falavam em fugir pelo desfiladeiro Jovan para o vale do Tenne, o que Sage sabia que poderia ser desastroso para o estado atual dos recursos limitados de Demora. Todo o país estava prestes a quebrar.

Aceitar o trabalho tinha sido fácil em Tennegol, onde a confiança da família real e a promessa de glória deixaram suas dúvidas de lado. Agora, confrontada pela realidade do que estava em jogo, Sage

percebia que era demais para ela.

A cada quilômetro que percorriam, seus nervos ficavam mais tensos. Quando a caravana casmuni foi recebida por sentinelas perto de Cabeça de Flecha, Sage se sentia tão frágil quanto uma folha presa a um galho nos últimos dias tempestuosos de outono. A única coisa que a mantinha firme era a confiança que Clare e Lani depositavam nela.

Então Sage reconheceu Alex cavalcando na direção delas, e foi como se um vento frio soprasse sua forma frágil para fora do galho de uma vez. Ele estava vindo para ficar ao lado dela, mas não da maneira que mais importava. Não da maneira como ela precisava dele.

Lani e Clare observaram com cautela enquanto Alex se aproximava. Na manhã seguinte àquela noite terrível, ele tinha ido vê-la partir, e as duas amigas haviam presenciado a despedida desconcertante sem entender o que havia acontecido para piorar as coisas. Elas não tinham insistido em detalhes, e Sage ficara grata por aquilo.

Alex freou sua égua marrom e fez uma reverência.

— *Palachessa*, embaixadora, milady. Bem-vindas ao acampamento principal do Exército Ocidental — ele disse formalmente. — Está tudo preparado para recebê-las. — Alex ergueu a cabeça e se concentrou diretamente em Sage, tentando encará-la nos olhos.

Ela desviou o olhar.

Lani tirou o cachecol do pescoço.

— Os kimisaros já chegaram, *maizschur*? — perguntou em demorano, com um forte sotaque.

— Alguns, *palachessa* — Alex respondeu. — O restante deve chegar amanhã. Já preparamos suas acomodações no lado nordeste do acampamento. Os kimisaros ficarão no oeste. — Por mais que demoranos e kimisaros se odiassem, a animosidade era ainda pior entre kimisaros e casmunis. O general devia ter julgado melhor mantê-los separados.

— Como foi sua jornada? — Alex perguntou enquanto fazia seu cavalo dar meia-volta para guiá-las. Sage voltou a olhar para a frente, mas não para ele.

— Longa e fria — Lani disse, esporando seu garanhão adiante. — Estou pronta para uma bebida quente. — Ela lançou um olhar

deliberado para a paisagem erma de pedras e arbustos, com uma ou outra árvore contumaz. — É essa a terra pela qual vocês têm lutado? Não parece ter muito valor.

Alex não mordeu a isca da princesa, e eles cavalgaram em silêncio até Casseck os receber no perímetro do acampamento. Lani ajeitou a postura e sorriu, distraindo Sage por um momento, quando notou certo grau de insegurança e confusão nos maneirismos da princesa. A aparente indiferença de Cass aos flertes dela provavelmente não eram algo com que Lani estivesse acostumada.

— Embaixadora?

Sage olhou para Alex por reflexo, então percebeu que não tinha como desviar o rosto. O maxilar e a pele em volta de seus olhos estavam tensos, mas, quando seu olhar encontrou o dele, o rosto de Alex se suavizou no mesmo instante, indicando a Sage que aquela tensão tinha pouco a ver com ela. Parte de Sage queria fazer o possível para reconfortá-lo, até se lembrar de que o consolo dela era a última coisa que ele queria, ainda mais ali.

Alex inclinou a cabeça na direção do centro do acampamento.

— Se você e Lady Clare me acompanharem, levarei as duas para sua tenda.

Tirando os olhos de Alex, Sage se virou para Clare, que balançou a cabeça e disse que ajudaria Lani a se acomodar primeiro. Ela sorriu encorajadoramente enquanto guiava a montaria para o outro lado.

— Não precisa me esperar acordada.

Não havia nada a fazer além de seguir Alex, o que ela fez em um torpor. Ele a guiou até uma tenda enorme com vários guardas norsaris do lado de fora. Sage desmontou antes que alguém pudesse tentar ajudá-la e entregou as rédeas para o pajem que aguardava. Seus alforjes foram rapidamente pegos por Alex, que fez sinal para que ela entrasse na tenda primeiro. Sage passou por ele, depois parou de repente dentro do abrigo, boquiaberta.

Um círculo de canapés e sofás confortáveis estava posicionado em volta de um fogão de ferro no enorme espaço aberto ao centro. Tapetes com estampas ornamentadas e coloridas cobriam o chão, embora algumas folhas de grama errantes tivessem conseguido brotar

entre eles, buscando em vão a luz do sol cuja falta sentiam. Uma mesa grande ocupava o outro lado da tenda, posicionada com cadeiras de madeira entalhada. Dois quartos em cada ponta estavam divididos por tapeçarias pesadas, abertas para revelar dormitórios separados. Um era duas vezes mais espaçoso e mobiliado do que o outro. Vasos de flores, luzes brilhantes e tapeçarias coloridas estavam espalhados pelo espaço. Era muito mais do que ela teria feito para si mesma.

Lani dizia que decorações deviam mostrar a importância de alguém, mas aquilo colocava Sage em um patamar igual ao do príncipe herdeiro. Talvez ainda mais alto em termos de acomodações, visto que ele também era um soldado, e muito menos propenso a desejar tais confortos em sua tenda. Sage estremeceu, fechando bem os olhos para conter as lágrimas.

Tudo o que ela havia observado no caminho até lá — fazendas incendiadas, cidades em que ninguém confiava em ninguém, gerações inteiras que só conheciam o medo — voltou com tudo à sua mente. O futuro de milhares de cidadãos, a vida de soldados ao redor dela — incluindo a de Alex — dependia das negociações.

Dependia dela.

Sage ficou tremendo, os olhos fechados, até Alex chegar por trás dela. Sentiu a leve pressão da mão dele em sua lombar.

— Você está bem? — ele perguntou em voz baixa.

Sage recuou, virando o rosto para encará-lo, se afastando.

— Não, não estou *bem* — ela retrucou.

Ele ficou parado, segurando a bolsa dela, que estava cheia de livros e documentos que deveria estudar, mas era inútil, porque ela era a pessoa errada para a missão. Ia fracassar, e pessoas sofreriam por sua causa. Pessoas morreriam por sua causa.

Matar pessoas era o talento dela, afinal.

Alex balançou a cabeça.

— Sage, ainda quero me casar com você. É só que... é complicado agora.

Não era o que a deixara abalada, mas era algo em que podia jogar suas emoções no momento, algo a respeito do que podia brigar, ainda que fosse errado botar a culpa em Alex.

— É isso o que sempre fui, não é? — ela disse, ácida. — Uma *complicação*. — A palavra entalou na garganta. Ele a havia chamado daquilo em Tegann, tentando explicar por que havia escondido sua verdadeira identidade por tanto tempo.

Alex se contorceu.

— A melhor complicação. Da qual nunca me arrependi. — Sua boca endureceu um pouco. — E, se lembro bem, me ofereci para desistir de tudo isto por você. — Ele apontou para a patente em sua gola. — Mas você não permitiu.

O ar deixou seus pulmões quando ela percebeu que ele estava certo. Não queria tirar de Alex o futuro pelo qual ele havia lutado tanto, e aquela era a consequência de sua decisão: sempre teria de dividi-lo com o exército, o que significava que havia vezes em que, por mais que precisasse dele, o dever tinha de vir primeiro.

Os ombros de Sage foram descendo conforme seu acesso de raiva se dissipava, permitindo que o peso de sua função ali voltasse a cair com tudo. Ela baixou os olhos.

Alex atravessou o espaço entre os dois em duas passadas, deixou a bolsa no chão e colocou as mãos sobre os ombros dela.

— Sage — ele sussurrou. — Nada mudou. Não de verdade.

Ele estava errado. Tudo havia mudado. Alex não era a mesma pessoa que a havia pedido em casamento sob o salgueiro quase dois anos antes. Ela tampouco era a mesma.

Talvez fosse o verdadeiro problema.

Alex ergueu o queixo dela.

— Eu te amo. Isso não pode ser o suficiente por enquanto?

— Não sei — Sage disse com a voz fraca.

Os olhos dele estavam cheios de compaixão. Pena.

— Acho que você precisa descansar um pouco.

De alguma forma, ela desconfiou que ele sabia que não estava apenas cansada, mas concordou e não resistiu quando Alex a levou à área maior.

— Obrigado por me deixar cuidar de você — ele disse.

Era daquilo que tinha medo? De que ela resistisse a deixar que ele cumprisse seu dever e o fizesse passar por tolo? Sage parou perto da

cama larga e baixa e o encarou.

— Não vou fazer nada para interferir em suas ordens — ela disse. — Sabe disso.

Alex balançou a cabeça.

— Não é disso que estou falando. — Ele ergueu a mão para acariciar a bochecha dela. — Sage, não tem nada mais importante para mim do que você. Queria que um dia me deixasse tratá-la dessa forma.

Ela recuou para fora do alcance dele.

— Que interessante, considerando que... — Sage parou de falar e baixou os olhos. De novo, tinha sido automático botar a culpa em Alex, mas lutar com ele não equivalia a lutar ao lado dele. — Não quero entrar nessa questão agora — ela murmurou.

Alex assentiu e baixou a mão.

— Tenho muitas obrigações, mas você é a mais importante. Por favor, não hesite em me avisar se precisar de alguma coisa. — Sage entendeu que Alex estava dizendo que, se ela pedisse a outra pessoa, aquilo seria ruim para ele. Alex se abaixou para dar um beijo na testa dela. — Eu te amo — sussurrou.

Então ele se foi, fechando as cortinas atrás de si.

Sage não saiu do lugar por alguns segundos antes de desafivelar o cinto da espada e o jogar na cama. Havia apenas uma adaga ali, aquela que Alex havia dado a ela em Tegann, que carregava as iniciais dele. A outra faca que Alex havia dado a Sage no ano anterior — idêntica a não ser pelas letras SF — ela tirou da bota e jogou ao lado. Deveria ter tirado as roupas empoeiradas de cavalaria, mas estava cansada demais para revirar os baús em busca de vestes limpas. Sua única concessão para manter a cama limpa foi se deitar sobre a coberta em vez de embaixo dos lençóis. Pouco antes de fechar os olhos, um aroma de pinheiro com um toque floral chamou sua atenção para o pequeno vaso na mesa, a alguns centímetros.

Flores roxas delicadas se erguiam sobre folhas ovais e grossas.

Sálvia.

Elas não brotavam naquela época do ano, e a vila ou casa mais próxima que teria uma estufa ficava a uns dezesseis quilômetros. Lágrimas brotaram em seus olhos e escorreram por seu cabelo.

Não tem nada mais importante para mim do que você.

Um pedido de desculpas.

Queria que um dia me deixasse tratá-la dessa forma.

Uma súplica.

Eu te amo.

Uma promessa.

Ele queria dizer todas aquelas coisas, mas o autocontrole estava lá.

O muro continuava erguido.

Pior, Sage percebia que agora ela havia construído um à sua volta também.

O CAPITÃO HUZAR SE SENTIA NU sem uma espada ou adaga, mas nenhuma arma era permitida dentro da tenda de negociação nem na área aberta ao redor dela. Provavelmente teria conseguido levar uma sem chamar a atenção de seu acompanhante, um tenente silencioso e grisalho chamado Tanner, mas, se fosse pego, seria, no mínimo, removido das negociações. A rainha já estava correndo riscos demais ao participar; não havia a possibilidade de deixá-la sem sua proteção.

Como as negociações começariam na manhã do dia seguinte, Huzar havia solicitado para inspecionar o local. Porém, a embaixadora demorana havia chegado alguns minutos antes dele, e Huzar teve de esperar sua vez. Ele não se incomodou muito, visto que lhe dava a chance de ver quem estaria do outro lado da mesa. Mas era difícil conter a vontade de andar de um lado para o outro.

A lona que fazia as vezes de porta se abriu, e Huzar descruzou os braços, surpreso. Uma figura pequena e pálida saiu, usando uma túnica refinada longa o bastante para cobrir os joelhos da calça leve. Embora ela não portasse nenhuma arma, havia um cinto de espada de estilo casmuni em sua cintura. As mangas compridas drapejavam até as mãos, então ele não conseguia ver nenhuma queimadura ou cicatriz, mas reconheceu a jovem no mesmo instante.

Ela tinha sobrevivido.

Seus caminhos haviam se cruzado várias vezes nos dois anos anteriores. A primeira tinha sido perto de Tegann, no dia seguinte à ordem para que seus homens abandonassem o duque D'Amiran. Ela havia subido em uma árvore e matado seu falcão de cauda preta com uma pedra habilmente atirada de um estilingue, cortando seu último meio de comunicação com os soldados que ele tinha enviado de volta

a Kimisara. Meses depois, ela havia ajudado o jovem príncipe demorano a escapar da tentativa de Huzar de tomá-lo como refém, derrotando três de seus homens, que perseguiam a dupla. Mais tarde, no desfiladeiro do sul, ele a tinha visto lançar a terrível arma de fogo casmuni, que acabara a atingindo em sua fúria. Huzar a tinha perseguido pelo cânion, mas Quinn chegara lá primeiro. Quando ele buscara Quinn no dia seguinte, fora tanto para descobrir sobre o destino dela como para pedir a devolução dos prisioneiros kimisaros. Na época, ninguém sabia ao certo se ela ia sobreviver.

Mas era ela ali, viva, se afastando da tenda da reunião. Menos de dois passos atrás estava Quinn, usando os mesmos tons de marrom e verde de seu acompanhante, em vez do uniforme preto de cavalaria que Huzar tinha visto antes. Os norsaris haviam adotado um uniforme mais apropriado para a camuflagem e seus objetivos furtivos. E mortais.

Quinn olhou na direção dele, com um lampejo de reconhecimento no rosto ao encontrar os olhos de Huzar. Embora o demorano não diminuísse o passo, ele ergueu uma mão, pronto para empurrar a jovem para a segurança se necessário, mas ela continuou se afastando. Huzar quase sorriu. Era exatamente como ele teria reagido se Zoraya estivesse lá.

O tenente Tanner falou pela primeira vez:

— É ela — ele disse, apontando para a mulher que desaparecia dentro do acampamento demorano. — A embaixadora Sage Fowler negociará com a rainha junto com o príncipe Robert.

Sage Fowler. Huzar finalmente descobrira o nome dela.

Não tinha um título nobre, mas ele ficaria surpreso se descobrisse que nascera em berço de ouro. Huzar tinha passado tempo suficiente em Demora para saber que apenas uma bastarda ou uma camponesa teria um nome daqueles. Talvez fosse um teste, para ver se os kimisaros considerariam a indicação dela um insulto. Talvez fosse um insulto, mas ele duvidava.

Então por que ela?

Huzar tinha visto Zoraya com dificuldades para se manter informada enquanto os ministros do conselho a ignoravam por ser

mulher. De fora, era fácil supor que Sage Fowler estava lá para ocupar ou entreter a rainha kimisara enquanto as verdadeiras conversas aconteciam entre os homens. Mas, se aquela realmente fosse a intenção, uma nobre seria uma escolha mais lógica.

O rei demorano devia saber o que Sage Fowler tinha feito a serviço da nação. Ela havia trabalhado como agente em Tegann, salvado a vida do filho dele e impedido uma invasão com suas próprias mãos. Seria um desperdício usar uma pessoa de tamanho valor como uma simples distração.

Em meio a todos os pensamentos, Huzar manteve uma expressão neutra no rosto. Depois que a embaixadora estava longe, o tenente Tanner indicou que ele poderia seguir para a tenda. O lado de dentro era como ele esperava — sem nenhum lugar para armas escondidas, com móveis e decorações esparsos, mas confortáveis. Mapas estavam pendurados em lugares proeminentes, e havia tinta, penas e pergaminhos brancos para todos os assentos à mesa longa. Huzar assentiu depois de terminar sua inspeção e deixou que seu acompanhante o levasse de volta ao acampamento.

Na tenda dela, a rainha estava sentada em uma cadeira de encosto alto no vértice de uma mesa em forma de V. O formato frustrou os ministros, que não conseguiriam se consultar sem falar alto o bastante para Zoraya ouvir. O brazapil Donala, como sempre, tinha assumido um lugar à direita da rainha, de frente para o ministro da Guerra, o general Oshan, também como sempre. Os dois se espreitavam como gatos selvagens — supostamente preguiçosos, mas prontos para dar o bote. Huzar foi diretamente para a área aberta no meio e fez uma grande reverência.

— Vi o local da reunião e estou certo de que minha rainha vai aprovar — ele reportou.

— Muito bem, capitão — disse Zoraya, e ele se empertigou. — Quais são suas outras impressões?

Ele hesitou, sem querer implicar que outra mulher à mesa seria motivo de preocupação, mas sem querer que a rainha fosse pega de surpresa.

— Também vi a embaixadora enviada junto com o príncipe herdeiro

para negociar.

— Ouvi dizer que ela é muito mais jovem do que minha rainha — disse Oshan à esquerda dela. Todos eram crianças para o general calvo, mas Sage Fowler tinha idade para ser neta dele. — Tem menos de vinte anos.

— Ela? — Zoraya arqueou as sobrancelhas. — É verdade?

Huzar assentiu uma vez.

— Não posso dizer a idade exata, mas me parece uma avaliação correta.

A rainha franziu a testa.

— Dizem que não tem origem nobre — disse o brazapil Nostin, com a boca fina e tensa de repulsa. Ele afagou o colar ministerial com os dedos de unhas roídas. Huzar o considerava quase inútil, assim como a maioria dos outros, exceto talvez por Donala, que o mantinha perto como um laçao.

Como Huzar não negou a declaração do brazapil, a testa de Zoraya se franziu ainda mais, e uma ruga se formou entre suas sobrancelhas. Nostin continuou:

— Isso mostra que os demoranos não estão nos levando a sério, mandar uma garota comum para a mesa.

— Ela pode ser de origem humilde — Huzar se sentiu obrigado a dizer —, mas não tem nada de comum.

Donala se debruçou, com um brilho interessado nos olhos cinza-azulados.

— Você conhece essa mulher.

— Sim. — Um olhar para a rainha indicou a Huzar que estava curiosa. — Ela não deve ser subestimada.

Huzar lhes contou tudo o que sabia sobre Sage Fowler, incluindo como ela tinha sido ferida na Batalha do Vidro Negro e como devia estar coberta de cicatrizes. Seu público manteve a boca fechada, fazendo poucas perguntas, mas a luz curiosa nos olhos de Zoraya brilhou continuamente. Ao fim de sua narrativa, Huzar pôde ver que a rainha estava ansiosa para conhecer a demorana.

Aquele era o propósito de Sage Fowler: não distrair a rainha regente, mas mexer pessoal e emocionalmente com ela.

Talvez tivesse sido um movimento para que as negociações fossem bem-sucedidas. Ou uma tentativa de tirar vantagem de Zoraya, embora Huzar duvidasse que aquilo fosse funcionar. Mesmo se a rainha e a embaixadora estabelecessem uma relação pessoal, ele sabia do que as duas eram capazes, principalmente quando a sobrevivência delas estivesse em jogo.

Huzar deixou a cama da rainha nas primeiras horas da manhã, abaixando-se para dar um beijo na bochecha dela antes de sair das cortinas que separavam o dormitório dela do restante da tenda. Era imprudente que continuassem suas relações ali, mas, quando Zoraya havia pedido para ele ficar na noite anterior, com os olhos azuis suplicantes, ele não tivera como recusar. Nunca conseguia dizer não para ela.

Em silêncio, Huzar deixou seu cinto de armas na mesa em V, depois apertou a cintura e afivelou o gibão no escuro. Enquanto pegava a espada, ouviu um grito à distância, seguido por vários outros em uníssono. Rapidamente, colocou o cinto e saiu da tenda por uma abertura que não era visível aos guardas posicionados na saída frontal. A grama congelada fez ruído sob suas botas enquanto ele seguia o som que tinha ouvido.

Os kimisaros eram proibidos de entrar no acampamento demorano sem uma escolta, mas o barulho estava vindo do sul, e Huzar podia dar a volta pela borda até encontrar sua origem. Uma área desmatada estava sendo usada para exercícios. Ele reconheceu a maioria dos soldados como parte do Batalhão Norsari — o tenente Tanner andava em meio a um pelotão na ponta oposta. Diversos soldados regulares estavam por perto, observando. Alguns estranharam quando outros homens entraram nas colunas, mas os norsaris os receberam, embora a maioria tivesse dificuldade em acompanhar o ritmo.

— Perdido, capitão?

Huzar se virou para encontrar Quinn em carne e osso ao lado dele, as bochechas coradas pelo esforço. De perto, Huzar conseguia ver a patente de Quinn — tinha sido promovido.

— Não — ele respondeu com a voz neutra. — Só estava curioso

para saber o que tinha ouvido.

Quinn assentiu, os olhos sagazes quase pretos observando o uniforme de Huzar.

— Lembro-me de você da Batalha do Vidro Negro — ele disse. — Embora sua aparência me diga que muita coisa mudou desde então.

Huzar puxou o manto marrom sobre um ombro para ajustá-lo por cima do gibão impecável, com a estrela de quatro pontas brilhante em contraste. Na última vez em que haviam se encontrado, Huzar não comia uma refeição inteira nem se banhava havia semanas, e tinha usado as mesmas roupas durante todo aquele tempo.

— Estou em serviço da rainha.

Quinn cruzou os braços diante do peito.

— Imagino que seu conhecimento profundo de Demora seja muito útil para sua delegação — ele disse.

— Minha rainha seria imprudente se o ignorasse.

Os exercícios haviam terminado, e os pelotões começaram a se dividir em instrução de combate e treino. Os recém-chegados foram divididos igualmente entre os norsaris, que pareciam não se incomodar em compartilhar suas habilidades. Quinn olhou para eles antes de se voltar para Huzar.

— Você nos espionou no último ano, não? Encontramos um lugar onde alguém havia passado semanas acampado em um penhasco com vista para os campos de treinamento.

— Sim. — Não havia por que negar.

Quinn pareceu gostar da sinceridade.

— Eu ficaria muito interessado em saber o que mais fez enquanto estava em Demora.

Huzar deu de ombros, sem nunca desviar os olhos.

— Perambulei, aconselhando meus homens a se manter escondidos, tentando pensar em maneiras de nos levar de volta para casa. Esse sempre foi meu único objetivo.

— Imagino que seja fácil acreditar, considerando como causou poucos transtornos até o fim. — Quinn sorriu com ironia e relaxou os braços, mas apenas um pouco. — Eu teria feito o mesmo na sua situação. — Ele se virou para observar os norsaris. — E fico grato pela

sua ajuda no desfiladeiro.

Depois do deslizamento de terra e fogo, Huzar havia encontrado Quinn embalando o corpo gravemente queimado e inconsciente da mulher que tinha causado tudo aquilo. Sabendo que o demorano não confiaria que ele ajudasse de outras formas, Huzar tinha dado a ele seu manto para carregá-la.

— Fico contente em ver que Sage Fowler sobreviveu — ele disse.

Quinn olhou abruptamente para o outro.

— Sabe o nome dela?

A reação — instantânea mas controlada — disse muito a Huzar, embora ele já desconfiasse do afeto do demorano por ela.

— Reconheci a embaixadora. Seu tenente Tanner me disse o nome dela.

Quinn apertou os lábios, mas não disse nada.

— Ela é importante para você — arriscou Huzar. — E não apenas como uma diplomata que é obrigado a proteger, certo?

— Ela é mais importante do que minha própria vida — Quinn disse em tom baixo. Ele olhou para o batalhão como se não os visse de verdade. Sem timidez, sem nenhuma tentativa de negar seus sentimentos, mas com uma ponta de pesar. Talvez ela não retribuísse seu afeto. — Sage me disse uma vez que a luta nunca acabaria até que pessoas como nós dissessem “basta” — Quinn continuou. Os homens que ele observava haviam se dividido em duplas e começaram a lutar, alguns com armas, outros sem. — Você já disse basta, capitão Huzar?

— Creio que sim, major.

Quinn assentiu uma vez e baixou os braços.

— Então que este seja o começo. — Ele sacou sua espada e apontou para a arma na cintura de Huzar. — Vamos ver do que é capaz.

Enquanto posicionava os pés, encarando seu adversário de dois anos antes, Huzar considerou que também poderia ser uma tentativa deliberada de ganhar vantagem criando uma conexão pessoal.

Mas aquilo funcionava nos dois sentidos.

SAGE ANDAVA DE UM LADO PARA O OUTRO da área aberta em sua tenda enquanto Lani relaxava em uma espreguiçadeira perto do fogão.

— Você vai precisar de mais tapetes se não parar de andar — a princesa disse, seca. — Já estão começando a desgastar.

Sage parou e ergueu a saia para olhar o tapete. Havia decidido usar um vestido, ainda que simples, pensando que a calça seria uma distração, considerando que ela estava ali exatamente por ser mulher. E ela gostava de usar vestidos às vezes, agora que não era obrigada.

— Onde?

A princesa casmuni revirou os olhos.

— Não me diga que nem sabe mais quando faço uma piada.

— Agora não é momento para isso — Sage retrucou. — É um dia muito importante para Demora, e depende de mim que seja bem-sucedido.

Lani balançou a cabeça.

— Não. Hoje todos só vão se testar. Antes de qualquer exigência ser feita, todas as queixas das últimas dez gerações serão contabilizadas na esperança de definir por que cada um merece o que quer. Não sabe disso?

— Não! Eu não sei de nada! — Sage se afundou em um sofá à frente da princesa e colocou o rosto nas mãos. — Não sei nem por que estou aqui!

— Você deveria ter estudado os tratados antigos — disse Lani.

— Eu estudei! Você me viu fazer isso toda noite desde que saímos de Tennegol!

— Talvez você devesse ter feito aulas de diplomacia e trazido uma amiga treinada nessas coisas — disse Clare, abrindo a tapeçaria de sua

área reservada e juntando-se a elas perto do fogão.

Sage fechou a cara.

— Você sabe que eu estava prestando atenção.

— Hum — disse Lani enquanto trocava um olhar furtivo com Clare.

— Então deveria ter se dedicado a aprender o que aconteceu em sua Tegann, no acampamento dos norsaris e na Batalha do Vidro Negro.

— EU ESTAVA LÁ — Sage disse entredentes. — Sei muito bem o que aconteceu nesses lugares. Melhor do que qualquer outra pessoa aqui.

— Sage está certa — Clare disse a Lani. — Ela não está preparada para nada disso. Não fala kimisaro nem tem experiência em lidar com reis e rainhas, que dirá estrangeiros.

Lani concordou.

— Seu rei não poderia ter feito uma escolha pior.

Elas estavam caçoando, claro, mas Sage pegou uma almofada e segurou-a com força sobre o estômago que se revirava.

— Estou interrompendo? — As três se viraram para ver Alex na entrada. Ele parecia achar graça, mas estava um pouco preocupado também.

— *Wohlen Sperta!* — disse Lani, agradecendo o Espírito na língua dela. Levantou-se de um salto e apontou para Sage. — Talvez você consiga enfiar algum juízo na cabeça dela.

Os olhos dele não deixaram Sage em nenhum momento.

— Não sei se um dia vou conseguir. Mas está na hora de encontrar a delegação kimisara. Estão prontas?

Clare assentiu e se levantou.

— Já mandei a lista de tudo o que precisamos ter à mão. — Ela se juntou a Lani e as duas passaram por Alex enquanto saíam. — E acho que só você pode dar certa confiança a ela. Vamos esperar lá fora.

A porta de lona se fechou atrás das duas. Alex não saiu do lugar.

— Você está bem?

— Não. — Sage ficou olhando para as mãos que seguravam a almofada com força no colo. — O que estou fazendo aqui? — ela sussurrou.

Alex se aproximou e se ajoelhou na frente dela, pegando suas mãos frias nas mãos quentes dele.

— Você está aqui porque não existe ninguém em quem o rei confie mais para garantir o sucesso das negociações — Alex disse.

— E se essa confiança tiver sido mal depositada?

— Ninguém que conhece você pensa isso. Nem Clare nem Lani nem o príncipe Robert nem o rei. Meu pai e o coronel Traysden também confiam em você. — Ele sorriu, hesitante. — Não poderiam estar *todos* errados.

Com uma inspiração trêmula, Sage ergueu os olhos para encontrar os dele, cheios de compreensão.

— É assim que você se sente? — ela perguntou, finalmente entendendo alguns dos receios dele. — Acha que foi promovido além da sua capacidade?

Alex ficou em silêncio por alguns segundos.

— Sim — ele sussurrou.

— Mas você acredita em mim.

— Sim — Alex disse com firmeza, então levou as mãos dela à boca. — Irônico, não é? — ele disse, beijando os dedos de Sage quando ela não recuou. — Só que poucos acreditam que eu seja capaz de fazer meu trabalho, enquanto você é a única que não se acha capaz de fazer o seu.

Sage tinha ouvido os cochichos quando haviam atravessado o acampamento no dia anterior, e os comentários sarcásticos de alguns oficiais no jantar assim que Alex saíra. De repente, ela entendeu por que aquelas opiniões pesavam tanto — a percepção muitas vezes era o que determinava a realidade. Casar-se com ela poderia prejudicar a imagem dele de maneira irreparável, e o futuro dos norsaris — e da nação — talvez dependesse daquilo.

No ano anterior, Sage quase tinha partido o coração de Alex ao se recusar a considerar as necessidades e os sentimentos dele, e havia jurado que nunca faria aquilo de novo. Mas lá estava ela, afastando-o e agindo com rancor, quando nada lhe tinha sido tirado.

Alex apertou as mãos de Sage.

— Juro que você é capaz disso.

Havia algumas coisas que eram mais importantes do que conseguir o que ela queria. Alex estava ali, apoiando-a de todas as maneiras que

conseguia, e era o que importava. Sage se aproximou e deu um beijo nele.

— Eu te amo.

Por um momento, Alex ficou surpreso. Depois tirou a almofada dela e a puxou contra ele, retribuindo o beijo.

— Só não se esqueça de quem falou isso primeiro.

POR INSISTÊNCIA DO PRÍNCIPE ROBERT, Sage entrou na tenda de negociação ao lado dele, seguida por Clare e Lani. Alex havia entrado à frente de todos e colocado dois guardas de fardas verde e amarelo brilhante no batente. A primeira coisa que Sage notou foi que a cadeira semelhante a um trono colocada para a rainha Zoraya tinha sido movida de maneira a ficar alguns centímetros atrás das outras. Ela franziu a testa. Aquilo sugeria que a regente kimisara pretendia mais observar as conversas do que participar delas.

A cadeira de Sage ficava à esquerda do príncipe herdeiro, com Clare do outro lado dela. Uma bolha de pânico estourou no peito de Sage quando ela viu que as cadeiras demoranas não estavam centradas em Robert, mas em Robert e nela. Tal detalhe declarava que ela era um par do filho do rei, e Sage apertou o encosto alto da cadeira com os dedos brancos enquanto esperava os outros ocuparem seus lugares.

À direita de Robert estava o duque de Crescera, um homem corpulento de cabelo ruivo quebradiço chamado Welborough. O tio de Sage, William, dizia ser amigo do duque, mas, quando ela fora apresentada a ele na noite anterior, tinha ficado com vergonha de mencionar seu parentesco, com medo de que Lord Broadmoor tivesse exagerado a relação entre eles. Perto de Welborough estava o barão Underwood, que a condessa Sophia tanto temia. Ele era o apoiador de D'Amiran de posição mais elevada que restava em Tasmét, mas nunca tinha sido preso, visto que nada que havia feito por Morrow D'Amiran ia além do que um vassalo devia a seu suserano. Sage o havia encontrado antes, na jornada do Concordium, embora tivesse reconhecido Clare, mas não ela. Tanto ele como o duque estavam lá voluntariamente, representando seus próprios interesses.

Com discrição, Lani foi até o canto da mesa, lugar que denotava que ela não era nada além de uma observadora ali. Conhecendo a situação de Sophia, a princesa pretendia ficar de olho em Underwood. Sage pensou que o príncipe ia se sentar quando o último representante demorano, o ministro das Relações Exteriores, chegou à sua cadeira, mas ele permaneceu em pé atrás de seu lugar. Ela lhe lançou um olhar intrigado, e ele balançou a cabeça, fazendo parte de seu cabelo castanho-escuro cair sobre a testa.

— Zoraya é uma rainha, então devo ficar em pé na presença dela, como todos vocês — Robert explicou em voz baixa, arrumando o cabelo molhado de volta no lugar. Ele devia tê-lo lavado logo antes da reunião. — Prefiro já ficar de pé em vez de levantar quando ela entrar, para não causar muito tumulto.

Sage assentiu, compreendendo, mas se sentiu ainda mais sobrecarregada. A menor das ações tinha um sentido político ali. Era como uma luta, em que qualquer antecipação poderia levar a uma vitória ou derrota. E seus oponentes ainda nem haviam chegado.

— Será que estão querendo passar um recado com esse atraso? — ela sussurrou.

— Provavelmente — respondeu Robert. — Mas passei o meu chegando adiantado. — Ele sorriu. — Paciência, Sage. Primeiro todos agradecerão uns aos outros por terem vindo, citando todos os títulos. — Ele bateu de leve no centro da testa dela e piscou. — Use esse tempo para preencher seu caderno mental. Só não comece a formar pares entre as pessoas.

Ele estava se referindo ao trabalho que ela tinha feito para a alta casamenteira, observando e registrando personalidades e características de quase todos que conheciam, enchendo páginas de livros em branco que seriam usadas depois para criar uniões prósperas e estáveis. O pensamento de certa forma a acalmou. Ela era boa naquilo. Embora ninguém fosse se casar ali, o princípio era o mesmo.

O foco de Robert de repente passou para trás dela, e ele baixou as mãos constrangido. A princípio, Sage achou que tivesse visto Alex observando e ficado com medo de que a conversa próxima parecesse um flerte, mas, quando ela se virou, concluiu que o motivo do

constrangimento só poderia ter sido Clare. Ao ver a expressão intrigada no rosto da amiga, Sage repassou a ela rapidamente o que o príncipe havia dito. Clare assentiu, como se fosse senso comum.

A delegação kimisara chegou naquele momento, e todos seguiram diretamente para seus lugares. Assim como os demoranos, eles se mantiveram em pé. A rainha Zoraya entrou por último, usando um vestido de saia larga de um tom escuro de violeta com o tecido bordado em prata. Parecia caro. Sua coroa também era quase toda de prata, e seu cabelo preto e brilhoso estava trançado em volta e através da coroa em algumas partes, como se ela tivesse medo de perdê-la. Quando Zoraya parou na frente da cadeira e encarou Sage e o príncipe pela primeira vez, o brilho de seus olhos azuis atingiu a embaixadora de uma maneira quase física. A rainha não tinha a mesma beleza requintada da princesa Lani — seu nariz e seus lábios eram finos, e suas sobrelanceiras eram quase retas em vez de delicadamente arqueadas —, mas ainda assim havia algo impressionante nela.

Sem dizer uma palavra, Zoraya se sentou de repente. Robert deu a volta para se sentar na cadeira, sem nenhuma pressa. Sage seguiu seu exemplo e não se apressou, consciente de que a rainha se mantinha focada nela. Não havia surpresa em seu olhar, porém. Alguém devia tê-la alertado sobre Sage, que ficou nervosa em pensar que aquilo poderia estar relacionado com a Batalha do Vidro Negro. A rainha a observava como o pai de Sage observava filhotes de falcão no ninho, tentando decidir quais levar para treinar para caça, e quando.

Sage se forçou a desviar o olhar, registrando observações sobre os ministros e os brazapilla kimisaros. O primeiro a ser apresentado foi o general Oshan, ministro da Guerra, um homem de mais de sessenta anos com menos de sessenta fios brancos secos na cabeça, a maioria brotando das orelhas. Seus olhos tinham um círculo cinza-azulado em torno da íris associado à idade avançada, mas seus dentes estavam em um estado impressionante, principalmente para um soldado profissional. Sage desconfiou que não eram dele. À esquerda do general estava o brazapil Donala — com metade da idade do outro, mas o dobro de sua riqueza, se a lista de propriedades que ele declamava era algum indício. Um homem chamado Nostin parecia

muito concentrado em todas as palavras de Donala. Ele disse ser um brazapil, mas não citou nenhuma propriedade, e era um tipo ansioso, a julgar pelas unhas roídas. Vários outros ministros — particularmente os da Agricultura, do Tesouro e do Comércio — cercavam Oshan, Donala e Nostin, mas aqueles três eram mais importantes, então Sage se concentrou neles.

Todos tinham algo em comum: não queriam estar ali.

O príncipe Robert apresentou os demoranos, mencionando apenas nomes e títulos. Ele terminou com Lani, que definitivamente foi uma surpresa para os outros, e uma surpresa desagradável, visto que Casmun e Kimisara tinham uma história ainda mais longa de animosidade. Robert terminou tão rápido que os kimisaros não pareciam preparados para responder. O príncipe aproveitou o silêncio para começar as discussões em seus próprios termos.

— Da última vez que nossas nações se reuniram dessa forma, meu pai tinha a minha idade — disse Robert. — As ações de Kimisara nos últimos dois anos anularam os termos daqueles acordos, e não nos consideramos mais sujeitos a eles. — Era sobretudo uma referência à dissolução do Batalhão Norsari. O príncipe se recostou na cadeira. — O que Kimisara deseja discutir?

Quase todos os homens do outro lado da mesa desviaram os olhos. Apenas Donala e Oshan encararam Robert, e foi o general quem falou, embora suas palavras parecessem ter gosto de terra.

— Kimisara renuncia permanentemente a qualquer direito por Tasmét e pede paz.

A DECLARAÇÃO INICIAL DO GENERAL OSHAN foi tão direta que deixou todos chocados, mas não havia dúvidas sobre seu significado. Tasmet tinha sido cedida a Demora com relutância havia mais de cinquenta anos, mas Kimisara sempre havia deixado claro que ainda a considerava parte de seu território e que um dia ia recuperá-la.

Agora renunciava a ela? Permanentemente?

E *pedia paz*? Sem exigências nem demandas?

E *pedia paz*. Não uma trégua ou uma renegociação dos termos.

Nada podia ser tão fácil. Não depois de tantas gerações de combate.

Sage percebeu que estava de queixo caído e fechou a boca. A rainha a observava, com uma expressão indecifrável.

Robert não havia se movido nem um centímetro no último meio minuto, mas então arqueou uma sobrancelha e seus lábios se torceram com ceticismo.

— É uma renúncia incondicional? — ele perguntou em demorano, o idioma combinado para aquelas conversas.

— Não — disse o brazapil Donala. — Temos termos.

— É claro que têm. — Um lado da boca do príncipe se ergueu um pouco.

Então, como Lani havia previsto na manhã daquele dia, a listagem de queixas começou. Donala começou com um incidente de duzentos e quarenta e sete anos antes, e Sage se deu conta de que aquela seria uma conversa muito, muito longa.

Durante as horas seguintes, o lado demorano respondeu às queixas de Kimisara uma a uma, e o conhecimento de Sage de história foi

multíssimo útil. Embora tomasse o cuidado de não passar por cima do príncipe herdeiro, ele logo deixou que ela comandasse a conversa, rebatendo as afirmações com a versão demorana dos fatos ou com as vezes em que tinham sido provocados. Porém, Demora não fora sempre inocente nos cem anos anteriores, e nenhum dos lados tinha uma vantagem moral clara. Era como um jogo de xadrez com mil peças.

A atenção do príncipe Robert às vezes se dispersava, o que irritou Sage no começo — até ela perceber para onde ia. No jantar da noite anterior, ele tinha se sentado perto de Clare, e por causa de seu nervosismo Sage não tinha atribuído nenhum sentido a quanto os dois haviam conversado. Agora, sempre que ele se agitava ou se coçava, era de uma maneira que lhe dava a chance de olhar na direção dela. Sage até se reclinou na cadeira para lhe dar uma visão melhor de sua amiga. Clare estava mais concentrada em registrar tudo o que era dito, mas ao menos duas vezes ergueu os olhos e encontrou o olhar dele. Podia não estar tão interessada em Robert quanto ele nela, mas não parecia incomodada com a atenção.

Quando a conversa oficial chegou finalmente ao período em que Sage já havia nascido, Robert foi o primeiro a mencionar Rewel D'Amiran. Ela o deixou falar quando notou como Clare ficara contente com a determinação do príncipe em levar o marido de sua irmã a julgamento. Do outro lado do duque Welborough, o barão Underwood se inclinou para a frente, também interessado no assunto. O conde D'Amiran estava desaparecido havia mais de um ano, e parecia óbvio que o traidor tinha encontrado asilo com os ex-aliados de seu irmão, mas os kimisaros alegaram que não.

O brazapil Donala e o general Oshan pareceram sinceros, mas a rainha Zoraya, que havia passado a manhã inteira em silêncio, mudou sua postura. Um sorriso presunçoso perpassou seu rosto antes de desaparecer tão rápido quanto havia surgido. Sage rabiscou em um pedaço de pergaminho, de modo que apenas o príncipe Robert poderia ver:

A rainha sabe onde Rewel está, mas eles não.

Robert arqueou uma sobranceira. Sage dobrou o bilhete e o escondeu na manga. Alguns minutos depois, o príncipe bocejou.

— Vou pedir um recesso — disse com a voz cansada e um olhar prolongado na direção de Clare. — Imagino que seja algo em que todos podemos concordar.

Os homens se recostaram em seus assentos, contrariados, mas não se opuseram. O príncipe se levantou, fazendo com que eles também se levantassem. Zoraya continuou em sua cadeira, fitando Sage enquanto Robert saía. Depois de um silêncio constrangedor, os outros se afastaram da mesa, murmurando e se espreguiçando.

— O vestido de vossa majestade é lindo — Sage disse, alto o bastante para ser ouvida sobre o alvoroço. — Passei a manhã toda o admirando. — Pelo menos um dos representantes kimisaros revirou os olhos, mas os lábios de Zoraya ensaiaram um sorriso.

— A prata é pelo meu finado marido — a rainha disse em um demorano conciso e com sotaque.

— Que seu nome não seja maculado — Sage disse com o ar grave.

Zoraya pareceu surpresa.

— Você estudou nossos costumes.

— Eu não estaria aqui de outro modo — Sage se levantou. — Minha rainha gostaria de um refresco?

— Vamos cuidar disso — interrompeu o brazapil Donala, chegando ao lado de Zoraya. — O que minha rainha deseja?

Irritação tensionou as bochechas de Zoraya.

— Nada no momento.

Sage hesitou. A rainha regente parecia aberta a conversar com ela, mas não havia uma maneira delicada de forçar uma conversa em particular. Lani, que não tinha falado nada até então, levantou-se de sua cadeira na ponta.

— Bom, eu preciso de um refresco — ela disse.

Clare também se levantou, e elas seguiram para a saída. Lani parou e olhou para trás.

— Você vem, *embazzadora*? — O tom da princesa era casual, mas seus olhos indicavam que Sage deveria ir junto. Como a outra hesitou, ela acrescentou: — Em breve estaremos de volta.

Sua mensagem era clara: as conversas estavam apenas começando. Outras oportunidades surgiriam.

Sage cumprimentou Zoraya com o ar solene e saiu atrás de suas amigas.

O príncipe Robert estava esperando na tenda de Sage. Lani ignorou sua menção de ajudá-la a se sentar e piscou para Sage quando ele imediatamente se virou para auxiliar Clare, então escolheu a cadeira ao lado dela para se sentar. Sage não fora a única a perceber o olhar do príncipe. Alex esperou até Sage se acomodar e sussurrou no ouvido dela que ele voltaria depois de verificar algumas coisas. Enquanto ele saía, as criadas de Lani traziam bandejas com comidas e bebidas.

— O brazapil Nostin será a voz mais alta — Lani disse, atacando um doce gelado. — Costuma ser assim com os homens menos poderosos.

Robert revirou os olhos. Com seu cabelo escuro e sua pele bronzeada, o príncipe era perturbadoramente parecido com Alex, embora às vezes Sage se perguntasse se aquilo era mais porque ela primeiro havia atribuído o nome de Alex a Robert do que pela semelhança familiar. O príncipe havia perdido parte da jovialidade que ela tinha observado dois anos antes, tornando-se mais cínico, mas seu senso de humor não desaparecera por completo. Ele se inclinou à frente para pegar um bolo.

— Sua família foi a que mais perdeu terras quando Tasmét foi conquistada, motivo pelo qual ele quase não tem importância agora. — Suas mãos tocaram a de Clare quando os dois foram em direção à mesma fatia. — Ah, perdão, milady. Pode pegar esse. Eu, ah... o que eu estava dizendo?

Sage tomou um gole do suco de frutas para esconder seu sorriso.

— O brazapil Nostin.

— Certo. — O príncipe se atrapalhou para pegar outro pedaço. — Podemos esperar que seja especialmente amargurado.

Sage baixou o copo ao joelho.

— Sinto que fizemos pouco progresso.

— E não vamos fazer muito até os dois lados terem mencionado todos os detalhes dos últimos três séculos. — Robert deu de ombros.

— Depois virão as exigências que ninguém achará aceitáveis. Pode levar uma semana até que se faça uma proposta sensata.

Lani não pareceu surpresa, mas Sage resmungou por dentro. Tinha lido sobre acordos de paz que haviam durado até dois meses — a média eram quatro ou cinco semanas —, mas havia presumido que todo aquele tempo tinha se passado em meio a discussões lógicas.

— Você conseguiu falar com a rainha depois que eu saí? — Robert perguntou, limpando os farelos das pernas.

— Não — admitiu Sage. — Elogiei o vestido dela, mas não consegui ir muito além antes do brazapil Donala intervir.

O príncipe assentiu.

— Cuidado com ele. É o que tem o verdadeiro poder naquele grupo.

— Não é o general Oshan?

O ministro da Guerra era o membro do conselho de mais alta patente no recinto.

— Oshan pode ter o exército — disse Robert —, mas Donala fez alarde de apoiar Zoraya como regente no ano passado, e o povo a ama. — Ele pegou um punhado de oleaginosas e jogou uma amêndoa confeitada na boca. — E exércitos são feitos de pessoas do povo.

DEPOIS DAQUELA PRIMEIRA MANHÃ, Sage não teve nenhuma chance de conversar diretamente com Zoraya. Embora a rainha se mantivesse atenta a todos os detalhes das conversas, nunca abria a boca, nem quando Sage tentava se dirigir a ela. O brazapil Donala e o general Oshan se apressavam para responder a qualquer pergunta feita a Zoraya, quase como se a estivessem disputando. Quando aquilo acontecia, ela encontrava os olhos de Sage e sorria de leve. Se a rainha tinha sido a principal responsável em Kimisara por solicitar essas negociações, Sage se perguntava por que permitia que seus conselheiros dominassem as conversas.

A incapacidade de tolerar o que via como absurdos levou Sage a erguer a voz várias vezes. O príncipe Robert a escutava prontamente e silenciava todos que tentassem interrompê-la, incluindo o barão Underwood, mesmo o homem estando do lado deles. Ao fim do segundo dia, Sage não hesitava mais em contrariar as alegações falsas e muitas vezes revoltantes dos ministros kimisaros. Como Robert tinha previsto, Nostin era o pior entre eles, e na terceira manhã parecia pronto para brigar.

Mas Sage se preparara para aquilo.

O motivo da discórdia era o represamento do rio Nai, feito por Demora, o que criara dois lagos rio acima, no centro de Tasmet.

— Vocês, demoranos, cravaram suas garras no fundo de um país que era nosso. — Nostin empurrou uma vela de lado e apontou para o mapa sobre a mesa. — Esses lagos desalojaram milhares de kimisaros e destruíram o lar ancestral da minha família.

Sage entendeu por que Nostin era tão beligerante. Embora nunca tivesse visto o território com seus próprios olhos, dada sua idade,

aquilo era pessoal. Seu título dizia que sua família ainda era dona de terras em Kimisara, mas não deviam ser muitas, considerando o quanto Nostin parecia estar em dívida com Donala, que era muito mais rico.

Embora estivesse confiante para tratar desse assunto, Sage olhou para o príncipe herdeiro antes de responder. Robert se recostou na cadeira e ergueu um pouco os dedos da mão esquerda, fazendo sinal para que fosse em frente. O duque Welborough, de Crescera, não parecia inclinado a se envolver, mas o barão Underwood inflou um pouco o peito. Antes que pudesse intervir com um de seus insultos típicos, porém, Sage se empertigou para enfrentar Nostin, respirando fundo para manter a voz firme.

— Pode ter sido um efeito colateral lamentável, mas essa nunca foi a intenção — ela disse. — Represar o rio impediu centenas de mortes devido a inundações sazonais, e todos que perderam terras ou propriedades foram recompensados.

— Minha família não foi — vociferou Nostin.

— Mas teria sido, caso ficasse em Tasmet — Robert argumentou. — Muitos kimisaros ficaram.

Os olhos do brazapil cintilaram à luz das velas.

— Sob a condição de que se sujeitassem à família e à nação que os conquistaram.

O pai do duque Morrow D'Amiran havia recebido a província como ducado em recompensa pelo seu serviço naquela guerra. A família a tinha usado, então, como ponto de partida na tentativa de recuperar a coroa que perdera para os Devlin gerações antes.

— Sim — disse Robert Devlin calmamente. — É a tradição quando os suseranos mudam.

Por mais verdadeira que fosse a frase, Sage não achou que a resposta fria do príncipe fosse ajudar. Ela voltou os olhos para Zoraya, que havia se inclinado à frente. Os dedos da rainha, que tamborilavam no braço da cadeira fazia alguns minutos, pararam de repente. Teria ficado ofendida? Sage limpou a garganta.

— E se oferecêssemos uma compensação agora?

Robert apertou os lábios num protesto silencioso, mas era a

primeira vez em três dias que eles tinham a chance de fazer alguma concessão. Além do mais, Sage não achou que Nostin aceitaria a oferta — e, se aceitasse, citaria uma quantia absurda.

— Vocês reduzem minha família à miséria, e agora me insultam? — As veias do pescoço de Nostin incharam.

— Ofereci o que pensei que quisesse — disse Sage. — Não posso lhe devolver a terra. Como você mesmo disse, está embaixo d'água. Como ficaria satisfeito?

— Destruam as represas.

Sage cruzou os braços.

— Já explicamos que elas resolvem um problema que tiraria vidas todo ano, e que milhares de pessoas seriam desalojadas *de novo*. — Ela olhou para Robert. — Se Tasmét for permanentemente cedida, como o general Oshan afirmou ser a intenção em sua declaração inicial, esse território ainda será de Demora, embaixo d'água ou não.

Ela resistiu ao impulso sarcástico de oferecer direitos de pesca a ele, embora, caso se interessasse, Sage pudesse considerar a ideia. Ela se obrigou a baixar a voz.

— O mundo muda constantemente, brazapil Nostin. Às vezes o melhor que podemos fazer é nos adaptar a ele.

— Irônico, vindo de alguém tão jovem — o brazapil zombou. — Qual é sua idade mesmo, ó sábia embaixadora?

— Idade suficiente para ter passado mais tempo em Tasmét do que o senhor, brazapil — disse o príncipe Robert, com frieza. — E ser mais experiente em batalha, aposto. — Ele apontou para a cintura larga de Nostin e a bainha vazia e impecável à direita dela, que ele usava para mostrar que não havia trazido a espada às negociações. Como o brazapil era destro, ficava claro que ele a usava pouco.

Sage sentiu um calafrio involuntário com a menção à experiência dela em batalha. Não conseguiu evitar lançar um olhar para Alex, que estava nas sombras em um canto, conversando em voz baixa com um guarda kimisaro. O clima estava encoberto, de modo que precisavam usar velas em pleno dia. Sombras dominavam a área fora da mesa, e Sage não conseguiu ver o outro homem com clareza. Apesar da conversa, ela sabia que a maior parte da atenção de Alex estava

focada nela. O outro soldado também parecia a estar observando quando não avaliava a situação da rainha Zoraya. Ele sempre estava presente, mas ela nunca tinha chegado a observá-lo direito.

— Basta — Zoraya disse repente. — Mais um insulto à representante demorana e vou eu mesma expulsar o senhor, brazapil.

Sage ficou grata por finalmente ouvir a voz da rainha — ainda mais em defesa dela —, embora homens como Nostin não aceitassem de bom grado aquele tipo de reprimenda. Era provável que aquilo o tornasse menos cooperativo do que nunca, mas talvez a rainha tivesse mencionado expulsá-lo como uma demonstração de que também poderia fazer concessões. Sage voltou a atenção para o mapa, estendendo o braço para pegar o bastão de carvão, que rolava para o outro lado.

Nostin puxou o pergaminho para si com ar desafiador. A vela que ele havia mudado de lugar antes tombou, arqueando sobre o braço estendido de Sage. O tempo parou de repente. Ela ficou paralisada, sem conseguir reagir quando a vela derretida no topo pingou em sua manga e a chama tocou seu cotovelo.

Sage gritou.

Alex surgiu ao lado dela no mesmo instante, apagando o fogo. Mal havia chamuscado o tecido antes de apagar, mas não importava.

— Apaga! Apaga! Apaga! — Sage berrou.

— Está tudo bem — Alex disse. — Você está bem. — Ele tentou segurar os braços dela enquanto Sage se debatia e gritava.

Ela sentiu o calor da vela através da manga. Uma parte racional de sua mente reconhecia que era pouca coisa, quase nada, mas sua histeria continuava a crescer. Ondas de calor e dor se alastraram pelo lado esquerdo de seu corpo, e chamas a cercaram. O estrondo do fogo era ensurdecedor em seus ouvidos. Sage se contorceu de agonia, procurando uma saída.

Alex surgiu em sua visão de repente.

— Sage — ele disse alto. — Você está bem. Olhe para mim. — Alex pegou seu queixo. — Olhe para mim.

O pânico diminuiu um pouco quando Sage se concentrou nos olhos castanho-escuros de Alex. Ela inspirou tão fundo que sua cabeça

começou a girar.

— Pronto — ele disse, baixando a voz para um tom mais tranquilizador. — Respira, amor. Mais devagar. Você está bem. Passou. Não tem fogo.

Não tem fogo.

Então ela estava de volta à tenda mal iluminada, cercada por rostos. Seus joelhos cederam, e Alex a apertou. Ela agarrou o gibão dele com as mãos tremendo tanto que achou que poderia acabar rasgando. Estrelas dançavam nos cantos de sua visão enquanto Sage tentava recuperar o equilíbrio, mas suas pernas, especialmente a esquerda, não estavam funcionando.

— Eu estou bem — ela murmurou. — Não tem fogo.

— As negociações acabaram por hoje — Alex anunciou bruscamente. Os braços em torno da cintura dela a guiaram para a saída. — Ande, Sage — Alex sussurrou no ouvido dela. — Não deixe que a vejam cair.

Um pé à frente do outro. Sage se concentrou em cada passo até conseguir sair. Uma chuva fina tinha começado, e ela fechou os olhos e ergueu o rosto para a chuva.

— Estamos quase lá — Alex disse.

Sage não conseguia encontrar forças para manter as pálpebras abertas. Uma inconsciência suave a chamava. Ela conseguiu dar cerca de dez passos antes de tudo escurecer de repente. Seus pés tropeçaram na ponta de um tapete macio, e sua perna esquerda cedeu.

— Você conseguiu. — Alex se ajoelhou enquanto a tomava nos braços. Sua mão ergueu o rosto dela. — Fique comigo, Sage.

Era tarde demais.

— Não tem fogo — ela murmurou, antes de desmaiar.

— O CANALHA FEZ AQUILO DE PROPÓSITO.

Alex não saiu do lado de Sage na hora inteira em que ela ficou na cama. Ele não gostava de como seus olhos se contraíam sob as pálpebras cerradas, nem das caretas e gemidos que ela fazia. Sage estava sonhando, o que era perigoso.

Lady Clare balançou a cabeça enquanto se sentava do outro lado da amiga.

— Foi um acidente. Nada mais do que isso.

— Até parece que foi um acidente — Alex rosnou. — Nostin sabia *exatamente* onde derrubar aquela vela. Eu o vi mexer nela pouco antes.

— Duvido que ele realmente quisesse fazer mal a Sage — disse Clare com um suspiro.

— Não importa. Da próxima vez que o vir, vou colocar uma faca na garganta dele até se mijar de medo.

— Francamente, major. Isso não vai ajudar em nada — Clare o repreendeu, embora não houvesse raiva em seu tom.

O som de alguém entrando na tenda fez Alex se inclinar para olhar fora da área cortinada. Casseck estava lá, com ar solene.

— Ela está bem?

Alex voltou a olhar para o rosto pálido de Sage, as sardas se destacando contra a palidez da pele. Clare segurou a mão esquerda de Sage.

— Pode ir, major. Vou ficar com ela.

Ele se abaixou para beijar a testa de Sage, depois se levantou e assentiu em agradecimento a Clare.

— Acho que ela nunca vai ficar bem de verdade — Alex disse a Cass. — Você tem algo para reportar?

— O capitão Huzar deseja falar com você.

A raiva disparou pelas veias de Alex. Ele levou a mão ao cinto da espada, mas não encontrou nada. Ele havia tirado a arma para as negociações.

— O que *ele* quer?

Cass arqueou uma sobrancelha loira.

— Pensei que gostasse dele.

Alex gostava, e aquele era o problema. O homem tinha salvo a vida de Sage em Casmun, e havia procurado Alex alguns dias antes. Ninguém chamaria aquilo de amizade, mas parecia haver um respeito mútuo. Só que não havia mais ninguém que pudesse ter contado aos representantes kimisaros a história de Sage. Huzar era o motivo pelo qual sabiam que derrubar aquela vela nela seria catastrófico. Alex cerrou os punhos.

— Onde ele está?

Assim que pegou suas armas, Alex seguiu para o extremo sul do acampamento, como Cass havia indicado. Do outro lado da estrada de Jovan, a paisagem rochosa dava lugar a uma área florestada, e ele avançou entre as árvores, seguindo uma trilha velha até uma fonte que havia visitado muitas vezes ao longo dos anos. A última tinha sido para limpar o sangue e a terra das mãos depois de matar e enterrar um esquadrão invasor de kimisaros dois anos antes.

Huzar, que estava meio sentado, meio apoiado num rochedo, se levantou. Não parecia armado, mas Alex presumiu que estivesse. A mata ao redor ainda estava desfolhada o bastante para que se pudesse ver vários metros em todas as direções.

— Você veio sozinho? — Alex perguntou.

Huzar assentiu, e Alex deu três passadas longas na direção dele, pegando o kimisaro pelo gibão com a mão esquerda e puxando-o para lhe dar um soco com a direita. Ele não bateu em Huzar com tanta força quanto poderia, mas apenas para que não perdesse a consciência imediatamente. Alex girou e bateu o corpo contra uma árvore, pressionando o antebraço no pescoço de Huzar para imobilizá-lo.

— Me dê um motivo para eu não destripar você feito um cervo agora mesmo — ele disse.

Até aquele momento, Huzar não havia resistido. Ele lambeu calmamente o sangue dos lábios.

— Porque eu poderia fazer isso com você antes.

Um cutucão pontiagudo fez Alex baixar os olhos. Uma lâmina estava pressionada em sua barriga. Ele soltou Huzar e recuou. A faca desapareceu, e Huzar relaxou contra a árvore.

— Sua raiva o deixa descuidado.

Ele tinha certa razão.

— Eu poderia tê-lo matado em vez de bater em você primeiro — disse Alex.

— Eu sei. — O kimisaro limpou o rosto com o dorso da mão. — Mas também sei que não faria isso.

— Vamos conversar sobre o que mais você sabe — disse Alex. — Você contou aos seus ministros o que aconteceu com ela. Por sua causa, eles sabiam exatamente como torturá-la.

— E por isso lhe peço desculpas. A maior parte do que contei a eles foi com o objetivo de fazer com que a tratassem com respeito. — Huzar balançou a cabeça. — O brazapil Nostin é um imbecil, mas não pensei que faria algo do tipo. Talvez porque eu não consiga nem imaginar fazer algo assim. Foi terrível.

Alex inspirou fundo e devagar enquanto encarava Huzar. O outro não interrompeu o contato visual em nenhum momento, e Alex expirou, liberando parte da raiva com o ar. Ele reconhecia um homem honesto quando via um. Sem mencionar que Huzar *tinha* salvado a vida dela no vale.

— Essa é sua fraqueza — Alex disse, pausando para respirar fundo outra vez. — Falta de imaginação.

Huzar sorriu com tristeza.

— Isso me prejudicou mais de uma vez. — Ele se desencostou da árvore e se empertigou. — A sua é a impaciência, creio. E a própria embaixadora.

— Duas fraquezas contra uma. Você tem a vantagem.

O kimisaro balançou a cabeça.

— Tenho outra. Eu a protejo como você protege Sage Fowler.

A rainha Zoraya? Alex estreitou os olhos.

— Por que me contou isso?

— Porque quero que nos entendamos. — Huzar secou a boca de novo, mas o sangramento em seu lábio já tinha estancando. — E foi ela quem me enviou aqui. Porque deseja falar com a embaixadora. A sós.

QUANDO ALEX VOLTOU À TENDA DE SAGE, encontrou Lani sentada com Clare e Robert, os três conversando em tom baixo. Ele fez uma reverência à princesa casmuni antes de perguntar a Clare:

— Como ela está?

— Acordada — disse uma voz rouca que fez todos se virarem. Sage surgiu à porta do quarto, segurando firme a cortina para se equilibrar. Estava quase translúcida de tão pálida, e Alex correu até ela, com medo de que fosse cair caso soltasse. Enquanto ele passava um braço em torno da cintura dela, Sage abriu um leve sorriso de gratidão e deu alguns passos trêmulos. Foi recuperando o equilíbrio enquanto caminhava, mas ainda assim se afundou no sofá à frente de Lani. Alex se sentou perto dela e deixou que Sage se apoiasse nele.

— Vou interromper as negociações — disse Robert, virando-se para se dirigir a Sage e pousando os antebraços nos joelhos. — O que aconteceu hoje mostra que não estão interessados em chegar a um acordo significativo.

Sage ajustou a saia, deixando o lado esquerdo mais solto.

— Não pode destruir nossa primeira chance de paz em gerações por algo que vão alegar ter sido um acidente — ela disse com a voz fraca.

— Mas todos sabemos que não foi — disse Rob. — Eles nunca levaram você a sério. Meu pai achou que poderia ser uma escolha melhor para falar com a rainha, e eu concordei, mas ela mal disse uma palavra.

— Zoraya quer mudar isso — Alex disse com cautela. Ainda que confiasse em Huzar, seria mais difícil convencer seu primo, que tecnicamente estava no comando ali. — Acabei de conversar com o capitão Huzar. A rainha mandou suas sinceras desculpas e convidou

Sage para se encontrar com ela a sós para negociações mais reservadas. — Ele baixou os olhos para Sage, cujo olhar vazio estava voltado à frente.

— Isso não vai agradar os ministros dela — disse Lani. — Eles são o motivo pelo qual ela ainda não conseguiu falar com Sage.

Alex assentiu.

— É por isso que ela propõe um lugar longe daqui para um encontro sem o conhecimento deles.

Sage franzia a testa, mais pensativa do que qualquer outra coisa.

Rob bufou.

— Me parece uma armadilha.

— Uma armadilha? Mas para quê?

— Poderia fazer parecer que estamos tentando tirar vantagem dela — disse Rob. — Ou, pior, que a atraímos para longe com o intuito de sequestrá-la.

— Talvez — Alex admitiu. — Mas acho que não. — Huzar tinha parecido quase esperançoso que eles recusassem. A proposta da rainha obviamente não o agradava.

— Onde? — perguntou Sage, erguendo os olhos para Alex. — Quando?

— Bey Lissandra, em nove dias — disse Alex, citando um porto comercial na ponta sudoeste de Demora. O porto tinha um nível de independência que outras cidades demoranas não tinham, além de grande população kimisara, tornando-a praticamente território neutro. Alex conhecia bem a cidade, o que lhe dava certo grau de confiança ali. — A rainha regente também diz que, em agradecimento pela reunião, vai levar algo que estamos procurando. — Ele olhou para Rob. — Sabe do que está falando?

Sage encarou o príncipe, e ele assentiu para ela.

— Talvez Rewel D'Amiran — ela disse.

— Eles alegaram várias vezes que não sabem de seu paradeiro — disse Clare, franzindo a testa.

Sage sorriu de leve.

— Talvez não saibam mesmo. E se Zoraya o estiver escondendo deles?

Alex sentiu que ela se empertigava, e uma faísca de luz surgiu em seus olhos.

— Por que a rainha faria isso? — perguntou Clare.

— Para ter uma vantagem sobre o conselho, caso precise — disse Lani, compreendendo. — O povo a apoia, segundo nossos espiões, mas não tem sido fácil manter o poder.

Robert concordou.

— E foi ela quem pediu paz, contra a vontade do próprio conselho. Talvez achasse que, se conseguisse trazer todos aqui, poderia impor o resultado que queria.

— E acha que o que ela quer é paz? — perguntou Clare, desconfiada. — Realmente acha que esse é o objetivo dela?

Todos se voltaram para Sage, admitindo que ela era a melhor em decifrar as intenções das pessoas. Ela puxou a cera seca na manga da roupa antes de finalmente dizer:

— Acredito que sim, mas, se ela pretende escapar de seu próprio conselho, é porque concluiu que essas negociações vão fracassar com os brazapilla presentes. E poderia ser perigoso se descobrissem logo.

— E vai ser diferente se descobrirem depois? — Clare perguntou. — Eles vão acabar descobrindo em algum momento.

Sage deu de ombros.

— Vai ser tarde demais para nos sabotar. E, se chegarmos a acordos mutuamente benéficos, eles não vão ter muito o que discutir.

Todos ficaram em silêncio enquanto consideravam aquilo. Mesmo se as coisas corressem bem na reunião, a estrada à frente seria difícil. Não mais difícil do que a alternativa, porém.

Alex se virou para o primo.

— Isso o incomoda, ficar de lado enquanto as verdadeiras negociações são feitas? — ele perguntou.

Rob balançou a cabeça.

— Sage vem frustrando os objetivos deles, motivo pelo qual Nostin e os outros a querem longe. Ou Zoraya acha que consegue intimidá-la, o que eu duvido, ou acha que uma conversa sensata é possível com ela. Estaria errada no primeiro caso e certa no segundo. De qualquer maneira sairíamos ganhando.

As bochechas de Sage coraram com os elogios do príncipe. Ela ergueu os olhos para Alex de novo.

— E esse Huzar? Podemos confiar nele?

Alex pensou no homem que saíra da nuvem de fumaça, oferecendo seu próprio manto. *Levem. Tirem-na daqui.* E em como, depois da batalha, ele havia abordado Alex e o rei Banneth para perguntar sobre ela e implorar pela libertação dos prisioneiros kimisaros capturados.

— Acredito que sim.

— Como vamos fazer isso então? — Sage perguntou. Alex estava aliviado por ver a cor se firmar no rosto dela e sua postura permanecer firme. — Se a rainha não quer que o conselho saiba.

Ele respirou fundo.

— Zoraya propõe fingir que você vai retornar a Tennegol, ou que Rob mandou você embora e continuou aqui, participando das conversas. Eu e alguns norsaris vamos escoltar você e sua caravana para o leste, depois retornaremos com aqueles em quem mais confio. A rainha vai sair alguns dias depois de você. Huzar disse que ela já plantou as sementes fingindo impaciência para retornar ao filho em Kimisara.

— Esse talvez tenha sido o plano dela desde o princípio — disse Lani. — Considerando como se desenrolou tão rapidamente.

— Nesse caso — disse Rob —, encontrar-se com ela é o que meu pai gostaria que você fizesse. — Ele sorriu. — Vou manter Donala, Nostin, Oshan e os outros ocupados, o que vai ser mais fácil se a rainha Zoraya ordenar que fiquem pelo tempo em que eu estiver aqui. — Alex assentiu para indicar que informaria aquilo a Huzar. — Mas o verdadeiro destino de Sage vai ficar entre nós. O duque Welborough e o barão Underwood não precisam saber, ou não vou conseguir mantê-los aqui, e todo plano cairá por terra.

— Meu pai deve saber — disse Alex. — E o coronel Traysden também. — Seria impossível esconder aquilo do mestre de espionagem.

— Claro — Rob concordou. — E ninguém mais.

A princesa Lani se levantou, sacudindo a saia.

— Está decidido. Vocês sabem que eu vou também, claro.

Clare suspirou e se levantou também.

— É melhor eu escrever para Sophia, mesmo se for apenas nossa comitiva que vá chegar. Talvez eles possam nos esperar lá durante a reunião em Bey Lissandra. Tê-los em Jovan vai fazer com que ela se sinta mais segura.

Alex ergueu os olhos. A condessa achava que estava em perigo? O pai dele deveria ter tentado resolver aquilo.

— Para fazer isso do jeito certo, você precisa sair rapidamente, fingindo raiva — disse Robert, o olhar acompanhando Clare enquanto ela e Lani saíam. — Vou pedir um recesso de três dias e agir como se eu precisasse consultar o general Quinn antes de prosseguir, para ganhar tempo. Enquanto isso, também vou reduzir as horas diárias de nossas reuniões e respeitar os dias de missa. — Ele se levantou e se espreguiçou, pensativo. — O general também pode exercer pressão. Talvez isolar o acampamento deles.

Sage abriu um sorriso astuto.

— Isso pode deixá-los ainda mais ansiosos para se livrar de Zoraya.

Robert piscou um olho anogueirado antes de sair.

— Nunca se questione se é a pessoa certa para este trabalho, Sage. Você é uma mestra da estratégia.

Assim que ficaram sozinhos, Alex puxou Sage para seu colo e a apertou firme.

— Você está bem? — sussurrou junto ao cabelo dela. O suor do sono agitado havia feito os fios curtos e rebeldes no topo da cabeça dela se encresparem. — Bem *de verdade*?

Ela se apoiou nele, relaxando.

— Graças a você.

— Vou estar lá com você, durante tudo. Eu prometo.

— Eu sei. — Ele sentiu quando Sage sorriu. — É por isso que não estou preocupada.

Alex suspirou e beijou a têmpora dela. Ele ia se preocupar o suficiente pelos dois.

MONTADA EM SEU CAVALO no alto da leve inclinação com vista para a cidade, Sage conseguia ver claramente que o porto de Bey Lissandra se irradiava a partir de três estaleiros principais, as ruas de pedra de cantaria se estendendo a partir de cada um como raios de uma roda. Embora tivesse se tornado parte de Demora quando o país fora unificado mais de quinhentos anos antes, a cidade havia abrigado o comércio de outras nações durante todo aquele período, de modo que Demora, Kimisara e Reyan controlavam cada qual sua própria área de docas, triângulos de casas e mercados. As pessoas falavam uma mistura única de três línguas. Como Sage e Clare falavam todas, torciam para que fosse fácil se comunicar.

À direita de Sage, Alex apontou para a vizinhança demorana — uma faixa larga de edifícios e ruas de tons dourados que se estendiam de maneira a abarcar toda a cidade, arqueando-se ao redor dos distritos à esquerda e à direita. No norte, Reyan conduzia a maior parte do comércio, e as cores eram mais vermelhas. Ao sul, eram azuladas, e os mercados movimentados mostrando o que seria possível caso o restante de Demora e Kimisara convivessem em harmonia. Onde os distritos se encontravam e se misturavam, as ruas ficavam ainda mais coloridas, dando à cidade uma aparência de arco-íris. Atrás de tudo, as águas verde-azuladas do Mar Ocidental se estendiam até o horizonte numa superfície mais reta do que qualquer planície que Sage tivesse visto em Crescera.

Até Lani ficou impressionada.

A vista, porém, não distraía Sage da missão à frente. Em algum lugar da cidade, a rainha kimisara esperava, colocando sua coroa e sua vida em risco para conversar com Sage a sós. A reunião tinha

melhores chances de sucesso do que as que elas haviam abandonado, mas aquilo não significava que seria fácil. O fato de não ter a autoridade real do príncipe Robert — nem mesmo de Ash Carter — ao seu lado incomodava Sage. E se ela voltasse à Cabeça de Flecha com os tratados em mãos e eles fossem revogados? Ela quase preferia ser pega ali pelo conselho kimisaro do que fracassar daquele modo.

Lani franziu o nariz.

— Que cheiro é esse?

Sage ergueu a cabeça e inspirou fundo, notando um aroma forte e vagamente familiar.

— É cheiro de... — Ela parou e inspirou de novo. — Aquela alga marinha seca que você me mandou de Mondelea — disse a Clare.

Sua amiga assentiu e sorriu.

— Salgadinhos de alga. Estava torcendo para que tivessem aqui também. Faz uma vida que não como um.

A princesa casmuni fez uma careta.

— Tomara que tenham um gosto melhor do que o cheiro.

Alex se aproximou para se dirigir a Lani.

— O cheiro que você está sentindo é do mar.

Lani resmungou desanimada, mas sorriu logo em seguida quando o capitão Casseck se aproximou de cavalo vindo da cidade. Ele bateu continência para Alex e apresentou seu relatório.

— Coloquei todos posicionados onde o senhor queria — ele disse. — Nada fora do comum até o momento.

— Muito bem — disse Alex. — Chega de continências e formalidades. Chamaria uma atenção que prefiro não atrair.

— O que significa que vocês precisam me chamar de Lani agora — a princesa disse alto, com os olhos castanho-esverdeados focados em Cass. — Chega dessa baboseira de *palachessa*.

Sage conteve o riso. Fazia uma semana que Lani vinha tentando fazer Cass chamá-la pelo apelido, mas o capitão, sempre o soldado cortês, não o havia feito até então. Alex se virou para Sage por cima do ombro com um olhar de “não a incentive”. As tentativas de Lani de flertar com Casseck na semana anterior tinham sido engraçadas de tão ineptas. Sage não sabia dizer qual dos dois era mais ingênuo.

Ela observou Alex. Toda a tensão entre eles tinha se aliviado depois do incidente da vela e de terem deixado o exército em Cabeça de Flecha. Evitando pousadas, eles tinham dormido ao ar livre, ao redor de uma fogueira, e Alex sempre se deitava entre ela e as chamas, bloqueando a luz bruxuleante e o calor que lhe davam pesadelos. Quase toda noite, Sage se deitava junto dele para se aquecer, desejando que não houvesse dezenas de outros dormindo ao redor deles no acampamento. Na noite anterior, ele a havia abraçado com mais força do que nunca — estava preocupado com a reunião, talvez até com medo. A última vez que ela o tinha visto daquele modo fora nas horas antes da Batalha do Vidro Negro, quando tinham esperado do outro lado do desfiladeiro pela força invasora que sabiam que estava a caminho.

Sage olhou para a testa franzida de Alex, tentando apaziguar seus próprios medos, enquanto Snow repisava e se agitava sob ela com um pressentimento inato das emoções de sua cavaleira. Contavam com apenas dez norsaris além de Alex e de Cass, e oito guardas casmunis — pouco mais da metade do que tinham levado na missão do Concordium, e agora a maioria deles estava na cidade, atentos a quaisquer sinais de problemas. Todos os outros, incluindo as criadas de Lani, haviam ficado na casa de Sophia em Jovan para esperar por eles, com a maior parte de suas roupas.

A última coisa que o grupo queria era chamar a atenção, por isso Sage, Lani e Clare estavam vestindo calça, as duas primeiras com espada e adaga na cintura, e a última só com a adaga. A túnica de Clare era mais comprida do que a média, mas ela não parava de ficar puxando a camisa para baixo. Todos usavam toucas e chapéus típicos de plebeus. As semanas de poucos cuidados pessoais e a falta de maquiagem no rosto tinham deixado Lani com a aparência menos refinada do que nunca, embora ela continuasse linda como sempre. Provavelmente não conseguiria ser nada menos do que bela.

— Quando esse tal de Huzar vai aparecer? — Sage perguntou a Alex.

— Ele está aqui.

Todos olharam ao redor, confusos, então Alex indicou com a cabeça

a direção de um bosque de figueiras. Uma sombra se moveu entre eles.

— Por que não disse nada antes? — Sage perguntou enquanto Alex desmontava.

— Porque ele veio sozinho.

Sage fechou a cara enquanto passava a perna sobre o pescoço do cavalo e pulava para o chão. Alex caminhou ao seu lado até a linha de árvores, com Clare à sua esquerda. Lani e Casseck se mantiveram um pouco atrás, e a princesa afrouxou visivelmente a espada curva em sua bainha. Uma figura se destacou da paisagem e caminhou na direção deles, tirando o manto velho que havia lhe proporcionado a camuflagem perfeita. Pela altura e pelo uniforme da guarda da rainha, Sage o reconheceu como o homem que tinha visto conversando com Alex antes, mas só agora conseguia ver seu rosto direito.

E aquele rosto não lhe era desconhecido.

Num instante, Sage estava com a adaga na mão, em uma postura defensiva.

— *Esse é o capitão Huzar?* — ela sussurrou, furiosa.

Alex se posicionou entre eles, com os braços estendidos.

— Acalme-se, Sage.

— Não vou me acalmar — ela rosnou. Huzar não pareceu surpreso com a reação dela. — É uma armadilha. Ele foi atrás de Nicholas no ano passado. — Sage empurrou Clare para trás dela e recuou. — Eu o vi no acampamento naquela noite. Estava no comando do ataque. — Ela não conseguia entender por que Alex continuava simplesmente *parado* ali.

Alex deu um passo cauteloso na direção de Sage, como se *ela* fosse o perigo ali.

— Sim, eu sei. Não sabia que você o tinha visto naquele dia.

Huzar avançou, pisando silenciosamente sobre os gravetos de pinheiro no chão. Sage ergueu a faca para que ele parasse.

— Também reconheço você — ele disse. Tinha apenas um pouco de sotaque, o que aumentou ainda mais a desconfiança dela. Devia ser um espião.

— Sage — disse Casseck alguns passos atrás, perto de Lani. — Ele nos ajudou a tirar você do fogo-água. Salvou a sua vida.

— Não é o suficiente — ela retrucou.

— Eu a poupei algumas outras vezes também — Huzar disse, cruzando os braços.

A postura dele, com os pés afastados e firmes, os ombros para trás, também parecia familiar a ela. Sage piscou, e outra lembrança lhe veio à mente quando ela viu as tatuagens sinuosas nos antebraços dele.

— Você estava em Tegann — ela sussurrou, e Huzar assentiu. — Eu matei seu falcão.

— Eu poderia ter atirado uma flecha de besta em sua garganta naquele dia — ele disse. — Teria salvado a vida de dois dos meus homens no ano passado se o tivesse feito.

— Três — Sage retrucou. — Dois no rio e um no acampamento. — Uma pedra atirada de seu estilingue contra o primeiro e a faca na garganta do segundo durante a perseguição. O outro já estava em chamas quando ela quebrara seu crânio com uma panela de ferro e o deixara à beira da morte. Ela ainda havia esfaqueado a mão de outro homem enquanto tentava subir no barco, mas desconfiava que ele tinha sobrevivido.

Huzar assentiu outra vez.

— Sem mencionar todos em que você entornou fogo na Batalha do Vidro Negro.

O estômago dela se revirou de repulsa e culpa.

— Por que está aqui, então, se sou culpada por tantas mortes?

— Porque respeito sua coragem. — Os olhos dele eram iguais aos de Alex, de um castanho tão escuro que quase chegavam a ser pretos, intensos pela determinação, mas envelhecidos e cansados além da idade. A seriedade em seus olhos ameaçou aplacar a raiva dela quando ele se voltou para Alex e depois de novo para Sage. — E porque acredito que já houve mortes demais. Está na hora de acabar com a luta.

Ela se empertigou, olhando feio para Alex.

— Você contou para ele que eu disse isso?

Alex arqueou as sobrancelhas.

— Eu estava apenas seguindo seu conselho. Talvez você deva fazer

o mesmo.

Sage abaixou a faca, mas não a embainhou.

— Certo — ela disse. — Comece a falar.

SAGE, CLARE, LANI, ALEX E CASS preferiam cavalgar, mas Huzar foi a pé até os portões de Bey Lissandra, onde um dos norsaris encarregado de vigiar a área pegou seus cavalos. Eles seguiram o capitão kimisaro até as ruas lapidadas do bairro nobre. O contraste entre os primeiros quarteirões da cidade e onde andavam no momento era chocante, ainda mais considerando a que tipo de estabelecimento se destinavam.

No bosque fora da cidade, Sage e Alex tinham ouvido Huzar descrever o ponto de encontro escolhido pela rainha Zoraya. Alex havia arqueado as sobrancelhas quando Huzar dissera o nome do lugar — ficava em uma região demorana rica, tinha vários quartos secretos, e diversas entradas e saídas. O ingresso com armas era proibido.

— Como podemos ter certeza de que isso não vai ser usado contra nós? — Alex havia questionado.

— Vocês vão ter que confiar em nós — respondeu Huzar. — Mas vale mencionar que, caso descubram que está nesse tipo de estabelecimento, minha rainha colocaria em risco mais do que apenas seu poder e sua posição.

Sage havia afastado o olhar de Huzar pela primeira vez para encarar Alex.

— É um bordel?

— Entre as classes mais altas, chamam de casa de prazeres — respondera Alex. — Ele está certo, porém, quando diz que será discreto e seguro. E não funcionaria de outra forma.

— A comida será boa também. — Huzar abrira um sorriso hesitante, e Alex assentira.

Sage suspirara e colocara a adaga de volta na bainha. Muito tempo

antes, Alex tinha dito que nunca havia visitado lugares daquele tipo, mas era desconcertante ouvir o quanto sabia a respeito deles.

— Mostre o caminho.

Enquanto atravessavam as ruas da cidade, Sage avistou duas vezes norsaris em meio à população, mas não teve dúvidas de que havia muitos outros. Toda vez que viravam uma esquina, Alex observava ao redor em busca de uma confirmação que ela não via. Ele estava tenso, mas seu estado de alerta em nenhum momento se intensificou, o que era um bom sinal.

Huzar os guiou por uma rua lateral e os levou para dentro de uma loja de vestidos. Sage ficou intrigada até uma cortina se abrir e eles serem guiados por uma passagem que dava para uma construção a quase um quarteirão de distância. Era uma maneira discreta de entrar no estabelecimento, embora o uso de uma loja para mulheres como fachada fosse intrigante. Não chamaria a atenção homens entrando na loja? Alex não pareceu surpreso, tampouco pareceu conhecer o lugar.

A porta foi aberta por um homem bonito que vestia calça solta e um colete. Sage ficou boquiaberta e corada diante do tanto de pele bronzeada e músculos que ele deixava à mostra. Clare pareceu mortificada, mas Lani sorriu como se gostasse do que via. O homem fez uma reverência e os conduziu até uma área de recepção, onde se encontravam outros homens parcamente vestidos. Um deles deu uma piscadela luxuriosa para a princesa, que a retribuiu.

— Este lugar — Sage sussurrou para Alex, sentindo as bochechas corarem — atende mulheres?

— Principalmente. — Ele pareceu achar graça. — Você não pensou que os homens fossem os únicos que pagavam por esse tipo de distração, pensou? Alguns homens vêm aqui também.

Sage olhou para Lani. Um amigo delas, Darit, preferia a companhia de homens, o que tornara o pedido de casamento acidental que Sage lhe fizera no ano anterior ainda mais humilhante. Ela tinha dado a ele — embora fosse mais um empréstimo — uma adaga com as iniciais dela, sem saber o que aquele tipo de presente significava para os casmunis. Felizmente, tanto Darit como o rei Banneth tinham rido em vez de se ofender.

Os dedos de Alex apertaram a cintura de Sage.

— Aquele ali de vermelho está de olho em você — ele brincou, falando em voz baixa. — Devo ficar com ciúmes?

— Não! — Ela bateu no peito dele com o dorso da mão, ainda corada.

Felizmente, o dono da casa foi cumprimentá-los naquele momento. Ele fez uma grande reverência.

— É nossa honra receber essa reunião da realeza. Saibam que podem contar com nossa descrição. Tudo o que precisarem será oferecido prontamente.

— Pelo jeito como ele fala, parece que faz isso o tempo todo — murmurou Sage enquanto o seguiam por uma escada ricamente entalhada e acarpetada.

— Talvez faça — respondeu Alex. — Deve ser uma maneira de ganhar um dinheiro extra, receber reuniões de negócios clandestinos.

Aquilo fazia sentido. A sala em que Zoraya esperava por eles era mobiliada com mesa e cadeiras, além de estantes cobertas de livros e mapas. A rainha kimisara se levantou quando entraram, e em seu rosto normalmente passivo e imóvel entreabriu um sorriso radiante de alívio. Se Sage não estivesse enganada, no entanto, grande parte da felicidade era dirigida ao capitão Huzar, o que era muito interessante.

A rainha regente cumprimentou cada um individualmente com um aperto de mão, expressando gratidão, mas sem agradecer de fato.

— Sei que vir exigiu muita confiança de vocês — ela disse em um demorano conciso. — Meu objetivo é fazer com que não se arrependam.

Ela já havia compartilhado água com Lani no primeiro dia de negociações em Cabeça de Flecha, mas ofereceu um copo à princesa casmuni agora.

— A um novo começo — ela disse, depois de dar um gole. Lani assentiu e bebeu.

Sage e as três outras mulheres assumiram seus lugares ao redor da mesa, com Alex, Cass e Huzar em pé atrás delas. Zoraya limpou a garganta.

— Vou contar a vocês algumas das coisas que meus ministros não

contaram.

Algumas das coisas, pensou Sage. Era melhor se lembrar daquela escolha de palavras.

— Antes, porém... — disse Zoraya. — Prometi que, se viessem, traria um presente. — Ela fez sinal para Huzar, que puxou um painel da parede atrás dele, revelando um cubículo secreto. Dentro estava sentado um homem esquelético com cabelo escuro e olhos azuis alertas. Seus punhos e tornozelos estavam algemados e acorrentados. Huzar o puxou pelo cotovelo e o fez se levantar. Se Sage já não tivesse notado a semelhança, o punho pálido de Clare se cerrando teria informado a ela quem era aquele homem.

Rewel D'Amiran.

O MARIDO TRAIADOR DE SOPHIA, o conde do sul de Tasmet, se levantou e encarou todos os rostos da sala.

— Pensei que fosse uma reunião diplomática — ele disse com ar desafiador. — Parece mais um chá da tarde.

— Tenho certeza de que poderemos tomar um chá depois — disse Zoraya, calma. — Caso se comporte, talvez possa se juntar a nós.

Sage conteve um sorriso pressionando o indicador contra os lábios.

— Deve me tratar com o respeito que a minha posição demanda — gritou Rewel. — Sou o duque de... — As palavras foram interrompidas por uma mordada colocada em sua boca. Huzar parecia se divertir enquanto a amarrava.

— Sim, sabemos quem você é — disse Zoraya. Ela olhou para os rostos demorados. — Entrego-o a vocês sem nenhuma condição. A menos que haja algo que queiram que ele responda agora, sugiro que o deixemos de lado.

— Tenho uma pergunta — disse Clare. A rainha fez sinal para que ficasse à vontade, então ela se levantou e deu dois passos ao redor da mesa para encarar o cunhado. Sob a luz, os fios grisalhos no cabelo preto dele ficaram visíveis. — Sabe o nome dela ao menos? — Clare perguntou, com o queixo erguido.

Os olhos azuis e gelados de Rewel foram de um lado para o outro, mas Clare não explicou a quem estava se referindo.

— De quem? — ele perguntou por trás da mordada.

— Da sua filha. — Clare esperou alguns segundos, mas o conde não disse nada. — Só pensei que fosse relevante porque você veio até Kimisara para oferecê-la em casamento ao rei deles, não foi? — Rewel ainda assim não respondeu.

Ela se inclinou para a frente, com agressividade nos olhos castanhos normalmente suaves.

— São detalhes como esse que revelam seu verdadeiro caráter. E não vou me esquecer disso.

Clare deu as costas e voltou para sua cadeira.

— Isso é tudo, vossa majestade — ela disse friamente.

Quando Rewel foi entregue aos homens do estabelecimento que esperavam do lado de fora, Sage cochichou para a amiga:

— Como você sabe que ele tentou fazer isso?

— Sophia me contou.

Sage franziu a testa.

— Queria que ela tivesse me contado.

A condessa tinha fingido ignorar os planos e as intenções do marido ao fugir de Demora, mas talvez só não tivesse confiado em Sage o bastante para lhe contar. Afinal, ser usada daquela forma era muito humilhante.

As mulheres voltaram a se encarar em volta da mesa. Zoraya se debruçou, com os olhos em Clare.

— Não vejo utilidade para um homem que abandona a esposa e a filha como ele fez — ela disse. — Sequer considerarei o que ele me ofereceu.

Sage arqueou as sobrancelhas.

— *O que ele ofereceu?*

— Metade de Tasmét, incluindo a fortaleza Shovan — disse a rainha. Era como os demoranos chamavam Jovan. — Além de muitos cereais de Crescera, que sua esposa tinha como dote, e a promessa de formar um exército no futuro com homens leais à família dele.

Clare abriu a boca para contestar, mas Zoraya fez que não precisava.

— Nada disso importa. Tasmét não me serve de muita coisa, para ser sincera, pois mal conseguimos alimentar ou controlar os territórios que controlamos agora, considerando as pragas que assolaram nossas lavouras nos últimos anos. No entanto, algumas questões levantadas em Cabeça de Flecha têm seu mérito.

— Por exemplo? — perguntou Sage, surpresa pela admissão da

vulnerabilidade de Kimisara.

A rainha puxou um mapa da pilha.

— O brazapil Nostin se queixou do represamento do rio Nai. Entendo que tenha impedido a inundação sazonal rio acima e salvado vidas, como você apontou, mas sempre dependemos das enchentes de primavera. Há mais de quarenta anos, não temos água suficiente para as lavouras no vale do sul, o que fez com que muitos ali entrassem em Tasmiet em busca de comida. Meu marido e antes dele seu pai estimularam essas invasões. Se vocês quiserem acabar com isso, os diques precisam ser revistos.

Sage soltou um suspiro pesado. Algo que parecera uma questão de orgulho kimisaro era a causa de problemas reais.

— Não sei se posso fazer algo a respeito das represas — ela disse. — Especialmente porque a intenção do rei Raymond ao construir moinhos ali era aproveitar a energia da água para moer os grãos de Crescera. A única coisa que o impediu foi a instabilidade na região. Senão, seria o lugar ideal.

— Ideal para vocês — retrucou Zoraya. — Teriam ainda mais alimento enquanto nós teríamos ainda menos.

— Mas, se Demora produzir mais farinha, teremos mais para exportar — apontou Sage. — E essa não seria uma forma ideal de transporte? — Ela traçou o caminho do rio Nai pelo sul através da fronteira kimisara até o pequeno porto marítimo em sua foz.

Zoraya bateu as unhas esmaltadas na mesa, pensativa.

— Isso ainda não torna a terra utilizável. Temos muito pouco que possa ser cultivado.

— Talvez vocês precisem de plantações que exijam menos água — entrevistou Lani. — Eu, por acaso, represento uma nação experiente nesse tipo de agricultura.

— Demora também poderia se dispor a ajustar o fluxo de água se pudéssemos ver o prejuízo que causamos — disse Sage. — Estaria disposta a nos deixar inspecionar a região? Talvez possamos aconselhar sobre como irrigar a terra.

Todos esperaram enquanto a rainha considerava. Finalmente, um sorriso se entreabriu no rosto dela.

— Vocês vão precisar de muita reflexão e consulta com especialistas — ela disse. — Mas creio que fizemos mais progresso em três minutos do que havíamos feito em três dias.

Elas conversaram noite adentro, fazendo intervalos apenas para as refeições, abordando mais assuntos do que Sage achara possível. Zoraya tinha uma mente aguçada e a capacidade de ver os problemas de ambos os lados. Na maioria das vezes, Sage deixava que ela passasse de um assunto a outro conforme queria. Quanto às represas, nada pôde ser definido, mas Lani prometera a ajuda de Casmun, embora o que poderia oferecer fosse limitado agora que o desfiladeiro meridional entre seu país e Kimisara estava praticamente bloqueado após a Batalha do Vidro Negro.

— A propósito... — Sage se dirigia a Lani. — Havia um rio sazonal que fluía desse desfiladeiro. O que acha que a muralha de vidro negro vai fazer com ele? — Ela desconfiava da resposta, mas a princesa era mais qualificada para explicar.

— Já vimos alguns efeitos. A água foi bloqueada e um lago está se formando. Boa parte dele provavelmente voltará para Kimisara, em direção ao rio que fluía para o lado oeste. — Ela se voltou para Zoraya. — Pode ser que vocês recebam mais água com isso, mas levará anos para saber quanto.

— Ela será bem-vinda na região. — A rainha esfregou os olhos e verificou o relógio de vela, que indicava que duas horas haviam se passado desde a meia-noite. — Não consigo pensar em mais nada para discutir. Vamos fazer um recesso?

— Tenho uma dúvida importante — disse Sage. — Quando voltarmos aos nossos ministros e nobres com nossos termos, quanto do que fizemos hoje vai se concretizar? — Ela encontrou o olhar reluzente de Zoraya, fazendo a verdadeira pergunta com os olhos. *Você tem poder suficiente para fazer isso acontecer?*

— Se soltarmos um camundongo em um campo aberto, ele vai vagar de um lado para o outro à procura de grãos caídos, o tempo todo temendo predadores — disse Zoraya. — Mas, se colocarmos o camundongo numa trilha reta e protegida, com alimentos dispostos

em uma direção, o camundongo irá sem medo aonde quisermos. — Ela sorriu. — As negociações de Cabeça de Flecha começaram como o primeiro caso. Com essa estrutura, nossas negociações futuras seguirão o segundo.

Sage assentiu, sabendo que teria de confiar na rainha. Até então, não tinha motivos para não o fazer.

— E Rewel D’Amiran?

— Ele é seu. Posso ficar com ele até estarem prontos para levá-lo. — Zoraya olhou para Huzar. — Vocês sabem que foram seguidos até Bey Lissandra, imagino.

Alex estreitou os olhos.

— Por quem?

— Isso eu não sei — disse Huzar. — Mas pode não ser seguro levá-lo pelo caminho pelo qual vieram se ainda houver nobres leais a ele em Tasmét. Seu grupo é pequeno.

— Vamos pelo mar, então — disse Sage. — Um navio pode nos levar até Crescera pelo norte.

Clare balançou a cabeça.

— Não, Reyan é melhor. Posso conseguir uma escolta armada com os contatos de papa. — Sua voz vacilou apenas um pouco quando ela se referiu ao pai de seu amado Luke Gramwell, que tinha sido embaixador do país aliado ao norte de Demora.

— Reyan, então — disse Sage, olhando para Alex. — Quanto tempo acha que levará para preparar tudo?

— Um dia pelo menos.

Zoraya se levantou.

— Mantenham-nos informados. Quando estiverem prontos, levaremos o traidor até vocês, junto com um resumo de minhas propostas para seu rei. Por favor, sejam rápidos. Eu disse ao meu conselho que ia visitar meu filho em Kimisara. Gostaria de fazer isso de fato.

— Quantos guardas trouxeram? — Sage perguntou por curiosidade. Ela tinha visto apenas Huzar, mas devia haver mais.

A rainha trocou olhares com seu capitão, e se passou algo entre eles que Sage não conseguiu decifrar, embora medo estivesse envolvido.

Huzar respondeu:

— Tenho doze dos meus homens mais confiáveis na cidade.

— Estranho — disse Alex. — Contamos apenas dez, e quatro estavam a cerca de cem metros um do outro, quase como se protegessem algo. — Ele cruzou os braços. — Por acaso não teriam um trunfo na manga para ser usado caso as coisas comesçassem a correr mal entre nós, teriam?

— Não — disse Zoraya, de maneira brusca e firme. — Eles vigiam minha hospedaria. Agora parece que teremos de encontrar uma nova.

Sage viu uma contração nos olhos dela e soube que estava mentindo. Também reconheceu a maneira como cerrou o maxilar. A rainha Orianna fazia o mesmo sempre que achava que um de seus filhos estava ameaçado.

Estaria Zoraya com Mesden?

DUAS MANHÃS DEPOIS, Sage estava nas docas da cidade sob a primeira luz do dia, observando Alex voltar de um navio ancorado no porto. A água ali era aquecida pelas correntes do sul, e uma névoa pairava em partes da baía, às vezes cobrindo o avanço do escaler. Ao lado dela, Lani sentia calafrios e apertava o manto ao redor de si com força.

— Pensei que estava acostumada com o frio — disse Sage.

— Não é o frio — disse Lani. — Tem alguma coisa errada.

Sage não tinha como discordar. Estava silencioso demais. Até o mar estava parado.

— O nome disso é água baixa — disse Clare ao lado de Sage. — Costuma haver uma estranha calmaria antes de a maré virar. Os marinheiros consideram má sorte fazer alguns tipos de tarefa nesse momento.

Era a hora de levar os cavalos para o navio em uma barçaça, enquanto a água estava mais calma ou recuando lentamente rumo ao mar. Eles também pretendiam embarcar, assim que Huzar entregasse Rewel D'Amiran. Clare havia lhes dito que o melhor momento para navegar era na maré baixa da tarde. O navio levantaria âncora e seria levado pelo vento norte. Ela ficava usando termos que tinha aprendido quando morara no porto norte de Key Loreda. Sage mal os entendia, e pensou que a amiga talvez estivesse se exibindo. Ao longo do dia de negociações, Clare havia falado pouco; depois, tinha confessado que se sentira deslocada enquanto Sage e a rainha discutiam métodos agrícolas, geografia e recursos. Todos os comentários sobre história que ela havia conseguido fazer eram coisas que Sage já sabia. Passar por Reyan para voltar para casa talvez fosse a maneira que achara de contribuir para a missão deles. Era uma ideia boa, e Sage ficara feliz

em aceitar — mas gostaria que Clare entendesse quão indispensável era, independentemente daquilo.

Apesar da calma mortal e do arrepio em sua espinha, Sage vibrou ao se imaginar entrando triunfante em Tennegol, com as propostas de Zoraya e os acordos provisórios, além de um traidor algemado. Ela tinha conseguido tudo a que havia se disposto — e mais, considerando que Casmun também estava envolvido nas soluções. A irmã de Clare, Sophia, finalmente estaria livre. Talvez aquele pudesse ser o começo de uma época em que as mulheres teriam mais voz nas questões demoranas em geral.

Alex voltou a surgir no campo de visão de Sage, através do último trecho de névoa, e ela sorriu. Teria o maior prazer em dividir aquele sucesso com ele. Talvez fosse a prova de que todos precisavam para ver que Alex merecia a patente e o comando.

— Talvez então eles pudessem se casar.

O barco encostou na doca. Alex subiu, enrolando uma corda em um poste de madeira.

— Está tudo pronto. — Ele havia insistido em inspecionar todos os centímetros da embarcação e interrogar a tripulação. — Seus aposentos são pequenos, mas satisfatórios.

— São *cabines* — murmurou Clare, mas Alex não escutou.

— Vou levar as malas — disse Casseck. Ele pegou a bagagem aos pés das mulheres e entregou ao cabo Duncan, que esperava no barco. Dava para ouvir os cavalos sendo levados sobre a barcaça em outra doca nas proximidades. À exceção de dois, todos os norsaris iriam com eles. A dupla restante voltaria rapidamente a cavalo para atualizar o general Quinn e o príncipe Robert.

— Quer ir agora ou esperar Huzar? — Alex perguntou a Sage.

— Acho que ele chegou — ela respondeu, apontando para uma rua lateral, de onde saiu o vulto do capitão kimisaro vestindo um manto e segurando o braço de Rewel D'Amiran tão forte quanto os ferros nos punhos do duque. Os tornozelos do prisioneiro tinham sido soltos para que ele pudesse andar. Para a surpresa de Sage, Zoraya vinha atrás, carregando um maço de pergaminhos. Era um grande risco aparecer em público, mesmo àquela hora silenciosa, mas talvez fosse uma

tentativa de demonstrar a confiança mútua que haviam construído. A rainha foi ao encontro de Sage, onde a rua de pedras terminava e começava a doca de madeira.

— Quis me despedir pessoalmente — ela disse, estendendo os documentos que havia trazido.

Sage pegou o pacote amarrado.

— Vou dar meu melhor, mas sabe que não posso prometer nada, afinal, não era assim que meu rei esperava que nos encontrássemos. A autoridade real residia no príncipe Robert.

Zoraya assentiu.

— Mas creio que estamos muito mais próximos do que estávamos antes. Espero ansiosamente por notícias suas. — A voz dela parecia sincera.

Alex deu um passo à frente.

— Rewel D’Amiran — ele disse formalmente. — Como oficial do rei Raymond II, eu o declaro preso por crimes de traição contra a coroa. Todos os seus atos a partir de agora são sujeitos a registro e podem ser usados contra você no tribunal.

O conde zombou:

— Posso esperar um julgamento justo?

— Mais justo do que merece, sem dúvida — Clare disse.

Alex pegou o braço dele, e Huzar o soltou.

— É por isso que deveria estar com muito medo agora.

Rewel abriu a boca para retrucar, mas as palavras não chegaram a sair de seus lábios. Uma flecha trespassou sua garganta. Um monte de sangue espirrou em Clare, que gritou.

— Abaixem-se! — As mãos de Alex estavam nas costas de Sage, empurrando-a para o chão, mas ela já pulava em cima de Clare, fazendo com que ela caísse em cima de Lani. Os quatro tombaram enquanto outras flechas silvavam no ar. Alex estava em cima de Sage, protegendo tanto ela como Clare do ataque enquanto olhava em volta em busca de sua origem. Cass saltou da beira da doca e cobriu Lani com o corpo.

— De onde veio isso? — Alex gritou.

Soldados norsaris deixaram os cavalos que estavam carregando e

foram na direção deles, correndo e apontando para os edifícios nas redondezas. Sage avistou uma figura se abaixar atrás de uma lucarna, depois correr pelo terraço. Um som gorgolejante a fez virar a cabeça. Ela viu Rewel D'Amiran a poucos metros de distância, cuspidando e apertando a garganta ensanguentada. Clare o encarava, os olhos tão arregalados que dava para ver bastante branco em volta do castanho-escuro. Sage pegou a canela da amiga e puxou.

— Não olhe — ela disse, seguindo seu próprio conselho. Já tinha visto homens morrerem de perto, e não era algo que queria rever.

Mas as duas não tinham como não ouvir.

O duque engasgava e sufocava enquanto gritos soavam ao redor deles.

— Fiquem abaixadas — Alex comandou, saindo de cima de Sage afinal. — Você se machucou? — ele perguntou.

— Estou bem — Sage respondeu, assumindo uma posição mais confortável, mas ainda abaixada no chão. Alex não estava sangrando, pelo que ela podia ver. Sage se virou para as amigas. — Clare?

Em vez de responder, Clare deu as costas para a poça crescente de sangue e vomitou.

— Conte seis flechas — disse Cass. — As outras atingiram...

Sage e Alex se viraram para onde Cass apontou. O capitão Huzar estava deitado sobre a rainha, com sangue escorrendo do rosto. Ao que parecia, metade da sua orelha esquerda tinha sido arrancada. Embaixo dele, Zoraya gemia. Lani já tranquilizava Clare, então Sage se arrastou na direção dos kimisaros antes que Alex pudesse impedi-la.

Huzar rolou para trás, embalando Zoraya. Sangue escorria pela parte da frente do vestido dela, onde uma ponta afiada saía de sua clavícula, tendo atravessado o corpo depois de entrar pelo ombro. Apenas alguns centímetros a haviam salvado de um destino como o de Rewel. Por pior que fosse, a rainha tivera sorte, pelo momento.

— *Malkim* — Zoraya sussurrou na língua dela, olhando para Huzar em estupor. — Não consigo mover meu braço.

Sage sacou a adaga da cintura.

— Precisamos tirá-la daqui — ela disse enquanto serrava o cabo da flecha a poucos centímetros do ferimento de entrada. Alex parou perto

deles, gritando ordens para os norsaris e casmunis que corriam atrás dos atiradores.

— Os assassinos estão na cidade, Espírito sabe onde — disse Huzar.

— Então vamos levá-la para a embarcação. Ninguém vai conseguir fazer mal a ela lá. — O corte já estava fundo, então Sage guardou a faca e terminou de quebrar o cabo com a mão, murmurando um pedido de desculpas quando Zoraya gritou de dor. A pele cor de bronze da rainha tinha ficado pálida e doentia, quase verde, e estava coberta por uma camada de suor.

— Todos para o barco! — Sage gritou, dando a volta para apoiar o lado de Zoraya que não estava machucado. Lani levantou Clare pelo ombro e quase a arrastou na direção da água. Juntos, Sage e Huzar carregaram a rainha até a beira da doca enquanto Alex, de espada em punho e o tempo todo vigiando os terraços e ruas, formou a retaguarda. Eles começaram a baixar Zoraya para os braços de Casseck e do cabo Duncan, que esperavam para pegá-la. Lani pulou ao lado deles para ajudar.

— Não! — gritou Zoraya, sentando-se e agarrando Huzar com a mão direita. — Você precisa ir! Irão atrás dele!

— Pare! — Sage gritou para a rainha em kimisaro. — Vai piorar a situação! — Uma onda de sangue brotou da ferida, encharcando sua mão.

Huzar parou, com os olhos arregalados, depois balançou a cabeça.

— Não posso deixar você.

— *Malkim*. — Zoraya o puxou perto do rosto. — Ele é tudo o que importa.

Sage ficou encarando os dois, boquiaberta. Mesden estava *mesmo* na cidade. A rainha Zoraya confiava ainda menos em seu conselho do que imaginavam.

Huzar balançou a cabeça de novo.

— Minha rainha...

— Jurou me obedecer, e ordeno que vá. — A testa de Zoraya se franziu, os olhos de repente suplicantes enquanto sua voz se tornava um sussurro. — Se me ama, vai fazer o que estou pedindo.

Huzar engoliu em seco e assentiu. A mão da rainha relaxou, e ela

afundou nos braços de Casseck, parecendo fraca.

— Sei que você não vai me decepcionar — murmurou por fim, com os olhos se fechando. O corpo de Zoraya ficou mole, e Sage voltou a baixar o corpo dela para o barco que esperava. A cabeça da rainha foi colocada no colo de Lani, e Cass ergueu o braço para ajudar Clare, que estava pálida como um pergaminho e não parava de tremer.

— O que vamos fazer com o conde D'Amiran? — Sage perguntou.

Alex olhou para o corpo imóvel, jazendo como um amontoado de roupas úmidas.

— Deixem-no. Não vale a pena perder um dos nossos para buscá-lo.

Antes que Sage pudesse dizer qualquer coisa, Huzar se empertigou e a puxou pela gola, então a levantou e puxou para que ficasse cara a cara com ele.

— Como vou saber que não é um plano demorano? — grunhiu.

A ponta de uma espada encostou no pescoço de Huzar, colhendo imediatamente o sangue que pingava de sua orelha rasgada.

— Solte-a, capitão — Alex ordenou, com uma calma mortal na voz.

Huzar soltou, e Sage endireitou as roupas enquanto respondia ao olhar ferrenho dele.

— Agora você sabe como me sinto desde que o conheci — ela disse.

Alex baixou a espada e indicou a cidade com a cabeça.

— Vá — ele disse a Huzar, quase gentil, como se não estivesse prestes a cortar a garganta dele segundos antes. — Vamos mantê-la a salvo, eu juro.

Huzar recuou, sem nunca tirar os olhos de Sage.

— Não me faça me arrepender de ter confiado em você, Sage Fowler — ele disse, depois se virou e saiu correndo.

SAGE SOUBE QUE O ESCALER estava fora do alcance das bestas porque Alex começou a respirar visivelmente mais tranquilo, e os ombros dele baixaram alguns centímetros. No entanto, era impossível relaxar por completo com a rainha kimisara a seus cuidados. O silêncio tinha voltado a cair, embora a névoa tivesse diminuído, e Sage tremia enquanto os remadores impeliam o barco mais rapidamente pela água lisa como vidro. Ela queria contar para Alex aonde acreditava que Huzar tinha ido, mas, assim que tinham saído da doca, percebera que Zoraya não estava inconsciente — só fingira desmaiar, provavelmente para impedir que seu capitão continuasse discutindo com ela.

O ombro da rainha sangrava em dois pontos, o que preocupava Sage, que pensava no soldado que ela havia matado em Tegann. Ele tinha sangrado tão rapidamente que perdera a consciência logo depois dela. Alex, porém, a tranquilizara dizendo que a cor escura do sangue era um bom sinal. Se uma artéria tivesse sido cortada, seria muito mais clara. Mas a ideia de assassinos indo atrás de um garotinho inocente deixava Sage enojada. E se Huzar acabasse os guiando diretamente ao rei?

O pacote de cartas da rainha kimisara estava no colo de Sage, a parte de baixo encharcada pelo sangue de Rewel D'Amiran e a de cima pelo sangue de Zoraya. Ela duvidava que desse para ler muita coisa agora. Parecia simbólico: todo o trabalho delas — todas as suas esperanças — destruído pelo sangue e pela violência. Pior: se algum mal fosse feito a Mesden, as chances de paz de Demora estariam praticamente arruinadas por mais cem anos.

Talvez aquele fosse o objetivo.

Quem estaria tentando começar uma guerra? Não era Demora,

daquilo ela tinha certeza, mas a alternativa significava que Kimisara tinha tentado matar a própria rainha. Houve outras flechas também, o que significava que ela não tinha sido o único alvo. Sage estava inclinada a acreditar que estavam atrás dela. Se Huzar sabia o papel que havia representado na Batalha do Vidro Negro, outros kimisaros também deviam saber. Aquilo também poderia explicar a tentativa de matar Zoraya — ela estava confraternizando com a maior inimiga da nação.

Quando chegaram à escada pendurada na lateral do navio, Alex colocou a rainha sobre o ombro e subiu sem a ajuda de ninguém, o que pareceu um grande feito para Sage, que já achava difícil subir com as duas mãos sem estar carregando nada. Clare estava tremendo demais, e teve de ser içada em uma espécie de balanço.

O capitão do navio instruiu Alex a levar a rainha à cabine dele, e Sage foi atrás depois de Lani prometer que cuidaria de Clare. Eles colocaram Zoraya em uma espreguiçadeira perto de uma janela para ter uma iluminação melhor e, com cuidado, cortaram o ombro do vestido. Casseck rangeu os dentes e balançou a cabeça enquanto limpava o sangue dos ferimentos de entrada e saída. Estilhaços de osso branco eram impelidos pela cabeça da flecha, que mal podia ser vista.

— Não quebrou por inteiro — murmurou Alex, derramando um pouco de água sobre o ombro da rainha. — A remoção vai ver difícil, mas isso significa que vai cicatrizar mais rápido.

Sage engoliu a bile.

— O que posso fazer para ajudar?

— O capitão do navio vai trazer curativos e água em breve — Alex disse. — Pode ficar sentada ao lado de sua majestade e limpar o sangue quando for necessário? — Ela assentiu, e depois de um olhar desconfiado para ela Alex se dirigiu a Casseck. — Zoraya pode começar a sangrar mais do que conseguimos controlar, talvez antes de conseguirmos tirar a flecha.

Cass assentiu e saiu às pressas do quarto. Ele era o melhor em costurar ferimentos — havia dado os pontos na cicatriz da têmpora de Alex —, de modo que devia ter ido buscar os materiais de que precisava. O capitão do navio entrou, trazendo um kit cirúrgico. Alex

e Sage arrumavam os instrumentos quando Casseck voltou e colocou uma caixa de metal envolta em um pano.

Zoraya gemeu. Sage deu a volta e pegou a mão dela.

— Estou aqui, vossa majestade — ela disse. A rainha voltou a se recostar na cadeira acolchoada.

— Fique parada — Alex disse a ela. — Ou vou ter que imobilizá-la.

Os olhos de Zoraya se abriram, e não havia nenhum vestígio de inconsciência em seu olhar desafiador. Por um segundo, ela pareceu prestes a retrucar, mas mudou de ideia.

— Fale-me sobre o ferimento — a rainha disse.

A boca de Alex se contorceu no que Sage reconheceu como admiração.

— A cabeça da flecha está cravada na sua clavícula, majestade — ele disse. — Vamos ter que puxá-la e depois empurrá-la. Quando estiver solta, vamos cortá-la pelo cabo e puxar por aqui. — Ele tocou de leve no ferimento de entrada e Zoraya soltou um silvo de dor. Sage pensou se ele não tinha feito aquilo para testar a sensibilidade dela.

— Isso explica meu braço — a rainha murmurou. — Não consigo levantá-lo.

— Nem vai conseguir durante as próximas semanas — disse Casseck. — Vamos juntar o osso de novo e colocar uma tipoia.

Zoraya olhou para o teto e expirou devagar enquanto suor se formava em seu lábio superior.

— Quando vai começar a remoção?

— Precisamos de mais alguns minutos — respondeu Alex. — Tudo precisa estar preparado antes de começarmos.

— Muito bem. — A rainha olhou para Sage. — Dei à luz um menino de cinco quilos. Isso não será nada. — As palavras valentes foram ditas com um tremor visível, e uma súplica silenciosa em seus olhos. *Não me deixe.*

Sage levou a mão de Zoraya junto ao peito e a apertou para tranquilizá-la.

— Não será nada — ela concordou em kimisaro. — Vamos falar de coisas agradáveis. Conte-me sobre seu filho.

A rainha franziu a testa com desconfiança.

— Por quê?

A teoria de Sage de que Huzar tinha ido proteger o jovem rei não fora o principal motivo pelo qual ela havia sugerido o assunto.

— Pensei que as mães adorassem falar sobre os filhos. — Ela sorriu, fingindo não entender. Quando Zoraya relaxou um pouco, Sage perguntou: — Por que escolheu o nome Mesden para ele?

— O rei escolheu. — Zoraya fixou os olhos em Sage, ignorando a adaga que Alex segurava sobre a chama de uma vela para esterilizar. — É de uma lenda.

Embora Sage já conhecesse a história, incentivou a rainha a continuar falando. Como ela havia torcido, o assunto logo se tornou o próprio Mesden. Zoraya se envolvia diretamente nos cuidados e na educação do menino. Sage ficou mais tranquila ao pensar que a rainha podia ter mantido o filho por perto por razões maternas em vez de desconfiança do próprio país.

Com um olho em Zoraya e o outro limpando o ferimento, Sage conseguiu observar enquanto Alex e Casseck seguiam os passos que haviam descrito, por mais que precisasse de certo esforço para não vomitar o café da manhã. A quantidade de sangue era angustiante, mas controlável; no entanto, depois que eles serraram a ponta da flecha e tiraram o cabo pelas costas, o fluxo cresceu.

Alex soltou um palavrão, mas ficou claro que já estava esperando aquilo. Ele fez sinal para Cass, que abriu a caixa de metal onde, em vez de linha e agulha, havia carvões quentes.

— Não olhe, Sage — Alex disse.

Ela ergueu a toalha ensanguentada.

— Mas ela está sangrando...

— Já vamos estancar o sangramento. Não olhe.

Espírito do céu, eles iam cauterizar — *queimar* — a ferida para deter o fluxo de sangue. Sage fechou bem os olhos e se virou para a esquerda. Zoraya gritou contra a corda que haviam colocado na boca dela. Sage teria aguentado se não fosse pelo cheiro. De repente, estava de volta ao vale, cercada por gritos e homens em chamas, arrastando-se por um rio de lava. A dor aguda de sua têmpora batendo na quina da mesa a trouxe de volta para o momento atual por apenas uma

fração de segundo antes de tudo ficar escuro.

Quando voltou a si, Alex estava agachado diante dela, com a mão em sua cabeça.

— Desculpe, Sage. Eu deveria saber o que aconteceria, mas você estava indo bem, e a rainha precisava de sua ajuda.

Sage se empertigou, zozona. O cheiro de carne chamuscada que permanecia no ar lhe deu enjoo, e mal houve tempo de Casseck levar-lhe um balde antes que ela vomitasse.

— Estou bem. Voltem para a rainha.

Alex e Casseck retornaram ao trabalho, e Sage sentou no banco com dificuldade, tentando lembrar o que ela e a rainha estavam falando.

— Vossa majestade disse que Mesden já sabe o alfabeto — ela disse, secando a boca. — Ele sabe ler?

Zoraya estava rouca por causa dos minutos anteriores.

— Somos uma dupla e tanto, hein? — Ela abriu um sorriso frágil antes de responder à pergunta. — Ainda não. Estamos nos concentrando em aprender a falar demorano primeiro.

Meia hora depois, a rainha descansava em uma rede, as pálpebras se contraindo em meio a sonhos sob a influência das drogas que Casseck havia misturado assim que ele e Alex tinham acabado de enfaixar o ombro dela. Enquanto ele administrava os opiáceos, Sage ficou observando com um desejo que tinha quase esquecido, ansiando subitamente pela névoa abençoada de depois da Batalha do Vidro Negro. Sua boca ficou seca, e o hematoma em sua cabeça latejou. Quando Cass colocou a tigela na mesa, ela estendeu a mão sem pensar. O que sobrou não deveria ser desperdiçado.

Alex tirou a tigela dela.

Sage começou a protestar, levando a mão à têmpora.

— Mas minha cabeça...

— Não, Sage — ele disse com firmeza. — Você não precisa disso.

Ela juntou as mãos tremendo.

— Alex, por favor! — Lágrimas escorriam pelo rosto de Sage enquanto ele jogava o resto no balde em que ela havia vomitado.

Em vez de brigar, Alex a envolveu em seus braços, embalando-a enquanto ela tremia e chorava descontroladamente, como nos dias

depois que ele passara a negar o remédio para ela no ano anterior.

— Está tudo bem — Alex a reconfortou. — Vai passar. Você é mais forte do que pensa.

Não, ela não era; era fraca. Sage se afundou no peito dele, chorando e tremendo, até a razão voltar lentamente. Ela percebeu que Casseck devia ter saído, o que era ainda mais constrangedor.

— Desculpe — Sage murmurou.

— Não precisa se desculpar — Alex disse com a boca em seu cabelo.

— Vai ser sempre assim? Sempre vou querer aquilo?

— Sinceramente, não sei. — Alex soltou um pouco os braços e beijou a testa dela antes de lhe lançar um olhar solidário. — Mas não acho que tenha sido a única coisa que abalou você hoje. A maior parte foi o choque do que aconteceu pela manhã. Ver o remédio só rompeu a barragem.

Os acontecimentos daquela manhã voltaram à sua mente. Ela se recostou, olhando para a rainha kimisara coberta de sangue. Nas docas da cidade, jazia o corpo de um traidor que o rei queria levar a julgamento. Era difícil imaginar uma situação pior para a paz.

— Espírito do céu, Alex — ela sussurrou. — O que vamos fazer?

— Vou descobrir o culpado — ele disse. — Mas antes preciso conversar com Huzar. Se tudo der certo, ele voltará em breve.

— Ele chegou. — Eles se viraram e viram Casseck à porta. — O capitão chegou com o primeiro cavalo. — Ele olhou para Alex. — E temos um problema grave.

— Mais grave do que estarmos transportando a rainha moribunda de nosso maior inimigo histórico? — Alex perguntou. — Sem Huzar, não temos como provar que não a *sequestramos*.

Cass deu um passo para trás, e o homem atrás dele se colocou à frente. Antes que ela pudesse ver com clareza, Sage soube o que — quem — Huzar carregava em seus braços. Um menino de roupas comuns com cabelo preto encaracolado virou o pescoço para olhar para eles, seus olhos azuis arregalados.

Alex ficou boquiaberto.

— Esse é...

Ao ver a rainha, o menino se debateu para se soltar, aos gritos:

— Mamãe! Mamãe!

Huzar o colocou no chão. Enquanto o menino corria pela cabine até a rainha, chorando de soluçar, Alex fechou os olhos e os cobriu com a mão ensanguentada.

— Estamos na merda.

SAGE SEGUROU MESDEN antes que ele pudesse pular na mãe.

— Você precisa tomar cuidado. Ela está machucada.

Depois que conteve o avanço dele, Sage o guiou cuidadosamente para o lado da rainha. Mesden parou e ficou olhando, e Sage ficou grata por terem enfaixado tanto a rainha que ele não conseguia ver o ombro machucado e o osso saindo.

— Ela vai morrer? — Mesden sussurrou com os lábios trêmulos.

— Não — Sage o tranquilizou. — Mas ela precisa descansar. Vamos acordá-la daqui a pouco. Tenho certeza de que vai ficar muito feliz em ver você.

Mesden olhou boquiaberto para as roupas ensanguentadas de Sage.

— Você também se machucou? — ele perguntou.

— Não, estou assim porque ajudei a enfaixar sua mãe.

O menino se jogou nos braços dela. Sage voltou a se sentar no banco e o embalou enquanto Alex e Casseck descreviam a Huzar o que tinham feito pela rainha. O capitão kimisaro ouviu com uma expressão dura e os braços cruzados. Quando eles terminaram, Huzar assentiu.

— Eu agradeço — ele disse em demorano.

— O que está acontecendo na cidade? — Alex perguntou. — Seus homens capturaram os assassinos?

Huzar franziu a testa.

— Não, a prioridade era proteger o rei. Quando o peguei, eles saíram em perseguição, mas estão muito longe.

— Tenho certeza de que os norsaris e os casmunis conosco estão mais próximos de pegá-los — disse Alex. — Vamos comunicar tudo o que descobirmos para seus homens. — Huzar apenas grunhiu, e Alex respirou fundo. — Embora eu fique contente em ver que seu rei está a

salvo, você deve saber que isso complica a situação ainda mais. Se o conselho kimisaro descobrir que estamos com a rainha regente e com o rei, vão pressupor o pior: que capturamos os dois. Isso seria um ato de guerra.

O capitão suspirou como se concordasse.

— Ela nunca conseguiria ficar longe dele.

— Mas, se o conselho não sabe que sua majestade está aqui — disse Sage —, tampouco sabe do rei. Onde acham que ele está? E quanto tempo até descobrirem que desapareceu? — ela perguntou.

Huzar moveu o maxilar algumas vezes antes de responder.

— Acham que ele está em uma casa de campo três dias ao sul em Kimisara, mas talvez nunca descubram que não é verdade. Há uma criança falsa em seu lugar.

Sage lançou um olhar para a rainha adormecida. Inteligente. E paranoico. Embora justificável.

— A ama dele e meus guardas são os únicos que sabem da verdade.

— Huzar depois acrescentou: — E o próprio garoto.

Havia um motivo para Zoraya se envolver tão diretamente na educação de Mesden.

— Se sua majestade planejou isso — disse Sage com cautela —, deve ser porque não confia no conselho nem nos brazapilla.

A expressão de Huzar ficou mais sombria.

— Quer culpar meu país por isso?

— O fato de que deixou sua rainha em nosso cuidado indica que você mesmo não acreditava que fosse culpa nossa — Sage retrucou.

— Talvez não você, Sage Fowler, ou você, major — Huzar disse, apontando para Alex. — Mas isso não quer dizer que outros em Demora sejam inocentes.

Ainda que não os entendesse direito, Mesden pareceu assustado com as palavras duras, e Sage tentou falar com calma.

— Quero apenas criar uma lista de possibilidades. Não vou deixar Demora fora dela.

No entanto, não conseguia pensar em ninguém que pudesse ter feito aquilo. Nem mesmo os leais a D'Amiran, que eram contra as negociações de paz, porque não queriam Rewel morto.

— Quem ganha mais com a morte da rainha? — ela perguntou. — Quem a desafiou? O brazapil Nostin?

A boca de Huzar ficou tensa.

— Nostin é um covarde. Ele não faz nada sem permissão ou orientação do brazapil Donala.

— E o próprio Donala? — Alex sugeriu.

— Era um dos principais candidatos a regente. Minha rainha tinha o apoio do povo, e ele cedeu. Mas seria a principal escolha caso ela desaparecesse — Huzar admitiu. — E é rico o bastante para bater de frente com o general Oshan, que o enfrentaria.

Sage assentiu.

— Então ele deve ficar na lista.

Huzar voltou os olhos para ela.

— E os casmunis?

Sage pestanejou, surpresa, pois esperava que ele perguntasse sobre os demoranos.

— O que têm eles?

— *Chessa* Alaniah estava à mesa de negociação — disse Huzar. — Casmun tem interesse nos resultados.

Sage balançou a cabeça.

— A presença dela foi uma coincidência. A princesa já estava em Tennegol e julgou que seu irmão, o rei, gostaria que ela participasse.

— Ela estava lá para fortalecer a aliança de Casmun com Demora enquanto Kimisara estava fraca — argumentou Huzar. Ele mexeu os braços cruzados. — Conveniente.

Aquilo ia contra tudo o que Sage sabia sobre o rei Banneth.

— Não — ela disse com firmeza. — Os casmunis não ganhariam nada com isso.

Caiu um silêncio pesado, e Huzar lançou um olhar incisivo para Alex, que limpou a garganta.

— Sage — ele disse, hesitante. — Sei que Lani é sua amiga...

— Não. — Sage o interrompeu. O rei casmuni tinha se disposto a casar com ela para obrigar seus ministros a conversar com Demora depois de dois séculos de isolamento. Não havia ninguém mais dedicado a alcançar a paz. — Isso não tem nada a ver com amizade.

Conheço Banneth. Não existe essa possibilidade.

Huzar não pareceu feliz com a recusa de Sage, mas continuou.

— Então de quais demoranos você desconfia?

Sage já estava refletindo sobre aquilo antes de se distrair com a acusação de Huzar. Com a morte de Rewel, a filha de Sophia era a herdeira legal de Tasmeth. Se o apoiador mais poderoso de D'Amiran, o barão Underwood, quisesse o controle da província, o conflito entre Demora e Kimisara causado pelo assassinato seria a oportunidade perfeita para tomar Aurelia D'Amiran. Ele poderia tentar obrigar Sophia a se casar com ele — e Sage desconfiava que a duquesa viúva aceitaria se aquilo significasse proteger sua filha.

— O barão Underwood — Sage disse, depois explicou sua lógica.

— Ele já não é casado? — perguntou Casseck.

— Isso pode mudar — disse Sage, arqueando a sobrancelha.

— Sim, mas ele só faria isso se o atentado contra a vida da rainha fosse bem-sucedido — argumentou Cass. — Nunca saberemos agora.

Ali estava o problema: a sobrevivência da rainha, ainda que venturosa, tornava quase impossível descobrir quem havia mandado os assassinos e por quê.

— Bom, então essa é a solução — Sage disse. — Vamos deixar todos pensarem que ela morreu e esperar o traidor agir.

POR UM MOMENTO DEMORADO, a cabine ficou em silêncio, exceto pelo rangido do candeeiro apagado no teto, balançando com o movimento do navio. Sage ajeitou Mesden no colo enquanto observava os outros, cujas reações eram todas diferentes — e desanimadoras. Cass ficou boquiaberto de espanto, e Huzar pareceu enojado pela ideia de fingir que sua rainha estava morta, e depois furioso. Alex... os méritos do plano pareciam óbvios. Sage não conseguiu entender por que ele não concordou logo de cara. A expressão de dúvida no rosto dele foi como uma faca em seu estômago.

— Assim como fizemos em Casmun — Sage disse, ignorando a careta de Huzar e concentrando sua defesa em Alex. — Você estava lá quando os *dolofans* foram atrás do rei Banneth.

Os *dolofans* eram a divisão de espionagem de Kimisara. Eram especializados em assassinatos. Huzar descruzou os braços e cerrou os punhos.

— É a primeira vez que ouço falar desse complô.

— Foi um acordo entre o ministro casmuni das Finanças e o rei Ragat — explicou Alex. — Depois da morte de Banneth, o ministro Sinda pretendia se casar com a princesa Alaniah e governar em nome do filho pequeno de Banneth. Em troca do assassinato, os guardas no desfiladeiro meridional recuariam para deixar Kimisara passar para invadir Demora pelo sul.

— Sim — disse Sage, contorcendo-se com a menção indireta ao que ela havia feito para impedir a invasão. — A única maneira como conseguimos provar que Sinda estava por trás da conspiração foi fazer parecer que tinha dado certo. Quando ele tentou me culpar diante do conselho, seu plano caiu por terra.

Lani havia estado lá também, e Sage tinha certeza de que a princesa apoiaria seu plano. Onde estava quando Sage precisava dela?

Alex balançou a cabeça.

— Isto é diferente. Não tínhamos tempo para mais nada na época.

— Mas funcionou — Sage insistiu.

— Com ministros com sede de poder em uma sala fechada — disse Alex. — Não com dois exércitos prontos para lutar. Imagine o caos que a notícia da morte da rainha causaria.

— Será um caos de qualquer maneira, mas dessa forma teremos o controle — disse Sage. — Se voltarmos à Cabeça de Flecha, a notícia do que aconteceu chegará antes de nós. — Ela apontou para Zoraya, inconsciente. — A rainha viajará devagar. Quando ela chegar, todos estarão se digladiando há dias, e nada mudará.

Huzar foi o primeiro a entender aonde ela queria chegar.

— Está dizendo que, se a notícia da morte da rainha chegar, haverá pandemônio, mas ele acabará quando ela retornar.

— Isso — disse Sage. — Quando a virem viva e sob nossa proteção, vão parar e reavaliar a situação. Enquanto isso, o traidor terá agido, e vamos ter uma ideia de seu objetivo.

Alex estava com um braço sobre a barriga e o outro apoiado nele enquanto batia o dedo no lábio inferior, como costumava fazer ao refletir. Ele balançou a cabeça.

— Ainda há a questão de como levar a rainha ilesa de volta a Cabeça de Flecha. Todos juntos não somos suficientes para proteger você, ela, Mesden e a princesa Lani por toda essa distância. Uma daquelas flechas estava apontada para você, Sage. Não vou correr esse risco.

— Então vamos ficar aqui — respondeu Sage. — Vamos esperar até os norsaris poderem vir nos buscar. Isso vai dar tempo à rainha para se recuperar.

— Ficar na cidade onde tentaram matar você? De jeito nenhum — Alex disse, categórico.

— Também discordo.

Sage apontou para o piso.

— Estou falando daqui, do navio. — Quando Alex hesitou, ela

perguntou: — Consegue pensar em algum lugar mais seguro?

— Ryan — sugeriu Cass. — Como planejamos.

Alex balançou a cabeça.

— Longe demais. E, no navio, ninguém pode nos atacar de surpresa. — Ele olhou para Huzar. — Você precisaria levar a notícia pessoalmente para seu país, caso contrário não teremos ideia da reação.

O capitão voltou a cruzar os braços, suas tatuagens se alinhando de maneira a criar um desenho único.

— E para que fiquem convencidos de que é verdade — Huzar disse, embora a ideia obviamente lhe fizesse sofrer. — Eles sabem que nunca a deixaria se estivesse viva.

— Vamos proteger a vida dela com a nossa — prometeu Sage.

Alex arqueou as sobrancelhas.

— Então você gosta do plano? — ele perguntou a Huzar.

— Gostar não é a palavra — o capitão respondeu. — Mas parece o mais seguro para minha rainha. — Ele encarou Alex nos olhos. — Vou concordar com uma condição.

— Diga — disse Alex.

— Você também voltará a Cabeça de Flecha.

Os ombros de Sage caíram.

— Combinado — disse Alex.

— Por que o capitão Casseck não pode ir? — ela perguntou. — O general Quinn acreditaria nele.

— É justo, Sage — disse Alex, mantendo os olhos em Huzar. — E preciso estar lá para avaliar a situação com meus próprios olhos. Mas vou dizer a verdade para meu pai e o coronel Traysden. A Robert também.

Huzar considerou aquilo por alguns segundos.

— Robert é o príncipe herdeiro e Traysden é o ministro da Inteligência?

Alex assentiu, então falou:

— Você também pode contar àqueles em quem tem total confiança. Não vamos ter como descobrir o traidor sozinhos.

Huzar concordou com um grunhido, mas não disse nada.

— Imagino que isso significa que vou ficar — disse Casseck.

— Sim. — O maxilar de Alex se contraiu. Ele não estava feliz com aquilo, mesmo sabendo que precisava ser feito. — Você, alguns norsaris e todos os casmunis, que não vão querer abandonar a princesa.

— E Mesden? — Sage perguntou. O menino ergueu os olhos ao ouvir seu nome, e ela sorriu para tranquilizá-lo.

Huzar engoliu em seco.

— Ele deve ficar. Minha rainha não aceitaria outra opção. De qualquer modo, levá-lo a algum lugar poderia expor o falso rei. — Huzar se aproximou alguns passos e se ajoelhou diante do garoto. — Meu amigo — ele disse em sua língua. — Chegou a hora do jogo, dessa vez com muitas outras pessoas.

Os olhos de Mesden se arregalaram.

— O jogo de esconde?

Sage e Alex trocaram olhares. *O jogo de esconde?*

Huzar estava concentrado no rei.

— Sim. Está pronto?

O menino sorriu, um pouco presunçoso.

— Vou ganhar.

— Tenho certeza disso. — Huzar bagunçou os cachos escuros de Mesden e se levantou, então se dirigiu a Sage e aos outros em demorano. — Minha rainha o preparou para se esconder. Ele acredita que é um jogo, fingir ser outra pessoa. E foi bem treinado.

Os braços de Sage apertaram o menino inconscientemente. Apesar de todo o medo com que Sophia, a irmã de Clare, vivia, a rainha Zoraya sofria muito mais, mas estava pronta para garantir o destino do filho com as próprias mãos. Era horripilante, mas admirável.

— Posso ter um momento a sós com minha rainha? — Huzar perguntou em voz baixa.

Sage se levantou, colocando Mesden em pé.

— Claro. — Ela guiou o jovem rei em direção à porta com a promessa de comer e voltar logo. Alex e Casseck a seguiram para o corredor, onde Lani esperava, com a cara fechada.

— Vocês iam me consultar quanto aos planos? — ela perguntou

com a voz ativa e as mãos nos quadris.

Sage se crispou.

— Desculpe, Lani. — Depois de seu desejo inicial do apoio da princesa, tinha se esquecido completamente dela e de Clare.

Alex se virou.

— Preciso conversar com o capitão do navio.

— Aonde estamos indo? — Lani questionou enquanto Alex seguia para a porta que dava para o lado de fora. — Já que está decidido.

— Não vamos a lugar nenhum — disse Casseck, apontando para Lani e Sage. — O major Quinn e o capitão Huzar vão voltar a Cabeça de Flecha com a notícia de que a rainha Zoraya foi assassinada.

Toda a cor se esvaiu do rosto de Lani, embora ela já estivesse pálida antes.

— A rainha morreu?

— Não — Sage disse rapidamente. — Achamos que a única maneira de descobrir quem está por trás disso é fazer com que pense que conseguiu o que queria.

Lani apertou os lábios.

— Para descobrir que foi pelas ações dessa pessoa? Como...

— Como fizemos com o ministro Sinda — disse Sage.

A princesa cerrou os punhos com a menção ao nome do ex-amante. Seus olhos, agora dominados pelo verde, se voltaram para Casseck.

— E vamos ficar aqui enquanto o *maizschur* vai descobrir o culpado?

— Vou manter vocês a salvo — disse Casseck, pegando o braço de Lani. — Não precisa se preocupar.

Com o toque dele, a cor voltou com tudo às bochechas pálidas de Lani. Ela sorriu quando Casseck virou as costas para seguir Alex. Depois que ele tinha ido, Lani voltou a testa franzida para Sage.

— Fico surpresa em ouvir que você se contenta em esperar enquanto os outros agem — ela disse.

Enquanto pensara no plano, Sage não tinha visto aquilo como esperar, e ainda havia imaginado que Alex ficaria com ela. Mas agora se dava conta de quão pouca coisa faria. Ela estendeu a mão de Mesden para Lani.

— Pode levá-lo para comer alguma coisa? Preciso falar com Alex.

Lani bufou, mas o pegou pela mão, então se abaixou para se dirigir a ele.

— Como você se chama, bonitão? — perguntou na língua do garoto. O sorriso presunçoso voltou ao rosto dele.

— Victor. — Aparentemente, ele achava que era seu primeiro teste no jogo de esconde.

Enquanto Lani o levava, Sage foi atrás de Alex e Casseck. Fora da cabine abafada, o ar fresco tornou o cheiro de sangue em suas roupas mais evidente e repulsivo. Alex e Casseck conversavam com o capitão do navio.

— Se quiser que alguns dos cavalos sejam mandados de volta, major, posso descarregá-los na próxima calmaria — o homem estava dizendo. Sua papada grisalha emoldurava um rosto moreno e enrugado como uma casca de noz. — Vai ser daqui a cerca de uma hora. Podemos levantar vela assim que a maré baixar.

Sage ergueu a mão para cobrir os olhos. Era cerca de meio-dia, e o navio tinha dado meia-volta de modo que sua traseira estava voltada para Bey Lissandra, e a frente apontava para a corrente. De sua posição, ela conseguia ver que a água havia subido alguns metros em comparação com as docas da cidade. Era quase maré alta. Depois que chegasse ao seu auge e virasse, o navio partiria.

Deixando Alex.

— O tempo e a maré não esperam por ninguém — veio uma voz suave atrás dela. Sage teve um sobressalto e virou para encontrar Clare, que estava pálida, mas firme, ao contrário de Sage, que sentia o balanço do convés.

— Como? — Sage perguntou.

— É uma expressão de marinheiros — disse Clare. — Para lembrar que não podem escolher a hora de partir.

Sage contraiu os lábios. A impaciência e a indisposição de Alex a deixar que forças invisíveis ditassem quando podia agir faziam dele um péssimo marinheiro. Enquanto os homens continuavam a discutir detalhes, Sage explicou tudo para Clare, que franziu a testa e murmurou que deveria ter feito parte do planejamento. Sage resistiu a

comentar que ela estava quase desmaiando na última vez que a havia visto, e provavelmente não teria sido de muita ajuda na conversa.

— Não podemos ir a Reyán como planejado? — perguntou Clare. — Tenho os contatos de papa. Estaríamos a salvo lá.

Observando a conversa ao lado, Sage balançou a cabeça.

— Alex diz que é muito longe.

— E você concorda com ele — disse Clare.

A hostilidade no tom da amiga fez Sage se virar para ela.

— É um fato.

Alex se afastou do capitão e atravessou o convés até elas.

— Está tudo combinado. Ainda há alguns detalhes do estratagema para discutir com Huzar e outras tarefas a realizar antes de podermos voltar. — Aquilo incluía levar os cavalos para a margem e juntar provisões para a jornada, obviamente, mas Sage desconfiou que também teriam que lidar com o corpo de Rewel D' Amiran. Alex acenou de modo respeitoso para Clare. — Pode me dar licença enquanto me despeço de Sage?

Ele já estava partindo? Sage perdeu o fôlego de repente. Mal notou Clare se afastando.

Como se entendesse, Alex pegou a mão de Sage e a encarou nos olhos.

— Preciso voltar à cidade para ver o que os norsaris encontraram. Até eu descobrir alguma coisa, você já terá ido embora. Não gosto dessa ideia, mas tem de ser assim.

O tempo e a maré não esperam por ninguém.

O mundo estava sempre conspirando para afastá-los. Quanto tempo levariam até descobrir o traidor? Os norsaris iriam até elas assim que possível, mas Sage, a rainha e todos os outros ficariam presos naquele navio por semanas. Seria pior do que ficar parada em Vinosa por meses, esperando algo acontecer. Já Alex iria diretamente para um ninho de vespas com a notícia que o chacoalharia. Ela baixou o olhar, cerrando os dentes em frustração.

— Sage, foi ideia sua — Alex a lembrou com carinho, erguendo o queixo dela para encará-la. — E vamos fazer dar certo. — Ele se abaixou para lhe dar um beijo carinhoso. — Confie em mim.

Ela colocou os braços em volta do pescoço dele e retribuiu, tentando colocar só o Espírito sabia quantos dias e noites de solidão no beijo. Alex a apertou com força até Huzar o chamar, e então saiu andando de costas em direção ao escaler, dizendo que a amava. Sage o observou descer, esperando que ele lhe dissesse que a veria em breve, que logo estariam juntos de novo e que tudo ficaria bem.

Mas ele não disse. Era sincero demais para aquilo.

SAGE LAVOU AS MÃOS E O ROSTO, mas não sabia onde estavam suas roupas, então não podia se trocar. Ela e Clare se sentaram perto de Zoraya, pois não havia mais nada que pudessem fazer para ajudar. Lani trouxe Mesden de volta, e juntas as três decidiram que cortar o cabelo do menino ajudaria no “jogo de esconde”. Quando elas terminaram, ele estava quase adormecendo na cadeira.

Clare colocou o rei menino no beliche do capitão para tirar um cochilo, e Lani se recolheu em sua cabine, as bochechas rosadas tendo assumido um tom esverdeado graças ao movimento constante do navio. A luz que entrava pelas janelas tinha se movido pelo piso, indicando que o navio havia dado a volta com a mudança da maré. A rainha balançava ao ritmo constante das ondas. Sage e Clare estavam sentadas uma ao lado da outra, observando mãe e filho dormirem, ouvindo os marujos do lado de fora se preparando para içar as velas. As últimas duas horas tinham se passado tão devagar que era insuportável pensar nas muitas que ainda viriam.

— Será que ela vai ficar brava quando ficar sabendo do nosso plano? — Sage perguntou.

— Desde que o filho dela fique a salvo, acho que vai nos perdoar — respondeu Clare.

Sage franziu a testa.

— Ela não é do tipo de ficar de braços cruzados e esperar.

— Você que é assim, Sage — Clare disse, secamente.

— Não, sério. — Sage balançou a cabeça. — A rainha forçou as conversas de paz contra a vontade de seu próprio conselho e dos brazapilla, e encontrou uma maneira de nos fazer deixar as negociações para encontrá-la em Bey Lissandra.

— O brazapil Nostin fez isso — Clare a lembrou. — Sua majestade não teve nada a ver com aquela vela.

Mas Sage vinha pensando a respeito, e não estava mais tão certa. Nostin não tinha ideias originais; alguma outra pessoa devia ter colocado aquilo na cabeça dele. Ele seguia a liderança de Donala, então talvez o brazapil mais poderoso tivesse promovido aquilo, mas a rainha estivera pronta para tirar vantagem do incidente. Sage olhou para Zoraya, percebendo que não estava mais dormindo. Escutava a conversa delas, como tinha feito no escaler.

Sempre cautelosa. Manipuladora também.

Aquilo não necessariamente fazia Sage gostar menos dela. Ela própria havia aprendido a ser assim com uma das mulheres mais cautelosas e manipuladoras em toda a Demora, Darnessa Rodelle. O trabalho de uma casamenteira exigia tais características, orientadas por um senso de lealdade ao bem da nação. Aquilo significava também que ela tinha encontrado o mesmo em Sage.

Depois de alguns minutos de silêncio, Zoraya abriu os olhos devagar.

— Mesden... — ela murmurou.

Clare se levantou de um salto.

— Ele está a salvo, vossa majestade. Dormindo bem ali.

A rainha mal olhou para o filho, tampouco comentou sobre seu cabelo cortado, o que mostrou a Sage que estava certa ao pensar que Zoraya estivera atenta aos arredores havia algum tempo. Sage se levantou e foi até a rainha. Zoraya sustentou seu olhar com firmeza, depois lambeu os lábios antes de dizer na própria língua:

— Sede.

Sage tinha um copo de água fria à mão.

— Beba devagar, vossa majestade — ela disse em demorano enquanto levava o copo à boca da rainha. — Seu estômago pode não tolerar muito depois dos medicamentos que lhe foram dados.

Ela sabia daquilo por experiência própria.

Depois de alguns golinhos, Zoraya se recostou e pestanejou na direção de Sage.

— Não esperava que a própria embaixadora fosse se sentar comigo.

— Mais uma vez ela usou palavras em kimisaro, mas não devia ser para esconder a conversa, porque sabia que Clare falava bem a língua. Sage desconfiou que aquilo lhe dava uma sensação de controle em uma situação em que ela estava indefesa.

— Contamos com pouquíssimos criados — Sage respondeu enquanto devolvia o copo à bandeja de estanho ao lado, ainda falando em demorano. — O capitão Huzar lhe falou de nossos planos?

— Sim. — A rainha não manifestou sua opinião, porém, e continuou a se recusar a falar em outra língua.

Clare limpou seu rosto suado com um pano úmido e frio.

— Vossa majestade está com dor? Gostaria que eu pedisse mais remédios ao capitão Casseck?

— Sim, por favor. — A rainha não tirou os olhos de Sage enquanto assentia. Sage se perguntou se estivera desperta o suficiente para ouvir quando Alex havia tirado os opiáceos dela. Zoraya esperou que Clare fechasse a porta atrás de si antes de finalmente falar em demorano. — Serei mantida em troca de resgate?

Sage tentou suprimir a ironia na voz.

— Não somos de fazer reféns, vossa majestade.

— E não têm certeza se Kimisara pagaria — Zoraya disse com franqueza.

— Sem querer ser desagradável, mas nem vossa majestade confia em seus próprios ministros. — Sage puxou o banco para mais perto e se sentou. — Ainda não é uma boa ideia deixar seu país saber que está conosco. Podem pensar que a sequestramos e usar isso como justificativa para declarar guerra.

— Se culparem Demora pela minha morte, vão declarar guerra de qualquer maneira.

Sage tamborilou os dedos na perna, tentando se lembrar de que a violência provavelmente irromperia de uma forma ou outra, mas o plano deles era a melhor chance de contê-la. No entanto, não parecia mais tão bom quanto antes.

— De todo modo, ficar aqui é a solução mais fácil e segura — ela disse.

A boca da rainha se contorceu num sorriso irônico.

— Mais fácil do que me jogar no mar e fingir que nunca nos encontramos?

— Essa nunca foi uma opção.

Uma expressão de vergonha perpassou o rosto de Zoraya, e Sage desconfiou de que a rainha estava pensando que, se fosse o contrário, a possibilidade não teria sido descartada automaticamente.

— Não me considere ingrata — Zoraya disse, voltando a cabeça para o filho adormecido. — Mas é um plano ruim. No meu país, e imagino que no seu também, é mais fácil ficar no poder do que conquistá-lo ou reconquistá-lo. Quem quer que assuma o controle será difícil de derrubar. Por que outro motivo acha que ajo como ajo?

— Deixe isso a cargo do capitão Huzar — disse Sage. — Não confia nele?

A rainha pestanejou, ainda olhando para o outro lado.

— Confio nele mais do que em qualquer outro.

— Por quê?

— É um filho de Kimisara que provou seu valor diversas vezes.

— Foi o que ouvi dizer. — Sage afasta uma mecha de cabelo preto-azulado do rosto de Zoraya. — No entanto, acho que ele gosta da rainha de maneiras que ultrapassam a lealdade. — Como Zoraya não respondeu, Sage continuou. — Fui treinada para ver essas coisas em meu trabalho como casamenteira.

Ela tinha sido aprendiz de Darnessa por apenas sete meses, mas fora mais do que o bastante.

— Casamenteiras — disse Zoraya devagar. — Um costume demorano interessante.

— Que manteve uma nação de muitas línguas e costumes unida por cem anos — Sage disse. Quando ela havia assumido o ofício, detestara a ideia e só aceitara para escapar de seu tio. Com o tempo, passara a entender como a prática era cuidadosa e pensava no futuro. — Vossa majestade tem sentimentos mais profundos por ele?

Zoraya ficou olhando para o candeeiro que balançava no teto.

— Uma rainha não pode se dar ao luxo de sentir essas emoções. — Ela apertou os lábios por alguns segundos antes de dizer: — Mas tenho consciência dos afetos do capitão.

— É claro que tem. Até os usou contra ele.

Os olhos aguçados da rainha se voltaram para Sage.

— Fiz o que era necessário para fazer com que ele obedecesse às ordens quando estava em conflito. A vida do meu filho dependia disso.

— Eu sei — disse Sage. — E não vou me esquecer disso.

Elas se encararam até Casseck bater na porta. Sage falou para ele entrar, e Casseck se aproximou carregando uma bandeja.

— Como vossa majestade está se sentindo? — ele perguntou enquanto as duas se recostavam e rompiam o contato visual.

— Indefesa — disse Zoraya, usando um tom que indicava frustração, embora Sage visse a maneira como os lábios dela tremiam por um medo que não se permitia admitir, muito menos expressar.

Casseck deu uma colher de caldo misturado com sedativos na boca da rainha, mas, daquela vez, Sage estava distraída demais com seus próprios pensamentos para dar atenção aos opiáceos.

O medo é mais perigoso que a raiva, seu pai havia lhe dito anos antes. Porque ele não sabe o que quer, exceto não temer.

A rainha faria de tudo para que Mesden ficasse seguro, e aquilo significava mantê-lo — e se manter — no poder.

Uma pessoa consumida pelo medo pode tanto se voltar contra você como aceitar sua ajuda.

O que Zoraya estaria disposta a fazer se pensasse que Sage estava em seu caminho?

Cass terminou e verificou os curativos da rainha antes de assentir para Sage e sair. O medicamento já estava fazendo efeito, e as pálpebras de Zoraya caíram. Antes que adormecesse, Sage perguntou:

— O que vossa majestade gostaria que eu fizesse? Não temos soldados suficientes para protegê-la fora deste navio.

— Você disse antes que tem aliados em Reyan que achava que ofereceriam tropas para seu retorno a Tennegol. Eles poderiam ser persuadidos a marchar por mim? — As palavras de Zoraya se enrolaram um pouco, mas o sentido por trás delas era claro. Já estava tramando uma maneira de voltar, e acreditava precisar de forças.

— Não sei — Sage admitiu. Reyan sempre havia se mantido neutra nos conflitos entre Demora e Kimisara. Mesmo se aceitasse ajudar,

levaria semanas para reunir tropas e depois marchar, ou navegar, de volta. A situação em Cabeça de Flecha poderia ter mudado duas ou três vezes até lá. Reyan ficava longe demais.

Ela franziu a testa, pensativa, depois se virou quando a porta se abriu, e Clare voltou a entrar no quarto, usando roupas mais frescas.

Clare.

O pai dela possuía uma enorme extensão de terra ao norte da encruzilhada Sagitta e aquartelava seu exército particular na fortaleza Ocidental. Se o navio os levasse a um ponto da costa mais acima, eles poderiam seguir por terra e chegar à casa do barão Holloway em — Sage fechou os olhos para imaginar o mapa e as distâncias — cinco dias, mais ou menos. A notícia estaria chegando a Cabeça de Flecha àquela altura. Eles poderiam estar no meio do caminho de volta com Zoraya antes da chegada prevista dos norsaris de Alex a Bey Lissandra para buscá-los, colocando um fim naquilo muito antes. Sage reabriu os olhos e se levantou de um salto, alvoroçada.

— Pode ficar com a rainha? — perguntou a Clare.

— O que está aprontando? — sua amiga perguntou, desconfiada.

— Preciso falar com o capitão do navio — disse Sage, mordendo o lábio para conter um sorriso. — Você fica?

— Não preciso de uma ama — disse Zoraya, quase embriagada. — Preciso de um exército.

— E vou arranjar um para vossa majestade.

TUDO EM BEY LISSANDRA ESTAVA UM CAOS. Sem Cass, Alex tinha de organizar todos os detalhes sozinho. Huzar desapareceu assim que eles saíram do barco, correndo por um beco em busca de seus guardas. Alex fez sinal para um dos norsaris, o sargento Gaverson, seguir o capitão kimisaro. Ele confiava em Huzar, mas não confiava que o homem contaria tudo a ele. No caminho de volta para as docas, Alex havia criticado Huzar por não ter lhe dito que Mesden estava com a rainha, mas o capitão havia apenas mexido na orelha dilacerada e respondido que não era algo que os demoranos precisassem saber.

Quando Alex tinha acabado de separar todos os cavalos e mandado quatro norsaris de volta ao navio, mais de duas horas haviam se passado. Todos os casmunis tinham insistido em ficar com a princesa, o que facilitava as coisas. Uma hora depois, ele estava amarrando o corpo de Rewel D'Amiran a uma carroça quando um par de norsaris voltou até as docas, arrastando um cadáver. Eles jogaram o assassino morto aos pés de Alex, com o rosto voltado para cima. Pó e fuligem cobriam o cabelo do homem, tornando difícil julgar o verdadeiro tom de sua pele escura. Um dos norsaris jogou uma besta quebrada perto do corpo.

Alex usou a ponta da bota para virar a cabeça do assassino, examinando o ângulo da ferida no pescoço dele.

— Autoinfligida?

O soldado Busker assentiu, à sua direita.

— Ele estava encurralado, apontando a faca de um lado para o outro. Quando vimos, sangrava por toda parte.

— Inferno — Alex murmurou. — Onde está a faca?

Busker mostrou uma adaga curta encrustada de sangue seco, e Alex

a pegou para examinar o modelo. Simples — nenhum brasão de família, nenhuma inicial, tampouco a estrela de quatro pontas de Kimisara. As roupas do homem também eram de um estilo que poderia ser tanto de Tasmét como de Kimisara, e seus traços não eram distintamente nortenhos, como os de Cass, nem sulistas, como os de Huzar. A besta era simples e tampouco tinha marcas características que pudessem revelar alguma coisa.

— Algo no corpo? — Alex perguntou, embora estivesse certo de que Busker já teria dito se houvesse.

— Não, senhor, mas soubemos que os kimisaros encontraram outro assassino. Eles estavam nervosos no começo, mas relaxaram depois de algumas horas.

Quando o rei menino estava relativamente a salvo. Alex estreitou os olhos na direção do navio ancorado do outro lado do porto. Marinheiros subiam nos mastros e andavam sobre as vergas, soltando as velas.

— Onde estão os guardas kimisaros agora?

— Logo atrás de nós. — O soldado Busker apontou a cabeça por cima do ombro enquanto meia dúzia de homens vestidos como civis descia a avenida principal correndo para o leste, com Huzar os guiando. O sargento Gaverson, que havia seguido o capitão, saiu de uma rua lateral e fez um leve aceno de cabeça para Alex. Busker deu um passo para trás quando Huzar se aproximou de Alex.

— Encontrou alguma coisa? — Alex perguntou. Ficava frustrado por mendigar informações em vez de sair à procura delas.

— Mais uma pessoa morta — disse Huzar. Ainda havia uma crosta de sangue coagulado sobre o pedaço remanescente de sua orelha esquerda. — Mas eram ao menos três. O restante de meus homens continua a busca.

Então um havia fugido.

— Onde ele está? — Alex perguntou. — Quero examinar o corpo.

— *Ela* não está em condições de ser carregada — Huzar respondeu. — Caiu de um terraço. Ou pulou. Não sabemos ao certo. — Por cima do ombro, Alex viu seu sargento concordar com a cabeça, indicando que Huzar não estava deixando de falar nada. — Mas encontramos um

item interessante em seu corpo. — Huzar tirou um pedaço de pergaminho do gibão e o estendeu.

Alex o pegou e estreitou os olhos para a tinta borrada e manchada de sangue que encharcava o bilhete quase a ponto de torná-lo ilegível. Ele o ergueu a favor da luz do sol, que agora brilhava quase horizontalmente por cima da água atrás dele. Era uma lista de nomes.

Rewel D'Amiran

Rainha regente Zoraya

Sage Fowler

PL Lady Clare Holloway

Seu estômago se revirou. Alex havia presumido que Sage era um dos alvos, mas ver aquilo escrito — saber que alguém tinha se dedicado a delegar a morte dela — era outra coisa. Ele lançou outro olhar para o navio dela. A âncora estava sendo levantada.

— O que é isto? — perguntou, apontando para as letras PL ao lado do nome quase ilegível.

— É um código em kimisaro usado pelos *dolofans* — disse Huzar. — *Pesta lundamyetsk*. — Ele fez uma pausa. — Sua morte em troca desta.

— O que significa?

— Se Lady Clare fosse ferida, os assassinos iam se tornar os próximos alvos de seu empregador — Huzar respondeu.

Alex cerrou os lábios.

— Então isso é obra dos *dolofans*.

Huzar balançou a cabeça.

— Se fosse o caso, o ataque teria sido feito de perto, com uma arma branca, e não teria falhado.

— Humpf — Alex resmungou. Ele tinha visto assassinos kimisaros falharem em Osthiza, mas estava inclinado a concordar quanto à proximidade.

— O *pesta lundamyetsk* em relação a Lady Clare me diz que isso é uma conspiração demorana — disse Huzar. — Por que outro motivo ela seria poupada?

Alex arqueou uma sobrancelha.

— Creio que o uso de uma frase em kimisaro indica outra coisa. —

Ele balançou a cabeça. — Clare é extremamente rica. O duque D'Amiran havia planejado se casar com ela em troca de seu dote. Parece que alguém não quer irritar a família dela.

— Ou que a família dela está envolvida.

— Talvez — Alex admitiu. — O pai dela arranhou o casamento de outra filha com Rewel D'Amiran, mas parece ter sido algo mais movido a ganância do que traição. — Ele devolveu o pergaminho a Huzar, sem querer segurar a sentença de morte de Sage por mais tempo. — Não acho que isso nos diga muito mais do que já sabemos.

Huzar dobrou o bilhete.

— E o que você encontrou?

— Quase nada. — Alex lhe ofereceu a adaga e esperou enquanto o kimisaro a examinava. Finalmente, ele a devolveu, balançando a cabeça, de modo a indicar que não via nada digno de menção. Seus olhos castanhos se voltaram para o mar, e ele tensionou o maxilar. Alex seguiu seu olhar para o navio que agora se voltava a noroeste para aproveitar o vento.

— Está na hora então de retornar a Cabeça de Flecha — Huzar falou. — E dizer a eles que minha rainha está morta.

Alex não pretendia mentir para Robert, mas os outros nobres nas conversas eram suspeitos. Provavelmente seria arriscado demais enviar uma mensagem codificada com a verdade ao rei. O general Quinn e o coronel Traysden não gostariam nada daquilo, mas a reação de Tennegol levaria tempo demais para importar.

— Há alguém em seu conselho ou exército em quem você confie? — Alex perguntou, observando o navio partir, com Sage dentro.

Huzar considerou.

— Talvez o general Oshan, mas vou esperar para ver a reação dele antes de decidir se lhe conto a verdade.

— Tem mais alguma coisa que eu deva saber? — Alex perguntou.

O capitão hesitou.

— Os pertences de minha rainha foram vasculhados depois que peguei o rei. Eu tinha enviado o guarda a postos atrás dos assassinos, de modo que o quarto dela ficou sem vigilância. Quando voltei, faltavam algumas coisas.

— Como o quê?

— Pergaminhos particulares — disse Huzar. — Tudo o que ela havia escrito sobre a reunião aqui, tudo o que foi concordado.

— Alguma coisa sobre o rei ou o menino que se passa por ele?

Huzar balançou a cabeça.

— Isso é importante demais para ser registrado.

— Então é uma boa notícia — disse Alex, virando-se em direção à água como Huzar. Os últimos raios de sol se foram rapidamente, de modo que o céu e a água se misturaram em um único tom sólido e escuro de violeta. — Seu rei não estava na lista também, o que significa que o culpado o quer vivo ou não sabia que ele estava ali. Mesden está a salvo, e quem quer que apareça com o conhecimento desses documentos será o culpado.

— Talvez, mas duvido que seja tão simples ou fácil.

Alex abriu um sorriso pesaroso.

— Nunca é.

— Espero que isso dê certo, demorano — disse Huzar, cruzando os braços e concentrando o olhar na silhueta do navio diminuindo contra as nuvens no horizonte.

Alex imitou a postura do outro, observando a silhueta terminar de desaparecer.

— Eu também, kimisaro.

Eles seguiam rumo ao que poderia facilmente se tornar uma zona de guerra, mas ao menos Alex havia deixado Sage onde ninguém poderia alcançá-la até ser seguro retornar.

SAGE VOLTOU TRIUNFANTE DO CONVÉS. Ela havia ido até o capitão e explicado que queria parar alguns quilômetros ao norte da costa demorana. O capitão tinha coçado os fios brancos e grossos das costeletas e dito:

— Podemos fazer isso. Há um lugar relativamente perto da costa onde podemos parar. Chegaremos lá amanhã à tarde. — Ela se perguntou o quanto Alex tinha pagado ou prometido àquele homem para recompensá-lo daquele transtorno. Provavelmente muito, considerando que também havia pedido sigilo.

Clare estava esperando dentro da cabine, com os braços cruzados e a expressão mais furiosa que Sage já tinha visto.

— Em nome do Espírito, o que pensa que está fazendo? — ela questionou. — De que exército está falando?

— O seu — Sage respondeu. — Ou, melhor, o do seu pai.

O rosto de Clare ficou branco como pergaminho.

— *O quê?*

— Vamos velejar ao norte por um dia, depois desembarcar e seguir para a fortaleza Ocidental — disse Sage.

— Por quê?

— Estamos presas neste navio porque não há nenhuma outra forma de nos proteger — Sage disse, paciente. — Seu pai tem mais de mil soldados à disposição. — Ela não conseguiu entender Clare. — Qual é o problema? Estaremos seguras lá.

— *Você estará segura!* — Clare exclamou. — E eu? O único motivo por que meu pai não me casou é porque estou fora do alcance dele.

Espírito do céu, em sua ansiedade de *fazer* algo, Sage não tinha nem pensado naquilo. Ela balançou a cabeça.

— Não vou permitir que ele...

— Ele tem o direito legal! — Clare gritou. — Vou acabar como Sophia, casada com a pessoa que ele pensa que vai lhe dar mais! — Ela desatou a chorar.

Sage sempre tinha cuidado de Clare, desde a jornada do Concordium, quando ela confessara às lágrimas que o pai havia mentido quanto à sua idade. A implicação de que não conseguiria — ou não queria — protegê-la a magoou. Seu plano original era a única opção segura algumas horas antes, mas agora que Sage se dera conta de que eles podiam ir à fortaleza Ocidental, permanecer no navio parecia o mesmo que aceitar ficar de mãos atadas. Eles poderiam levar Zoraya para casa antes.

— Não vou ficar parada e esperar semanas até Alex me dizer que é seguro voltar — ela retrucou. — Não consigo.

— Então isso tudo é para você ficar perto dele!

— Não! — Ela achava que Clare estava sendo ridícula. — Isso é para manter a governante legítima de Kimisara no poder.

— Ela é apenas a regente. — Clare apontou para o menino adormecido no canto da cabine. — *Ele* é o governante legítimo.

— Não vejo diferença.

— Não? — Clare baixou a mão. — Porque ela faz você se sentir importante? Porque nosso rei pode manipulá-la enviando você para negociar?

Sage lançou um olhar para Zoraya, que parecia inconsciente de verdade.

— Não é bem assim! Ele só achou que ela reagiria melhor a outra mulher.

— Não vejo diferença. — Clare cruzou os braços outra vez, com o olhar seco e furioso. — E agora você está me usando para conseguir o que quer, sem se preocupar com o que *eu* quero, com o que *eu* sinto.

— Clare — Sage implorou. — Vou protegê-la do seu pai, eu prometo.

A outra fez um som de repulsa e deu as costas, então seguiu em direção à porta.

— Faça seus planos com a rainha regente. — Clare parou com a

mão na fechadura. — Não preciso de sua proteção, Sage. — Ela abriu a porta e saiu sem olhar para trás. — Tampouco das suas promessas.

Sage ficou imóvel quando o trinco se fechou atrás de Clare. Sua amiga estava certa. Sage não havia pensado em como ela ia se sentir ao voltar a encontrar o homem que a tinha enviado para o Concordium de maneira ilegal depois de praticamente ter vendido a filha mais velha para um traidor. Sage *tinha* uma ideia de como conseguir o que queria do barão Holloway, e talvez devesse ter falado com Clare a respeito — mas não a havia consultado, só agido.

— Se faz você se sentir melhor — murmurou uma voz ao seu lado —, aprovo o novo plano.

Sage virou para encarar Zoraya. Os olhos azuis da rainha estavam vítreos e desfocados, mas ela sorria.

— E seu rei não é tão esperto quanto pensa se acredita que eu confiaria mais em você porque é mulher. — Ela piscou devagar. — Eu confiava menos.

— E confia em mim agora? — Sage perguntou, dando alguns passos para perto dela.

— Confio nas suas intenções. — Zoraya se recostou, suas pálpebras pesadas. — Mas seu discernimento é duvidoso.

Sage ficou vermelha com a opinião da rainha. Ela provavelmente poderia fazer qualquer pergunta e ouvir uma resposta sincera agora, graças à dose forte do medicamento de Casseck, mas não sabia se queria saber o que Zoraya pensava de verdade. Sentiu uma coceira no braço, e coçou. Não havia conseguido passar nenhuma loção em suas cicatrizes naquele dia.

Mesmo em seu estado entorpecido, a rainha notou o movimento.

— Malkim me falou sobre você — ela disse. — Sobre suas queimaduras. Ele disse que você poderia ter morrido.

— Bom, não morri. — Sage desejou que a mulher pegasse no sono logo.

— Foi ideia minha, sabia?

Sage franziu a testa.

— O quê?

— A vela. — Zoraya fechou os olhos. — Não mandei Nostin fazer

aquilo, mas coloquei a ideia na cabeça dele. Sabia que você ia enfurecê-lo mais cedo ou mais tarde. — Ela suspirou e balançou a cabeça. — Mas precisava que saísse para que pudéssemos nos encontrar.

Não era exatamente um pedido de desculpas, mas Sage não achava que a rainha tivesse o hábito de se desculpar. Provavelmente veria aquilo como uma fraqueza. Na posição dela, talvez fosse mesmo. Sage não conseguiu pensar em nenhuma outra resposta, então disse:

— Não me machuquei.

A menos que os pesadelos, cuja frequência havia aumentado, contassem. Alex tinha estado com ela desde então, normalmente os pressentindo e a acordando antes que chegassem ao auge. No entanto, ele não estava mais ali.

Zoraya abriu os olhos e voltou a cabeça para Mesden. Um sorriso triste se esboçou em seus lábios.

— Ele parece muito mais velho agora. Sentirei falta daqueles cachos.

— Acho que ficou muito bonito — disse Sage, aliviada com a mudança de assunto.

— Ficou mesmo. — Lágrimas brotaram nos olhos da rainha. — Ele se parece com o pai agora.

O rei Ragat tinha quase sessenta anos, então Sage desconfiava que a semelhança tivesse a ver com a falta de cabelo.

— Nunca conheci sua majestade para saber — ela disse.

Um par de lágrimas escorreu em direção ao cabelo preto de Zoraya.

— Não Ragat — ela sussurrou, quase inaudível, enquanto seus olhos se fechavam uma última vez.

SAGE PASSOU A NOITE TODA COM ZORAYA, mas a rainha não disse mais nada sobre o verdadeiro pai de Mesden, e Sage ficou com medo de perguntar. Na manhã seguinte, Casseck foi ver como elas estavam. Ele pareceu bastante aliviado ao ver os ferimentos da rainha, e depois de recolocar as faixas manchadas disse a ela que faria um suporte para imobilizar seus ombros enquanto o osso cicatrizava, além de uma tpoia para seu braço. Em seguida, Cass olhou para Sage e disse:

— O que aparentemente devo fazer agora, já que vamos desembarcar à tarde.

Com o rosto vermelho, Sage tentou explicar, mas Cass deu as costas de novo, nem um pouco interessado no que ela tinha a dizer. Sage ficou surpresa, porém, que ele não tivesse tentado fazer o capitão mudar de ideia quando descobrira o novo plano. Depois de alguns segundos de silêncio constrangedor, Sage perguntou se ele poderia vigiar a rainha enquanto esticava as pernas por alguns minutos. Sua única resposta foi um aceno breve.

Sage saiu para o ar livre, nauseada por motivos além do balanço constante, embora aquilo não ajudasse muito. Clare e Casseck estavam enojados com ela. Sinceramente, dava para entender.

Os marinheiros no alto e ao redor dela cuidavam das cordas e velas, usando um jargão que Sage mal compreendia. Em circunstâncias normais, teria ficado ansiosa para aprender tudo sobre aquele novo mundo, mas não conseguia prestar atenção em nada. Por alguns minutos, ficou junto à amurada, observando o navio rumar em direção ao sol nascente, deixando que os respingos de sal queimassem seus olhos. Ela não conseguia avistar terra ainda, mas imaginou que levaria algumas horas até chegarem. Em volta da esteira baixa de crista

branca criada pelo movimento do navio, peixinhos do tamanho de um dedo abriam as barbatanas como asas de libélula e saltavam de uma onda a outra. Peixes-voadores. Clare havia lhe falado sobre eles um dia, mas Sage não tinha botado muita fé. Que bela amiga ela era.

Sage coçou o pescoço, notando uma rigidez em suas roupas. Baixou os olhos e viu que ainda estava coberta de sangue seco. Sua outra camisa devia estar dentro da bolsa no quarto que ela teoricamente dividia com Clare e Lani. O sol já estava alto, de maneira que Clare devia estar fora fazendo alguma coisa. Sage seguiu para a cabine. Quando levou a mão à porta, porém, Clare a abriu e Sage deu um passo para trás, envergonhada.

— Eu, hum, só precisava pegar minha bolsa — ela disse.

Clare deu de ombros.

— Lani está aí dentro. Passou a noite toda vomitando, o que você saberia se tivesse se dado ao trabalho de ver como ela está.

Sage abriu a boca para argumentar que tinha passado a noite ocupada com a rainha, mas Clare se virou para passar por ela no corredor estreito, depois falou por cima do ombro:

— Vou tomar conta de Mesden, já que alguém precisa pensar nele.

Aquilo era desnecessário. Sage mostrou a língua para as costas da amiga, mas se sentiu péssima logo em seguida. Com um suspiro, entrou na cabine, que estava escura e abafada, e fedia terrivelmente. A princesa espiou fora da rede, suas olheiras de um tom esverdeado.

— Por favor, me diga que há terra à vista — grunhiu.

Sage se sentou na cadeira de lona próxima a ela.

— Imagino que Clare tenha lhe contado que vamos desembarcar hoje à tarde.

— Sim. — Lani puxou a cobertura até o queixo. — E isso me alegra por mais de um motivo, embora não a alegre de modo algum. — Ela encarou Sage. — Clare disse que você falou para a rainha que vai encontrar tropas para ela. Pretende marchar de volta a Cabeça de Flecha? Não pode esperar pelos norsaris?

— Fingir que a rainha está morta pode revelar quem tentou matá-la e por que — disse Sage —, mas quem quer que saia vitorioso pode relutar a ceder o poder quando ela estiver de volta. Se tivermos que

forçar uma renúncia, uma escolta norsari não será suficiente.

Lani franziu a testa.

— E você não pensou nisso quando traçou o plano de forjar a morte dela?

Sage se lembrou da confissão de Zoraya sob o efeito dos remédios, mas quanto menos pessoas soubessem, melhor.

— A ideia de usar as tropas de Lord Holloway não tinha me ocorrido no dia. Agora prefiro isso a ficar sentada neste barco esperando.

— Ao que parece, Clare não acredita que o pai vai ajudar.

Sage tinha pensado que Clare estava concentrada no próprio medo, mas o pai dela poderia muito bem se recusar a emprestar soldados. Ou oferecê-los sob a condição de que Clare se casasse com o nobre que ele escolhesse. Sage franziu a testa.

— Ela não me disse isso.

Lani arqueou a sobrancelha.

— E você não pensou em perguntar a ela.

— Não, não pensei — respondeu Sage. — Desculpe.

— Não é para mim que deve pedir desculpas.

Sage suspirou.

— Não acho que ela me vá me escutar. — Sage pegou a bolsa e a revirou em busca de uma camisa limpa. Depois de se trocar, voltou a olhar para Lani, que tinha fechado os olhos. — As águas estão mais calmas agora — disse Sage. — Quer tomar um pouco de ar fresco? Pode ajudar.

A princesa gemeu.

— Obrigada, mas não. Com minha sorte, vou acabar vomitando *em cima* do capitão Casseck, em vez de na frente dele da próxima vez.

Sage tinha quase certeza de que havia vomitado em cima de Cass durante a semana em que estivera se recuperando de sua dependência em analgésicos, mas achou melhor não mencionar.

— Você vai perder a chance de desmaiar e deixar que ele a carregue de volta para cá.

Lani olhou feio para ela.

— Não sou uma flor delicada, tampouco estou desesperada a ponto

de precisar de tal artimanha. — Ela suspirou e passou a mão na testa. — Saizsch, eu não o entendo. Ele é gentil e cortês, mas não há diferença na maneira como me trata e como trata Clare.

— Ou me trata?

— Não, creio que de você tem certo medo.

Era provável que Cass tivesse ainda mais medo de Lani. Sage deu de ombros.

A princesa fez um bico.

— Sequer me diz seu primeiro nome. Quando pergunto, ele se faz de desentendido e diz que o chamam de Cass.

— Ah, bom — Sage se encolheu —, isso é porque o primeiro nome dele é horrível.

— Sério? — A princesa se inclinou para a frente. — Qual é?

Sage ergueu as mãos.

— Ah, não. Ele vai saber que fui eu quem contou.

— Não me admira que tenha deixado o ofício de casamenteira. — Lani olhou para o teto. — Você é péssima. — Ela voltou a olhar para Sage. — Como está a rainha?

— Ela vai se recuperar — disse Sage. — Mas precisa de repouso.

A princesa arqueou uma sobrancelha.

— Não vai ter muito repouso nos próximos dias se viajarmos a cavalo até a casa de Clare. — Sage não respondeu, e a princesa continuou: — Mas ela tem força e pouco medo, pelo que vi.

Sage se recostou na cadeira.

— Seu medo é reservado ao filho.

— É compreensível para uma mãe.

Havia muito tempo que os casmunis espionavam os kimisaros. Sage se perguntou se eles sabiam algo sobre o verdadeiro pai de Mesden.

— Você sabe bastante coisa sobre ela?

Lani se ajeitou para olhar melhor o rosto de Sage.

— Foi a terceira esposa de Ragat. Uma se matou e a outra foi executada por algum tipo de traição ao país, nunca consigo lembrar a que veio primeiro. Em Casmun, sempre desconfiamos que suas mortes tiveram a ver com a falta de filhos.

Sage concordou.

— Coisas semelhantes aconteceram na história de Demora, infelizmente.

— Zoraya foi escolhida pelo rei aos dezessete anos. Ela veio de uma família grande em uma região conhecida pela vida difícil — Lani continuou. — De uma família muito fértil, se me perdoa a expressão. Ainda assim, demorou seis anos para engravidar.

— Me parece que o problema era Ragat — Sage disse, seca.

— E ele provavelmente sabia disso — concordou Lani —, o que explicaria por que sentiu a necessidade de arranjar brigas com Demora e Casmun depois de tantos anos de trégua.

— Mas acabou tendo um filho. Mesden. — Sage bateu no lábio enquanto pensava, um hábito que havia pegado de Alex. — O que deve ter salvado Zoraya de sofrer o mesmo destino de suas antecessoras.

— Mas ela sempre esteve a uma doença ou a um acidente do desastre — disse Lani. — Creio que pode imaginar a tensão sob a qual deve ter vivido.

Estava claro agora que Zoraya havia decidido resolver a questão do herdeiro por conta própria. Talvez a tentativa de assassinato tivesse sido motivada por alguém que soubesse que Mesden não era filho de Ragat. A não ser que...

— Por mais caótica que Kimisara esteja agora, perder Mesden seria um desastre. Uma guerra civil eclodiria pela sucessão — disse Sage.

— Óbvio. Por que diz isso?

— Tirar Zoraya do caminho poderia ser útil para os que querem mais poder — Sage respondeu. — Mas não vejo muita vantagem em matar Mesden. Ele é uma criança, fácil de moldar e de manipular.

Seria mais fácil assumir o poder com ele no trono, fosse ou não o legítimo herdeiro.

Lani assentiu.

— Você acha que o próximo passo do conspirador será pegar o rei menino. Ou, melhor dizendo, o falso rei menino.

— Provavelmente. — Sage se levantou, colocando a bolsa no ombro. — Vamos precisar enviar um mensageiro para o general Quinn quando chegarmos à terra firme, tanto para dizer aonde fomos como

para alertar a que ficar atento.

— E para pedir desculpas a Ah'lecks por não fazer o que ele pediu — disse Lani, fechando os olhos e se recostando na rede.

— Isso também. — Alex era mais um na lista de pessoas com motivos para estar bravo com ela.

Sage deixou Lani e voltou para a cabine de Zoraya, tentando pensar como a origem de Mesden poderia afetar os acontecimentos. Seria possível que o conspirador soubesse e quisesse apenas a rainha fora do caminho? Ou faria mais sentido usar a verdade contra ela?

Casseck se levantou quando ela entrou no quarto e saiu com apenas um aceno de cabeça, mas Sage mal notou. Toda a sua atenção estava na rainha adormecida. Em certos sentidos, admirava aquela mulher por assumir o controle do próprio destino, mas aquilo também a fazia se perguntar se Zoraya mantinha o filho perto por amor ou medo de que seu segredo fosse revelado.

Em todo caso, levar o rei e a rainha regente de volta a Kimisara tinha se tornado muito mais complicado.

ALEX CHEGOU AO ACAMPAMENTO de Cabeça de Flecha na calada da noite, percebendo que o lado kimisaro não parecia estar mais ativo do que o normal. Com sorte, aquilo significava que ainda não sabiam nada sobre Bey Lissandra. O destacamento norsari subiu diretamente a trilha larga no centro das tendas. Quando os pés de Alex tocaram o chão, o príncipe herdeiro surgiu ao seu lado.

— Você voltou muito antes do esperado — Robert disse. — Espero que seja um bom sinal. — Ele olhou para os seis homens desmontando atrás de Alex. — Onde está Sage?

— Agora não. — Alex entregou as rédeas para um pajem sonolento e acariciou o pescoço da égua, que estava exausta depois de três dias de cavalgada árdua. — Preciso ver o general.

Além de Rob, seu pai e o coronel Traysden eram os únicos que sabiam sobre a reunião em Bey Lissandra. Depois de atualizá-los, a prioridade de Alex seria descobrir se aquela informação havia saído do círculo restrito de alguma forma.

Eles seguiram na direção da tenda de comando, enquanto seu primo o atualizava.

— Insisti em um recesso de três dias, e depois em mais uma folga após o dia de missa. A última semana foi um inferno. Todos sempre terminavam aos berros. Parece que eles não têm o menor interesse em fazer isso funcionar. Eu teria posto um fim a tudo dias atrás se não estivesse acobertando a reunião de Sage.

Alex acenou com gravidade. Aquilo se encaixava na avaliação da rainha Zoraya.

— E, por falar em pôr um fim a coisas — continuou Rob —, Underwood e seus amigos partiram há três dias. Não que eu tenha

lamentado a perda deles.

Alex parou de repente. O momento da partida era suspeito.

— E meu pai o deixou ir embora?

— Como o barão não havia sido convidado, não havia motivo para detê-lo. — Rob sorriu. — Mas o general mandou uma companhia noursari para acompanhá-lo.

— Quem está na liderança?

— O capitão Nadira.

Alex assentiu e voltou a caminhar. Ben Nadira teria sido a escolha dele, mas, tendo deixado Cass com Sage, e com o tenente Hatfield seguindo rumo a Jovan como escolta falsa dela, o único oficial experiente que havia lhe restado era o tenente Tanner.

— Como os kimisarios reagiram à partida do barão e de seus subalternos?

— Ele contribuía pouco, então não acho que tenham sentido falta dele. — O príncipe apertou o passo para acompanhar Alex. — Mas fiquei tão cansado de discutir com Nostin que ontem fingi uma doença e cancelei as conversas. — Rob olhou para os seis noursaris atrás deles. — Como foi sua reunião? Lady Clare está com Sage?

— Agora não, caramba.

Eles chegaram à tenda do general Quinn e entraram sem esperar permissão ou se anunciar. O pai de Alex se levantou de um salto da cadeira à mesa comprida. Depois de continências e alguns segundos observando o rosto de Alex, pareceu aliviado.

— Quando soube que voltaria sem alguns membros de seu grupo, fiquei preocupado — o general disse. — Estão todos bem?

Seu pai tinha se preocupado com Sage, o que era gratificante.

— Deixei todos em boa saúde — Alex disse apenas.

O general assentiu, e Alex observou ao redor. Os coronéis Traysden e Murray estavam presentes, assim como o duque de Crescera e o homem que comparecera a todas as reuniões com ele. Alex teria de esconder a verdade até os dois saírem, ainda que fosse útil ver a reação do duque à notícia. Robert deu um passo à frente para participar da conversa.

— Só me resta supor que seu retorno rápido signifique que os

planos não correram como previsto — disse o pai de Alex.

Alex esperou até todos os norsaris terem assumido formação atrás dele.

— A rainha Zoraya está morta — ele começou. — Assim como o conde Rewel D'Amiran. — Ele parou, virando-se um pouco para fingir que estava incluindo Welborough, embora fosse mais para observar a expressão dele. — Ambos foram assassinados por um grupo desconhecido.

Houve um longo silêncio. O coronel Traysden foi o primeiro a falar.

— *Desconhecido?*

Ele estava perguntando por que os norsaris não haviam pegado os assassinos, mas Alex não queria deixar o duque saber mais do que o necessário.

— Capturamos dois — ele disse. — Ambos mortos.

— Onde isso aconteceu? — o duque questionou, inflando o peito como um galo furioso. Com seu cabelo ruivo penteado de modo a parecer mais farto do que era, realmente parecia um.

Alex se concentrou no pai, tentando dizer com os olhos que havia mais do que poderia revelar na companhia atual.

— Bey Lissandra.

— O que estava fazendo em Bey Lissandra, major? — o duque Welborough perguntou.

— Tenho todo o direito de estar em uma cidade demorana, vossa graça — disse Alex, cuja mão direita se cerrou pelo desejo de socar o homem de botas reluzentes.

O general franziu a testa.

— Isto acabou de se tornar uma reunião militar estratégica. Devo pedir à vossa graça para sair.

Para a surpresa de Alex, Welborough não contestou. O duque crescerano apenas fez sinal para seu criado e seguiu para a saída, sem fazer nenhuma reverência.

— Vossa graça — chamou o general Quinn. Os dois pararam no batente. — O que acabou de ouvir não deve deixar essa tenda. Se alguma palavra desse relatório for vazada, será preso por traição.

O duque apenas sorriu e saiu.

O pai de Alex olhou para os norsaris.

— Confio no silêncio de seus homens, mas acho melhor que eles também saiam — disse.

— Dispensados — Alex disse por cima do ombro. — Vão descansar um pouco. — Todos entraram em posição ao mesmo tempo, depois volveram e saíram.

Nem o coronel Traysden nem o tenente-coronel Murray fizeram menção de sair. Robert cruzou os braços e ficou parado, como se desafiasse o tio a ordenar que ele também fosse.

O general passou a mão no cabelo cor de ferro enquanto voltava a se sentar.

— Certo, major. Conte-nos tudo.

Alex começou respondendo com uma pergunta.

— Quem mais sabia? — ele questionou.

Seu pai franziu a testa.

— Sabia o quê?

— Quem sabia aonde a embaixadora estava realmente indo?

O general olhou para os punhos cerrados de Alex.

— Se está nervoso por causa do perigo, devo lembrá-lo de que ela sabia exatamente os riscos que corria. Assim como você.

Alex se obrigou a relaxar e respirar com calma. Sage estava a salvo. Raiva não ajudaria em nada.

— O que aconteceu, filho? — o general perguntou em voz baixa.

— A rainha Zoraya ia nos entregar Rewel D'Amiran — disse Alex. Ele explicou o plano de viajar por Reyan em vez de Tasmét, que seu pai aprovou com a cabeça. Era sempre reconfortante saber que tinha feito, ou planejava fazer, a coisa certa. — O ataque aconteceu três manhãs atrás, quando sua majestade nos encontrou para entregar o conde e dar à embaixadora um resumo de todos os acordos a que haviam chegado.

Traysden olhou para a pena do tenente-coronel Murray riscando seu pergaminho antes de apoiar os antebraços na mesa.

— A embaixadora também era um alvo do ataque?

— Sim. — Alex falou da lista que Huzar havia encontrado. — O capitão Casseck, quatro norsaris e oito guardas casmunis estão com

eles. Vou enviar um destacamento norsari para buscá-los, com sua permissão.

O general Quinn tamborilou os dedos na mesa.

— Acho difícil acreditar que a embaixadora Fowler e a princesa Alaniah tenham concordado em se esconder por tanto tempo.

Alex hesitou, sabendo que aquilo não correria bem, pelo menos no começo.

— Eu menti. O conde D'Amiran está morto, mas a rainha Zoraya apenas se feriu. Ela está com a embaixadora.

O pai de Alex se empertigou na cadeira.

— *Ela o quê?*

— Em um navio perto da costa oeste, esperando até ser seguro retornar — disse Alex.

O general Quinn baixou a voz com muito esforço.

— A rainha kimisara está sob custódia demorana? Você enlouqueceu? *Por que* disse que ela estava morta?

— Na verdade, falei apenas para Welborough, porque é o que todos os demais devem acreditar. — Alex cruzou os braços. — E prefiro pensar que a rainha está sob a proteção demorana. A menos que ache que eu devesse tê-la deixado ferida e inconsciente em uma cidade onde alguém tentava matá-la.

O general ignorou o tom insolente na voz de Alex.

— E os homens dela? Não poderiam tê-la escoltado com segurança de volta para a terra dela?

— Sua situação era tão grave que seria perigoso demais. — Por um breve momento, ele descreveu os ferimentos da rainha e o que tinham feito para tratá-los, mencionando o ferimento de Huzar também.

O general Quinn trocou um olhar cético com Traysden.

— Diga-me que considerou que tudo isso possa ter sido uma armadilha. Agora eles podem alegar que sequestramos a rainha.

— Não se não souberem que estamos com ela. — Alex baixou os braços. — Depois de negociar com a rainha e o capitão por vários dias, tenho quase certeza de que esse não era o plano deles, e a embaixadora concorda. Huzar aceitou partir deixando a rainha Zoraya sob nossos cuidados, mas não tomou tal decisão com facilidade.

— Ele é o amante dela. Você não sabia? — perguntou o coronel Traysden. Era sua função saber daquelas coisas como ministro da Inteligência, mas o fato de não ter contado antes irritava Alex.

— Passei a suspeitar — ele respondeu. — Mas isso não muda minha avaliação do caso em nenhum aspecto. — Alex inspirou fundo. — Tem mais — ele disse, preparando-se antes de contar a respeito de Mesden.

Todos ficaram em silêncio quando ele terminou, observando enquanto o general apertava a ponte do nariz e pensava por um minuto.

— Você entrou dizendo que a rainha estava morta — o pai de Alex disse finalmente. — Imagino que haja um porquê.

Alex assentiu.

— O plano é deixar quem está por trás do atentado pensar que foi bem-sucedido. Assim, por suas ações, poderemos determinar quem é.

— Dependendo de quem tentar assumir o poder — seu pai disse em tom baixo.

— Provavelmente.

O general franziu a testa.

— Os kimisaros vão nos culpar pelo assassinato.

— Eles botariam a culpa em nós mesmo se soubessem que ela foi apenas ferida — disse Alex. — Mas, se acharem que Zoraya está morta, suas principais preocupações serão internas, o que nos coloca em vantagem. Temos agora uma chance de descobrir o culpado, motivo pelo qual menti para o duque Welborough. O responsável pode ser um demorano.

— Talvez — seu pai admitiu. — Qual é sua opinião, Kristor?

— Acho que será um caos de qualquer maneira — disse Traysden. Ele passou uma mão na cabeça raspada e suspirou. — Quem vai levar essa notícia aos kimisaros e quando?

— O capitão Huzar — respondeu Alex. — Ele está vindo, mas viaja apenas à noite para evitar ser notado, então provavelmente chegará depois de amanhã.

— Não nos resta muito tempo — murmurou o general. — Preciso de um mapa. — Seu assistente colocou um na frente dele, e o pai de Alex franziu a testa por alguns segundos. — Murray, traga todos os oficiais

do batalhão para cá em dez minutos.

O oficial do estado-maior se levantou de um salto e correu para avisar o mensageiro do lado de fora. O coronel Traysden passou um lápis de carvão para o general Quinn.

— Onze quilômetros pode ser um bom perímetro. Conseguimos antes do pôr do sol de amanhã.

— Concordo. — O pai de Alex riscou um leve círculo em torno da posição deles. — E quero o número de seus batedores duplicado antes do nascer do sol.

— Feito — disse Traysden.

Murray retornou e voltou a assumir seu lugar à esquerda do general.

— Qual é o plano, senhor?

— Vamos nos dispersar e cercar os kimisaros a uma distância de onze quilômetros, perto o suficiente para reagir a seus movimentos mas longe a ponto de não notarem. — Ele parou para encarar seu assistente, que havia pegado uma pilha de páginas pequenas em branco. — Sem ordens por escrito desta vez, Murray. É um assunto delicado demais.

— Está bem, senhor — disse Murray calmamente, colocando os pergaminhos de volta no lugar. Alex se perguntou se o oficial do estado-maior ficava frustrado com o fluxo constante de mudanças de planos e ordens do general.

Alex se afundou numa cadeira, com o peso dos últimos dias surtindo efeito de repente. Seu pai não tinha dito diretamente, mas ele podia ver que não gostara do plano para descobrir o traidor. Só que era tarde demais para mudar de rumo.

A MANHÃ COMEÇOU COM UMA MÁ NOTÍCIA. Pouco depois de acordar, Alex soube que, em meio à comoção dos batalhões se preparando para marchar ao amanhecer, o duque Welborough havia partido, deixando ao menos metade de sua comitiva para trás. Os que tinham ficado passaram a manhã fazendo as malas e então rumaram para o norte atrás dele, pela estrada Span. O general Quinn ficou irritado, mas não havia nada que pudesse fazer para impedi-los. Assim como o barão Underwood, o duque de Crescera tinha ido até lá por conta própria e era livre para partir quando quisesse. Ele havia sido relativamente sensato à mesa, contudo, e sua presença faria falta, o que não se podia dizer do barão.

Alex não viu a partida naquele momento com bons olhos, porque dava a impressão de que o duque estivera esperando pela notícia da morte de Zoraya, mas o príncipe Robert foi mais pragmático.

— Ele estava falando de partir desde que Sage se foi — disse. — A chance de paz está praticamente arruinada agora. Por que o duque ficaria?

Era a anotação *pesta lundamyetsk* relativa a Lady Clare que mais incomodava Alex naquele caso. Se alguém nas negociações tinha motivos para se manter nas graças do barão Holloway, pai de Clare, era o duque Welborough — o homem que recolhia seus impostos e dependia de seu exército particular.

— Talvez — Rob disse quando Alex explicou a questão. — Mas não consigo imaginar nenhum motivo que justificasse Welborough estar por trás disso, e tenho cerca de mil motivos pelos quais não estaria.

Alex teve de concordar. O duque havia investido muito nos moinhos que o rei Raymond queria construir no rio Nai, em Tasmets. Como sua

província era a que produzia a maior parte dos grãos de Demora, o duque Welborough teria muito a lucrar com a paz. O barão Holloway também. Aquilo significava que o principal suspeito no lado demorano continuava sendo Underwood.

A partida antecipada do barão podia indicar que tivesse medo de ficar confinado ali. Sage havia dito que acreditava que ele queria assumir o poder em Tasmét casando-se com a condessa Sophia, o que ele poderia tentar fazer enquanto a nação tivesse outro foco. Usar o caos a favor dele, porém, não era prova de que estivesse por trás dos assassinos. E, se não fosse Welborough ou Underwood, o traidor provavelmente estaria entre os kimisaros. Alguém que queria assumir o lugar de Zoraya e culpar os demoranos no processo.

No entanto, Alex não teve dificuldade em convencer o pai a deixar que enviasse um pelotão norsari para seguir Welborough e ficar de olho nele. Como era uma missão relativamente fácil, Alex colocou um de seus tenentes mais novos no comando e se concentrou em preparar outro destacamento para buscar Sage e a rainha. Depois de notar a desaprovação do pai na noite anterior, ele soube que tinha de ver o plano se desenrolar até o fim, o que significava que não voltaria a Bey Lissandra. Já Rob passou a manhã na tenda de negociações.

Por volta do meio-dia, seu primo o encontrou.

— Nenhum indício — ele disse. — O dia de hoje avançou como as duas últimas semanas, ou seja, nem um pouco. Donala apresentou a ideia de casar a filha de Rewel com Mesden.

— Ela não tem nem dois anos — disse Alex.

— Eu sei. Ele disse que isso garantiria que nenhum de nós atacaria o outro, mas na verdade só daria a Kimisara o direito de retomar Tasmét daqui a alguns anos. — Rob revirou os olhos.

Alex franziu a testa.

— O que me preocupa é de onde ele tirou essa ideia. A rainha Zoraya disse que foi isso que Rewel ofereceu quando foi em busca da proteção dela.

— Eu não me preocuparia tanto — disse Rob. — Ontem eles sugeriram casamento com a minha irmã Cara, que é muito mais velha do que Mesden. — Ele balançou a cabeça. — Parece que ficam

jogando ideias ridículas na esperança de que acabemos desistindo e indo embora, porque não querem ser o lado que abandona a mesa.

— Funcionou com pelo menos três negociadores — murmurou Alex.
— Você é o único que resta.

Rob apenas deu de ombros. Ele nunca parecia se preocupar, o que era um problema quando seu meio-irmão, Ash Carter, não estava por perto para compensar.

— Onde está Ash? — perguntou Alex. — Pensei que seu pai ia enviá-lo para cá para verificar nosso progresso. Não era para ele já estar aqui a essa altura?

— Recebemos uma mensagem alguns dias atrás dizendo que ia se atrasar, mas não explicava por quê. — Rob deu de ombros de novo, como se não fosse motivo de preocupação. — Não havia nenhum código na mensagem que indicasse perigo.

Como se em resposta, o arauto tocou para indicar que alguém importante estava chegando. Ou era Ash ou eram más notícias, então Alex e Rob correram para encontrar o grupo que se aproximava. Mesmo de longe, conseguiram ver que a comitiva era maior do que a de Ash deveria ser, e Alex sentiu um frio na barriga. Quando ele e Rob deram a volta pela última fileira de barracas, Alex viu uma dama, sentada de lado na sela, segurando uma criança pequena. Então um homem as ajudou a descer — o tenente Ash Carter.

Assim que a mulher estava no chão, estendeu os braços para pegar a garotinha, e Ash a devolveu. A mulher apertou a menina e observou ao redor com os olhos arregalados e uma expressão clara de alívio. Alex não a conhecia, mas a semelhança era óbvia — só podia ser a condessa Sophia, irmã de Lady Clare. Robert, que havia comparecido ao casamento dela, se aproximou e beijou sua mão, dando-lhe as boas-vindas. Ainda segurando a filha, Aurelia, Sophia fez uma reverência, então desatou a chorar.

Em nome do Espírito, o que poderia ter acontecido para levar a condessa e sua filha ao que estava prestes a se tornar uma zona de guerra?

Sem saber o que fazer, Rob olhou para Alex enquanto ela chorava em seu ombro.

— Acho que vou levar a condessa para a tenda da embaixadora, que ainda está montada.

Alex concordou.

— Vou buscar o general.

Depois de trinta e nove anos no exército, o general Quinn caminhava para qualquer lugar como um soldado, praticamente marchando, com a postura ereta, passadas firmes e comedidas, nunca correndo. Seu braço direito balançava para trás e para a frente com os passos, mas a maneira como ele segurava o punho da espada mostrou ao filho que estava tão agitado quanto ele. Alex o seguiu, ao lado do tenente-coronel Murray. Ash Carter foi atrás com o coronel Traysden. Ele havia confirmado que a condessa Sophia fora o motivo de seu atraso, mas falara pouco além daquilo.

Na tenda da embaixadora, Sophia estava mais calma, embora se apoiasse no ombro do príncipe. A pequena Aurelia estava com a cabeça sobre as pernas da mãe, o polegar na boca enquanto tirava uma soneca. O general fez uma reverência ao entrar na tenda, assim como todos atrás dele.

— Milady — ele disse rapidamente. — Sua visita vem em uma hora inoportuna. Queria que tivesse avisado que desejava vir.

A condessa fungou e secou as bochechas.

— Desculpe-me, general, mas este é o único lugar em que me sentiria segura.

O general Quinn expirou no que Alex sabia ser um suspiro contido. Ele deu alguns passos e se sentou no sofá sem encosto na frente dela, depois apoiou os cotovelos nas coxas.

— Por favor, diga-me o que a fez se sentir em perigo. — Quando Sophia olhou para Alex e os demais, ele disse: — Pode falar tranquilamente, milady. Todos os homens aqui têm minha total confiança.

Sophia respirou fundo algumas vezes antes de sussurrar:

— Eles querem minha filha.

O general se virou para a menina que dormia.

— Quem?

— Os aliados do meu marido em Tasmét — ela disse. — Agem em nome dele. Vi um número incomum de viajantes passando por Jovan, que retornaram um dia ou dois depois. Estamos sendo vigiadas.

— Milady, Jovan é uma via comercial. Esse movimento de vaivém é normal.

— Não estou imaginando coisas! — Sophia gritou. Aurelia se agitou, mas não acordou. — Meus guardas encontraram evidências de tentativas de invadir a fortaleza. Uma pessoa pode até ter chegado a entrar em meus aposentos!

Os olhos do general se arregalaram, e ele se virou para Ash Carter.

— Viu alguma coisa como o que a condessa afirma, tenente?

Ash deu um passo à frente.

— Algumas das evidências eram... inconclusivas, mas creio que ela tenha motivos para se preocupar.

— Muito bem. — O pai de Alex voltou a se concentrar em Sophia, falando gentilmente. — Seja como for, milady, Jovan seria um lugar muito mais seguro do que este acampamento.

Sophia balançou a cabeça.

— Não, general. Meu marido conhece as entradas e saídas de Jovan. Vivo descobrindo passagens secretas e esconderijos. Os aliados dele estão testando as fraquezas da fortaleza e dos guardas. Estão vindo atrás da minha filha, o último elo da cadeia D'Amiran. — Ela engoliu em seco, ajustando a postura. — Mas não a terão.

A condessa estava descrevendo exatamente o que Sage havia previsto sobre Underwood, e o ápice devia ter sido quando a embaixadora e a rainha estavam em Bey Lissandra.

O general bateu os dedos uns nos outros.

— Recebeu notícias de seu marido, milady?

— Não desde que Aurelia nasceu, quando nos abandonou. — Seus olhos se arregalaram e suas mãos começaram a tremer. — E o senhor?

O general Quinn franziu a testa, depois ergueu os olhos quando duas criadas entraram, fazendo reverência.

— Creio que a senhora precisa descansar. Essas mulheres vão atender às suas necessidades enquanto estiver aqui. — Ele se levantou, fazendo contato visual com Alex e os outros oficiais.

— Vai me mandar de volta? — exclamou Sophia.

— Não até ter uma ideia melhor do perigo — ele a tranquilizou, então fez uma reverência e saiu. O general não precisou mandar ninguém o seguir ou ficar em silêncio. De volta à sua tenda reservada, esfregou o rosto, cansado. — Era só o que me faltava.

— Desculpe-me, senhor — disse Ash Carter. — Na hora pensei que seria melhor trazê-la, e achei que a irmã dela estaria aqui.

Alex franziu a testa. Lady Clare não havia chegado a Jovan, mas a escolta dos norsaris sob o comando do tenente Hatfield, sim. A presença deles deveria ter feito a condessa se sentir mais segura.

— Você fez a coisa certa — o general disse a Ash. — Isso apenas complica uma situação já perigosa. — Todos se alternaram para atualizar o tenente, descrevendo como os soldados demorados estavam se movendo discretamente para cercar os kimisaros.

Ash soltou um assobio baixo.

— E os kimisaros ainda não sabem de nada disso?

— Ao que parece, não — disse Robert. — As negociações desta manhã não foram diferentes, exceto pela partida do duque de Crescera.

— Eles saberão em breve — disse Alex. — Huzar vai trazer a notícia.

— E aí vai ser uma confusão dos infernos — disse Ash.

Alex concordou, exausto. Aquilo resumia bem.

ASH PARTICIPOU DAS NEGOCIAÇÕES DA TARDE, e Alex decidiu comparecer também, para ver a delegação kimisara e ser visto por ela. Como sabiam que era responsável por proteger a embaixadora, Alex ficou à espera de alguma reação à sua presença, mas a única que recebeu o deixou confuso.

Alex havia assumido uma posição na lateral, como quando Sage estava presente nas negociações. Todos se encaminhavam para seus assentos quando o general Oshan deu a volta na mesa para falar com ele.

— Sua embaixadora retornou? — ele perguntou em tom baixo.

— Não. — Alex balançou a cabeça. — Deixei-a em Jovan.

— Espero que esteja bem.

— Estava bem quando a deixei. — A sinceridade do ministro pegou Alex de surpresa. — E como está sua rainha? — ele perguntou, esperando uma reação. — Soube que partiu logo após a embaixadora.

Oshan assentiu, com o ar distraído.

— Foi visitar o filho. Não consegue ficar longe dele por muito tempo. Mas espero que volte. Sentimos falta de sua presença calma.

Alex pestanejou, pego de surpresa pelas frases singelas e verdadeiras.

— Também espero que ela volte — ele disse.

Oshan abaixou a cabeça em uma leve reverência e assumiu seu lugar perto do brazapil Donala, que lançou um olhar desconfiado para ele e depois para Alex antes de se voltar para o príncipe Robert.

— Onde está o duque de Crescera? — perguntou alto. — Ele também se ausentou pela manhã.

— O duque Welborough decidiu voltar para casa — Robert disse

tranquilamente.

— E não foi impedido? — questionou Nostin, dando continuidade à linha de raciocínio, como havia feito nos primeiros dias de negociação. Aquela tendência irritara Sage profundamente, ainda mais quando Donala parecia usar aquele artifício para caluniar e acusar por meio de Nostin, mantendo suas mãos limpas.

— O duque de Crescera estava aqui por conta própria e era livre para partir a qualquer momento. — Rob manteve o tom leve e agradável.

— Inaceitável — vociferou Dona. — Primeiro a embaixadora, depois o barão Underwood e agora o duque. Vocês estão substituindo todos os membros de sua delegação por soldados. — Ele apontou para Alex. — Até seu comandante norsari retornou.

Alex cerrou o punho atrás das costas, lembrando-se da vela que haviam usado para fazer Sage ir embora.

— Eu estou aqui — disse Robert. — E meu meio-irmão se juntou a nós. Cavalheiros, este é Ash Carter, representando o ministro da Inteligência e a coroa.

Ash acenou à direita do príncipe, seu corpo largo ocupando muito mais de sua cadeira do que o de Rob da dele.

— Embora não usem sua patente aqui, vossa alteza, sabemos que os dois são oficiais do exército demorano. — Donala estreitou os olhos cor de névoa.

— Se preferir, podemos convidar outros nobres demoranos para a mesa — disse Rob. — Vai demorar alguns dias, mas estou disposto a esperar se também estiverem.

— A condessa D'Amiran vai bastar.

Aquilo pegou Rob de surpresa.

— O que sabe sobre Sophia D'Amiran?

O canto da boca de Donala se ergueu.

— Sabemos que ela e a filha são herdeiras de Tasmét. — Seu sorriso aumentou. — E que as duas estão aqui.

O general Oshan se virou para o brazapil. Suas narinas se alargaram, fazendo a curva do seu nariz já adunco parecer um bico. A chegada da condessa parecia ser novidade para ele.

Alex observou seu primo escolher as palavras com cuidado.

— A condessa Sophia pode não ter interesse em participar. E, mesmo se tiver, ainda está se recuperando da viagem.

O brazapil Donala se levantou, com desprezo e raiva turvando seus olhos.

— Voltaremos quando ela estiver aqui. — Ele se virou e saiu da tenda, seguido rapidamente pelo general Oshan, que também parecia furioso, mas por motivos diferentes. Nostin e os outros saíram segundos depois.

Robert esperou um minuto depois que tinham saído para se afundar na cadeira e soltar um suspiro carregado.

— Acho que isso é tudo por hoje.

— Quem eram aqueles? — disse Ash. — Ninguém se apresentou para mim.

— O cheio de exigências chama-se Donala. Ele é dono de mais terras do que qualquer outro brazapil. — Rob esfregou o rosto, cansado, sem parecer otimista como de costume. — O general Oshan é ministro da Guerra. E o outro é Nostin. Praticamente inofensivo, mas foi ele quem derrubou a vela em Sage.

Ash ergueu os olhos para Alex.

— Notou que Oshan não sabia sobre a condessa?

— Sim — disse Alex, entreabrindo um sorriso. — Nunca o vi tão furioso.

— Mas por que Donala não contaria a ele o que sabia antes de entrar aqui? — perguntou o príncipe.

— Porque Oshan tem o exército — respondeu Alex. — Donala estava dizendo ao ministro da Guerra para não mexer com ele, pois tem fontes que o general não possui.

Ash assentiu e apoiou o cotovelo na mesa, então comentou a maneira como a delegação havia saído.

— A disputa pelo poder vai ser entre o general Oshan e o brazapil Donala. Já está prestes a transbordar, e ainda nem sabem da morte da rainha.

— Parece que temos um vazamento de informações — Rob murmurou. — Alguém de nosso acampamento contou a Donala sobre

Sophia, e rápido.

— Eu não deveria ter trazido a condessa para cá — Ash disse, balançando a cabeça. — Mas achei compreensível que ela estivesse com medo.

— A coisa devia estar ruim se o tenente Hatfield e os outros não bastaram para fazê-la se sentir segura — disse Alex.

Ash ergueu os olhos, confuso.

— Hatfield foi a Jovan?

— Ele liderou o grupo de escolta de Sage para lá — Alex disse. — Doze norsaris e uns oito casmunis. O restante voltou conosco para Bey Lissandra.

— Quando? Não cruzamos com eles na estrada.

— Devem ter chegado a Jovan antes de você — Alex disse, franzindo a testa. — Vai ver já estavam investigando os receios da condessa. — Os norsaris tinham de tomar a iniciativa naqueles assuntos, e Hatfield era um bom homem. Alex proporia uma promoção para ele assim que aquela missão terminasse.

— Não, Alex — Ash insistiu. — Eles nunca chegaram.

ALEX QUERIA PERGUNTAR À CONDESSA sobre os norsaris desaparecidos, mas Robert começou a conversa com a exigência kimisara de que ela participasse das negociações.

— Mas não sei o bastante para ajudar! — gritou Sophia, com a voz trêmula.

O general Quinn estava com uma expressão de desamparo. O príncipe deu um passo à frente e se sentou perto dela no sofá, tomando sua mão.

— Estarei lá também, milady. Não precisa dizer nada se não quiser, mas sua presença pode nos ajudar.

— Faz semanas que estão aqui — fungou Sophia. — Por que continuam tentando paz com uma nação que obviamente não quer isso?

— Com todo o respeito, milady — disse o general Quinn —, semanas não são nada em comparação com os anos que passei em Tasmet, tentando evitar a guerra.

— Eu nunca deveria ter vindo! — Sophia apoiou a cabeça no ombro de Robert, as lágrimas escorrendo pelas bochechas mais rápido do que ela conseguia secar. — Onde está a minha irmã? Ninguém me fala aonde Clare foi. Preciso dela.

— Clare está em um lugar seguro. — O general trocou um olhar com Alex.

A condessa tirou a cabeça do ombro de Rob e ajustou a postura.

— Não vou ajudar vocês a menos que me digam a verdade. — Ela tensionou o maxilar. — Bey Lissandra é a cidade mais próxima. Ela está lá?

— Não, milady — o pai de Alex disse rapidamente. — Ela não está,

e jamais dê a entender que está ou tenha estado lá.

— Por que não?

O príncipe Robert olhou para o general.

— Se a condessa for à mesa, precisamos contar a ela qual é a situação, senhor.

Alex tinha de admitir que Rob estava certo, ou correriam o risco de que ela dissesse algo errado. O general Quinn suspirou.

— Muito bem. Pode passar a ela tudo o que o duque Welborough soube. — O pai de Alex aparentemente queria manter sigilo sobre o fato de que a rainha ainda estava viva. Ele virou para Alex. — Vamos conversar em particular, major.

Eles foram para um canto da tenda enquanto Rob começava uma conversa franca com Sophia.

— Qual foi a mensagem do tenente Nadira? — o general perguntou em voz baixa.

Alex tirou o pedaço de pergaminho do bolso. Um mensageiro tinha lhe entregado pouco antes daquela reunião.

— O rastro do grupo de Underwood se divide em duas direções, e há muito mais homens lá do que restam aqui.

— O que significa que Underwood tinha tropas esperando por ele. Talvez para o caso de tentarmos mantê-lo aqui — seu pai disse, e Alex concordou. O barão parecia mais e mais culpado a cada hora que passava. O general balançou a cabeça com repulsa. — Como pude não notar?

— Não tem olhos em todos os lugares.

— Não importa. Eu deveria saber. — Alex nunca tinha visto o general tão frustrado. — E agora tenho de espalhar as tropas aqui para conter os kimisaros. Não possuo homens suficientes para fazer nada além de dar cobertura.

A imagem onipotente que Alex sempre tivera do pai estava se tornando mais humana aos poucos, mas ele não via aquilo como uma perda. Pelo contrário, deixava-o mais confiante para oferecer suas opiniões e seu apoio. Ele arqueou as sobrancelhas.

— Que bom que tem uma força preparada para reconhecimento e rastreamento.

O general concordou.

— Avise seus homens que estão esperando em Jovan. Quero-os de volta aqui assim que possível para proteger a ponte sobre o rio Nai.

— Temos um problema — Alex disse, odiando dar outra notícia ruim ao pai. — Ash Carter disse que o grupo do tenente Hatfield nunca chegou a Jovan.

— E eu supondo que ela estava sendo paranoica... — o pai de Alex murmurou, observando Sophia colocar o rosto entre as mãos enquanto Robert a consolava. Ele balançou a cabeça com tristeza. — O que a condessa disse a esse respeito?

— Ainda não perguntei.

O general suspirou.

— Nem pergunte, isso só vai chateá-la ainda mais. Podemos confiar na palavra do tenente Carter.

— Quero liderar um grupo de busca para encontrá-los — disse Alex. — Apenas dois esquadrões; pode mandar o resto aonde precisar. Vamos voltar em poucos dias.

— Muito bem.

Alex fez menção de sair, mas o príncipe foi até eles.

— A condessa concordou em participar das conversas, mas quero dar pelo menos um dia para ela se preparar.

— Talvez a condessa não precise ir — disse Alex. — Se Huzar chegar aqui amanhã com a notícia de que a rainha morreu, podem ter certeza de que os kimisaros vão embora ou nos atacar.

O general Quinn balançou a cabeça.

— Nossos números são muito maiores — ele disse. — Seria inconsequência pegar em armas.

Robert pareceu pensativo.

— Vou avisar os kimisaros que a condessa precisa de alguns dias para se recuperar da jornada. Com sorte, vão se esquecer completamente dela quando receberem a notícia.

O general concordou e virou para se dirigir a Alex.

— Vá. Quanto antes partir, antes voltará.

— Sim, senhor. — Alex bateu continência e saiu às pressas. Todas as preparações que havia começado para buscar Sage precisariam ser

dirigidas àquela missão. Era perigoso demais para ela voltar agora.

SAGE E OS OUTROS ESTAVAM EM SOLO DEMORANO ao pôr do sol do dia seguinte ao que haviam partido de Bey Lissandra, rumando para nordeste em direção à casa de Clare. Poucos no grupo falavam com Sage: Clare estava furiosa, Casseck estava constrangido — e furioso — por ter passado por cima dele, Zoraya estava com dor e Lani não queria tomar partido. Embora fosse a favor de agir, a princesa não escondeu sua desaprovação quanto a como Sage havia tomado uma decisão sem consultar ninguém. Para Sage, era tragicômico que, poucos anos antes, estar cercada por pessoas que a desprezavam fosse uma medalha de honra; agora, aquilo a mantinha acordada até altas horas da madrugada. Aquilo e os pesadelos que incluíam todos a ignorando enquanto pegava fogo.

Quando ela perguntara ao capitão Casseck por que ele não havia resistido mais ao descobrir o plano, ele simplesmente respondera que Alex a havia colocado no comando.

— Eu teria tentado dissuadi-la, embaixadora — ele dissera. — Mas, no final, teria seguido suas ordens.

Embaixadora. O título fora como um soco no estômago. Ele nem a chamava mais de Sage — e não porque Alex a havia colocado acima dele. Depois que tinham mandado um dos norsaris de volta a Cabeça de Flecha com notícias codificadas para Alex e o general, Cass cavalgara ao lado de Lani. Em circunstâncias normais, aquilo teria deixado Sage contente, mas ela sabia que era para evitá-la.

Clare assumira os cuidados de Mesden, restando a Sage ficar perto da rainha. Zoraya não tomava mais remédios, e, como precisava de toda a concentração e energia para guiar o cavalo com um braço só, falava apenas quando não podia evitar. Sage não sabia como trazer de

volta à tona a confissão da rainha de que o rei Ragat não era pai de seu filho, nem mesmo se deveria fazê-lo. Um segredo daqueles poderia dividir Kimisara e o frágil processo de paz.

No todo, fora uma viagem tensa e silenciosa até a fortaleza Ocidental.

O plano inicial de Sage de coagir o barão Holloway a ajudá-los dependia principalmente da alegação de que ele precisava provar sua lealdade à coroa depois de casar a irmã de Clare, Sophia, com uma família de traidores. Tarde demais, ela havia se dado conta de que ele poderia conseguir aquilo casando Clare com um apoiador da família real. Desde então, Sage tinha se concentrado em encontrar uma forma de impedir tal coisa. Ela teve muito tempo para pensar durante a viagem, o que lhe permitiu desenvolver uma estratégia melhor e um plano B. Ambos envolviam voltar a algo que nunca tinha imaginado voltar.

Eles entraram nas terras de Holloway no fim da tarde do quarto dia. Depois de mais uma hora, avistaram a fortaleza que dava para a enorme mansão da família e para a cidade vizinha. O poente conferia um brilho dourado aos edifícios brancos, com sua luz ofuscante se refletindo em dezenas de janelas de vidro. Sage observou o edifício com certo fascínio. Com a anexação de Tasmet cinquenta anos antes, as casas fortificadas não eram mais necessárias e, aparentemente, a família de Clare e o povo local tinham aproveitado aquilo ao máximo nas duas gerações anteriores. Em vez de construir estruturas altas e resistentes atrás de muralhas, elas agora se espalhavam pelo chão. Em certo sentido, era tolo, pois ocupava parte da terra que poderia ser cultivada. Mas era algo grandioso de se ver.

Os campos propriamente se estendiam até onde a vista alcançava, delimitados por arvoredos e estradas largas o bastante para acomodar o tráfego intenso de carroças. Brotos verdes tinham começado a aparecer em fileiras alinhadas e bem cuidadas. Quando Sage comparou o que viu com a memória do quanto as terras modestas de seu tio geravam, concluiu que o lucro ali era vertiginoso. A prosperidade e sua vulnerabilidade a lembraram de quanta coisa estava em jogo para aqueles a quem a paz tinha se tornado um estilo

de vida — e quanto poderia ser ganho nas terras onde a ameaça da guerra pairava eternamente.

Parte do nervosismo no rosto de Clare diminuiu ao ver sua casa, e ela apontou para os campos que recebiam sementes de aveia e trigo. Mas ela os apontou para Lani e Casseck, porque ainda estava ignorando Sage.

Meia dúzia de cavaleiros subia a estrada, guiados por um jovem que só podia ser o irmão de Clare, pois tinha o mesmo cabelo ondulado e os mesmos olhos castanhos emoldurados por cílios grossos. Quando o grupo se aproximou, ele observou os viajantes, parecendo ter de olhar duas vezes para identificar a irmã, então seu queixo caiu. Clare cavalgava de pernas abertas, em vez de montada de lado no cavalo, sua túnica mal cobrindo as coxas. Pela expressão no rosto dele, seria de pensar que nunca havia se dado conta de que a irmã tinha pernas. Sage pensou que ela própria havia ficado espantada na primeira vez que vira Clare sem um vestido longo digno da realeza.

— C-como você está? — ele balbuciou, olhando para as roupas amarrotadas e empoeiradas dela e para o rasgo da meia-calça de lã em seu joelho.

— Muito melhor do que aparento, garanto. — Clare se voltou para Sage e os outros. — Esse é meu irmão Edmund. — Ele fez reverências desajeitadas de cima do cavalo enquanto ela apresentava todos, referindo-se à rainha apenas como Raya. Eles haviam decidido esconder a verdadeira identidade dela da família de Clare e atribuir sua clavícula quebrada a uma queda de cavalo. — Onde está o papai? — Clare perguntou.

Seu irmão corou.

— Foi ver o solar Morannet. Só volta amanhã de manhã.

— Ele não mudou, não é? — Clare balançou a cabeça com tristeza.

— Não, mas pelo menos isso vai lhe dar tempo para se lavar e se vestir de maneira apresentável — Edmund disse, então deu meia-volta com o cavalo e começou a guiá-los estrada acima. — Parece que você precisa descansar um pouco também.

Lady Holloway estava de cama, mas gerenciava a casa de seus

aposentos. Todos tinham banhos e quartos preparados em menos de uma hora, e um médico foi chamado para Zoraya. Lani ajudou Casseck a cuidar dos cavalos, algo que ela havia feito em todas as paradas do caminho, embora não parecesse ter nada mais do que conversas amigáveis com ele. Clare planejava passar a maior parte da noite com a mãe, e a rainha kimisara e seu filho pegaram no sono assim que foram acomodados, então Sage tomou banho sozinha e colocou o vestido mais simples que lhe foi oferecido. Enquanto amarrava o corselete, olhou com desejo para a cama. Parecia tão confortável quanto aquela em que havia dormido em Casmun — e aquela tinha sido a cama de uma rainha. Soltando um suspiro, ela deu as costas para a tentação. Ainda tinha trabalho a fazer.

Ninguém a impediu enquanto atravessava os corredores. Quase todos os criados saíam às pressas de seu caminho e faziam reverência enquanto ela passava. Sage poderia ter tentado conversar com eles se não fosse tão tarde. Ela quase se perdeu tentando chegar às portas principais, mas, depois de um tempo, deparou com uma pintura que tinha visto ao chegar e se orientou. Pouco depois, estava caminhando fora da propriedade. A cidade era muito maior do que aquela perto do solar de seu tio, maior até do que a colina Garland, onde a alta casamenteira morava. A casamenteira ali devia ser quase tão poderosa e experiente quando a outra.

Novamente, Sage se sentiu oprimida pela dimensão da cidade. Já havia estado em outras maiores, como Tennenhol e Osthiza, e estranhava a sensação de intimidação. Então compreendeu que era porque se encontrava sozinha. Clare poderia tê-la guiado diretamente a seu destino, talvez passando por sua confeitaria favorita. Lani teria parado em todas as lojas por que passassem. Até Zoraya ou Casseck teriam servido pelo menos para que alguém olhasse para ela. Cercada pelos mercados que se fechavam e pelo comércio que permanecia aberto, Sage se sentiu ainda mais invisível do que nos dias anteriores. Estava quase com medo de pedir informações, como se qualquer pessoa que tentasse parar fosse ver através dela.

Felizmente, as casamenteiras sempre podiam ser encontradas perto da praça central — o melhor lugar para ficar de olho em todos —, de

modo que Sage seguiu naquela direção. Ela passou pela casa de uma casamenteira menor no caminho, com uma placa de madeira com duas alianças interligadas para aqueles que não sabiam ler. Algumas casas depois se viu em um lugar mais chique, de dois andares, com um beco lateral dando para a casa de banho onde as moças se preparavam para sua avaliação. Sage balançou a cabeça. Pareciam ter se passado cem anos desde sua entrevista.

Parte dela não queria fazer aquilo. Usaria o sistema da maneira como mais detestava, mas seria pelo bem de Clare. Sua amiga podia ter dito que não precisava de suas promessas ou de sua proteção, mas Sage a havia arrastado para as garras do lobo e faria de tudo para tirá-la de lá. Até mesmo aquilo.

Para não chamar atenção, Sage ignorou o sino na entrada e deu a volta até a cozinha nos fundos. A sorte estava ao seu lado, pois a casamenteira abriu a porta assim que ela bateu. A mulher devia ter uns trinta e poucos anos, com cabelos cacheados ruivos fartos e sardas no rosto. Ela franziu a testa a princípio, provavelmente pensando que se tratava de uma garota da cidade tentando cair em suas graças, mas, depois de alguns segundos, uma curiosidade cautelosa assumiu sua expressão.

— Não conheço você — ela disse.

Sage retribuiu o olhar da mulher se crispando apenas de leve. Aquelas mulheres treinavam a expressão sagaz e avaliadora? Ela não havia conhecido nenhuma casamenteira que não a tivesse.

— Meu nome é Sage Fowler — ela disse. — Fui aprendiz da srta. Rodelle.

— Ouvi falar de você. — Os olhos verdes da casamenteira se arregalaram. — A maioria das histórias era inacreditável.

Sage tentou não corar.

— Se foi Darnessa quem lhe contou, posso garantir que é tudo verdade. — A alta casamenteira não era dada a exagerar, a não ser quando lidava com homens que queria manipular.

A mulher diante dela balançou a cabeça, admirada, deixando de lado o olhar crítico, o que deixou Sage ainda mais sem graça.

— O que a traz à minha porta, Sage Fowler?

— Preciso da sua ajuda.

A casamenteira deu um passo para o lado e fez sinal para Sage entrar.

— Então a terá.

O BARÃO HOLLOWAY NÃO ESTAVA PRESENTE no café da manhã. A princípio, Sage se perguntou se chegaria mais tarde, como alguns homens costumavam fazer, obrigando todos a parar e o notar quando entravam, mas os outros agiam como se a ausência dele fosse habitual. O rosto de Clare estava tenso e pálido com a perspectiva de encarar o pai, e Sage desejou ter tido tempo — e coragem — de explicar seu plano a ela. Zoraya parecia melhor do que em Bey Lissandra, graças a uma noite de sono em uma cama confortável. Havia recuperado o apetite e comia com vontade, o que Sage ficou contente em ver. Mesden estava comendo com os sobrinhos de Clare no quarto das crianças, representando com orgulho o papel de Victor, embora sua mãe houvesse tido de especificar que ele deveria dizer que vinha de Casmun, e não de Kimisara.

Lani se sentou à frente de Casseck, alternando entre deixar de lado os alimentos que não conhecia e pedir ao capitão para lhe passar coisas. Pela maneira como ele corava toda vez que ela lhe falava, finalmente devia ter notado que o interesse da princesa era maior do que uma simples amizade.

Sage estava mais uma vez ensaiando mentalmente o pedido misturado com ameaça que faria ao pai de Clare, mas foi ficando mais e mais frustrada conforme ficava óbvio que ninguém esperava que ele fosse aparecer.

— O que há de tão importante no solar Morannet para Lord Holloway passar tanto tempo lá? — ela perguntou casualmente.

Tanto os irmãos como a irmã caçula de Clare ficaram paralisados. Edmund interrompeu uma mordida. As bochechas brancas de Clare ficaram vermelhas. A mulher que havia sido apresentada como esposa

do irmão mais velho bufou.

— Ele está pulando a cerca, claro — ela disse.

— Que bom que ainda se exercita mesmo na idade dele — disse Lani enquanto colocava mel em um biscoito. À frente dela, Casseck engasgou com seus ovos, fazendo-a erguer os olhos. Lani pestanejou e observou ao redor, percebendo que todos estavam sem graça. — Falei alguma coisa errada? — ela perguntou.

Sage sentiu o rosto ficar vermelho enquanto se inclinava para cochichar no ouvido da princesa:

— Depois eu explico.

Do outro lado da princesa, Zoraya ergueu a voz:

— Ele está visitando a amante, o que aparentemente todos pensam que podem ignorar.

Sage cobriu o rosto com as mãos. A rainha não tinha tato. Ou então simplesmente não tolerava bobagens.

— Ah. — O rosto de Lani se voltou para Casseck, que agora estava vermelho pelo esforço de tentar não tossir. Ela se virou para Sage. — Agora entendo por que seu país tem toda uma tradição para nomear filhos fora do casamento. Se é algo tão comum assim...

Espírito do céu, Lani tampouco mostrava qualquer tato.

— Não é comum — disse Casseck, um tanto fervoroso. Lani arqueou uma sobrancelha para ele, que acrescentou: — Ou ao menos não deveria ser.

Lani pareceu bastante satisfeita com a declaração dele, mas Sage se contorceu, pensando em seu primo Aster, que estava sendo criado junto dos filhos legítimos de seu tio. Ela abriu a boca para falar quando a porta da sala de jantar se abriu e o mordomo anunciou que o barão Holloway havia retornado.

Todos se levantaram de um salto, exceto Sage, Zoraya e Lani, embora a primeira tivesse começado a se erguer por força do hábito. Lani a segurara antes que ela se erguesse mais do que alguns centímetros.

Embaixadores estavam muito acima de barões.

O pai de Clare entrou, parecendo satisfeito em pegar todos de surpresa. Para Sage, ele não pareceu nada demais. Como a maioria dos

homens de sua idade, tinha barriga grande e cabeça calva, que tentava esconder deixando o que tinha de cabelo comprido e o penteando sobre a parte careca no alto, mas sem conseguir enganar ninguém com aquilo. Seus olhos se estreitaram ao ver as três mulheres que se recusavam a se levantar na presença dele.

— Vejo que ninguém esperava por mim.

Todos pareceram achar que silêncio era melhor do que tentar arranjar justificativas.

O homem se concentrou em sua filha recém-chegada, que, assim como Sage, usava as mesmas roupas da viagem, agora limpas e remendadas, à mesa de café da manhã. Sage as usava pelo conforto, mas desconfiou que Clare as usasse para parecer menos casável.

— Então meu criado estava falando a verdade — ele disse. — Pensei que nunca a veria novamente. — O barão olhou para Sage e as demais, ainda sentadas. — Quem são vocês?

Clare respondeu:

— Pai, gostaria de lhe apresentar a embaixadora Fowler, representante de sua majestade nas negociações de paz com Casmun e Kimisara. — Ela apontou para as outras. — Essas são a princesa Alaniah Limistralreddai e Lady Raya de Casmun, representando os interesses de sua nação. E esse é o capitão Casseck, segundo no comando do Batalhão Norsari de sua majestade.

Por um momento, o barão pareceu impressionado, mesmo que não quisesse demonstrar. Sage duvidava que já tivesse recebido uma princesa, uma embaixadora e um soldado norsari em sua casa, que dirá à mesa do café da manhã. Se soubesse que também tinha uma rainha ali, poderia até ter demonstrado certo respeito. Em vez disso, deixou escapar um resmungo e assumiu seu lugar à cabeceira da mesa.

— Posso ver que todos terminaram. Podem sair, à exceção de Clare. Desejo falar com ela.

Todos os Holloway saíram da mesa ao mesmo tempo, sem discutir. Casseck pareceu prestes a ir também, mas Lani encontrou seu olhar e balançou a cabeça de leve. Ele voltou a se sentar, e a princesa então deu garfadas deliberadas em sua comida enquanto a família de Clare saía. Sage seguiu o exemplo dela e continuou comendo, embora sua

boca estivesse tão seca que teve de tomar um gole para engolir. Perto de Cass, Clare colocou as mãos espalmadas na mesa e encontrou o olhar de Sage pela primeira vez em dias. A amiga se arrependeu novamente por não haver tentado se desculpar antes.

O pai de Clare encheu o prato com presunto e ovos, depois entornou molho por cima, ignorando o fato de Sage e os outros ainda não terem partido. Enquanto secava as mãos em um guardanapo, Lani encontrou os olhos de Sage, que fez que sim com a cabeça.

— Terminou de comer, Lady Raya? — Lani perguntou tranquilamente.

— Sim, obrigada — respondeu Zoraya, limpando os lábios delicadamente com o guardanapo, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Lani se levantou, e Casseck e a rainha se levantaram com ela. A princesa dirigiu um aceno condescendente ao barão Holloway.

— Com sua licença, barão. — Depois de deixar claro que estava saindo em seus próprios termos, Lani desfilou porta afora como se seu vestido fosse muito mais grandioso do que era. Sage escondeu o sorriso tomando outro gole d'água.

— Eu disse que queria conversar com minha filha a sós — o barão disse rispidamente para Sage.

Ela olhou para ele, depois voltou a olhar para a amiga.

— O que diz respeito a Clare diz respeito a mim.

— E quem é você mesmo?

— A embaixadora Sage Fowler.

— Ah, sim — Holloway mastigou ruidosamente e engoliu. — Por que trouxe minha filha de volta? — ele perguntou de boca cheia.

Clare limpou a garganta.

— Precisamos de um lugar para ficar. A vida da embaixadora foi ameaçada, e garanti que você tinha os recursos necessários para lhe proporcionar segurança.

Seu pai riu com escárnio.

— Ousa vir implorar minha ajuda depois de dizer que nunca mais aceitaria nada de mim?

Os olhos de Sage se arregalaram. Quando aquilo havia acontecido?

Até onde Sage sabia, fazia meses que Clare não se correspondia com o pai, desde que escrevera sobre sua posição como companheira de Sage em Vinova.

— Peço perdão humildemente pelas palavras em minha última carta — Clare disse em voz baixa. — Deve entender que eu estava transtornada pela perda do meu noivo. A ideia de me casar com outra pessoa era insuportável. — Ela voltou os olhos para Sage. — E a embaixadora e Demora precisavam dos meus serviços.

Sage sentiu um aperto dolorido no peito. Era verdade, mas Clare sabia o quanto Sage precisava dela como amiga? Provavelmente não, considerando que ela própria era o motivo pelo qual Clare estava se rebaixando diante da pessoa que menos merecia.

O barão bufou.

— Você deveria servir Demora casando-se, e não parada em um canto gelado do país.

— Como sua filha Sophia? — Sage perguntou, lembrando-se do que tinha planejado. — Aquela que se casou com um traidor sob suas ordens?

— Aquela família também me traiu — ele vociferou. — Meu acordo era com Morrow D'Amiran, mas ele incluiu uma cláusula no contrato que dizia que poderia passá-la para Rewel. Sophia deveria ser uma duquesa, não uma condessa.

Sage sorriu com doçura.

— Então que sorte que os acontecimentos ainda possam lhe trazer esse título.

O barão pareceu desconfiado da simpatia repentina.

— A *embaixadora* e seus convidados podem ficar, mas apenas se Clare aceitar minha escolha de marido para ela. — Ele enfiou mais um pedaço de presunto na boca. — Creio que seja justo considerando que foi quem a manteve longe de mim.

Antes que Sage pudesse argumentar, Clare a chutou de leve sob a mesa. Sage mordeu a língua.

Clare encarou o pai.

— Fala como se já tivesse alguém em mente.

— Recebi recentemente uma carta do duque de Crescera, que a viu

em Cabeça de Flecha — seu pai respondeu. — Ele enviuvou no ano passado e ficou bastante encantado com você, de modo que suponho que não estivesse vestida dessa forma. — Holloway apontou o garfo para as roupas dela.

— Ele tem o dobro da minha idade, pai — disse Clare. — O filho dele é mais velho do que eu!

— E já estamos discutindo o casamento de Sophia com o filho do duque quando tudo isso acabar.

Sage de repente entendeu por que o duque Welborough havia participado das conversas: ele queria ser a primeira opção para os restos que caíssem da mesa — particularmente, Sophia.

— Não — disse Clare, tremendo de raiva ou de medo. — Não vou ceder.

O barão deu de ombros e voltou a comer.

— Então receio que minha resposta ao seu pedido seja a mesma.

Clare lançou um olhar para Sage antes que ela pudesse abrir a boca e a chutou com força outra vez.

— Então quero meu dote — Clare disse, a voz mais forte a cada palavra. — Quinhentos soldados e provisões para dois meses.

O queixo de Sage caiu. Ela tinha planejado pedir apenas trinta para escoltá-las até a colina Garland, onde a srta. Rodelle talvez pudesse ajudá-las com seus contatos.

O homem também olhou boquiaberto para Clare.

— Ridículo.

— Por quê? — questionou Clare. — Segundo os documentos que assinou quando me mandou para o Concordium, aquelas tropas eram seu presente para mim, para que eu pudesse dá-las a meu marido. O fato de eu não ter um é apenas um detalhe. Elas são minhas.

— Não. — Seu rosto ficou vermelho de fúria.

Sage sabia que era hora de aplicar a pressão que ela podia fazer valer. Ao contrário de Clare, não tinha qualquer obrigação com aquele homem. Não havia nada que ele pudesse fazer contra ela, mas havia muito que ela poderia fazer contra ele.

— Eu lhe ofereço uma chance de reconsiderar — Sage disse. O barão se voltou para ela, que retribuiu o olhar com frieza.

— E por que eu faria isso?

— Para cair nas minhas graças.

Holloway jogou a cabeça para trás e riu.

— E de que isso vai me adiantar? — Ele assumiu um tom sério de repente. — Ao que me parece, você deveria estar implorando para cair nas *minhas* graças.

Sage apenas sorriu, até seu silêncio começar a deixá-lo sem jeito. Ele voltou a comer para evitar o olhar dela.

— O que você pensa que tem a oferecer? — o barão perguntou depois que engoliu em seco e tomou um gole.

— Imagino que planeje apresentar sua filha caçula no Concordium daqui a três anos — Sage disse, simpática. — Posso garantir que ela seja selecionada.

Holloway bufou.

— Ela será a candidata mais rica em toda a conferência. A srta. Rodelle não a recusaria nem se minha filha tivesse uma reputação pior do que a sua.

Ele provavelmente pretendia intimidar Sage dando a entender que os rumores do comportamento dela na juventude haviam se espalhado, mas aquilo apenas lhe deu mais confiança.

— Parece desconhecer por completo como você e sua família são vistos pela guilda das casamenteiras — Sage disse, o tom um pouco cortante.

A primeira centelha de dúvida perpassou o rosto do barão.

— Como teria conhecimento dessa informação?

Sage tirou do bolso um medalhão de ouro com a gravura em relevo de duas alianças interligadas.

— Isso pertencia à própria srta. Rodelle — Sage disse, e Clare franziu um pouco a testa, talvez desconfiando que a amiga estivesse mentindo; e ela estava. Sage girou a moeda sobre a mesa enquanto continuava a falar. — Ela me deu isso para que eu tivesse o auxílio de qualquer membra da guilda em qualquer assunto. — Sage a pousou na mesa e a empurrou na direção do pai de Clare. — Posso lhe garantir que, se eu disser que sua filha é inadequada, ela nunca se casará com ninguém, muito menos arranjará uma união no Concordium. Isso

também vale para seu filho Edmund.

O barão olhou de relance para a moeda.

— Não tenho pudores a arranjar casamentos pessoalmente. Já fiz isso.

Sage assentiu.

— E é por isso que tampouco o consideram confiável em Tennegol.

— Ela puxou o medalhão de volta para si, riscando-o ruidosamente na madeira. — Muitos duvidam de sua lealdade à coroa.

— Eu não tinha conhecimento do que os D'Amiran pretendiam fazer — o barão retrucou. — Eles me traíram.

Pelo canto do olho, Sage viu Clare ficar vermelha de raiva do pai se fazendo de vítima, e chutou a amiga gentilmente para pedir para não intervir. Ainda.

Sage estreitou os olhos para o barão.

— Nem o duque nem o conde seriam uniões que uma casamenteira respeitável faria. Tampouco um pai que se importasse com o bem-estar da filha. — Ela fez uma pausa e voltou a guardar a moeda no bolso. — Seu acordo foi um dos muitos que minaram anos de planejamento cuidadoso de casamenteiras em toda a nação, sem mencionar que você mentiu sobre a idade de Clare quando a enviou para o último Concordium. — A idade legal para se casar era dezesseis, e Clare tinha apenas quinze na época. Sage balançou a cabeça. — Deixou várias mulheres poderosas irritadas.

Sage se recostou na cadeira, apreciando o momento e o olhar de admiração que Clare lhe lançava.

— Quanto à rebelião de D'Amiran — ela disse —, posso lhe garantir que os registros do próprio duque o implicavam nela. — Aquilo era verdade apenas em certo grau. O barão havia prometido apoio, mas no contrato de casamento e dote de Sophia. Sage desconfiava de que durante as negociações Morrow D'Amiran descobrira a riqueza da família Holloway e o quanto poderia pedir se tomasse Clare como esposa.

— Se isso é verdade, por que não fui preso?

— Ainda? — Sage deixou a palavra pairar por alguns segundos. — Por causa de Clare e Sophia. O rei as considera inocentes.

O barão riu com desprezo.

— E porque sabe o quanto o Tesouro perderia em impostos. — Clare revirou os olhos, mas ele estava concentrado demais em sua amiga para notar.

— De fato — Sage disse com um tom de respeito sarcástico. Era uma aposta justa que um homem que havia mentido para arranjar casamentos ilustres para as filhas também fosse desonesto em relação à contabilidade. — Nestes tempos de crise, sua majestade precisa que todos façam sua parte para apoiar o reino. E pode ser inspirado a olhar mais atentamente a como o barão pode contribuir.

Holloway empalideceu com a sugestão de uma auditoria.

— Sua majestade não encontrará nada fora de ordem.

— Tenho certeza de que não — concordou Sage, com um olhar dissimulado para Clare. Não depois que Holloway varresse seus registros, ao menos. — Mas, somando uma investigação como essa e seu apoio *supostamente* involuntário à família D'Amiran, pode ser difícil encontrar alguém disposto a se casar com seus filhos e futuros netos, com ou sem a intervenção de uma casamenteira. — Ela franziu a testa com compaixão. — Eu odiaria que sua família mergulhasse na obscuridade como tantas outras em nossa história.

Sempre graças a casamenteiras, que sabiam guardar rancor como ninguém.

O barão Holloway se manteve rígido na cadeira, segurando a haste de seu cálice com um aperto letal e parecendo incapaz de perguntar o que custaria para que Sage não o destruísse.

— É claro que nos ajudar agora poderia fazer muito para provar sua lealdade à sua majestade — Clare disse calmamente.

— Darei cinquenta soldados — ele disse com a voz sufocada. — E provisões.

— Quatrocentos — respondeu Clare.

— Cem.

— Trezentos.

— Duzentos — o barão retrucou. — E não quero vê-la de novo nunca mais.

— Combinado. — Clare se levantou, com o queixo erguido. —

Quando estarão prontos?

— Amanhã.

Sage se levantou da cadeira, sorrindo.

— Ótimo. Que bom que ouviu a voz da razão. — Em vez de uma reverência, ela só acenou com a cabeça. — Se nos der licença, há muito a preparar antes de nossa partida.

Ela rumou para a porta, medindo os passos para chegar lá ao mesmo tempo que Clare.

— Uma pergunta, se me permite, *embaixadora* — chamou o barão Holloway antes que elas pudessem sair.

Sage se virou, subitamente receosa de que o pai de Clare tivesse encontrado uma falha em suas ameaças.

— Pois não? — perguntou, disfarçando o nervosismo da melhor maneira possível.

— Qual é sua idade?

Ela pestanejou, percebendo que não sabia ao certo. Levou alguns segundos para contar os dias desde o equinócio.

— Tenho dezoito anos — ela respondeu. — Apenas por mais um dia.

Sem esperar a reação dele, Sage entrelaçou o cotovelo com o de Clare e saiu. Não disseram nada até se afastarem bem no corredor. Então Clare disse abruptamente:

— Eu sabia que ele não permitiria que ficássemos aqui, mas pensei que, se ao menos conseguíssemos alguns soldados, estaríamos mais seguras.

Sage parou e encarou a amiga.

— O que você fez foi incrível, Clare. Não sei como lhe agradecer.

— Nunca vou ver ninguém da minha família de novo. — Clare deu de ombros, tentando sem sucesso fingir que aquilo não importava. — Mas foi o que pensei que aconteceria quando parti para o Concordium.

— Você ainda tem Sophia. — Sage colocou o braço em volta dos ombros de Clare. — E a mim — ela acrescentou em tom baixo quando a amiga não a afastou.

— Eu sei. — Clare secou os olhos com a manga. — E agora?

— Não podemos ficar aqui, mas talvez isso seja melhor — disse

Sage. — Vamos avançar para perto de Cabeça de Flecha e ficar prontos para escoltar Zoraya de volta assim que Alex descobrir o traidor.

Clare mordeu o lábio.

— Duzentos soldados são suficientes?

— Para nos proteger? Sem dúvida.

— Mas você quer mais do que proteção, certo? — Parecia uma pergunta, mas era uma afirmação.

Sage assentiu, mas não estava pronta para explicar por que desconfiava que precisariam de forças para colocar Zoraya de volta no trono, e Clare não a questionou.

PROVANDO SUA ANSIEDADE PARA SE VER LIVRE de Sage e Clare, o barão Holloway passou o dia inteiro providenciando o que havia prometido. Sage escreveu cartas para seu tio no solar Broadmoor e para Darnessa Rodelle, avisando que estava a caminho e pedindo para reunir todos os homens armados que pudessem recrutar — cada um entre seus próprios contatos. Depois da refeição do meio-dia, Sage pediu a Clare para acompanhá-la e voltou até a casamenteira da cidade para devolver a moeda que havia pegado emprestada. As coisas quase tinham voltado ao normal entre as duas, e Sage queria muito fortalecer sua conexão.

— Você inventou aquela história sobre a srta. Rodelle te dar a moeda da guilda? — Clare balançou a cabeça. — Sage, você é mais audaz do que um batedor de carteira num quarto cheio de sonâmbulos.

— Você não faz ideia. — Sage lambeu o polegar e o esfregou na superfície da moeda, removendo a tinta dourada. O metal por baixo era prata, designado a membras de médio escalão na guilda. — Mas deu certo.

Clare suspirou.

— Creio que você realmente tem essa influência. E era a única maneira de provar isso a ele.

— É por isso que não me sinto tão mal. — Por isso e porque o pai de Clare era um babaca. Elas foram para os fundos da casa da casamenteira. Sage bateu na porta da cozinha e a srta. Gerraty as deixou entrar.

— Lady Clare! — ela disse com um sorriso largo. — Não esperava vê-la novamente. — A casamenteira pegou suas mãos e as apertou. —

Soube que seu pretendente morreu em batalha. Veio em busca de outra união?

— Ah, pelo Espírito, não! Creio que nunca me casarei.

A srta. Gerraty a observou por alguns segundos.

— Você o amava tanto assim?

— Sim. — Os olhos castanhos de Clare se turvaram um pouco, mas ela abriu um sorriso tênue, como se a memória de Luke Gramwell tivesse se tornado mais doce ou, no mínimo, menos dolorosa.

A casamenteira se inclinou para a frente e afagou a bochecha dela.

— Você ainda é jovem, minha cara. Não desista do mundo. — Ela se voltou para Sage, que ofereceu a moeda da guilda de volta. — Obrigada, embaixadora Fowler. Imagino que tenha funcionado.

— Perfeitamente. — Sage sorriu e colocou a moeda na mão sardenta da mulher. — Partiremos amanhã, mas eu gostaria de dar uma olhada nos seus livros antes.

A srta. Gerraty as guiou na direção da frente da casa.

— Está em busca de alguma informação em particular?

— Precisamos de pessoas que tenham soldados. Podemos precisar de alguns emprestados.

Elas pararam diante do batente de um quarto que abrigava uma escrivaninha e uma estante cheia de livros de registro. A casamenteira franziu a testa.

— Não está pensando em arranjar casamentos com esse objetivo, está?

— É claro que não — disse Sage. — Mas qualquer pessoa que não aproveite a chance de fazer um favor à casamenteira seria tola, não?

A srta. Gerraty sorriu e apontou para os livros nas estantes.

— Com toda a certeza. Fique à vontade.

Sage e Clare trabalharam até o pôr do sol e tomaram notas. Ao todo, encontraram potencial para cerca de cem soldados entre lordes menores e latifundiários ricos que buscariam casamentos para a família nos próximos anos. Clare tinha a caligrafia mais bonita, por isso estava compilando uma lista para a srta. Gerraty, que enviaria pedidos muito delicados para que mandassem homens para encontrar

a força que Sage reuniria perto da colina Garland. Darnessa Rodelle também poderia usar sua influência para atrair mais apoio. Pela experiência de Sage, as pessoas não perdiam uma oportunidade de fazer uma casamenteira feliz.

Agora que o duque Welborough de Crescera parecia estar atrás de uma esposa, seria uma excelente fonte de tropas — ainda mais se estava interessado em Clare como o pai dela havia indicado. Ele poderia estar disposto a fazer um favor a ela. Porém, quando Sage comentou aquilo com a amiga, ela discordou.

— Considerando o que o duque quer, não sei se eu gostaria de ficar em dívida com ele — ela disse.

Mas não faria diferença. O duque estava nas negociações em Cabeça de Flecha. O pedido não teria como chegar até ele a tempo.

Enquanto Clare escrevia, Sage folheou as páginas de um livro.

— Quer saber o que dizia sua avaliação? — ela perguntou.

— Essa informação é confidencial. — Clare a repreendeu sem tirar os olhos de seu pergaminho. Então, depois de alguns segundos de pausa, perguntou: — Vai me contar ou não?

Sage sorriu.

— Nada mal. A srta. Gerraty achou que você seria uma dama perfeita, e que era boa para fazer as pessoas se sentirem bem em relação a si mesmas.

— Todos deveriam ser.

— Ela também achou que deveria ser guardada para o príncipe Robert, embora tivesse dúvidas em relação a aliar seu pai à família real. — Sage franziu a testa enquanto lia. — Logo depois do casamento de Sophia, ela fez seu pai acreditar que tinha registrado errado seu ano de nascimento, do que ele tirou vantagem para mandar você para a srta. Rodelle para a avaliação do Concordium, embora não fosse elegível. A casamenteira e Darnessa trabalharam juntas para salvar você de um destino semelhante ao da sua irmã.

— Queria que elas tivessem me contado — Clare murmurou. — Eu morria de medo tanto de me casarem como de descobrirem que eu era jovem demais.

Sage folheou a página.

— Não tem muito mais sobre você, mas tem bastante coisa sobre Sophia.

Clare pousou a pena na mesa e se alongou.

— Ela era muito vivaz. Competitiva também. Provavelmente arrancaria meus olhos se descobrisse que a srta. Gerraty me considerava para o príncipe.

— Lembro que você me contou que ela era um pouco obcecada por ele — disse Sage, espiando a lista de atributos. *Fluente em kimisaro e reyno*. Não era nenhuma surpresa, visto que Clare também havia aprendido as duas línguas. *Inteligente. Ambiciosa. Audaz*. Sage pensou na mulher vazia que havia conhecido em Jovan e balançou a cabeça. Era o que acontecia quando as pessoas eram casadas inadequadamente.

Clare suspirou.

— Eu sabia que Sophia estava infeliz e que seu marido era cruel, mas imaginava que, se houvesse alguém capaz de suportar tal vida, seria ela. Mas agora ela parece tão... amedrontada.

— É o que acontece quando se tem filhos — murmurou Sage, virando a página para a entrevista de Sophia. — Eles se tornam mais importantes do que sua própria vida. — O pai de Sage se dedicara tanto aos cuidados dela quando estava doente que chegara ao ponto de deixar de cuidar de si mesmo. Quando Sage ficou bem o bastante para descobrir que ele também se encontrava doente, era tarde demais. Por anos, ela havia se culpado pela morte do pai.

— Sei que você não gosta dela, mas Sophia nem sempre foi o que você conheceu em Jovan — disse Clare.

— Não tenho nada contra ela. Foi um mal-entendido que assumiu proporções exageradas. — Sage estreitou os olhos para o livro. A luz estava ficando fraca.

— Temos de ajudá-la, Sage, e não apenas Zoraya — Clare disse. — Precisamos colocar um fim nisso, para que Sophia e Aurelia possam viver sem medo.

O furor na voz da amiga fez Sage erguer os olhos. Uma flecha de ciúmes a trespassou diante da profundidade do laço fraterno, especialmente considerando como a paz entre ela e Clare era frágil no

momento.

— É claro que vamos ajudá-la — Sage disse.

— Promete?

— Prometo.

Sage baixou os olhos, concentrando-se em uma única linha. *Quando questionada sobre a irmã, Sophia descreveu deformidades escondidas.*

Clare se debruçou para olhar o livro.

— O que mais fala sobre ela aí?

Sage fechou o livro com tudo.

— Nada.

Clare deu de ombros e voltou a tomar notas.

QUANDO HUZAR SE APROXIMOU do acampamento em Cabeça de Flecha, encontrou uma linha de piquete demorana posicionada a alguns quilômetros do acampamento. Conhecia a rotina dos soldados, de modo que não foi difícil passar despercebido por eles, mas levou tempo e o obrigou a deixar alguns homens para trás com os cavalos. Aqueles demoranos não estavam lá quando ele havia partido com a rainha Zoraya duas semanas antes, o que significava que se tratava de uma reação do general Quinn à notícia que o major lhe havia levado, indicando que ele esperava problemas.

Huzar e os oito homens restantes em seu esquadrão chegaram ao acampamento no crepúsculo. Depois que os sentinelas o identificaram, ele foi guiado diretamente à tenda da rainha. Seus punhos se cerraram ao encontrar o brazapil Donala à cabeceira da mesa, na cadeira dela.

Não tão cedo, desgraçado.

O capitão se obrigou a fazer uma reverência respeitosa. Enquanto se empertigava, o general Oshan entrou rapidamente. O ministro da Guerra franziu a testa para Donala antes de assumir um lugar à esquerda, em frente a Nostin. Huzar resistiu ao impulso de mexer na orelha dilacerada, um hábito que havia criado porque a mudança em sua audição lhe dava a impressão de estar precisando limpar o ouvido. Os outros ministros entraram em fila. Depois de uma pausa, assumiram um lugar ao lado de Nostin ou Oshan.

Eles estavam escolhendo lados. Nostin — o que na verdade significava Donala — tinha mais apoiadores do que o general Oshan. Aquilo não era bom.

— Sua vinda é inesperada, capitão — começou Donala, cuja mão esquerda apertava o braço da cadeira de madeira. — Nunca o vi sem a

rainha.

Huzar reconheceu a declaração sob as palavras. O brazapil sabia o quanto ele era próximo de Zoraya, mas havia também um tom de aceitação. Talvez até de inveja. A única maneira de aliviar a ameaça velada, porém, era enfrentá-la cara a cara.

— Há apenas uma circunstância que me obrigaria a abandoná-la.

Donala piscou lentamente, e sua boca se apertou. Espírito nas alturas, ele já sabia. Ou desconfiava.

As palavras a seguir quase sufocaram Huzar ao sair.

— Minha rainha está morta.

A bochecha de Donala se contraiu, mas ele não disse nada.

— Quando? — questionou o general Oshan, com a voz embargando.
— Como?

— Cinco dias atrás em Bey Lissandra — Huzar disse. — Assassinada por uma flecha no coração. — Um silêncio mortal caiu sobre a tenda enquanto ele tirava do gibão o sinete pessoal da rainha e o colocava na mesa, entre Donala e Oshan. Ao olhar para o general, viu que o velho tinha lágrimas nos olhos.

Nostin assumiu sua postura habitual de hostilidade.

— Por que ela estava em Bey Lissandra, capitão? Que motivos teria para levá-la ali?

— Eu a escoltei aonde a rainha me ordenou.

— Com que objetivo? — Nostin retrucou.

Donala falou antes que Huzar pudesse responder.

— Ela devia ter motivos que não confiou a nós. — A defesa das ações de Zoraya tomou Nostin e Huzar de surpresa. Donala se voltou para o ministro da Guerra. — Tinha conhecimento disso, general Oshan?

Oshan fez que não, ainda incapaz de falar e fitando o selo. Donala voltou os olhos para Huzar.

— Ela estava se reunindo com a embaixadora demorana em segredo?

O choque perpassou os ministros dos dois lados dele, mas Huzar se manteve imóvel, tendo percebido alguns segundos antes que Donala já sabia daquilo também — e que não havia revelado aquele

conhecimento a mais ninguém. Mais uma vez, Huzar decidiu que a honestidade era o melhor contra-ataque.

— Sim, brazapil — ele respondeu.

Donala entrelaçou as mãos e pousou os antebraços na mesa.

— Por favor, dê-nos o relato completo. Se puder. — A parte final foi dita quase com compaixão.

O estratagema que Huzar e Quinn haviam combinado envolvia negar que a embaixadora tinha estado em Bey Lissandra, mas Donala sabia tanto que Huzar precisava dar mais informações do que havia planejado. Ele descreveu o ataque, começando pela morte de Rewel D'Amiran e dizendo que a embaixadora Fowler também havia sido um alvo. Por ora, Huzar preferiu não mencionar a lista que havia encontrado nem o *pesta lundamyetsk* de Lady Clare, supondo que alguém perguntaria a respeito dela, mas ninguém perguntou.

— Tem certeza de que a embaixadora era um dos alvos? — Donala perguntou. A dúvida cobriu seus olhos pela primeira vez.

Pela expressão no rosto do brazapil, a informação de que Sage Fowler estivera nas docas naquela manhã havia sido uma surpresa. Seria fácil para Donala culpar Sage, portanto Huzar havia planejado uma resposta convincente sobre a inocência dela, algo em que ele próprio acreditava.

— Tenho certeza, brazapil — ele disse, apontando para o ombro onde Zoraya tinha sido atingida. — Uma flecha trespassou perto do pescoço e, por algumas horas, sua sobrevivência era incerta. — Huzar estava pronto para descrever os ferimentos da rainha como se fossem da embaixadora, mas Donala apenas assentiu, franzindo a testa, pensativo.

O general Oshan se levantou.

— Enviarei soldados para proteger nosso rei. Vamos encerrar essas conversas e partir.

— A primeira parte já foi feita — disse Donala abruptamente. — E não estou de acordo com a segunda.

O rosto bronzeado de Oshan se avermelhou até a escápula calva.

— Explique-se, brazapil.

— Ontem enviei algumas tropas particulares para proteger o jovem

rei — respondeu Donala. — Chegarão lá amanhã. Mesden estará seguro.

Huzar notou que Donala não parecia apreensivo que assassinos pudessem chegar ao rei antes de seus homens, mas a ideia não era particularmente preocupante. Havia poucas vantagens em matar o rei, a menos que quisessem colocar Kimisara em uma guerra civil. Manter um jovem e impressionável rei vivo — e em mãos — seria muito mais vantajoso.

Mas não era Mesden quem estava na mansão da realeza. Huzar fez uma oração ao Espírito pela segurança do menino inocente.

O general Oshan ficou roxo de fúria.

— Você sabia — ele disse, enfurecido.

— Ouvi relatos inconsistentes — disse Donala. — Não acreditei neles, mas tomei precauções.

— Por que não fui informado? — questionou Oshan.

— Porque queria ver sua reação quando a notícia chegasse. — Donala esperou o general responder, mas ele ficou em silêncio, atordoado. O brazapil então ergueu os olhos para Huzar, com uma expressão indecifrável no rosto. — Tem minha gratidão por nos trazer essa notícia difícil.

A confiança quase instantânea de que era verdade deixou Huzar desconfiado. O brazapil Donala acreditava mais em sua fonte anterior do que dizia.

Ou ele próprio tinha sido o mandante do assassinato.

O general Oshan se recuperou o bastante para falar.

— Você vai fazer com que todos sejamos mortos! — berrou, apontando para fora da tenda. — Enquanto brinca com informações, o exército demorano está ali, esperando para nos eliminar no instante em que reagirmos à perfídia deles!

— Eles poderiam ter feito isso em qualquer momento das últimas três semanas, general — disse Donala abruptamente. — Mas não o fizeram. Por quê? *Pensem.*

Donala encarou cada um dos homens à mesa, mas ninguém respondeu.

— Até agora não tivemos motivos para duvidar da sinceridade de

Demora nessas negociações. A embaixadora Fowler ter aceitado se encontrar com nossa rainha depois de um incidente bastante infeliz — ele lançou um olhar maldoso para Nostin — apenas corrobora com essa ideia. Segundo o capitão Huzar, ela quase pagou com a própria vida.

— Espere — disse o general Oshan. — Se a embaixadora estava lá, então o comandante norsari também estava, correto?

— Sim, senhor — Huzar respondeu.

— Desgraçado *mentiroso* — Oshan grunhiu.

A reação do general pegou Huzar de surpresa. Quando ele havia conversado com Quinn?

Donala arqueou as sobancelhas para o ministro da Guerra.

— Diga-nos, por favor: sobre o que o comandante norsari mentiu? — ele perguntou. — O que conversava com ele ontem, general?

A mão esquerda de Oshan apertou o punho de sua espada.

— Está me acusando de conspirar com os demoranos?

— Estou apenas perguntando sobre sua conversa com um homem que testemunhou a morte de nossa rainha — disse Donala calmamente.

Huzar olhou para o rosto dos outros ministros e brazapilla ao seu redor, vendo-os atribuir um novo sentido a algo que todos eles tinham visto.

Oshan tensionou o maxilar e levou a mão a uma postura mais casual na cintura.

— Não falamos nada de relevante. Apenas perguntei se a embaixadora estava bem.

— Fico feliz em saber disso. — Donala fitou os olhos do general por mais alguns segundos, permitindo que as sementes de dúvida que ele havia semeado fincassem raízes na mente de todos antes de continuar. — A presença do major Quinn nos mostra que os demoranos sabem o que aconteceu. Isso é significativo, e pode explicar por que o barão Underwood e o duque Welborough partiram, mas não significa que estejam por trás da morte de minha rainha.

— Quem mais poderia estar? — perguntou Nostin, com os olhos arregalados de incredulidade. — Um de nós? — Huzar sentiu um frio

no estômago quando olhares desconfiados foram lançados na direção do general Oshan.

Em vez de responder diretamente, Donala se concentrou em Huzar.

— Onde está a princesa Alaniah agora?

Queixos caíram de espanto dos dois lados da mesa.

— A casmuni? — sussurrou alguém atrás de Huzar.

— O rei Banneth mandou a irmã para firmar uma aliança com Demora — disse Donala. — A tentativa de nossa rainha de firmar a paz ameaça a força dessa união.

Huzar balançou a cabeça uma vez. A embaixadora Fowler tinha absoluta certeza de que os casmunis não estavam envolvidos, e ele se convencera disso. Donala estava certo, porém. Fazia sentido. Huzar percebeu de repente que todos o estavam observando.

— Pedi para confirmar se a princesa Alaniah estava lá, capitão — disse Donala com impaciência. — E sem ferimentos.

A boca de Huzar estava tão seca que foi difícil falar.

— Sim, brazapil, para as duas perguntas.

Donala assentiu, parecendo não notar a aflição de Huzar.

— Sem conseguir interferir no processo, esse assassinato poderia ser uma tentativa desesperada de Casmun de nos forçar a atacar os demoranos. — Ele fez uma pausa. — Portanto, não podemos reagir a essa notícia.

Todos encararam o brazapil na ponta da mesa. Para a surpresa de Huzar, Nostin foi o primeiro a protestar.

— Quer que voltemos à mesa de negociações como se não houvesse nada de errado? — ele balbuciou. — Como se a rainha regente não tivesse acabado de ser assassinada?

— Sim — disse Donala. — É a única maneira de mantermos a vantagem enquanto estamos em menor número. Os demoranos não podem nos contar, senão correm o risco de parecer culpados, *e talvez sejam*, mas dessa forma podemos obrigar quem quer que tenha feito isso a agir novamente. Da próxima vez, estaremos prontos.

— Precisamos declarar um novo regente — disse o brazapil Nostin depressa. — Indico Hanric Donala.

— Não há membros suficientes do conselho para tomar uma decisão

— protestou o ministro do Comércio, do mesmo lado da mesa em que estava o general Oshan.

Donala levou a mão ao sinete real.

— Tem o suficiente aqui para ser a maioria em qualquer votação.

Oshan bateu a mão na estrela de quatro pontas.

— Apenas se eu votar em você — ele vociferou —, o que *não* farei. Até todo o conselho estar reunido, a liderança recai ao comandante do Exército, que sou eu.

O brazapil recuou a mão, com o rosto inexpressivo.

— Muito bem.

Huzar observou aquilo sem comentar nada, tentando gravar na mente a expressão de cada homem.

— Onde está o corpo da rainha? — Nostin perguntou, parecendo ansioso em demonstrar alguma utilidade a Donala depois de ter acabado de falhar com ele.

— Eu a enterrei perto da cidade portuária — Huzar respondeu. Imaginar que era verdade foi o suficiente para carregar suas palavras de angústia. — Não havia tempo para mais nada.

Donala assentiu.

— Vamos buscá-la depois para fazer as honras apropriadas. — O ministro inspirou fundo, e os dois lados da mesa focaram nele, em expectativa. A lei kimisara poderia ter atribuído o poder ao ministro da Guerra, mas estava claro quem estava no comando. — Os demoranos pediram mais um dia de recesso, alegando que a condessa Sophia D'Amiran ainda não está pronta para participar da mesa.

Os olhos de Huzar se arregalaram. A condessa D'Amiran estava ali? O que em nome do Espírito poderia levá-la a um lugar tão perigoso?

— É claramente uma artimanha para protelar por tempo suficiente para ouvirmos a notícia do capitão Huzar — Donala continuou. — Mas isso não é problema. Quando não agirmos como eles esperam, os demoranos serão forçados a voltar às negociações. — Ele sorriu um pouco. — Imagino que sintam que estão pisando em brasas, sabendo que nossa rainha está morta, mas sem poder falar disso.

Oshan não estava pronto para conceder derrota.

— Você está jogando um jogo que vai se tornar letal — ele disse. —

Por quanto tempo propõe dançar em volta deles, fingindo que não há nada de errado?

O sorriso de Donala ficou mais tenso.

— Até estarmos preparados para mudar o tom da música.

O peito de Huzar se apertou quando ele se deu conta de que o estratagema de Quinn e da embaixadora havia saído pela culatra. Donala podia ou não estar por trás do plano de matar Zoraya, mas era óbvio que era ele quem conduzia a música agora.

FIEL À SUA PALAVRA, o barão Holloway tinha preparado duzentos homens ao amanhecer no dia seguinte. Não havia nenhuma falsidade no pai de Clare quando Sage conversou com ele antes da partida, apenas o desejo de se livrar da filha e dos aborrecimentos que ela havia trazido.

— Nunca mais terá nada de mim, entendeu? — ele disse a Clare com frieza. — De agora em diante, será problema de outra pessoa.

Ele deu as costas e saiu andando enquanto Clare observava.

— Adeus, pai — ela sussurrou.

Sage colocou um braço em volta da amiga.

— Você está bem?

Clare se desvencilhou de seu braço. O perdão da noite anterior se desfizera diante do que ela estava perdendo.

— Acho que eu ia me sentir pior se não tivesse aprendido como é um pai de verdade. Talvez, quando isso tudo acabar, mama e papa me acolham de volta.

Os pais do tenente Gramwell provavelmente adotariam Clare com o maior prazer, mas Sage tinha outros planos para a amiga. Em vez de contar qualquer um deles, porém, deu o espaço de que ela precisava para se lamentar.

— Vamos.

Montaram em seus cavalos, Zoraya quase sem assistência. O dia de repouso tinha ajudado muito a rainha, e ela havia se acostumado com os ombros atados e o braço esquerdo em uma tipoia. Casseck havia dito que levaria pelo menos mais seis semanas até a omoplata estar completamente curada.

— Como se sente? — Sage perguntou para ela.

A rainha kimisara resmungou.

— Coça, mas dentro do osso, então não posso fazer nada. É enlouquecedor.

— Às vezes minha pele fica assim — Sage disse, compreensiva. — Sinto uma coceira, mas, quando coço, não sinto nada, então não há alívio nenhum.

Na noite anterior, Zoraya a havia encontrado em seu quarto logo depois do banho e pedido para ver suas queimaduras. Sage as havia mostrado com relutância. A rainha tinha fitado a pele manchada de rosa e branco sobre o braço e a perna esquerdos por um minuto antes de assentir e dizer:

— Fico feliz em saber que sofreu. — Depois ela se virara e saíra.

No começo, Sage ficara chocada com as palavras de Zoraya, mas, depois de refletir um pouco, percebeu que era o uso imperfeito da língua que fazia a frase soar rude. “Fico feliz em saber *o que* sofreu” teria sido mais apropriado. Mas, na verdade, as duas frases poderiam ter saído da boca da rainha.

— As propriedades de sua família ficam muito longe, embaixadora? — perguntou a rainha.

— Três dias de viagem, mas não pretendo permanecer por muito tempo — respondeu Sage. Seu plano era visitar sua antiga empregadora na colina Garland em busca de auxílio para reunir mais tropas que ela e Clare haviam pedido à casamenteira local. O vilarejo ficava perto demais da mansão Broadmoor para não visitá-lo. Sage tinha enviado um mensageiro à frente tanto para Darnessa como para sua família, embora duvidasse que seu tio fosse ser de alguma ajuda. Quando ela havia deixado sua casa dois anos antes, não tinha sido na melhor das circunstâncias. A maior parte do que ela precisava teria de vir por meio de Darnessa, se ela concordasse. Havia a chance de ficar furiosa com a mera hipótese e as medidas que Sage já havia tomado.

Ela evitou o olhar de Zoraya.

— Estou torcendo para que, quando chegarmos lá, a maior parte do trabalho de convocar soldados já esteja feita.

Ou não haveria nem soldados nem qualquer tipo de boas-vindas.

A rainha franziu a testa.

— Planeja reunir mais tropas?

— Sim. A que temos pode nos proteger, mas serão necessárias mais para levá-la com segurança de volta a Cabeça de Flecha.

Zoraya abriu a boca para falar, mas Casseck se aproximou em seu garanhão pardo, interrompendo-as. A frieza em relação a Sage havia diminuído um pouco depois que o capitão percebera que ela e Clare haviam conseguido tropas suficientes para protegê-las, mas ele continuava formal. Lani estava ao seu lado em seu cavalo, e Mesden estava sentado na frente de um dos cavaleiros casmunis.

— Estão todos prontos e sob seu comando, milady — Cass disse.

Sage franziu a testa.

— Você é o militar aqui. — Então ela se deu conta de que Cass estava se dirigindo a Clare, que estava montada de lado em sua égua rajada, do outro lado de Sage.

Clare corou.

— Vou deferir o comando a outra pessoa.

— Essas tropas são suas — disse Lani. — Sugiro que deixe isso claro para elas.

Cass sorriu e ergueu o braço, indicando que Clare deveria assumir um lugar à frente da companhia. Ela mordeu o lábio e guiou seu cavalo à frente. Sage, Lani e Zoraya assumiram posição ao lado dela, e Casseck se virou para guiar as colunas perto da retaguarda, assumindo o comando preparatório.

— Como eles vão me escutar? — Clare sussurrou.

— É para isso que servem as bandeiras — disse Lani. — Mas, como não temos nenhuma, isto terá de servir. — Ela sacou a *harish* curva do cinto e a ofereceu para a amiga, que pegou a espada casmuni com a mão trêmula. Quando Clare a ergueu, os comandantes de pelotão atrás delas fizeram o mesmo. Todos os soldados ficaram em silêncio, esperando.

Sage sorriu. Por mais nervosa que estivesse, Clare sabia exatamente o que fazer.

— Avançar! — Clare gritou. Ela baixou a espada para apontar à frente. Ao mesmo tempo, picou o cavalo para caminhar. O som de duzentos homens avançando ecoou atrás delas.

NÃO FOI DIFÍCIL SEGUIR O RASTRO dos norsaris e casmunis desaparecidos a partir de Cabeça de Flecha. Alex e seu esquadrão viajaram mais rápido e dormiram menos do que um mensageiro comum, chegando a Jovan em apenas dois dias. Todos os solares e vilarejos tinham visto o falso grupo de escolta passar. As pessoas pareciam sinceras, e nenhuma relatou qualquer problema com bandidos ou intimidação dos soldados do barão Underwood, ao contrário do que Alex pensava. Quando o grupo de busca chegou a Jovan, porém, todos com quem eles falaram disseram o mesmo: os soldados nunca haviam chegado.

Em algum lugar entre a última parada e o destino, a companhia inteira havia desaparecido.

Alex havia deixado o tenente Tanner acompanhá-lo, pois Hatfield, o oficial no comando dos soldados desaparecidos, era o melhor amigo dele. Se Casseck tivesse desaparecido, nada impediria Alex de liderar a busca. Mas Tanner ficava cada vez mais e mais agitado, a ponto de Alex se arrepender de ter feito tal concessão.

Eles retrocederam um pouco. Deviam ter deixado escapar algo. Por mais que buscassem, no entanto, não conseguiam encontrar nenhum sinal de luta. Na realidade, não havia nenhum sinal da companhia. Um grupo tão grande em geral deixava marcas no terreno em um dos lados da estrada, mas os únicos rastros que tinham encontrado eram de uma semana antes, provavelmente da escolta de Ash para a condessa Sophia, rumando para o oeste. Alex e seu esquadrão voltaram ao lugar onde os soldados desaparecidos haviam acampado perto da última cidade. Carroças estiveram ali, mas parecia que nunca haviam voltado à estrada.

Havia uma quinta de pedra a uns cem metros. Alex a havia ignorado

em sua primeira passagem pela área porque várias fontes tinham afirmado que os norsaris não haviam ficado. Daquela vez, no entanto, ele bateu na porta, e uma garota de cerca de oito anos atendeu.

— Olá — Alex disse, ajoelhando-se para ficar na altura dela. — Estou procurando alguns amigos. Seu pai está em casa?

A menina fez que não.

— Ele está nos campos ao leste com meu irmão hoje. Só voltam ao anoitecer.

Ainda faltavam algumas horas. Inferno.

Alex sorriu.

— Talvez você possa me ajudar.

Os olhos cor de mel dela ficaram imediatamente desconfiados. A menina deu um passo para trás, segurando a porta como se fosse batê-la na cara dele.

— Não, não — disse Alex, erguendo as mãos. — Só quero fazer algumas perguntas.

A menina hesitou.

— O que quer saber?

— Meus amigos estavam em um grupo grande que acampou ali há uns dez dias. — Alex apontou na direção. — Você se lembra deles?

— Sim.

— Viu quando saíram?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Já tinham ido quando acordei.

Inferno de novo.

— Não ouviu nada naquela noite? — Alex perguntou. — Gritos ou brigas?

— Não.

Alex se encolheu um pouco. Era um beco sem saída. Mas crianças dormiam profundamente. Talvez o pai tivesse ouvido alguma coisa.

— Não ocorreu nada de estranho? — ele perguntou de novo, sem convicção.

— Nossa carroça foi roubada naquela noite — ela disse.

Um pouco atrás dele, Tanner apontou para uma carroça de três rodas perto de um alpendre que servia de abrigo para cabras e alguns

porcos.

— Era parecida com aquela?

— *Era* aquela — a menina respondeu. — Meu pai seguiu as pegadas e a encontrou quebrada.

Alex franziu a testa. Teriam os norsaris feito aquilo?

— Aonde as pegadas levavam? — ele perguntou.

A menina apontou para duas trilhas paralelas para o norte.

— Por aquela estrada.

Tratava-se de pouco mais do que sulcos desgastados que levavam para o bosque.

— O que tem lá em cima? — perguntou Tanner.

— O campo norte. Não o estamos usando nessa safra.

— Obrigado — Alex disse, levantando-se e dando um passo para trás para a menina não se sentir ameaçada. — Você ajudou muito. Podemos dar uma olhada na carroça antes de ir? Talvez possamos consertar para vocês.

Ela deu de ombros.

— Meu pai já encomendou peças novas do ferreiro.

— Vamos dar uma olhada mesmo assim. — Alex fez sinal para Tanner o seguir. A menina fechou a porta, e eles a ouviram trancá-la. Alguns segundos depois, estava espiando pela janela. — Não demonstre que sabe que ela está observando — Alex murmurou.

— É uma pena que ela seja tão desconfiada — Tanner disse em voz baixa.

Juntos, eles inspecionaram a carroça em busca de alguma pista sobre quem a tinha pegado e por quê. As tábuas estavam manchadas, mas não de sangue — ou, pelo menos, não de sangue fresco. Provavelmente havia sido usada para transportar carcaças de animais caçados ou vindos do açougue da cidade. Depois de alguns minutos, Alex desistiu e fez sinal para a equipe, que esperava na estrada principal, segurando os cavalos dos oficiais. Todos voltaram a montar e seguiram para o norte pela estrada esburacada. Era como procurar uma agulha em um palheiro, mas era a única pista que tinham.

O instinto de Alex também lhe dizia que o desaparecimento do grupo era a resposta para os medos de Sophia. Ele ficou grato por ela

ter chamado atenção para algo que talvez só notassem quando fosse tarde demais.

Se já não era.

A estrada, caso se pudesse chamar assim, levava a uma área de floresta marcada por pedregulhos enormes semienterrados no chão, como se tivessem sido jogados do céu pelo Espírito. A cerca de três quilômetros do outro lado da floresta, havia um campo que não fora cultivado durante aquele ano, de modo que ervas daninhas e plantas comuns pudessem revigorar o solo exaurido pelas safras. Ou não. Um trecho de terra no canto tinha sido queimado e arado fazia pouco tempo. Alex ordenou que Tanner e alguns outros continuassem a subir a trilha para outra extensão de floresta enquanto ele examinava a área.

Seu tempo para encontrar qualquer pista se esgotava. O sol estava baixo e grande, com parte de sua luz bloqueada pelas copas das árvores no canto do campo. Rastros antigos de carroças cruzavam o terreno que levava à área revirada, mas eram tantos e tão confusos que Alex não conseguia distinguir uns dos outros. As sombras chamaram sua atenção para algo, e ele passou a perna por cima do pescoço de Surry e se abaixou para olhar mais de perto. A alguns passos da linha comprimida deixada por rodas, Alex se agachou para pegar uma moeda grande semienterrada, como se tivesse sido pisoteada. Ele limpou a terra, revelando a figura de uma ave de rapina.

Um medalhão norsari.

Alex ergueu os olhos para o outro lado do campo, com uma desconfiança terrível crescendo. Gritou para Tanner e os outros enquanto desatava a correr para a área queimada e arada. Todos correram atrás dele, encontrando Alex na ponta do terreno remexido. De perto, conseguiu ver que o trecho não tinha sido queimado para tirar ervas daninhas — haviam feito uma fogueira nele.

Ao contrário do que Alex havia imaginado, o solo não tinha sido arado, e sim revirado em uma grande área retangular. Um cheiro vago de podridão pairava no ar. Um cheiro que Alex conhecia bem demais.

Doce Espírito, *não*.

Sem dizer nada, os homens ao redor dele desmontaram e colocaram as bolsas no chão, tirando pás de latrina e outras ferramentas para escavar. As de Alex ainda estavam sobre a sela de Surry, então ele apenas observou, orando. Seria pior encontrar o que desconfiava do que não encontrar nada, mas Alex sabia que no fundo suas orações eram em vão.

A menos de três palmos, eles encontraram algo sólido.

Alguns homens recuaram enquanto outros se ajoelharam e puxaram punhados de terra com as mãos até descobrirem uma perna vestida de marrom.

Marrom norsari.

Perto dela havia um braço dobrado, coberto pelo tecido dos guardas casmunis. Todos menos o tenente Tanner ficaram paralisados.

— Não! Espírito, não! — Tanner começou a cavar como um homem possesso, gritando o nome do amigo. — Sorrel!

Alex e os outros só podiam observar desamparados enquanto Tanner lutava para desenterrar o corpo. O cheiro doentio e doce da carne deteriorada ficou mais forte a cada punhado de terra que ele tirava, revelando mais partes de seus amigos.

O rosto do homem morto foi revelado — não era o tenente Hatfield. Tanner chorava, agachado, com o rosto coberto de cicatrizes riscado de terra e lágrimas. Ele fitou com um olhar vazio a terra revirada da vala coletiva. Seu amigo estava ali em algum lugar.

Pás foram derrubadas no chão. Ninguém queria cavar mais. Eles sabiam o que havia acontecido. Perturbar os mortos parecia não apenas desnecessário, mas um sacrilégio.

Alex deu um tapinha no ombro de Tanner e se ajoelhou, tentando não tocar nas partes dos corpos que despontavam da terra. Uma brancura encrostada ainda era visível em torno dos lábios azuis do homem e descia por seu queixo, como se ele tivesse espumado pela boca. Veneno. De um tipo potente, que agia de forma rápida. Ele limpou a terra da ferida aberta na garganta do cadáver. Quase não havia sangue nas roupas. O corte tinha sido feito depois que o coração do homem havia parado de bater. Os assassinos deviam ter querido garantir que todos estivessem mortos antes de enterrá-lo.

Seus soldados tinham sido mortos em seu próprio acampamento. A náusea fez o estômago de Alex se revirar. Quem quer que tivesse feito aquilo havia levado todas as evidências, roubando a carroça do fazendeiro para ajudar. Depois, tinha enterrado os corpos e incendiado as tendas e os equipamentos em um ponto aonde ninguém iria por pelo menos mais um ano. Os cavalos do grupo deviam ter sido levados; tudo o mais fora destruído.

Para piorar, os homens que os haviam matado provavelmente eram demoranos. Nenhum grupo de kimisaros grande o suficiente para fazer aquilo poderia ter chegado tão longe sem ser visto. Cabeça de Flecha, Bey Lissandra. Havia um traidor entre eles.

A condessa Sophia estivera certa em temer.

Alex queria voltar o rosto para o céu e dirigir sua fúria contra as nuvens em um grito, dizendo-lhes exatamente o que pensava do Espírito por ter permitido que algo do tipo acontecesse. Nada — nenhuma terra, nenhum título, nenhum poder ou dinheiro — valia os corpos que tinham sido deixados para apodrecer ali. Ele estava muito cansado de morte e luta, mas tudo o que conseguia pensar era em encontrar os responsáveis e exterminá-los da face da terra.

Todos estavam olhando para ele, esperando sua liderança. Alex se levantou e disse para os soldados deixarem tudo como haviam encontrado. Eles obedeceram devagar, seguindo seu exemplo e permanecendo estoicos. Alex ofereceu uma mão para Tanner e, em sua única demonstração de emoção, o abraçou por tempo suficiente para garantir que conseguiria ficar em pé. Depois que os mortos haviam sido cuidados da melhor maneira possível, ele se virou e guiou os norsaris de volta à estrada.

De volta à vingança.

NÃO PERMITIRAM QUE O CAPITÃO HUZAR participasse das conversas quando elas foram retomadas com a presença da condessa Sophia. O general Oshan o queria lá, mas o brazapil Donala — com razão — afirmara que, se alguém o reconhecesse, saberia que os kimisaros estavam cientes da morte de Zoraya. Os demoranos aguardavam uma reação ao assassinato da rainha, e o conselho kimisaro queria fingir que não havia nada de errado. Ou melhor, Donala queria. Ele esperava por algo, mas Huzar não conseguia deduzir o quê. Talvez uma confirmação de que o rei menino estava sob seu controle.

De alguma forma, Huzar precisava avisar os demoranos do que havia acontecido e de que os casmunis eram suspeitos, mas, mesmo se encontrasse uma maneira, contar a eles sobre a tomada de poder de Donala seria uma espécie de traição. O brazapil não tinha feito nada ilegal ou sem motivo, e Huzar achava difícil ficar ao lado do general Oshan agora que o ministro da Guerra havia abdicado de toda a sua autoridade.

Felizmente, Oshan e Donala fizeram questão da companhia de Huzar naquela noite. Ele se sentia como um brinquedo sendo puxado de um lado para o outro por duas crianças. Os dois o queriam ao seu lado, mas Huzar não sabia ao certo por que era tão importante para eles.

O general se recusou a se sentar quando o brazapil Donala assumiu seu lugar à cabeceira da mesa. Nostin se acomodou ao lado dele como sempre — parecendo furioso. Não havia nenhum outro ministro. Oshan dava voltas pela tenda, atirando acusações contra Donala.

— O que diabos estava fazendo? — ele questionou. — Você retirou nossos protestos quanto aos diques no Nai? E deixou os demoranos

examinarem a ponta sul do rio? São duas concessões do nosso lado sem nenhum ganho.

Huzar perdeu o ar. Aquele tinha sido o primeiro acordo entre a rainha Zoraya e a embaixadora Fowler.

Nostin abriu a boca, mas Donala o silenciou erguendo a mão.

— Chamou a atenção deles, não chamou? — ele disse.

— Eu também escutaria se os demoranos de repente oferecessem deixar nossas tropas marcharem no território deles — retrucou Oshan.

— Não tropas — disse Donala, balançando a cabeça. — Engenheiros. Vamos convencê-los do dano que os diques causaram rio abaixo. Assim, poderemos ter uma conversa razoável sobre como proceder.

O general fechou a cara.

— E pedir ajuda deles para construir um novo porto?

— Isso depende dos resultados do estudo dos engenheiros — disse Donala calmamente. — E de aceitarem nos enviar farinha dos moinhos que propuseram instalar no rio Nai. Nada é definitivo.

Huzar sentiu o sangue gelar em suas veias. As propostas de Donala eram semelhantes demais. Qual seria o jogo dele? Limpou a garganta.

— Se me permite perguntar, como os demoranos reagiram a essas ofertas, general?

— Com desconfiança. — Oshan cruzou os braços e encarou Donala. — Também pareceu que o príncipe e o irmão bastardo dele já haviam ouvido essas ideias antes, enquanto eu não. Mas, para manter as aparências de uma frente unida, não pude dizer uma palavra.

— Então diga o que tem a dizer — falou Donala.

— Por que está fazendo isso? — Oshan questionou.

— Expliquei a você quando o capitão Huzar chegou — disse Donala com paciência. — Os casmunis são os que mais têm a ganhar arruinando essas conversas. Ao continuar e fazer progresso como nossa rainha havia desejado, vamos obrigá-los a agir de novo.

O general deu um passo à frente e apoiou os punhos na mesa.

— Você também disse que espera uma reação, mas não vou esperar — ele grunhiu. — Tenho o exército, e vamos partir. Hoje.

— Tenho meu próprio exército, general — disse Donala friamente.

— Ele está a caminho para me apoiar. A menos que queira fazer seus homens lutarem contra os meus em território demorano, cercados pelo exército deles, vai ficar.

— Cercados?

— Eles criaram um perímetro ao nosso redor enquanto *seu* exército dormia.

Huzar havia falado dos soldados que tinha encontrado perto da estrada a caminho de Cabeça de Flecha; pelo visto, eram apenas parte de um plano maior. A manobra fazia sentido se os demoranos estavam esperando uma resposta dos kimisaros. Ele orou ao Espírito para que os homens que havia deixado lá não tivessem sido capturados.

— Também vi isso — Huzar disse. — Tive de me esquivar por uma linha de piquete alguns quilômetros ao oeste.

Donala agradeceu assentindo, mas o capitão não queria um agradecimento por ser simplesmente honesto, muito menos quando estava óbvio que o brazapil era tudo menos aquilo.

— De que outra prova de que os demoranos são culpados precisa? — berrou Oshan. — Eles mataram nossa rainha, e agora vão nos aniquilar. Quando seu exército chegar aqui, precisamos nos virar e lutar, isso se não for tarde demais.

— Eu discordo. Os demoranos poderiam ter nos eliminado a qualquer momento. Eles estão esperando algo, e quero saber o quê. — Donala se empertigou na cadeira, como se estivesse assumindo total comando da situação. — Mas, quando minhas tropas chegarem, teremos a vantagem.

Huzar limpou a garganta.

— O que pretende fazer com isso, brazapil? — ele perguntou.

Donala não parecia muito feliz, considerando que esperava assumir em breve uma posição de maior poder do que nunca.

— O que for preciso para chegar às respostas, capitão — ele disse.

AO VOLTAR PARA CABEÇA DE FLECHA, Alex deixou o tenente Tanner e os outros norsaris guardando a ponte sobre o rio Nai como seu pai queria. Ele dispensou a companhia do exército regular e voltou com ela para o acampamento demorano. A visão do campo que havia encontrado o assombrara a cada passo do caminho.

Soldados não deveriam morrer daquele jeito, envenenados e traídos em seu próprio país, depois jogados em uma vala rasa. Mas não era aquilo que o mantinha acordado.

Poderia ter sido Sage.

Ela teoricamente estava voltando a Jovan com os soldados, o que o fez se perguntar se a embaixadora tinha sido o alvo. Então, depois que a tentativa havia falhado, o nome dela fora acrescentado à lista em Bey Lissandra. A princesa Lani e Lady Clare também deveriam estar naquela caravana, então talvez fossem alvos também, mas a relação entre aqueles assassinatos e os de Bey Lissandra era tênue. Lani não estava naquela lista, e Clare tinha sido especificamente poupada.

Nada fazia sentido. A única coisa sobre a qual Alex tinha certeza era de que o que havia encontrado naquele campo em Tasmét estava longe demais da fronteira para não ser obra de um demorano, ou de alguém intimamente aliado a um. Não era um pensamento reconfortante.

Alex esperava encontrar o acampamento em pelo menos algum tipo de impasse, mas os sentinelas que o receberam e anunciaram sua chegada não revelaram nada naquele sentido. As conversas tinham sido retomadas com a presença da condessa Sophia, e o general Quinn passara a participar delas também. Parecia impossível, mas tudo indicava que os kimisaros não sabiam sobre sua rainha ainda — o que

significava que Huzar não havia lhes contado, mas ninguém tinha visto o capitão.

Um pajem foi correndo pegar seu cavalo assim que ele parou.

— Major Quinn! — o menino disse com uma continência. — Sua presença é requisitada na tenda da embaixadora, senhor.

Por uma fração de segundo, Alex pensou que ele estava dizendo que Sage estava ali, mas então se lembrou de que a condessa Sophia ocupava a tenda. Ele se apressou naquela direção, cortando caminho pelas fileiras de tendas até chegar lá. O acampamento tinha metade do tamanho de antes, embora o que restasse estivesse espalhado para criar a ilusão de mais tropas. Soldados faziam fila diante das tendas de refeitório para pegar suas rações de fim de tarde, o que fez Alex lembrar que não havia comido desde que partira do rio pela manhã.

Dentro da tenda da embaixadora, Alex encontrou o pai sentado em uma cadeira de madeira em meio ao arco de sofás e canapés. O príncipe Robert e Ash relaxavam nos sofás, parecendo exaustos, enquanto o coronel Traysden andava de um lado para o outro como um gato inquieto. O oficial do estado-maior, Murray, estava sentado à mesa lateral, rabiscando anotações e ordens.

— Bem-vindo de volta, major — disse o general Quinn, cansado.

Faltava uma pessoa.

— Onde está a condessa? — Alex perguntou, assumindo um lugar perto do primo.

Robert indicou com o polegar a área cortinada no canto.

— Foi uma manhã infernal de negociações. Ela está descansando.

A divisória se abriu e Sophia saiu, fechando-a atrás de si.

— Não, vossa alteza, estou acordada, mas Aurelia pegou no sono. — Ela caminhou até a última cadeira vazia, com o rosto pálido e os olhos cercados por olheiras escuras. Sophia apertou as mãos para impedir que tremessem enquanto se sentava. — Se há notícias de Jovan, gostaria de ouvir.

Todos os olhos se voltaram para Alex, exceto os de Sophia, vazios, que miravam o chá servido na mesa baixa diante dela. Ele limpou a garganta.

— Encontrei a escolta desaparecida — disse. — Mortos. Todos eles.

A condessa fechou os olhos enquanto lágrimas escorriam por suas bochechas.

— Que o Espírito lhes dê descanso — ela sussurrou. Em resposta, todos levaram a mão ao peito, com dois dedos pressionados junto ao coração.

Eles ficaram em silêncio, esperando Alex continuar.

— Foram envenenados e seus corpos deixados a alguns quilômetros da estrada — ele disse, atônito. — Os responsáveis devem ter levado os cavalos; muitos eram de raça casmuni, então talvez encontrá-los nos leve aos assassinos em algum momento, mas o rastro era de mais de dez dias, e não podia ser seguido.

Sophia abriu os olhos vermelhos.

— Acredita em mim agora, general?

— Nunca duvidei da decisão do tenente Carter de trazê-la para cá, milady — o pai de Alex respondeu.

A boca de Sophia se cerrou em uma linha fina, mas ela não disse nada.

Rob esfregou o rosto.

— Havia pelo menos uma dezena de casmunis no grupo de escolta da princesa Lani. Isso pode acabar com todo o processo de enviar Rose para lá.

— Vamos cuidar de uma coisa de cada vez — disse o general Quinn. Ele olhou para Alex. — Enquanto isso, temos um novo problema. Os kimisaros aparentemente não descobriram sobre a morte da rainha. Não houve nenhum sinal de reação do lado deles.

— Mas estão tentando nos provocar — disse Ash, empertigando-se. — Desde ontem, o brazapil Donala vem apresentando propostas estranhamente parecidas com as que você listou dos acordos da rainha Zoraya.

— Quem sabia a respeito delas? — perguntou Alex.

Seu pai apontou para todos na tenda.

— Apenas as pessoas que estão aqui.

— Menos eu — Sophia murmurou, mas ninguém pareceu escutá-la além de Alex.

— E o capitão Huzar — ele disse. — Alguém o viu?

— Não — respondeu Traysden, balançando a cabeça. — Mas capturamos alguns homens dele a oeste daqui, guardando diversos cavalos. Huzar e alguns outros devem ter passado por nossa linha de piquete.

Alex refletiu.

— Huzar disse que estavam faltando alguns papéis da rainha após o ataque. É possível que Donala esteja com eles.

— Quem é esse capitão Huzar? — perguntou Sophia abruptamente. — Nunca ouvi esse nome.

— É o guarda-costas pessoal da rainha Zoraya — explicou Alex. — Ele foi ferido no ataque. Uma flecha cortou a metade de cima de sua orelha esquerda.

Considerando as posições daquele dia, aquela devia ter sido a flecha mirada contra Sage.

— E era ele quem deveria contar aos kimisaros sobre a morte da rainha regente? — a condessa perguntou.

— Sim, milady — disse Alex.

Sophia franziu a testa, claramente frustrada por não saber de informações que todos os outros já sabiam. Alex entendia a frustração dela, mas alguns detalhes — como Huzar — simplesmente tinham parecido desnecessários ou irrelevantes.

— Quero voltar a Bey Lissandra — ele disse, mudando de assunto. — O que encontrei perto de Jovan é evidência clara de que a vida da embaixadora está em risco. Se meu trabalho é protegê-la, então é lá que devo estar.

Todos se entreolharam em vez de falar. Alex observou ao redor, a náusea da desconfiança crescendo com o silêncio deles. Rob cerrou os lábios.

— Um dos norsaris que estava com Sage voltou dois dias atrás para nos contar que ela não ficou no navio.

— O quê? — Alex se levantou de um salto. — Onde ela está?

— Sua embaixadora levou minha irmã de volta ao nosso pai — vociferou Sophia, cerrando os punhos sobre o colo. — Ela pensa que ele vai lhes oferecer alguma proteção.

— Sente-se, major — o general Quinn disse. — A fortaleza

Ocidental não é um lugar tão ruim para elas estarem, considerando tudo.

— Considerando que alguém em Demora a quer morta? — Alex quase gritou.

— Revolta não levará você a lugar nenhum, filho — disse seu pai calmamente. — Sente-se.

Alex voltou a se sentar e passou a mão pelos cabelos. *Santo Espírito, Sage. Por que não consegue simplesmente...* O quê? Não era como se ele tivesse lhe dado ordens. Mas por que ela estava se colocando em risco?

Uma mão cutucou seu ombro, e seu pai lhe estendeu um bilhete dobrado.

— Isto veio dela.

Alex pegou o pergaminho e o abriu, perguntando-se se o pai e o coronel Traysden já o tinham lido. Provavelmente.

Isso foi ideia minha. Não culpe Casseck. Te amo.

S

Ele soltou uma risada triste. O pobre Cass devia estar com os nervos à flor da pele tentando lidar com Sage.

— E agora? — Alex perguntou.

— Não sabemos qual é a situação kimisara — disse o coronel Traysden. — Mas acho que esse plano para encontrar o traidor falhou. Não conseguimos eliminar nenhum suspeito do nosso lado, e os kimisaros não reagiram. Em alguns sentidos, é até melhor, porque nenhum sangue foi derramado... ainda. Mas estamos prontos para lutar, e a calma não pode durar para sempre.

— Concordo — o general disse. — Nada foi ganho. Deveríamos trazer a rainha de volta agora, antes que descubram que estamos com ela.

Sophia se empertigou.

— O que quer dizer, general?

— Sinto muito por não ter sido honesto com milady antes — disse o pai de Alex. — Pensamos que poderíamos descobrir o perpetrador observando quem tomaria o poder, mas, na realidade, a rainha Zoraya

sobreviveu ao ataque.

O queixo da condessa caiu.

— Enviou-me à mesa de negociações sem me contar toda a verdade?

— Garanto-lhe que pouquíssimos sabiam, milady.

— *Todos aqui* sabiam! — Sophia exclamou, levantando-se. — Como posso confiar em alguém se ninguém confia em mim? — Ela se virou e correu para a área cortinada, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Robert lançou um olhar exasperado para o general.

— Falei que deveríamos ter contado para ela, tio. — Ele se levantou e seguiu a condessa, que, depois de uma conversa em voz baixa e acalorada, deixou que entrasse para consolá-la.

O general Quinn suspirou e esfregou o rosto, depois se levantou.

— Suponho que ela não participará da sessão de amanhã de manhã, o que significa que Donala também não. Foi por causa de todos esses malditos joguinhos que me tornei um soldado, e não um diplomata. — Ele se virou para Alex. — Os norsaris estão espalhados ao nosso redor, vigiando nossa retaguarda, mas ainda há um pelotão aqui. Leve-os para a fortaleza Ocidental e traga a embaixadora e o grupo dela de volta.

— Sim, senhor. — Alex se levantou de um salto, depois balançou um pouco.

Seu pai franziu a testa.

— Quando foi a última vez em que você dormiu, filho?

Antes de encontrar a vala coletiva, e só tinham sido algumas horas aqui e ali nos dois dias anteriores. Mas era provável que fosse mais a falta de comida que deixasse sua cabeça zonz.

— Estou bem — Alex disse, embora percebesse que estava perto de desmaiar.

— Até parece! — disse seu pai. Ele apontou para a saída. — Vá descansar um pouco. Pode partir ao amanhecer.

— Mas...

— É uma ordem, major.

Alex não ousou desobedecer, especialmente quando seu pai instruiu o tenente-coronel Murray para vigiá-lo. Mas Alex não conseguiria

dormir sabendo que havia a chance de chegar à fortaleza Ocidental e encontrar outra cova — daquela vez, com Sage dentro.

HUZAR SE SENTOU PERTO DA FOGUEIRA tarde da noite. Restavam apenas brasas. O odre de vinho em sua cintura estava vazio havia mais de uma hora, e ele começava a ficar sóbrio. O que significava que tinha uma decisão a tomar.

A traição do brazapil Donala era óbvia. Só podia saber sobre os acordos da rainha se tivesse enviado os assassinos. O primeiro pensamento de Huzar fora expô-lo para o resto do conselho, em particular para o ministro da Guerra.

Mas, no dia seguinte à reunião, o general Oshan revelara a Huzar que havia investigado a afirmação de Donala e descoberto que metade dos soldados demoranos tinha partido nos últimos dois dias, embora o restante ainda superasse os kimisaros. O ministro da Guerra acreditava que Donala estava certo, e que aqueles que haviam partido os estavam cercando agora.

O general rangera os dentes.

— Odeio admitir, mas vamos precisar dos homens de Donala. Temos sorte por tê-los chamado antes do perímetro ser formado.

Huzar sabia que Oshan suspeitava dos demoranos e dos casmunis, mas ele próprio via pistas demais de que era Donala o homem que queria substituir sua rainha como regente.

— O brazapil Donala poderia facilmente voltar aquelas tropas contra o senhor.

— Creio que não. — Oshan balançara a cabeça. — Ele pode ameaçar me subjugar com esse exército e assumir o controle aqui, mas não fará nada contra mim ou seus compatriotas. O conselho nunca continuaria ao lado dele depois disso.

— Foi ele quem enviou os assassinos — sussurrara Huzar. —

Aquelas propostas que fez eram dos acordos da própria rainha com a embaixadora Fowler em Bey Lissandra.

O general Oshan o silenciou com um olhar.

— Está fora de si, capitão. — Ele esperou Huzar baixar a cabeça como pedido de desculpas. — O brazapil Donala é muitas coisas e tem fontes de informação que não tenho, mas não é um traidor.

Algo na confiança absoluta de Oshan em Donala fez Huzar hesitar. E se o brazapil Donala estivesse apenas tentando assumir o poder antes que a regência fosse automaticamente conferida ao general Oshan, impedindo sua reivindicação agora legítima?

— É tudo muito vergonhoso — Oshan continuou. — Nossa rainha age pelas nossas costas e agora você me diz que ela fez uma lista de concessões a nossos maiores inimigos? — Ele semicerrou os olhos para Huzar. — Considero-o inocente, pois estava apenas seguindo as ordens dela de levá-la, mas não é exagero dizer que as ações de nossa rainha foram traiçoeiras. Nesse sentido, temos sorte de estar morta.

Com a lembrança daquela última frase, Huzar virou o odre de vidro na boca de novo, mas apenas algumas gotas caíram em sua língua. Ele se virou e cuspiu. Donala e Oshan podiam discordar na presença de outros, mas, no fundo, tinham a mesma opinião. O brazapil estava instigando uma guerra enquanto alegava lealdade à coroa, atraindo poder para si, ao passo que o general considerava as ações de Zoraya traiçoeiras e estava feliz por ela ter morrido. Era perigoso demais para a rainha voltar.

À medida que o álcool deixava seus pensamentos, Huzar não conseguia descartar a ideia de que aquilo era algo que Zoraya havia planejado desde o princípio: forjar a própria morte, deixando o falso rei menino para ser controlado por Donala ou Oshan enquanto ela escapava com Mesden.

Se a rainha de Kimisara havia dado as costas para sua nação, então Huzar também não devia nada aos brazapilla e generais que tinham tramado contra ela, mas onde aquilo o deixava? Huzar sabia onde queria estar se Zoraya o aceitasse.

Era para lá que ele iria.

Mas as tropas de Donala estavam a caminho. Atravessariam a linha

demorana. Levaria alguns dias, mas o general Quinn ia se reagrupar e então...

Huzar fechou os olhos. O rosto de todos os homens que tinham morrido sob seu comando surgiu em sua memória. Eram tantos. Ele nem sabia o nome de alguns. Mais pessoas boas, tanto civis como soldados, morreriam dos dois lados se ele não alertasse os demoranos antes de partir.

O capitão se levantou, trôpego. Se ia cometer traição, precisava de mais vinho.

As negociações do dia haviam começado. Quando Huzar disse aos sentinelas demoranos que precisava falar com o general Quinn, ele soube que teria de esperar algumas horas pelo retorno dele.

No perímetro demorano, foi despojado de todas as suas armas e vendido, em seguida levado sob forte vigilância até a tenda de comando. Ao contrário do que pensava, não amarraram suas mãos, mas não deviam querer que ele se orientasse pelo caminho ou que visse o número de soldados que tinham e suas condições.

Huzar se sentou de pernas cruzadas no chão, cochilando algumas vezes e ignorando o ronco do estômago no restante do tempo. Ele torcia para que o general Quinn ficasse curioso o suficiente para ir tratar com ele no intervalo para a refeição do meio-dia.

Vozes. Huzar se concentrou em escutar.

— Ele fala demorano?

— Sim, senhor. Muito bem?

— Deu um nome?

— Capitão Malkin Huzar.

A dúvida quanto ao major Quinn ter contado ou não ao pai algo sobre Huzar foi respondida quando, alguns segundos depois, a venda dele foi tirada.

— É o capitão Huzar? — o vulto turvo disse.

— Sou. — Ele estreitou os olhos, que ardiam com a luz. — Pode me dar um pouco de água? — pediu, rouco.

O homem acenou para o oficial careca ao seu lado, que deu um passo para o lado e voltou com um copo. Huzar bebeu com avidez.

Sua boca estava amarga da bebedeira da noite anterior, embora estivesse sóbrio quando saíra do acampamento kimisaro.

— Obrigado — ele disse, devolvendo o copo.

Sua visão tinha começado a focar novamente, e ele ergueu os olhos. O homem à sua frente não podia ser ninguém além do pai do major Quinn. Embora seu cabelo e sua barba fossem grisalhos e sua pele fosse muito mais clara, a semelhança era óbvia. O general arqueou uma sobrancelha.

— Disseram que tínhamos um desertor.

Era uma palavra mais gentil do que “traidor”. Huzar assentiu.

— O que tem a me oferecer?

Huzar lambeu os lábios.

— Informações sobre o que está acontecendo do meu lado.

Só que não era mais seu lado. O peso de sua traição e os efeitos remanescentes do vinho lhe deram vontade de vomitar. Ele baixou a cabeça e fez uma longa inspiração trêmula.

— E por que traria isso para mim? — perguntou o general Quinn.

— Porque vocês estão em perigo.

Quinn se agachou na frente de Huzar e ergueu seu queixo com um dedo. Seus olhos castanhos tinham pontinhos cinza, como aço.

— Por que devo confiar na palavra de um homem sem lealdade ao seu país?

— Sou leal à minha rainha — Huzar disse.

— Foi o que ouvi. — O general baixou a mão e, embora Huzar sentisse o pescoço ficar vermelho de vergonha com o que sabiam sobre ele, continuou a encarar Quinn. O demorano se levantou e olhou para o homem calvo ao seu lado. — Esse é mesmo Huzar?

O segundo homem o examinou com os olhos penetrantes sobre um nariz aquilino como o bico de um falcão. Depois assentiu.

— Tenho certeza de que sim. — Ele abriu um sorriso levemente irônico. — Além do mais, essa orelha é bem difícil de esconder.

Huzar se remexeu, as pernas e as costas incomodadas por ficar na mesma posição por tanto tempo.

— Vão acreditar no que eu contar? — ele perguntou.

Perto do general, um oficial do estado-maior arrumava uma mesa

dobrável para tomar notas. Um sorriso se entreabriu na boca de Quinn.

— Meu filho confia em você. Embora seja impulsivo em muitas coisas, ele é muito menos no que diz respeito à segurança da embaixadora. Partiu de manhã; perdeu-o por poucas horas.

O oficial do estado-maior mergulhou a pena na tinta, pronto para registrar cada palavra do capitão.

Quinn encarou Huzar nos olhos.

— Vou confiar em você. Por enquanto.

— Que bom — Huzar disse. — Porque um ataque está a caminho.

— Acha que não esperamos por isso? — o general perguntou. — Estamos preparados há dias.

— Não — Huzar disse. — Vocês não estão preparados para o que está por vir.

SAGE PODERIA TER FORÇADO O GRUPO a chegar à casa de seu tio ao fim do terceiro dia, mas temia não ser bem recebida quando já fosse tarde demais para encontrar outro lugar. Montaram acampamento perto da cidadezinha de Garland Hill, próxima à estrada Tegann. Clare, Lani, Zoraya e Mesden foram para a hospedaria depois que Casseck se convenceu de que o lugar poderia ser protegido e as ruas poderiam ser patrulhadas adequadamente.

Assim que estavam todos acomodados, Sage se dirigiu à casa de Darnessa, optando por tocar o sino da entrada em vez de bater na porta dos fundos. Se ela achava que poderia pegar a casamenteira de surpresa, enganava-se. Darnessa abriu a porta antes mesmo que o sino terminasse de balançar, e ficou ali com uma mão na cintura. Seu cabelo grisalho estava preso em um rabo de cavalo alto e firme, que para Sage sempre havia lhe dado um ar profissional. A força da gravidade havia diminuído um pouco a constituição larga da casamenteira nos anos anteriores, mas seus olhos azuis continuavam tão astuciosos e sagazes como sempre.

— Imagino que nunca achou que viria à minha porta de livre e espontânea vontade — ela disse.

Sage sorriu.

— Sim. E você achou que isso aconteceria?

A srta. Rodelle riu e a puxou em um abraço. Ela se afundou no conforto dos braços largos da casamenteira, inspirando o aroma familiar de alecrim em seu cabelo e em seu vestido, e... Sage ergueu a cabeça.

— Estou sentindo cheiro de chá de hortelã? — perguntou.

Darnessa arqueou uma sobrancelha maquiada.

— Você avisou que estava vindo. — Ela deu um passo para trás e apontou para a mesa baixa da sala de estar, onde os bolos e biscoitos favoritos de Sage tinham sido servidos. — Vou até deixar que se sente no sofá.

A última vez em que Sage havia se sentado naquela sala — numa cadeira dura de madeira — tinha sido em sua desastrosa avaliação. Nos meses de sua aprendizagem, tinha evitado ficar ali, mas agora já não parecia tão assustadora.

Depois de uma breve repreensão por não ter lhe contado sobre a princesa Rose e a união para a qual Casmun e Demora preparavam terreno, Darnessa tratou do motivo pelo qual Sage tinha ido até ela. Sua nova aprendiz, uma menina do orfanato de catorze anos a quem Sage tinha dado aula poucos anos antes, trabalhava com afinco na sala ao lado naquele mesmo momento, escrevendo cartas e registrando as promessas que haviam chegado.

Quando a alta casamenteira mostrou a lista de tropas que esperava ter reunido, o queixo de Sage caiu. A maioria das famílias só conseguia liberar meia dúzia de soldados de suas propriedades, mas, somando, os números eram impressionantes.

— Você também parece ter se esquecido de que minha sobrinha se casou com o barão de Galarick — Darnessa disse. — Já tratei de tudo para que fique hospedada com eles, e todos que ofereceram soldados foram instruídos a enviá-los para lá. O castelo não é nenhuma fortaleza, mas é melhor do que acampar a céu aberto aqui.

— E fica bem no cruzamento com a estrada Span — disse Sage. — Vamos ter uma linha reta para Cabeça de Flecha. — Ela abraçou a mulher mais velha, perguntando-se como poderia ter formado uma ideia tão errada dela antes de se tornar sua aprendiz. — Não sei como agradecer.

Darnessa fez que não era nada.

— Passei mais de trinta anos criando alianças e evitando conflitos. Demora vai sobreviver se essas conversas de paz fracassarem, mas precisaremos de gerações para nos recuperar. — Ela balançou a cabeça. — Na situação atual, levará pelo menos dois ciclos de Concordium até a poeira baixar.

— A irmã de Clare, Sophia, precisará de um novo marido também — disse Sage. — Você precisa tentar encontrar o candidato que melhor sirva como guardião de Tasmet até a filha dela, Aurelia, chegar à maioridade. Se fizer uma recomendação ao rei, tenho certeza de que ele ouvirá.

A casamenteira franziu a testa.

— Sophia Holloway é capaz de administrar a província sozinha.

— Talvez ela tenha sido em algum momento — disse Sage. — Mas eu a vi, e Clare concordaria: os últimos anos a destruíram. Tem pavor aos aliados do marido, especialmente no que diz respeito à segurança de Aurelia.

— Creio que seja compreensível. As circunstâncias do nascimento da criança foram bem traumáticas também.

Rewel D'Amiran havia arrancado a mulher grávida da cama no meio da noite para fugir das forças do general Quinn, acabando por abandoná-la depois que ela dera à luz uma menina sem valor. O covarde havia tido o que merecia. Sage estava ansiosa para dizer a Sophia que não precisava mais temer o retorno dele. Ou melhor, deixaria Clare contar aquilo à irmã.

Darnessa suspirou, olhando para o livro de registro diante de si.

— Casamentos inadequados prejudicam mais do que apenas o casal. Até uniões por amor podem ser perigosas. Muitas são apressadas demais, por exemplo. — Ela lançou um olhar incisivo para Sage.

O estômago da embaixadora se revirou quando a relutância de Alex em se casar com ela veio à sua mente.

— Isso é um alerta?

— Sobre você e o capitão Quinn?

— Major Quinn.

— Mande minhas felicitações a ele. — Darnessa voltou ao livro. — Não acredito que combinariam com outra pessoa, se é o que a preocupa, mas os acontecimentos em Tegann selaram seu vínculo rápido demais, como é comum em questões de vida ou morte. O regulamento do exército que os obrigou a esperar acabou sendo uma coisa boa. Vocês dois ainda precisavam amadurecer um pouco.

O rosto de Sage parecia estar em chamas. A casamenteira

praticamente a chamara de criança. Era ainda mais ofensivo porque Darnessa arranjava regularmente casamentos para garotas três anos mais novas do que Sage, e havia noivado Clare aos quinze.

Embora sua antiga aprendiz não tivesse dito nada, Darnessa ergueu os olhos com um sorriso.

— Fico feliz que pelo menos parte do casal tenha encontrado seu caminho.

Um calor mais agradável tomou conta de Sage. A alta casamenteira nunca elogiava levianamente, e Sage jamais a tinha visto se enganar em sua avaliação de alguém.

A dúvida era se ela e Alex cresciam juntos ou em direções diferentes.

MESMO DIZENDO QUE ACREDITAVA EM HUZAR, o general Quinn não parecia confiar nele a ponto de lhe devolver suas armas. O capitão se sentia agitado sem elas. Juntando aquilo com o nervosismo em relação ao ataque iminente, parecia prestes a explodir. Ele andou de um lado para o outro pela tenda do general demorano por horas, sob o olhar atento de dois guardas. Havia mais do lado de fora, sem dúvida. Huzar bufou. Aonde achavam que iria?

De alguma forma, pensara que ia se sentir livre depois que tivesse passado o ponto do qual não haveria retorno. No entanto, queria apenas beber e esquecer o que havia feito.

A luz ficou mais clara quando a porta da tenda se abriu e o general Quinn entrou, parecendo abatido. O oficial de registro veio atrás, e depois o homem que Huzar agora conhecia como coronel Traysden, o mestre de espionagem do rei demorano. Traysden tinha sido o último comandante dos norsaris, e coçou a cabeça raspada ao encontrar os olhos de Huzar.

Seu alerta havia chegado tarde demais.

Quinn deu a volta na mesa larga e se sentou, apertando a ponte do nariz com uma mão e fechando os olhos. Os outros dois oficiais assumiram seu lugar em volta dele, e o general acenou para Huzar.

— Sente-se, capitão.

Huzar obedeceu, com a boca completamente seca.

Ele ouviu gritos e movimento fora da tenda. Homens juntavam armas, preparando-se para marchar, como muitos tinham feito naquela manhã.

Depois de um minuto inteiro, o general Quinn baixou a mão e ergueu os olhos.

— Guardas, dispensados — ele disse, e a dupla desapareceu, deixando apenas os quatro à mesa. Ele se concentrou em Huzar por cerca de dez segundos antes de dizer simplesmente: — Duas companhias inteiras desapareceram. Foram todos capturados ou mortos.

Huzar havia traído seu povo em vão.

— Que o Espírito lhes dê paz — o capitão sussurrou, levando dois dedos diante do peito em diagonal.

— Nos encontramos em desvantagem. — O punho do general se cerrou onde seu gesto havia parado sobre o coração. — Em nosso próprio país.

Huzar engoliu em seco com dificuldade.

— O que farão?

— O brazapil Donala e o general Oshan pediram uma trégua temporária, graças ao Espírito — disse o general Quinn. — Não sei se sabem que poderiam nos derrotar facilmente agora.

— Vocês se espalharam demais ao redor do acampamento kimisaro — disse Huzar. — Essa estratégia também os faz parecer culpados, o que torna Donala mais disposto a usar a força.

O general Quinn fechou a cara.

— Sim, percebo isso agora. — Ele olhou para Traysden. — Nós os posicionamos longe o suficiente para que vocês não descobrissem que estavam cercados.

Tinha sido Huzar quem confirmara a existência da linha de piquete que ele havia atravessado, mas não ia se deixar convencer agora de que revelar aquela informação tinha sido um erro.

— Imagino que, depois de ter pedido essa trégua, eles queiram conversar.

— Sim. — O general observou Huzar por alguns segundos. — Quero você lá durante as conversas.

Ele se levantou de súbito.

— Não! Preciso estar com minha rainha. Deixe-me ir até ela.

O general Quinn cerrou os lábios.

— Sabe onde ela está?

Em um navio velejando para cima e para baixo pelo mar Ocidental.

Mas, pelo olhar de Quinn, Huzar soube de repente que aquilo não era mais verdade. O que os demoranos tinham feito com ela?

— Ela está segura — disse o coronel Traysden antes que Huzar pudesse perguntar. — E também pretendemos mantê-lo a salvo. Sente-se, capitão. — Como Huzar não obedeceu, Traysden acrescentou: — Por favor.

O capitão se sentou.

— Vou fazer um acordo com você — disse Quinn, apoiando os antebraços na mesa. — Se participar da reunião de hoje e me der sua opinião sincera sobre o que está acontecendo do seu lado, vou lhe dizer onde está sua rainha e liberá-lo para encontrá-la e trazê-la de volta.

Huzar considerou. Zoraya provavelmente estava com a embaixadora Fowler.

— É para lá que o major Quinn foi?

O general assentiu.

— Não pretendo deixar que Donala e os outros saibam que você está presente; eles vão exigir que seja preso como um traidor se souberem. Os guardas que colocamos dentro das negociações sempre usam elmos, chegou a notar?

Huzar alternou o olhar entre o general e o mestre de espionagem.

— Vocês dois estiveram lá.

— Por vezes. — Quinn apontou a cabeça para Traysden. — O coronel estava presente no dia da vela.

A lembrança fez Huzar estremecer. Sage Fowler havia gritado de uma forma que ainda fazia seu sangue gelar com a lembrança. Ele também tinha captado algo nas palavras do general: “Donala e os outros”. Quinn sabia quem realmente estava no comando, e não era o general Oshan.

— Tenho sua palavra de que estarei livre depois da reunião? — Huzar perguntou.

Quinn fez que sim.

— Se oferecer sua avaliação sincera, poderá partir logo pela manhã.

— Hoje à noite — disse Huzar com firmeza.

O general tamborilou sobre a mesa, depois acenou de novo e se

voltou para o oficial do estado-maior ao seu lado.

— Murray, arranje um uniforme e um elmo para esse homem. A reunião é em menos de uma hora.

Por mais que tivesse servido bem, o uniforme demorano era a coisa mais desconfortável que Huzar já havia vestido. Teria preferido o uniforme completamente preto de oficial de cavalaria, mas estava vestido como um soldado raso, com uma longa túnica verde e amarela por cima. Embaixo do elmo, um suor que pouco tinha a ver com calor pingava por seu cabelo até o pescoço enquanto ele observava o brazapil Donala, o general Oshan e alguns outros assumirem seus lugares do outro lado da mesa do príncipe Robert, do general Quinn e do outro membro do conselho. O coronel Traysden se posicionou no lado oposto de Huzar na abertura da tenda às costas dos demoranos, usando as mesmas roupas, mas parecendo muito menor do que ele.

Donala sorriu.

— Agradeço por terem vindo, mas sei que não tinham escolha.

— Explique-se, brazapil — disse o general Quinn. — Por que nos atacou?

— Percebemos que as tropas demoranas tinham se movimentado para nos cercar — Donala respondeu, seu sorriso se fechando. — Nos sentimos ameaçados.

O príncipe Robert se debruçou.

— Eram soldados no nosso próprio país que não tinham lhe causado nenhum mal e não tinham intenção de causar.

— E como poderíamos saber disso? — retrucou Nostin. — Ainda mais diante dos últimos acontecimentos?

O príncipe arqueou as sobrancelhas.

— Refere-se ao incidente que fez a embaixadora Fowler partir? Nossas ações não tiveram nada a ver com aquilo.

— Não finja ignorância — disse o general Oshan com frieza. Quando o ministro da Guerra falou, Donala se recostou na cadeira, como se tivesse lhe dado permissão para tal. — Sabemos que ela partiu apenas para atrair nossa rainha a negociações secretas em Bey Lissandra, onde assassinos esperavam por ela. Quando receberam a

notícia de que a rainha Zoraya tinha sido morta, vocês se moveram para nos cercar.

Quinn não respondeu imediatamente, e Huzar quis lhe dizer que a honestidade — até certo ponto — seria o melhor no momento.

— Foi a rainha quem propôs aquelas conversas — o general disse por fim. — Mas admito que a última parte é verdade. Embora não tivéssemos nada a ver com a morte dela, imaginamos que iam nos culpar, e procurei conter sua reação pela segurança de nossa nação, que é minha principal responsabilidade.

Donala pareceu um pouco surpreso, como se esperasse que Quinn fosse negar tudo. O general continuou:

— Se pensam isso de nós, por que ainda estão aqui? Por que não pegaram seu novo exército para voltar a Kimisara? Está claro que agora podem fazer isso. Se devolverem os soldados demoranos que capturaram, não tentarei detê-los.

O general Oshan franziu a testa, olhando para Donala, o que mostrou a Huzar que o brazapil novamente tinha mais informações do que ele. Donala levantou o queixo.

— Soubemos que nossa amada rainha pode ainda estar viva — ele disse.

Perto de Huzar, o coronel Traysden praguejou baixo. Os olhos do general Oshan se voltaram para os dois, embora Huzar duvidasse de que pudesse tê-lo ouvido daquela distância.

— *Pode* estar? — perguntou o príncipe Robert. — Parece que o senhor duvida da veracidade de sua fonte.

— A informação é de vários dias atrás — disse Donala. Huzar viu uma faísca de consternação em seus olhos. — Se ela está viva, nós a queremos de volta imediatamente. Ilesa. — Donala fez uma pausa. — Ou destruiremos vocês.

O general Quinn trocou um olhar demorado com o príncipe Robert, que assentiu de leve, depois se voltou para o brazapil Donala.

— Ela está viva — Robert admitiu. — Mas levará vários dias para trazê-la de volta a Cabeça de Flecha.

— Não nos tomem por tolos — disse Oshan, ácido. Seus olhos ficavam se voltando para Huzar por cima do ombro de Quinn. — Não

lhes daremos tempo para pedir reforços.

— É a distância que torna a demora necessária — o príncipe insistiu. — Não temos asas.

— Se ela realmente está viva, vamos aguardar. — Donala encarou Robert nos olhos. — Nesse meio-tempo, precisamos de uma garantia de que não seremos atacados.

A exigência era clara: Donala queria um prisioneiro para si. O príncipe Robert não hesitou.

— Estou disposto a servir nessa capacidade.

A julgar pela maneira como seu corpo todo ficou tenso, o coronel Traysden não gostou nada dessa ideia. Tampouco o general Quinn.

— Vossa alteza...

— Não vossa alteza — interrompeu Donala. — Por mais valioso que seja, o príncipe é um soldado, e prefiro alguém que não tenha de amarrar e deixar sob a guarda de inúmeros homens. Mas ficará aqui neste acampamento. — Seus olhos se voltaram para Quinn. — Isso também o exclui, general.

Huzar franziu a testa, confuso. Quem mais havia para levar?

— Queremos Aurelia D'Amiran — disse Donala.

— A criança? — exclamou o príncipe Robert, espantado.

Donala sorriu.

— Podem mandar a mãe também, se quiserem.

Huzar entendeu a lógica. Era improvável que a condessa D'Amiran aceitasse mandar a filha sozinha, o que proporcionaria dois reféns a Kimisara.

— Creio que superestimam o valor dela para a coroa — disse o príncipe Robert. Seu tom era leve, mas Huzar estava certo de que ninguém na sala acreditava nele.

— Talvez. — Donala deu de ombros. — No entanto, como Aurelia é a legítima herdeira de Tasmét, seu rei poderia ter uma rebelião de nobres nas mãos se fosse abandonada. Também não creio que eu subestime o que o general Quinn faria para evitar o derramamento de sangue de alguém tão inocente, tampouco o que a condessa representa pessoalmente para vossa alteza.

O príncipe Robert pareceu um pouco confuso com a última

afirmação. O general Oshan o observava de novo, mas, depois de uma pausa para deixar as palavras pesarem, Donala se levantou.

— Essas são nossas condições — o brazapil disse. — Vão nos dar Aurelia D'Amiran até o pôr do sol ou nenhum de vocês verá o dia nascer, nem mesmo ela. O príncipe Robert ficará aqui, no acampamento, onde pudermos vê-lo de seis em seis horas.

Huzar grunhiu. Eles estavam praticamente mantendo o príncipe herdeiro cativo também.

— Devolvam nossa rainha ilesa — Donala continuou — e devolveremos a menina D'Amiran nas mesmas condições.

— E os soldados demoranos que têm como prisioneiros? — questionou o general Quinn.

— Podem ficar com os feridos e os mortos — disse Oshan abruptamente, fazendo Donala franzir a testa. — Manteremos os outros como uma garantia adicional de sua cooperação.

Quinn cerrou o punho.

— Quero tudo isso por escrito.

— Muito bem — disse Donala, como se não fosse nada. — Quando trouxerem Aurelia D'Amiran, teremos um contrato pronto. — Ele se virou para sair. O brazapil Nostin se levantou de um salto da cadeira.

— Mais uma coisa — disse o general Oshan, levantando-se. Donala parou, a irritação visível no rosto, mas Oshan o ignorou. — Notei que seu mestre de espionagem se juntou a nós. — Ele apontou para Traysden.

Todos se viraram para olhar para o coronel, que tirou o elmo. Ele abriu um sorriso tenso.

— Um oficial não pode pegar um turno como vigia, general? — Traysden perguntou.

— Muito admirável — Oshan concordou, com o sorriso igualmente tenso. — E quem é seu parceiro no turno de hoje, coronel?

O sangue de Huzar gelou. Donala se concentrou nele, a desconfiança cobrindo seus olhos. O general Quinn assumiu uma expressão de angústia, e o príncipe Robert balançou a cabeça de leve, mas Huzar sabia que era tarde demais.

Devagar, ele ergueu a mão e tirou o elmo da cabeça. A mudança na

luz deixou todas as cores que usava ainda mais brilhantes. Ofuscantes. Mas Huzar se obrigou a encarar os homens que havia traído.

Sem dizer uma palavra, o brazapil Donala girou e saiu a passos duros. Nostin o seguiu às pressas, atônito.

Oshan esperou alguns segundos antes de falar.

— Eu esperava muito mais de você, capitão — ele disse. Depois se virou e saiu andando.

E, assim, Huzar se tornou um homem sem país.

HUZAR OBSERVOU A JOVEM NA PONTA DA MESA, mantendo-se em silêncio e tentando não se intrometer enquanto o príncipe e o general explicavam a situação para ela. O ministro das Relações Exteriores e vários outros oficiais contribuíram, descrevendo como o exército de Donala havia chegado e eliminado grande parte do perímetro, cortando o contato entre o general e metade das forças restantes. Eles mostraram onde todos estavam no mapa e explicaram para ela quanto tempo demoraria para os soldados demoranos responderem se os kimisaros se voltassem contra eles, mesmo se um sinal de chama vermelha fosse aceso. O rosto da condessa foi ficando cada vez mais pálido.

— Nesses poucos dias, milady, eles poderiam facilmente nos derrotar — disse Quinn. O capitão Huzar conseguia ver como era doloroso para ele admitir que havia lidado mal com a situação, embora não soubesse de que outra forma o general deveria ter agido, considerando tudo.

— Então entregarão minha filha para nosso maior inimigo? — Lágrimas caíam de seu rosto sobre a menina que agora dormia em seu colo.

Robert se contorceu enquanto lançava um olhar para Huzar.

— Agora que eles sabem que estamos com a rainha, é uma exigência justa, condessa. Temos todas as intenções de entregar Zoraya, mas essa é a única maneira como podemos prová-lo a eles.

— Se vocês se recusarem, eles são fortes o bastante para tomá-la à força? — ela perguntou. — Fariam uma coisa dessas?

— Sim, milady, eles podem fazer isso — o general Quinn disse em tom baixo. — E farão.

— Não podemos simplesmente fugir? — a condessa implorou.

Quinn balançou a cabeça.

— Isso provocaria uma luta, e devemos fazer o possível para evitar mais derramamento de sangue. É assim que as guerras começam, milady. — Ele olhou para o mapa. — E, como sabe, os territórios ao leste e ao norte daqui estão cheios de aliados do seu finado marido, homens que têm ainda mais motivos para querer sua filha. Eles poderiam usá-la para se unificar e ganhar poder. Os kimisaros apenas desejam uma garantia da segurança da rainha.

— Os kimisaros não ganhariam nada ferindo sua filha — acrescentou o príncipe Robert. — Eles sabem que meu pai não deixaria uma atitude dessas impune.

Huzar observou a condessa balançar na cadeira, abraçando a filha e olhando fixamente para o mapa à frente. Quis tranquilizá-la dizendo que o príncipe demorano estava certo, e que mulheres e crianças em especial nunca eram feridas por seu povo naquelas situações, mas achou melhor se manter em silêncio.

Depois de um minuto, o general respirou fundo.

— Milady — ele disse. — Nunca será forçada a fazer isso, e usarei todo o meu poder para proteger sua filha. Todos os homens aqui lutarão até a morte se necessário.

— Eu também vou — a condessa disse abruptamente. — Não vou me separar dela.

Todos à mesa suspiraram aliviados, mas o general ainda não estava disposto a aceitar.

— Tem certeza? — ele perguntou, com a voz gentil. — É um erro meu, e vou responder por isso.

— Não posso deixar que morram por nós — ela disse fracamente. — Errei ao vir para cá, pensando que era o lugar mais seguro para estarmos. Essa é a consequência da minha decisão.

A condessa baixou os olhos para a filha.

— Nós, mulheres, sempre fomos peões nesse jogo — ela sussurrou. Em seguida, ergueu o queixo, ainda que tremesse. — Mas vou representar meu papel, pois até um peão pode trazer a vitória no fim.

DE MANHÃ, SAGE ACORDOU E SELOU SEU CAVALO, planejando visitar o solar Broadmoor sozinha, mas Clare, Lani e Zoraya já estavam no estábulo anexo à hospedaria, vestidas e prontas para partir.

— Vocês não precisam vir comigo — Sage contestou. — Provavelmente não serei muito bem-vinda.

Zoraya arqueou uma sobrancelha.

— Para uma embaixadora, você deixa muitas pessoas irritadas.

— Eu gostaria de conhecer o homem que achou que poderia fazer você se casar — disse Lani, sorridente.

Clare estava em silêncio, mas provavelmente queria presenciar o desconforto de Sage em voltar para casa, embora sem dúvida não fosse chegar perto do dela.

Com um suspiro, Sage os guiou para o norte. Casseck e os outros norsaris e casmunis se mantiveram perto como sempre, cavalgando à frente e atrás. Mesden cavalgou com o capitão, e Cass deixou que ele controlasse as rédeas — ou ao menos pensar que as controlava. Lani sorriu enquanto os observava.

— Acho que ele será um ótimo pai algum dia.

Sage mordeu o lábio. A atração de Lani por Casseck não havia demonstrado sinais de arrefecer. E, pelo rubor que brotou na nuca dele, ficou óbvio que Cass tinha ouvido o comentário.

Quando o solar surgiu à vista, a apreensão de Sage chegou ao auge. Tia Braelaura poderia ficar feliz em revê-la, visto que continuava lhe escrevendo, mas ela não falava com seu tio William desde sua entrevista desastrosa com a casamenteira. Quando Darnessa lhe oferecera a aprendizagem, Sage tinha saído da casa sem sua permissão, e ele não havia se esforçado para trazê-la de volta,

diferente de quando havia fugido, aos doze anos.

Tudo parecia igual, até a árvore perto do muro que ela sempre tinha usado para escapar do solar por algumas horas quando não conseguia mais suportar aquela prisão. Duas figuras vieram trotando pela estrada na direção deles. A primeira era um homem de tórax largo, que montava um garanhão grande o bastante para ser um cavalo de guerra. A outra, baixa e rechonchuda, estava montada de lado em um pônei. Eles se aproximaram juntos, e não havia dúvida de quem eram. Tio William teria vindo para mandá-la embora antes mesmo que chegasse ao portão?

Casseck recuou para cavalgar ao lado de Sage. Quando se aproximaram, ela freou o cavalo, prendendo a respiração. Tia Braelaura também parou e saltou sem esperar pela ajuda do marido, então correu na direção de Sage, seu cabelo grisalho se soltando do coque folgado no pescoço.

— Ah, minha querida! — ela exclamou.

Mil lembranças de carinho e cuidado dominaram Sage. Sem pensar, ela passou a perna por cima do pescoço de Snow e praticamente caiu nos braços estendidos da tia.

Braelaura chorava, apertando Sage e acariciando suas costas.

— Pensei que nunca mais ia vê-la! — Para a surpresa de Sage, ela também quase chorou enquanto afundava o rosto no pescoço da tia. Depois de um minuto, Braelaura soltou o abraço e colocou as mãos nas bochechas de Sage, observando todos os detalhes de seu rosto. — Esse cabelo curto — ela a repreendeu. — E você está tão queimada de sol e sardenta como no fim do verão.

Sage sorriu e piscou para conter as lágrimas.

— Eu também estava com saudades. — Ela notou tio William ao lado. Braelaura a soltou e deu um passo para o lado para deixar que olhasse para ele. O cinto em torno da cintura larga estava um pouco mais apertado, o cabelo escuro estava um pouco mais ralo em cima e seu rosto parecia mais enrugado, mas seu sorriso era franco, o que era novo para Sage. Quando ele ergueu os braços, hesitante, ela se deixou envolver e retribuiu o abraço.

Ele a abraçou e beijou o topo da cabeça de Sage enquanto tia

Braelaura ficava fazendo “tsc-tsc” ao mexer nas roupas dela, puxando a túnica de Sage para baixo para cobrir melhor seu corpo.

— Ah, pare de importuná-la, Brae — tio William disse com uma piscadinha para Sage.

Secando os olhos antes de se virar, Sage apresentou todos, mas sugeriu esperar até chegarem ao solar antes de descer dos cavalos para as apresentações formais. William ajudou Braelaura a montar novamente, e eles retornaram à mansão. Sage cavalgou perto do tio, embora estivesse com vergonha de perguntar sobre o motivo por que tinha vindo. Felizmente, ele trouxe o assunto à tona.

— Não recebi muitas respostas ainda — William disse, referindo-se a seus amigos. — Portanto, não prometo nada, mas acho que conseguiremos reunir cerca de noventa soldados até a próxima semana. A srta. Rodelle sugeriu que fossem para Galarick, e acredito que tenha razão.

Sage olhou boquiaberta para ele. Quando ela era mais nova e sofria sob as regras dele, imaginava que metade dos lordes ricos de quem dizia ser amigo não concordariam com aquilo. O pai de Sage sempre havia dito que William era respeitado, mas havia uma diferença entre respeito e amizade.

— Isso é... impressionante.

Tio William deu de ombros.

— Provavelmente conseguiria o dobro se tivesse falado com o duque, mas Welborough estava nas negociações, como sabe. Mandou-me uma carta dizendo que ficou impressionado com você durante o jantar na primeira noite. — Ele riu baixo. — A opinião dele só melhorou durante as conversas, mas fiquei preocupado quando escreveu sobre o acontecimento com a vela. E surpreso que você tenha fugido depois daquilo.

Os elogios para ela eram vertiginosos.

— Eu não fugi.

— Ao que parece, não. — Ele pigarreou. — Mas enviei uma mensagem a ele, contando o que você estava fazendo.

Sage franziu a testa. Podia não ter sido uma ideia tão boa. Ela deveria ter contado para o tio que deveria ser tudo secreto, mas não

esperara uma resposta tão positiva. Ao calcular as distâncias, porém, não parecia tão ruim. Ainda levaria vários dias para a mensagem chegar ao duque em Cabeça de Flecha. E, com tudo o que devia estar acontecendo por lá, o general Quinn — e Alex — ficariam gratos por uma atualização quanto a para onde ela e a rainha Zoraya estavam indo, ainda mais considerando que a situação havia mudado, e elas não tinham ficado na fortaleza Ocidental, como planejado.

Dentro dos portões do solar, Sage foi cercada por seus primos. Até Jonathan, que estava a uma semana de fazer quinze anos, ficou feliz em vê-la. A espada casmuni que ela usava na cintura o interessou em particular, e ela prometeu lhe dar algumas aulas. Aster chorou, fazendo Sage chorar também, e não saiu de perto dela até Mesden se aproximar timidamente. Fazia tempo que o rei menino não tinha com quem brincar, e levou poucos minutos para os dois saírem correndo, de mãos dadas, para subir em macieiras no pomar — nas mesmas árvores em que Sage tinha ensinado o priminho a subir anos antes.

Zoraya o observou ir, com uma luz triste nos olhos azuis.

— É tão raro ele poder ser uma criança — ela murmurou.

A família de Sage convenceu todos a passarem a noite, visto que não havia pressa de chegar a Galarick. O humor de Clare se aliviou depois de algumas histórias dos arranhões que Sage havia sofrido ao longo dos anos e de como seu acesso de fúria durante a entrevista com a casamenteira tinha se tornado lendário. Ela não se animou o bastante, porém, para dividir um quarto com a amiga, preferindo ficar com Lani. Assim, Sage teve de ficar com a rainha, não tendo conseguido convencer os tios a cederem o próprio quarto, que era o melhor que eles tinham.

Depois de um banho maravilhoso no cômodo anexo ao quarto, Sage demorou um longo tempo penteando o cabelo e passando loção nas cicatrizes, enquanto pensava em como Darnessa estava certa a seu respeito. Apenas dois anos antes, ela era infantil, uma pirralha mimada. Sua devastação por perder o pai e o estilo de vida deles a havia cegado para a família que ainda tinha. O fato de que seus tios não guardavam nenhuma mágoa dela tinha pouco a ver com o que ela havia conquistado. Eles a entendiam melhor do que ela própria e a

amavam. Era simples assim. Agora que Sage tinha uma noção melhor do mundo, estava claro que eles haviam apenas tentado prepará-la para ele da melhor maneira que podiam. Aquilo era apenas parte do que Darnessa tinha querido dizer quando comentara que Sage precisava crescer. Em que sentido então Alex precisava mudar? Haveria ela crescido tanto que o deixara para trás?

Ou era Sage que havia se demorado demais? Seu comportamento no ano anterior, sua recusa a ver como a presença dela no acampamento norsari o afetava, havia ameaçado a capacidade dele de tomar decisões de vida ou morte. Mesmo agora, marchando rumo a Galarick, Sage havia desconsiderado completamente a necessidade dele de mantê-la segura.

Não era de admirar que Alex tivesse hesitado quando o artigo vinte e nove fora alterado.

Sem ter como justificar ficar mais tempo na sala de banho, Sage foi até a porta na ponta dos pés, torcendo para a rainha já ter pegado no sono, mas escutou duas vozes no quarto. Ela espiou pela fresta e viu Lani de camisola, sentada de pernas cruzadas na cama perto da rainha, que estava reclinada.

— Acho que ele tem medo de demonstrar interesse em você — disse Zoraya. — Mulheres com poder causam esse efeito.

Aparentemente, a princesa casmuni havia decidido procurar conselhos amorosos. Sage aproximou o ouvido da abertura e fechou os olhos, prestando atenção.

— Ou isso ou ele me acha feia — disse Lani. Sage a imaginou fazendo beicinho.

— Não é de mim que deve tentar conquistar elogios, *chessa* — ironizou Zoraya. Sage cobriu a boca com a mão para não rir. Lani sabia muito bem que era linda, e gostava muito de ouvir os outros falarem aquilo. Enquanto o tema da conversa não mudava, Sage permaneceu onde estava. Zoraya provavelmente conseguiria se identificar melhor com os problemas de Lani do que ela própria.

— Você está tão acima dele que creio que seu capitão não se permita lhe ter afeto — a rainha disse. — Seja por modéstia ou para proteger o próprio coração. Talvez as duas coisas.

— Então estou destinada ao fracasso? — Lani perguntou.

— Possivelmente — disse Zoraya. — Mas esses são os homens que mais valem a pena. — Ela pausou. — Você também deve considerar se não está interessada nele apenas porque não pode tê-lo.

Sage arregalou os olhos de surpresa. Era exatamente o que ela sempre tivera medo de dizer.

— O desempenho em batalha e a bondade dele são o que me atrai — retrucou Lani, depois murmurou algo que Sage não conseguiu ouvir, mas desconfiou que fosse sobre a aparência dele, antes de suspirar. — Saizsch nunca vai terminar de se banhar?

— Ah, ela já terminou — disse a rainha. — Está escutando atrás da porta.

Sage pulou para trás, com as bochechas vermelhas. Alguns segundos depois, Lani abriu a porta, com a cara fechada, e colocou as mãos na cintura.

— Vim para avisar que o capitão Casseck gostaria de partir uma hora depois do amanhecer amanhã. As tropas na estrada estarão prontas para avançar quando as alcançarmos.

— Obrigada. — O rubor se espalhou até a ponta das orelhas de Sage.

Lani se virou e seguiu para a porta até o corredor do lado de fora.

— Desculpe! — Sage gritou para as costas dela. — Eu não queria interromper. Acho que Cass é bom para você, só...

A princesa se virou e cruzou os braços.

— Só o quê?

Sage inspirou fundo.

— Não sei se você é boa para ele. — Pronto. Ela tinha dito. — Sou amiga dele também. Não quero ver o coração de Cass partido.

Lani balançou a cabeça com tristeza, a mágoa visível em seus olhos.

— Saizsch, essa é a última coisa que quero fazer.

— Vou conversar com ele — Sage disse. — Se você quiser. Posso falar o que você sente.

Os olhos de Lani se voltaram para Zoraya.

— Eu lhe agradeço, Saizsch, mas não. — Ela sorriu um pouco. — Acho que preciso verificar minhas intenções primeiro.

Sage só teve tempo de acenar com a cabeça enquanto a princesa saía.

— Percebi uma coisa — disse a rainha, voltando a puxar a coberta onde Lani havia sentado e se acomodando nos travesseiros. Ela tinha de dormir escorada ou o peso do braço pressionava seu ombro machucado.

— O quê? — Sage perguntou, exausta. Ela não achava que conseguiria aguentar mais interrogatórios naquela noite.

— Vou dormir na mesma cama que a pessoa que matou meu marido.

A morte de Ragat não tinha sido intencional, mas Sage havia deflagrado o pânico que fizera com que o rei kimisaro fosse atirado de seu cavalo. Intenções à parte, o comentário dilacerou Sage. Quem sabia quantas centenas de maridos ela havia matado?

Zoraya observou calmamente enquanto Sage apagava a lamparina perto da porta e entrava embaixo das cobertas ao lado dela.

— Está com medo? — Sage perguntou, tentando manter a voz leve, mas soando tensa até para seus próprios ouvidos.

— Estou sempre com medo — disse Zoraya. — É isso que ser mãe e rainha significa. — Ela se acomodou um pouco mais nas almofadas. — Mas aqui, no meio de Demora e a poucos centímetros de você, sinto menos medo do que em anos, o que é irônico, não?

Restava apenas uma vela acesa, tornando difícil para Sage ver a expressão da rainha nas sombras.

— Creio que sim — ela respondeu.

Como Zoraya não disse mais nada, Sage se afastou e soprou a vela perto da cama. Ela ficou acordada durante a maior parte da noite, perguntando-se o que poderia fazer alguém retornar a uma vida de medo, e se a rainha estava fazendo aquilo por vontade própria.

SABENDO QUE A REALIDADE VOLTARIA a pesar em seus ombros quando voltassem à estrada, Sage se demorou um pouco mais na manhã seguinte do que Casseck queria. Foi Zoraya, no entanto, a primeira a expressar impaciência em partir, e eles chegaram a Garland Hill bem antes do meio-dia. Darnessa recebeu Sage com as respostas que havia recebido no dia anterior, mas eles não ficaram muito antes de se voltarem para leste.

A última vez que Sage havia viajado por aquela estrada tinha sido com a casamenteira e as noivas escolhidas para o Concordium, incluindo Clare. Sua primeira parada também tinha sido em Galarick, onde elas haviam encontrado os soldados da escolta cerimonial encarregados de levá-las à capital — o grupo de Alex. Ela se perguntou se Casseck achava estranho voltar aonde a missão que mudara suas vidas para sempre havia começado, ou se aquilo era importante apenas para ela... e Clare. Sua amiga cavalgou o dia inteiro em silêncio, sem dúvida recordando que também havia conhecido Luke Gramwell em Galarick. Sage não sabia como se aproximar dela agora que Clare se distanciava como tinha feito nas primeiras semanas depois da morte de Luke. Aquela, porém, não parecia a raiz do problema no momento. Talvez Lani tivesse contado a ela sobre a noite anterior. Zoraya era a única que Sage ainda não havia conseguido afastar.

Casseck estava mais amigável de novo, depois de sua irritação inicial com o atraso. Quando encontraram os soldados já reunidos perto de Galarick, ele assumiu o controle rapidamente, incorporando-os em uma única força com as tropas de Clare. Agora que tinha uma unidade militar para orientar, ele estava em seu habitat natural,

virando-se tão bem que Sage até achou uma pena que ficasse tanto tempo sob o comando de Alex. Se Sage não estivesse enganada, Cass parecia quase se exhibir. Não para ela. Mas ele nunca fazia um relatório a Sage ou Clare se certa princesa não estivesse perto para escutar.

Era fim de tarde quando Sage e os outros entraram no castelo. O barão e a baronesa fizeram das tripas coração para acomodar os hóspedes. Ao contrário de dois anos antes, ofereceram quartos individuais para cada uma das mulheres, mas Lani cruzou o braço com o de Clare e disse que elas ficariam juntas. Zoraya preferiu ficar com Mesden, de modo que Sage permaneceu sozinha. Ela não dormia sem companhia desde Jovan. Mesmo na tenda da embaixadora em Cabeça de Flecha, Clare estivera a poucos metros de distância.

O quarto era pequeno, mas ecoava como uma caverna enquanto Sage trocava de roupa antes de se sentar perto do fogo. Cada estalo e crepitar da lareira repercutia pelas paredes de pedra, destacando como o quarto estava vazio. Sentar-se de pernas cruzadas em um tapete de pele de carneiro com uma xícara de chá também a lembrou de como Clare havia tentado se aproximar dela na jornada para a capital dois anos antes, oferecendo uma amizade que Sage não sabia como aceitar.

Nem como manter, aparentemente.

Sage se levantou, vestiu o robe e as sandálias que seus anfitriões tinham lhe emprestado e saiu do quarto. Depois de vagar um pouco a esmo, foi parar na torre de vigia mais alta, olhando além da fumaça que pairava baixa sobre o exército acampado lá embaixo. No céu, a meia-lua tentava brilhar através das nuvens que ficavam mais densas a cada minuto que passava. Segundo Casseck, havia mais de trezentos soldados lá embaixo, e ainda chegariam mais. E depois?

Ela estava disposta a usar aquele exército? Para quê? Para restaurar Zoraya a seu lugar como regente? Ainda que dissimulada e manipuladora, era provável que a rainha fosse a melhor chance de Demora de estabelecer uma paz duradoura. Mas, se o reinado dela era instável, talvez fosse melhor que uma guerra civil estourasse em Kimisara o quanto antes. Sage balançou a cabeça diante do pensamento. Seu pragmatismo impiedoso era tão condenável quanto o de Zoraya.

Sage tirou os olhos da vista e voltou a descer os degraus. Ela não se lembrava o bastante de Galarick para encontrar seu caminho no escuro, mas seus pés acabaram a levando para a biblioteca. A lareira estava apagada, e a luz escassa entrava apenas pela janela aberta. Lá fora, um chuvisco enevoado havia começado a cair, deixando o cômodo ainda mais frio e úmido que o normal.

Ela se sentou à mesa de costas para a lareira, como na noite em que Alex lhe havia levado seu jantar e eles tinham trocado nomes falsos. Claro, haviam entrado em uma discussão quase imediatamente. Sage curvou os dedos dentro dos sapatos folgados e apertou a camisola. O pijama rendado raspou nas cicatrizes em seu braço. Assim como o roupão e as sandálias, tinha sido emprestado pela baronesa. A mulher havia reconhecido Clare da viagem do Concordium e a bajulado muito, mas não reconhecera Sage. A embaixadora não ficou surpresa, tampouco ofendida. Na época, tudo o que queria era ser invisível, assim como Alex.

Mas um havia visto o outro.

Ela sorriu um pouco. Rato e Estorninho, procurando migalhas e acabando por se encontrar.

Espírito do céu, como ela precisava dele naquele momento. Sage tinha que descobrir o que estava acontecendo em Cabeça de Flecha. Até onde sabia, podia ter se tornado um campo de batalha. Àquela altura, Alex já teria descoberto que tinha ido à fortaleza Ocidental em vez de ficar no navio. Passar por Galarick era o caminho mais rápido para chegar lá, então eles teriam se cruzado na estrada. Por que Alex não havia vindo? Estaria tão furioso com ela quanto todos os outros? Aquilo ia separá-los, mostrando-lhe que ela sempre trairia sua confiança, que nunca pensaria nele, enquanto tudo o que Alex queria era a segurança dela?

Sage não tinha usado bem o cargo de embaixadora. Ornamentos e honras eram importantes, claro, mas ela havia deixado tudo aquilo subir à cabeça. Não apenas tinha se recusado a ouvir seus amigos, as pessoas em quem mais confiava no mundo, como os havia negligenciado completamente, baseando-se em todos os seus dezenove anos de experiência. Não que seus amigos fossem muito mais velhos

ou experientes, mas, ao menos, reconheciam que dependiam uns dos outros. Aquela bagunça era culpa dela.

Por mais triste que fosse o pensamento, ao menos significava que Sage tinha uma chance de consertar as coisas.

Só lhe restava descobrir como.

TODOS ACEITARAM ENCONTRAR SAGE após o café da manhã, o que era um bom começo. Ela parou diante da mesa da biblioteca, nervosa, encarando Clare e Lani, que estavam sentadas do lado oposto. As duas usavam vestidos emprestados pela senhora do castelo, o que Sage torceu que fosse porque estavam cansadas de usar calça, e não porque tentavam expressar algo ao se vestir de maneira diferente dela. Zoraya estava sentada à sua direita, usando uma muda de roupas limpas de Sage, mas sua postura era tensa, como se estivesse à espera de uma notícia desagradável. Atrás de Sage, a lareira estava acesa e queimava intensamente, embora não fosse o calor que a fizesse suar.

— Obrigada por virem — ela disse, tentando não ficar mexendo as mãos. — Temos muito o que conversar.

— Quando vamos partir? — perguntou Clare, com a voz inexpressiva.

— Não sei — disse Sage. — É por isso que eu queria conversar. — Ninguém falou nada por vários segundos. — Olha, ainda acho que voltar a Demora foi a escolha certa, mas errei em não envolver vocês nessa decisão, e estou pedindo sua ajuda agora. Preciso dela mais do que nunca.

Clare deu de ombros.

— Se vai perguntar se vamos com você, a resposta é sim.

O entusiasmo dela não encheria um dedal. Sage mordeu o lábio.

— Eu entendo, mas não quero que apenas me sigam.

Lani revirou os olhos.

— Seguir você, marchar ao seu lado. Dá na mesma. — Ela se recostou na cadeira. — Estaremos lá para seu retorno triunfante.

— Meu... o quê?

Clare apontou para a janela aberta.

— Quando você levar esse exército de volta a Cabeça de Flecha para restituir a rainha. — Ela cruzou os braços. — Mas, quando acabar, vou levar meus duzentos soldados para Jovan e dá-los a Sophia. Ela vai querer que eu fique também, e é provável que eu acabe fazendo isso.

— É uma excelente ideia — Sage disse, embora detestasse pensar em perder a companhia de Clare. Sua amiga pestanejou, confusa. Aparentemente, achara que Sage ia se opor. — Mas preciso que me ajudem a decidir aonde ir primeiro, se é que vamos a algum lugar.

Lani e Clare se entreolharam.

— Você não está planejando marchar para o sul? — a princesa perguntou.

— Bom, esse era o plano... — Sage hesitou. — Agora não tenho mais tanta certeza. — Ela franziu a testa, lembrando o que Lani havia chamado de retorno triunfante. Era esse tipo de coisa que pensavam que ela queria? — Acham que fiz tudo isso para bancar a heroína?

Clare arqueou uma sobrancelha.

— E não foi? Não me diga que não se imaginou entrando em Cabeça de Flecha com um exército para salvar todo mundo.

Sage se encolheu, percebendo que a amiga estava certa.

— Talvez um pouco — ela admitiu. Lani bufou, e Sage ergueu as mãos. — Certo, talvez muito! — Ela baixou a voz quase a um sussurro. — Preciso fazer alguma coisa *certa* dessa vez.

— O que você fez de errado para que se sintasse assim? — perguntou Zoraya.

Os olhos de Sage se voltaram para Clare, cuja expressão dura se suavizou depois de alguns segundos.

— Ah, não, Sage — ela disse, estendendo o braço sobre a mesa para pegar sua mão. — Você não fez nada de errado. Esse tipo de coisa acontece em batalha. Não foi culpa sua.

— Não apenas Luke. — Sage tirou a mão antes que Clare pudesse tocar nela. — Matei muitas pessoas com o fogo-água. Mudei o mundo inteiro em questão de minutos. — Ela apontou para Zoraya. — Eu a transformei em uma rainha, obriguei-a a governar em nome do seu filho, fiz com que pensasse que precisava implorar paz a Demora para

não destróçarmos seu país.

— Eu já era rainha antes de você aprender a ler — Zoraya disse secamente. — E a idade de Ragat já me fazia esperar sua morte antes que Mesden tivesse idade para governar. De que outra forma estaria pronta para vencer o brazapil Donala em seu próprio jogo? — Ela sorriu. — Quanto a “implorar” por paz, tenho orgulho demais para isso, e você sabe.

— Mas quase fiz com que fosse morta em Bey Lissandra — disse Sage.

Zoraya encolheu o ombro bom.

— Dispararam flechas contra você também. Você apenas desviou mais rápido.

Todos riram baixo, até mesmo Sage. Ela se voltou para Clare.

— Depois a arrastei para a casa do seu pai embora estivesse com medo. E você o enfrentou por mim. Pensei que sairíamos sem nada e você me deu um exército.

— Bom, o começo de um — Clare disse, com modéstia. — Você está fazendo o resto.

— Essa não é a questão — Sage respondeu. — Você fez isso por mim, e depois *todas* vocês me seguiram, mesmo quando as tratei como malas que eu precisava carregar em minha cruzada pessoal.

Zoraya sorriu com ironia.

— Algumas de nós não tiveram escolha.

Sage conteve o riso, depois inspirou fundo para tentar segurar as lágrimas enquanto se preparava para as próximas palavras.

— Me desculpem. — Sua voz embargou, e ela limpou a garganta. — Me desculpem por não dar atenção a vocês e por tomar decisões sem discuti-las com vocês antes. Mais tarde vou pedir desculpas a Cass também. Mas... — Ela fez uma pausa para se controlar. — Preciso da ajuda de vocês. Por favor?

— Ora, Saizsch, não chore por isso — disse Lani. — *Queremos* ajudar.

Clare se levantou e deu a volta na mesa para abraçar Sage.

— Eu é que deveria agradecer e pedir desculpas — ela sussurrou no ouvido da amiga. — Graças a você, ganhei coragem para enfrentar

meu pai, e agora estou livre dele. Posso fazer o que quiser da minha vida.

Foi a gota d'água. Levou Sage às lágrimas, e Clare logo estava chorando também. Quando elas se soltaram, Sage sorriu.

— O que vai fazer da sua vida então?

— Não sei — Clare disse, com uma risada. — É um pouco assustador.

— Isso é tudo muito comovente — disse Zoraya. — Mas creio que agora devemos discutir nossas próximas ações.

Sage secou o rosto.

— Sim, vamos fazer isso. — Ela e Clare se sentaram. — Nosso maior problema é que não sabemos o que está acontecendo em Cabeça de Flecha.

— Eu discordo — disse Zoraya. — Nosso maior problema é que não temos nenhum objetivo além de sobreviver.

Sage franziu a testa.

— Queremos descobrir quem tentou matá-la e por quê.

— Sim, mas deixamos isso para o capitão Huzar e o major Quinn — disse a rainha. — Não temos como fazer nada quanto a isso daqui.

Clare franziu a testa.

— É possível que ninguém saiba que a rainha está viva?

— Sim. — Sage se voltou para Zoraya. — E quem está por trás do assassinato poderia facilmente ser demorano ou kimisaro, concorda?

A rainha assentiu.

— Qualquer que seja o lado deles, um de seus objetivos era atrapalhar as conversas e qualquer chance futura de paz.

— Nosso primeiro objetivo deve ser obter informações, certo? — disse Lani. — Assim saberemos quando e como levar você e seu filho de volta ao trono. — Ela acenou para Zoraya.

— Não — disse a rainha. — Minha prioridade é a segurança do meu filho. Se isso significar jamais voltar a Kimisara, que seja.

Todas a encararam.

— Você faria seu filho abdicar? — perguntou Sage.

Zoraya balançou a cabeça.

— Há uma criança em seu lugar que vai crescer para se tornar o que

quer que aqueles acima dele o tornem. Mesden não importa tanto quanto o regente.

— Que deveria ser vossa majestade — Sage insistiu.

— Eu estou morta — disse a rainha. — Continuar dessa forma até me interessa. Sem dúvida protegerá meu filho.

— Abandonaria seu dever perante seu país? — questionou Lani, franzindo a testa. — Kimisara poderia mergulhar no caos.

— Kimisara nunca se importou comigo, só pelo que eu poderia sacrificar pelo país — a rainha retrucou, com os olhos azuis duros e ferozes.

Sage meio que esperava por aquilo desde sua conversa dois dias antes.

— Vossa majestade não será forçada a voltar — disse em tom baixo.

— Mas não permitirei que pessoas inocentes morram se tiver como impedir.

Zoraya baixou os olhos e suspirou.

— Nem eu. Mas é possível que meu retorno torne as coisas piores.

Peço apenas que consideremos essa opção.

As outras três assentiram. Lani disse:

— É uma possibilidade. Quais são as outras?

— Marchar para o sul — disse Clare.

— Nesse caso, teremos de incluir o capitão Casseck depois — disse Lani. — Mas podemos começar agora.

Sage sorriu e pegou um pergaminho. Clare passou pena e tinta para ela.

O CAMINHO MAIS RÁPIDO para a fortaleza Ocidental era através de Galarick e depois para oeste. Alex alcançou o pequeno destacamento norsari que seguia a caravana do duque de Crescera na estrada Span e interrogou o tenente sobre as ações do nobre, mas ele não relatou nada suspeito. Alex atualizou o grupo sobre os últimos acontecimentos e os deixou, seguindo rumo ao norte até ultrapassar o próprio duque. Welborough cavalgava à frente de seus duzentos homens, e Alex parou por tempo suficiente apenas para falar depressa com o duque em pessoa, que ele desprezava por ter abandonado as negociações. Quando Alex mencionou que a condessa Sophia havia assumido o lugar dele à mesa, Welborough apenas assentiu, dizendo que ela deveria ter estado presente desde o início. Então, perguntou se Alex estava a caminho de encontrar a embaixadora Fowler em Galarick.

O major freou Surry e encarou Welborough.

— Como assim? — ele perguntou, sem querer revelar aonde ela tinha ido, caso o homem estivesse blefando. — Por que acha que ela está em Galarick?

Welborough colocou a mão dentro da bolsa em sua sela; depois passou um pergaminho dobrado para Alex, parecendo feliz em ajudar.

— Recebi ontem uma carta do tio dela.

Alex pegou a mensagem. Era de apenas quatro dias antes. O mais importante estava no último parágrafo.

Não sei que circunstâncias a trouxeram até aqui, vossa graça, mas minha sobrinha me pediu ajuda para reunir soldados enquanto vem do oeste. Como sei que não pediria tal coisa a menos que a necessidade fosse grande, fiz meu melhor, reunindo-os em Galarick, pois creio que

seja o lugar mais estratégico nos arredores. Talvez esta carta lhe chegue tarde demais; porém, peço que, se puder, contribua com a causa dela.

Eternamente grato,

Lord William Broadmoor

— Não há menção de quem viaja na companhia dela — disse Welborough quando Alex voltou a erguer os olhos. — Mas presumo que Lady Clare e a princesa Alaniah estejam com a embaixadora.

E a rainha Zoraya e o jovem rei, mas Alex não disse aquilo. O que Sage estaria fazendo? Por que se colocava em risco daquela forma?

A resposta veio a ele quase no mesmo instante: porque ela acreditava que era a coisa certa a fazer. No entanto, não estava agindo de maneira irresponsável. Sage sabia que precisava de proteção, mas se preparava para levar a rainha Zoraya à força se necessário — independentemente de quem estivesse por trás do atentado. Seria uma manobra política brilhante se fosse bem-sucedida. Alex devolveu a carta ao duque e agradeceu.

— Fique à vontade para cavalgar conosco, major — Welborough disse. — Com essas carroças e toda essa lama, creio que chegaremos lá apenas amanhã.

— Não, obrigado, vossa graça — disse Alex. — Meus homens e eu tentaremos chegar ainda na noite de hoje. Obrigado mais uma vez pela notícia.

O duque assentiu.

— Mande meus cumprimentos às damas. Estou ansioso para revê-las, especialmente Lady Clare.

Alex esporou sua égua, gritando para o pelotão atrás dele. A pobre Surry estava cansada. Havia percorrido fielmente centenas de quilômetros de um lado para o outro nas semanas anteriores. Alex odiava forçá-la tanto, mas Sage estava ao fim daquela estrada.

Uma patrulha norsari os recebeu perto de Galarick. Alex conseguia ver o castelo na colina ao longe, cercado por um acampamento militar com centenas de homens. O cabo Maddox o cumprimentou com um sorriso e lhe assegurou que todos estavam bem e em segurança.

— O capitão Casseck vai ficar contente em vê-lo, senhor — ele disse.

Cass devia estar mais preocupado que Alex o estrangulasse por permitir que Sage mudasse seus planos. Maddox ofereceu seu próprio cavalo a Alex, e Surry finalmente pôde descansar enquanto o major pegava o garanhão do soldado e galopava o último quilômetro e meio em alta velocidade, deixando o pelotão que havia trazido consigo de Cabeça de Flecha seguir em um ritmo mais lento.

Alguém devia tê-lo reconhecido, porque, quando Alex estava desmontando no pátio externo, Casseck descia correndo a escada da muralha. Ele se aproximou com uma continência e uma expressão receosa no rosto. O major não se deu ao trabalho de retribuir o gesto; abraçou o amigo, dando tapinhas nas costas dele. Cass ainda parecia receoso quando Alex se afastou.

— Alex... — ele começou.

— Não se preocupe — o outro disse, como se não tivesse importância. — Nem tento mais dizer a ela o que deve fazer. Você a manteve em segurança; isso é tudo o que importa.

Casseck soltou um suspiro e relaxou.

— É mais complicado do que isso, como deve ter notado ao entrar.

— Não sabia que o tio de Sage era tão influente — disse Alex, observando ao redor. — Onde ela está?

— Nem tudo veio dele — disse Cass, contando nos dedos. — Os duzentos primeiros ela e Clare tiraram do barão Holloway, os cem seguintes vieram dos contatos da srta. Rodelle, e mais algumas dezenas da casamenteira da fortaleza Ocidental cobrando favores. O restante veio de amigos do Lord Broadmoor. Outros chegarão em breve. Teremos quase quinhentos soldados até amanhã.

— Mais ainda — disse Alex, explicando que o duque de Crescera estava a caminho com todos os homens que tinha em Cabeça de Flecha. Welborough podia ter partido em más circunstâncias, mas estava prestes a se redimir. Alex vasculhou todos os rostos ao redor. — O duque tem uma grande companhia.

— Deve dar quase setecentos, incluindo os norsaris e os casmunis que eu tinha. — Cass parecia achar graça na busca infrutífera dos

olhos de Alex. — É um batalhão inteiro, embora nem todos sejam profissionais.

— Eu trouxe um pelotão — Alex disse. — Nadira está com a maior parte dos norsaris atrás do barão Underwood e outros leais a D'Amiran. — Com a exceção do grupo de escolta enterrado em Jovan. Alex sentiu um enjoo súbito ao lembrar como tinha chegado perto de perder Sage e como alguém ainda a queria morta. — Onde ela está, Cass?

O outro sorriu.

— Na biblioteca, onde mais?

Era quase perfeito demais. Alex ficou tentado a passar na cozinha primeiro e levar uma bandeja de comida para ela, como na noite em que tinham se conhecido, mas ela provavelmente acharia aquilo bobo e sentimental. Além do mais, era um lembrete de que ele havia escondido sua identidade e seus verdadeiros interesses na época. Aquilo havia ficado para trás.

Embora quase dois anos tivessem se passado, Alex ainda se lembrava de todos os corredores e escadas que precisava pegar para chegar à biblioteca. Entrou sem bater e a encontrou sentada à mesa, de costas para a lareira, assim como naquela noite, embora a luz estivesse melhor para escrever perto da janela. Talvez ela fosse tão sentimental quanto ele.

Sage ergueu os olhos, e suas bochechas queimadas pelo sol se iluminaram com uma alegria tão intensa que o coração dele palpitou. Ela soltou a pena e se levantou de um salto para encará-lo, culpa e apreensão substituindo rapidamente a felicidade.

— Alex...

Ele silenciou qualquer pedido de desculpas que ela estivesse prestes a fazer com um beijo. No entanto, Sage não relaxou, e Alex se recusou a recuar até que o fizesse. Depois de um tempo, ela acabou colocando os braços em volta do pescoço dele e se derreteu contra seu corpo, mas Alex a segurou alguns segundos mais. Então a soltou devagar e encostou a testa na dela.

— Alex — Sage disse com a voz trêmula. — Desculpa.

— Tudo bem — ele disse. — Você está segura. É tudo o que

importa. — Alex a beijou de novo, um pouco mais rápido, sabendo o quanto precisava de um banho. — Mas vamos fazer isso juntos daqui em diante, está bem? — ele disse.

Sage assentiu, fungando.

— Juntos.

Alex baixou os olhos para o que ela estava escrevendo, que parecia ser uma carta.

— O que é isso?

— Um relatório para você. Nós nos sentimos protegidas aqui, mas não temos ideia do que aconteceu em Cabeça de Flecha e se já é seguro levar a rainha de volta. — Ela riu um pouco. — Clare e Zoraya querem mais informações, mas Lani é a favor de marcharmos para lá amanhã.

Ao se lembrar da princesa casmuni, o coração de Alex se apertou, pensando nos homens que ela não sabia que tinha perdido. E, santo Espírito, nenhuma delas sabia ainda sobre Sophia ter fugido atrás da proteção do general Quinn.

— Então é melhor trazer todos aqui — ele disse. — Tenho más notícias.

QUANDO A RAINHA ZORAYA, a princesa Lani, Lady Clare e Cass os encontraram na biblioteca, Alex lhes contou da chegada da condessa Sophia com Ash Carter. Ele explicou que ela não sabia nada sobre o falso grupo de escolta, o que levava Alex à descoberta macabra.

Lani se deixou cair na cadeira, com o rosto pálido.

— Todos eles? — ela sussurrou. — Nenhum sobreviveu?

— Nenhum, *palachessa*.

— Nem mesmo Feshamay e Mara foram poupadas? — Seu punho se fechou à mesa.

A garganta de Alex se fechou, lembrando-se de que as duas criadas de Lani estavam com o grupo.

— Só desenterramos alguns corpos — ele disse, balançando a cabeça. — É possível que tenham sido levadas por quem quer que o haja feito, mas teria sido difícil não envenená-las com os outros.

— Foram os leais a D'Amiran que fizeram isso? — perguntou Sage. — O barão Underwood?

— Talvez, mas não havia rastro para seguir, e o barão saiu de Cabeça de Flecha. — Alex descreveu como o capitão Nadira havia localizado Underwood e alguns de seus aliados em sua fortaleza menor dois dias ao leste.

Sage pousou a mão sobre o punho cerrado da princesa.

— Vamos descobrir quem fez isso, Lani — ela disse. — E vamos fazer com que paguem por isso.

— E minha irmã? — perguntou Clare. — Ela está em perigo onde quer que vá. O que o general Quinn está fazendo para protegê-la agora?

— Os kimisaros exigiram que a condessa comparecesse às conversas

de paz, e foi o que ela fez, para manter o processo andando — Alex disse. — Juro que a segurança dela é uma das prioridades do meu pai.

Clare fechou a cara.

— Dizer “uma das prioridades” não inspira muita confiança. Pelo visto, o general não revela muito para ela. Sei por experiência própria como isso é frustrante.

Sage se contorceu, embora Clare não estivesse olhando para ela.

A rainha Zoraya se inclinou para a frente. Alex considerou que ela estava se recuperando muito bem, considerando como suas condições para se curar tinham sido difíceis.

— Por que as conversas continuam? — ela perguntou. — Eu tinha certeza de que quando o capitão Huzar chegasse com a notícia culpariam Demora.

— Não temos certeza se Huzar chegou ou o que disse a eles até então — falou Alex. — Os kimisaros agem como se não soubessem de nada, mas o brazapil Donala começou a apresentar propostas muito parecidas com as do acordo em Bey Lissandra. — Ele hesitou. — O capitão Huzar disse que seus documentos pessoais foram roubados. O conspirador pode tê-los entregado a Donala ou... o próprio Huzar pode ter feito isso.

— Impossível — retrucou Zoraya. — Ele é leal.

Alex não ia discutir com ela.

— Então algo deve tê-lo impedido de dar a notícia — ele disse devagar.

A rainha empalideceu, entendendo a implicação — seu guarda-costas podia estar morto. À direita dela, Clare se aproximou meio passo até seus ombros se tocarem.

Sage também pareceu abalada.

— Então deve ter sido o brazapil Donala quem enviou os assassinos — ela disse.

— Se foi, ele tem aliados dentro de Demora — disse Casseck. — De que outra forma seu alcance teria chegado até Jovan?

A rainha Zoraya, que ainda estava pálida por causa da última afirmação de Alex, limpou a garganta.

— Preciso voltar. Minha presença resolverá as coisas de uma

maneira ou de outra.

As mulheres trocaram olhares tristes. Alex teria de perguntar a Sage sobre aquilo mais tarde. Ele assentiu.

— Tenho ordens de levá-la de volta a Cabeça de Flecha, mas fico contente que esse seja seu desejo, vossa majestade.

— É melhor esperarmos o duque Welborough chegar aqui amanhã — disse Cass. — Podemos incluir suas forças às nossas e depois marchar para o sul o mais fortalecidos possível.

— Quanto antes, melhor — disse Clare.

Sage franziu a testa.

— Por que o duque partiu?

Alex deu de ombros.

— Acho que desistiu do processo quando soube que Zoraya estava morta. Ele estava lá voluntariamente, representando os interesses de Crescera. Meu pai não tinha como forçá-lo a ficar.

— E a ausência dele é o motivo pelo qual Sophia é obrigada a se sentar à mesa de negociações entre conspiradores e assassinos — Clare disse, ácida. — Acho bom ele contribuir.

Aquilo só fez Sage franzir ainda mais a testa, mas foi Lani quem falou, levantando-se:

— Nesse meio-tempo, devemos honrar os mortos esta noite. Eles ficaram tempo demais sem orações. — Ela acenou para Alex. — *Maizshur*, se me der uma lista de seus nomes, posso incluí-los na cerimônia.

Alex disse que faria aquilo, então a princesa saiu, seguida pela rainha Zoraya, que disse que queria ajudar. Clare permaneceu onde estava, em estupor, e Sage colocou uma mão em seu ombro.

— Vamos acabar com isso, Clare — ela sussurrou. — Eu prometo. Levaremos Sophia embora com esse exército se precisarmos.

Clare assentiu distraidamente e se virou para seguir Lani, murmurando que também ajudaria. Sage suspirou.

— Assim que a situação melhora um pouco ela volta a piorar.

— Acho que vou voltar a organizar essa força confusa em uma unidade — Cass disse, também rumando para a porta. — Você deveria descansar um pouco, Alex. Vai precisar.

Alex assentiu, e Sage começou a pegar pergaminho e tinta para ajudá-lo a registrar os nomes para a princesa Lani e depois fazer uma atualização para o general Quinn. Ela usava roupas de cavalgada, e seu cabelo cor de areia estava amarrado em um rabo de cavalo simples na nuca. Depois de semanas de viagem, o rosto e o pescoço dela estavam cobertos de sardas cor de mel. Por fora, mal lembrava a noiva do Concordium que ele pensava ter conhecido naquele lugar dois anos antes, mas, quando retribuiu seu olhar, ainda tinha os traços que mais o haviam impressionado naquela noite — seu sorriso franco e genuíno e o brilho de inteligência em seus olhos cinza, intensificado por uma centelha de humor.

Alex pensara nela todos os dias desde então.

Observou as preparações dela em silêncio. A sugestão de Casseck tinha sido a maneira de seu amigo dizer que tinha tudo sob controle pelo momento, mas que estava ansioso para entregar as rédeas no dia seguinte. Embora Alex tivesse todas as intenções de descansar um pouco antes daquela noite, era por um motivo inteiramente diferente.

SAGE USAVA UM VESTIDO EMPRESTADO pela baronesa enquanto se sentava entre Clare e Alex na capela, de mãos dadas com os dois enquanto Lani percorria os ritos funerários casmunis, chamando o nome de cada um dos mortos três vezes e conduzindo uma série de orações para que o Espírito recebesse suas almas. A voz dela era firme, mas vacilou quando citou o nome de suas duas criadas. Sage derramou lágrimas por elas e pela determinação da princesa em não deixar os seus para trás. Ela pensou em Feshamay, que havia detestado tanto o frio que chorara quase todos os dias até ver a neve pela primeira vez, e Mara, que saía às escondidas com o sargento norsari Porter sempre que os dois achavam que ninguém estava vendo. Lani havia confidenciado semanas antes que tinha certeza de que Mara pediria para ficar, e que teria sua bênção. Sage torceu para que ela ao menos tivesse sido enterrada perto de Porter.

Quando Sage mencionou aquilo, Clare assentiu, com lágrimas escorrendo pelas bochechas, mas Alex apenas fechou os olhos e baixou a cabeça, estremecendo.

Era quase meia-noite quando Lani terminou, pois tinha feito a cerimônia completa para todos os demoranos, que também eram muitos. Alex não fez menção de segui-la quando Sage se levantou. Achando que havia entendido, ela abraçou Clare e Lani antes que saíssem, depois voltou a se sentar ao lado dele e pegou sua mão.

Alex ficou em silêncio enquanto a capela se esvaziava e o sacerdote apagava as velas. Quando restou apenas a luz eterna no altar, eles ficaram a sós. Sage apoiou o rosto no ombro dele, afundando o nariz na jaqueta de couro marrom e inspirando fundo.

— Não foi culpa sua — ela sussurrou. — Ninguém poderia esperar

por algo assim, nem mesmo vindo dos D'Amiran.

Alex balançou a cabeça.

— Sei melhor do que ninguém do que nossos inimigos são capazes.

O duque D'Amiran havia cortado a garganta do irmão dele, que tinha nove anos, na sua frente. Charlie havia morrido nos braços de Alex um minuto depois.

— Morrow D'Amiran era um homem cruel e violento — Sage insistiu.

Alex inspirou fundo.

— Pegamos dois dos assassinos em Bey Lissandra — ele falou tão baixo que ela teve de erguer a cabeça para escutá-lo. — Eles tinham uma lista, Sage. Você estava nela. Eu poderia ter perdido você.

Sage ergueu o rosto dele.

— Mas não perdeu — ela disse em tom baixo. — Estou aqui.

— Sim, está. — Alex se levantou abruptamente, puxando-a para si. Sage o guiou para fora do banco, ainda segurando a mão dele, e seguiu para as portas, mas Alex parou no corredor, com uma expressão que ela nunca tinha visto e não conseguia identificar.

Ela deu um passo para mais perto.

— O que há de errado?

— Nada — ele disse. — Tudo.

— Eu sei. — Sage balançou a cabeça com tristeza. — O mundo está de cabeça para baixo.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Ele pressionou as mãos dela contra o peito, puxando-a junto a si. — O que quero dizer é... case comigo, Sage. Aqui. Agora.

Era a última coisa que ela achava que ele diria.

— Alex...

— O mundo sempre vai estar de cabeça para baixo, mas posso consertar um cantinho dele. Se eu tiver você.

Sage entendeu o que havia nos olhos dele, ou melhor, o que *não* havia: dúvida. Qualquer objeção dela teria caído por terra diante de tamanha certeza. Sage não conseguia pensar em um único motivo para dizer não.

— Está bem — ela sussurrou.

Alex a puxou com ele para a frente da capela e a deixou perto do altar enquanto buscava o sacerdote, que estava na sala de preparação ao lado. Então Alex voltou, limpando sujeiras invisíveis das mangas e ajustando o gibão e o cinto da espada. Sage baixou os olhos para o próprio vestido, percebendo que não sabia ao certo de que cor era por causa da escuridão. Sentindo-se constrangida, ergueu os braços para ajustar o cabelo, que havia deixado solto na altura dos ombros, mas Alex pegou a mão dela e a segurou como se nunca pretendesse soltar.

O sacerdote veio tropeçando nas sombras, arrumando o manto em volta do corpo, o qual provavelmente já estava tirando quando Alex o encontrara. Depois que Sage o assegurou de que era aquilo que ela queria, ele se virou e se atrapalhou com as chaves para reabrir o armário com os óleos sacros e outros artigos cerimoniais. O tilintar de frascos de vidro sendo revirados de um lado para o outro parou brevemente enquanto o padre jogava grãos de incenso na lamparina, criando fios de fumaça doce.

Ela olhou para Alex, que observava o sacerdote estreitar os olhos e folhear o livro de registros da capela. Ao encontrar a página certa, ele o virou para eles, depois pareceu se dar conta de que não havia nenhum lugar para apoiar o livro exceto o próprio altar. Para Sage, parecia apropriado, mas o sacerdote hesitou antes de colocá-lo sobre o bloco de mármore e apontar para uma linha em branco com um lápis de carvão e óleo.

Alex se debruçou para escrever o nome dele e o de Sage onde fora indicado, e ela sorriu levemente, pensando no livro da casamenteira, onde havia registrado o nome dele dois anos antes, naquele mesmo castelo. Ela tinha encontrado o livro na casa de Darnessa na noite em que haviam trabalhado juntos, corando com a lista de adjetivos duros e feios que tinha escrito embaixo. *Arrogante. Distante. Orgulhoso. Reservado.* Sage havia considerado riscá-los, mas se deu conta de que a maioria das pessoas via Alex daquela maneira. *Ele próprio* se via daquela maneira. Em vez de riscar as frases, ela tinha escrito seu próprio nome ao pé da página e acrescentado mais uma palavra.

Meu.

Quando Alex terminou, o sacerdote pegou o lápis e fechou o livro,

soltando um turbilhão de poeira, e o enfiou de volta na alcova. Depois, virou-se para eles de novo, coçando a cabeça. Sage imaginou que estavam pulando tudo menos o essencial. Teria o casamento secreto dos pais dela sido semelhante?

— Coloque a mão dela sobre o altar — o sacerdote instruiu Alex.

A palma de sua mão encostou no mármore frio. Um arrepio subiu por seu braço, e Sage se perguntou se era nervosismo ou alguma outra coisa, e se Alex sentia o mesmo.

Então os olhos dele encontraram os dela, e Alex começou a falar depois do sacerdote.

— Eu, Alexander Raymond Quinn, filho de Pendleton e Castella da Casa de Cambria, juro em nome do Espírito, que é sagrado demais para ser pronunciado pelos homens, que vou amar, honrar, proteger e estimar minha esposa pelo resto dos meus dias. Tudo o que tenho, dou a você. Tudo o que sou, ofereço livremente.

Uma pequena faísca de pânico percorreu Sage. Sempre que ela imaginava aquele momento, só pensava em Alex como ele mesmo, mas a declaração formal era um lembrete súbito de que ele trazia muito mais à união do que ela. Até o nome de Sage era dos mais simples. Seus dedos tremeram enquanto eles invertiam as mãos, colocando a dela sobre a dele, mas, quando voltou a erguer os olhos para Alex, o medo desapareceu. Era apenas ela que ele queria.

— Eu, Sage Fowler, filha de Astelyn e Peter — ela disse, repetindo depois do sacerdote —, juro em nome do Espírito, que é sagrado demais para ser pronunciado pelos homens, que vou amar... — Sage parou quando Alex beliscou a mão dela com o polegar e balançou a cabeça.

— Não precisa dizer “obedecer” — ele sussurrou, com os olhos brilhando sob a luz da lamparina. — Nós dois sabemos que você não vai fazer isso.

Sage riu baixo, e o sacerdote franziu a testa. Ela limpou a garganta e ficou séria antes de continuar.

— Vou amar, honrar e estimar você como meu marido pelo resto dos meus dias. Tudo o que tenho, dou a você. Tudo o que sou, ofereço livremente.

— Vocês aceitam essas promessas que lhes foram feitas? — perguntou o sacerdote, ainda parecendo descontente.

— Aceito — Sage e Alex disseram juntos. O óleo sacro de dois jarros diferentes foi esfregado na palma de suas mãos e depois elas foram pressionadas uma contra a outra.

— Assim como esses óleos depois de misturados não podem mais ser distinguidos, nenhum de vocês pode, até seu último suspiro. — O sacerdote deu um passo para trás e assentiu. — Podem se beijar se quiserem.

— Ah, eu quero — Alex sussurrou antes de levar a boca à dela. Seu beijo foi ávido, mas suave e lento, como se ele nunca quisesse esquecer aquele momento. Sage se derreteu contra ele, retribuindo com tudo o que tinha. Ela não soube ao certo quando o sacerdote saiu, mas tudo estava fechado de novo quando finalmente se separaram. Ainda de mãos dadas, eles se viraram e seguiram o corredor para a noite lá fora. Na escada, Alex a beijou outra vez, com um desejo que deixou a cabeça dela zonzinha. — Preciso resolver algumas coisas antes de subir para seu quarto — ele disse em voz baixa em seu ouvido, a bochecha áspera roçando contra a pele lisa dela. — Mas prometo que não vou demorar.

Espírito do céu, apesar de tudo, ela nem tinha pensado no que viria depois.

SAGE VOLTOU PARA O QUARTO EM ESTUPOR.

Ergueu a mão direita para observá-la. O óleo em sua palma cintilava sob a luz da lareira. Se não fosse por aquilo, poderia pensar que havia imaginado tudo, que o desejo que tinha visto nos olhos dele não passava de um reflexo do dela, mas nunca o tinha visto tão seguro, a ponto de sua própria certeza ter crescido para se equiparar à dele, finalmente sem amarras. Finalmente livre.

Sage baixou a mão para olhar para a cama de dossel e o lençol bordado com pardais e lírios, pensando no que aconteceria naquela noite. As outras vezes em que tinham chegado perto... não tinham sido planejadas. Agora era diferente, esperado. No entanto, nada entre eles havia sido como esperado. Ela tinha acabado de fazer seus votos em uma capela escura e vazia enquanto usava um vestido — Sage baixou os olhos — azul emprestado. Se dependesse dela, nem teriam ligado para formalidades, mas para ele tinha sido importante.

Depois de pensar um pouco, Sage decidiu esperar por Alex perto da lareira. Deixou os sapatos ao lado do tapete de pele de carneiro, depois se ajoelhou e puxou a chaleira para perto das chamas. Fazer chá parecia a coisa certa, embora ela não soubesse se queria tomar.

Quando ouviu a porta se abrir e se fechar, e o trinco se encaixar, já havia organizado seus pensamentos e se recomposto. Ela não reagiu quando Alex chegou à beira do tapete que era quase branco. Ele colocou o que soava como um alforje e o cinto da espada no chão e começou a desafivelar o gibão.

— Quer beber um pouco? — ela perguntou. O chá tinha ficado pronto alguns minutos antes, e Sage estava na segunda xícara. Era uma mistura calmante de hortelã, flor de sabugueiro e bagas de

espinhoiro, mas até então não a havia relaxado muito.

— Sim, por favor. — O gibão caiu suavemente sobre o alforje, e ele hesitou, depois tirou as botas antes de pisar no tapete macio. Alex se ajoelhou, depois se sentou ao lado dela enquanto Sage se concentrava em colocar mel na xícara dele. O aroma de sempre-verde veio junto com ele, fazendo com que ela erguesse os olhos. Ele havia se barbeado. Às pressas, pois ela podia ver que tinha deixado algumas partes por fazer, mas aquilo a faz sorrir um pouco. Sage deu o chá para ele e o encarou nos olhos por um breve segundo. Aquela certeza cristalina continuava ali. — Obrigado — ele disse.

Eles tomaram o chá e observaram o fogo, ou pelo menos Sage observou. Ela só o via pelo canto do olho, sua camisa de linho contrastando com o preto de seu cabelo e o tom bronzado de suas mãos e seu pescoço. Não falaram nada. Alex provavelmente sabia que ela queria conversar, e estava esperando.

— O que mudou? — ela perguntou finalmente, pousando a xícara.

Ele demorou alguns segundos para responder, embora ela tivesse certeza de que Alex sabia que faria aquela pergunta.

— Era tolice, depois de Tegann, depois do Charlie — ele disse, com a voz carregada de dor. — Mesmo depois da Batalha do Vidro Negro eu ainda achava que poderia proteger você. Talvez porque não conseguisse compreender que alguém pudesse realmente *querer* machucá-la. — Alex ficou observando, disperso, o movimento das chamas, a xícara meio vazia aninhada em sua mão. — Eu estava mentindo para mim mesmo. A verdade era dura demais para aceitar.

Depois das mortes que ele não tivera como prever, ele vira que poderia perdê-la facilmente. Sem pensar, Sage pegou a mão livre de Alex. O toque o fez baixar os olhos e passar o indicador sobre as cicatrizes no punho dela.

— Percebi que vinha deixando nós dois para o futuro às custas do nosso tempo agora — ele sussurrou. — Durante toda a vida, sacrifiquei ou adiei o que queria porque buscava algo maior. Deixá-la de lado pareceu necessário exatamente porque você era *importante*, porque não havia *nada* que eu quisesse mais. E havia culpa também, por ter algo tão bom quando as coisas para os outros estavam tão

ruins.

Sem dizer uma palavra, Sage pegou a xícara dele e a colocou de lado antes de subir em seu colo.

— Então? — ela perguntou.

Alex respirou fundo.

— Então vi todas aquelas vidas que acabaram cedo. Já tinha visto a morte, mas foi diferente. O que eles estavam fazendo, onde eles estavam... não deveria ser perigoso. Fiquei imaginando o que teriam feito com seus últimos dias se soubessem. Comecei a me perguntar... — Ele voltou os olhos brilhantes de angústia para os dela. — E se o agora é tudo o que tenho? Tudo o que teremos?

Sage colocou as mãos nas bochechas dele.

— É por isso que temos de viver — ela disse, passando o polegar em um trio de fios rebeldes. — Temos de viver por aqueles que não podem. Por todos os que morreram para nos proporcionar esses momentos.

Ele ergueu os olhos para ela.

— Eu te amo, Sage — Alex sussurrou. — Essa é a única coisa que deveria ter importado desde o começo. Desculpe por ter demorado tanto tempo para perceber isso.

Sage não conseguia pensar em como dizer que ele estava mais do que perdoado. Deixou que seus lábios nos dele e suas mãos em seu cabelo falassem por ela. Quando terminou, as palavras certas finalmente surgiram.

— Eu te amo, Alexander Quinn — ela disse em tom suave, fechando os olhos e sentindo uma lágrima escorrer pela bochecha e para o rosto dele. — De todas as coisas que disse e fiz, essa é a mais verdadeira.

Em resposta, Alex a apertou junto a si com um único braço e a beijou com uma ânsia que Sage sentiu no fundo do peito. A outra mão dele seguia as curvas do corpo dela onde quer que o levassem, até Alex parar onde Sage queria a atenção dele: nos laços de seu corselete. O convite era tudo de que ele precisava. Alex os soltou enquanto ela tirava a camisa dele de dentro da calça e por cima da cabeça. Camada por camada, as roupas foram saindo e sendo jogadas de lado, bocas e dedos se acariciando e explorando. Sage encontrou todas as cicatrizes

que ele carregava e as memorizou, tomando cada uma por sua, e ele fez o mesmo, de modo que ela sentiu que seus braços e pernas assolados — e sua própria pessoa — eram belos. Não havia espaço para pensamentos ou medos nem nada além do pequeno círculo de calor e luz dos dois, que se deleitaram um com o outro com uma ânsia motora de estarem cada vez mais perto, até não restar nada além de pele e do tapete macio sob as costas dela. Alex recuou abruptamente, ofegante, e parou sobre ela, perguntando se queria passar para a cama, mas Sage apenas balançou a cabeça e riu, dizendo que era tarde demais para aquilo. Ele sorriu e concordou, então deixou que ela o puxasse para baixo de novo, um gemido escapando de seus lábios enquanto ela arqueava o corpo contra o dele. Então sua boca estava nela novamente, e Sage sentiu o gosto de sal do seu suor e a doçura de sua língua e sentiu o coração dele ecoar dentro do peito dela. Ou talvez fosse seu próprio coração.

Ela pensou que não havia mais diferença.

E, daquela vez, quando olhou no fundo dos olhos de Alex, viu apenas a luz do fogo e a paixão de seu próprio rosto refletida em suas profundezas. Nenhum segredo. Nenhuma muralha. Apenas ele.

Apelas ela.

Apenas os dois.

Depois, eles foram para a cama.

Sage passou a mão nos fios rebeldes no canto da boca dele, sorrindo preguiçosamente.

— Você sempre esquece esse canto — ela disse, depois se inclinou para dar um beijo ali.

— Estava com a cabeça em outra coisa — Alex respondeu. Ele passou o dedo pela barriga dela e mais para baixo, e ela se arrepiou. — Mas você sabe que vamos precisar de um casamento normal para os outros. Minha mãe vai me matar se eu não fizer isso.

Sage riu baixo.

— Ela pode te matar mesmo assim.

— De jeito nenhum, considerando quando nasci. Eles tiveram de antedatar os documentos oficiais do casamento em dois meses. Pelo

menos já estamos dentro da lei.

Os olhos dela se arregalaram. Aquilo significava que Alex tinha nascido sete meses depois do casamento, em vez de nove.

— Eu sabia que tinha sido em segredo, mas você nunca me contou que desse escândalo.

— Na verdade, só fiquei sabendo alguns anos atrás, mas a última coisa de que você precisava era um estímulo. — Alex abaixou a cabeça e se aninhou na clavícula dela, o primeiro lugar em que a havia beijado. — Já era difícil resistir a você mesmo sem saber como seria bom.

— E, agora que sabe, ainda está contente por ter esperado?

— Sem dúvida. — Seus olhos estavam sérios quando ele ergueu a cabeça, mas um calor crescia neles. — Porque agora não há possibilidade na terra de conseguir resistir a você novamente.

Sage arqueou a sobrancelha.

— Nem mesmo agora?

Alex a puxou junto a ele.

— Nem mesmo agora.

Do lado de fora, o mundo estava cheio de assassinos, rixas políticas e ameaças de guerra, mas ali, naquele lugar, por uma noite, tudo era perfeito.

FOI ENLOUQUECEDOR PASSAR O DIA TODO PERTO DELA, fingindo que nada havia mudado. Alex se pegava encostando em Sage em toda oportunidade, arrumando o cabelo dela atrás da orelha, colocando a mão em suas costas, passando os dedos em seu quadril e abaixo dele. Sage não se comportava melhor que ele, inclinando-se para cochichar promessas em seu ouvido e encontrando qualquer desculpa para tocá-lo. Era uma surpresa que Alex tivesse conseguido fazer alguma coisa.

O duque Welborough chegara a Galarich por volta do meio-dia, acrescentando sua companhia ao que Sage já havia reunido. Com mais de seiscentos homens, o exército dela era suficiente para ajudar a derrotar a força kimisara que apoiava a delegação deles, caso o brazapil Dolana resistisse ao retorno de Zoraya. Da torre de vigia, Alex observou os pelotões recém-reunidos treinando sob a liderança dos norsaris. Perto dali, o duque crescerano caminhava com Lady Clare, exibindo orgulhosamente suas fileiras para ela. Ele tinha se juntado à causa prontamente, demonstrando uma volubilidade que irritara Sage.

— Ele não demorou para abandonar Cabeça de Flecha — ela murmurou. — Isso me faz pensar que pode de repente decidir que não vale a pena se envolver em nossa causa também.

— Seu tio confia nele — disse Alex.

Sage deu de ombros. O apoio inquestionável de Lord Broadmoor a havia surpreendido. Ela e Alex haviam passado um bom tempo da noite trocando detalhes das semanas anteriores, e Sage reconhecera que tinha muita culpa pela maneira como seu tio havia agido no passado.

“Não sei como ele perdoou meu comportamento tão rápido”, ela havia dito com um suspiro.

“Faz dois anos”, Alex a havia lembrado. “E você é uma heroína nacional agora.”

Sage havia feito uma careta, mas ele gostava de importuná-la com a mesma ideia com que ela o havia importunado no ano anterior. Aquilo também lhe dera uma desculpa para fazê-la voltar a sorrir logo em seguida.

— Talvez Welborough esteja tentando bajular Clare — Sage disse agora, franzindo a testa para o par ao longe. O duque desfilava com presunção e mantinha a mão na espada presa à cintura. — Aparentemente, mandou uma carta para o pai dela elogiando sua beleza. O barão Holloway viu isso como um convite para oferecer Clare em casamento.

Alex ergueu a cabeça, surpreso. Welborough não tinha mencionado nada do tipo.

— Como o duque respondeu?

— Bem... — Sage inclinou a cabeça para o lado. — Não tenho certeza se a proposta foi feita, mas o pai de Clare supôs que ele aceitaria.

— *Pesta lundamyetsk* — Alex murmurou, e Sage voltou a cabeça para ele.

— Você falou alguma coisa?

Na noite anterior, ele havia descrito a lista dos assassinos de Bey Lissandra, mas aquela parte não tinha parecido importante na hora.

— Você sabe o que significa *pesta lundamyetsk*? — ele perguntou.

— Parece kimisaro. — Sage parou, concentrando-se. — Mas um dialeto antigo. “Sua vida depende desta”, ou coisa assim.

Alex assentiu.

— É uma frase usada por assassinos kimisaros para designar alvos que não devem ser feridos de maneira alguma. Pelo menos foi o que Huzar disse. — Ele cerrou o maxilar. Onde estava o capitão? Por que não havia retornado ao acampamento kimisaro?

— Eram *dolofans* em Bey Lissandra? — Sage empalideceu. Ela havia conhecido dois em Casmun e visto como eles eram implacáveis.

— Huzar insistiu que não — disse Alex. — Bestas e assassinatos à distância não fazem seu estilo. E eles não costumam falhar. E o último

não teria fugido como fugiu. Ou a última — ele acrescentou, lembrando que um dos corpos encontrados era de mulher. — Mas quem quer que os tenha mandado especificou que não queria que Clare fosse ferida.

Sage grunhiu.

— Se Donala não estiver por trás disso, alguém quer que *pensemos* que é Kimisara, ou gosta de drama. — Ela olhou para as fileiras coloridas das tropas do duque Welborough, com as bandeiras de cores vivas batendo sob a brisa. — Talvez as duas coisas.

Alex não estava disposto a acusar ninguém.

— Sim, mas o duque de Crescera ganha o suficiente com a morte da rainha? Ou do conde D'Amiran?

— Tirar Rewel do caminho libera Sophia para se casar com o filho dele — disse Sage. — O barão Holloway disse que isso foi discutido.

— Certo, parece ruim — Alex admitiu. — Mas ele sabe que Sophia está lá, em Cabeça de Flecha. Partiu antes que ela chegasse, mas a notícia chegou até ele. Não daria meia-volta para agir como seu protetor?

— Ele também é um dos poucos demoranos com poder e alcance suficiente para ter matado a escolta. — Sage abafou uma exclamação. — Alex, e se aquilo foi feito para fazer a irmã de Clare se sentir vulnerável o bastante para correr até seu pai? Você mesmo disse que, com os norsaris, ela estaria em segurança.

Alex franziu a testa.

— Entendo querer que ela fique vulnerável, mas quem poderia ter previsto que fugiria?

— Talvez seja por isso que Welborough partiu: porque ela estava vindo, e ele queria fingir que não sabia nada a respeito. — Ela apertou o braço de Alex, com os olhos cinza arregalados. — Santo Espírito, foi o mensageiro dele!

— Que mensageiro?

— Clare escreveu uma carta para Sophia dizendo que a escolta estava chegando a Jovan. O duque ofereceu que um mensageiro dele a levasse. Você disse que a condessa nem sabia da escolta. O mensageiro nunca chegou.

Alex completou o raciocínio por ela.

— Isso tornaria Welborough uma das poucas pessoas que não apenas sabia sobre a escolta como podia ter descoberto aonde você, Clare e as outras realmente foram.

Sage olhou para o campo de novo. Os exercícios terminavam e algumas das tropas formavam filas nas tendas do refeitório para a refeição do fim de tarde.

— Alex, o duque Welborough tem quase um quarto de nossa força.

— Mais do que isso, na verdade — disse Alex. — Considerando como a maioria dos outros é inexperiente. — Ele bateu o dedo no lábio. — Talvez possamos dissolver parte de suas unidades em meio a outras. — Isso poderia ser desastroso se os soldados de Welborough soubessem dos planos ocultos dele e fossem espertos ao agir, claro.

— Tem alguém vindo. — Sage apontou para um cavaleiro que se aproximava pela estrada Span. — Olhe, está carregando uma bandeira de mensageiro.

Alex estreitou os olhos para a figura, que estava cercada por uma escolta de noursaris. Nas sombras mais compridas do fim do dia, era difícil distinguir os traços do homem, mas a postura dele era inconfundível.

Huzar.

ALGO INCOMODAVA SAGE enquanto eles desciam correndo da muralha exterior para encontrar Huzar, mas, sempre que a ideia parecia tomar forma em sua cabeça, levantava voo como uma borboleta. Não ajudava o fato de que ver Alex o dia todo bagunçava seus pensamentos. Toda vez que ele se mexia, Sage se pegava imaginando como o corpo dele se movia sob aquelas roupas, lembrando-se de todos os centímetros de seus músculos rígidos e de como Alex havia se devotado inteiramente a ela na noite anterior. Sage tinha passado metade da tarde calculando o tempo que restava até poderem ficar a sós de novo.

Mas havia algo importante que ela não estava vendo.

— O que exatamente havia na lista? — Sage perguntou a Alex. Devia ter algo a ver com aquilo. A borboleta quase pousava sempre que ela pensava na lista.

A boca dele ficou tensa como sempre acontecia quando falava do pergaminho que Huzar havia encontrado em um dos assassinos mortos.

— O nome da rainha e de Rewel D'Amiran. Depois o seu. No final, apareciam as letras PL e Lady Clare Holloway.

E PL significava *pesta lundamyetsk*, o que queria dizer que Clare não devia ser ferida. A frase ainda implicava que se ela fosse ferida os assassinos morreriam. O nome de Lani estava ausente, o que era curioso.

Foi só quando Huzar voltou a surgir no campo de visão de Sage que ela se deu conta de quem mais estava faltando. Por que o nome dele não estava na lista? Para que pudesse levar a notícia de volta? Naquele caso, por que o mandante não aproveitara a informação

imediatamente?

— Ele está carregando uma besta demorana — murmurou Alex. — Como conseguiu uma?

O capitão kimisaro parou na frente deles, e Sage viu que o topo da orelha esquerda dele estava completamente cortado, embora a ferida já estivesse quase cicatrizada.

— Fico feliz em encontrá-la bem, Sage Fowler — ele disse. — E o major.

Huzar estava armado até os dentes, embora a besta não estivesse carregada nem empunhada.

— Por onde andou, capitão? — Alex perguntou.

— A história é longa, mas foi seu pai, o general, quem me mandou — Huzar respondeu ao desmontar. Todos os demoranos ao seu redor ergueram as armas, mas o capitão os ignorou e se virou para Alex. — Antes de falar sobre isso, preciso ver minha rainha.

Alex rangeu os dentes, mas Sage desconfiou que pensasse que, se fosse o contrário, a primeira exigência que Alex faria também seria de vê-la. Ele apontou para a cintura de Huzar.

— Entregue suas armas.

Sem dizer uma palavra, Huzar afrouxou o cinto de espada e o deixou cair no chão. Duas adagas vieram em seguida, e ele estendeu os braços. Alex continuou encarando Huzar até ele sorrir de leve e tirar uma terceira faca de dentro da manga esquerda. Alex deu um passo à frente e deu um soco leve mas firme no peito dele. Huzar se crispou, depois abriu o gibão e deixou cair um pacote de facas finas, limas e gazuas sobre a pilha a seus pés. A besta, a aljava e um machado leve de batalha continuaram na sela.

— Onde ela está? — Huzar perguntou, num tom que indicava que havia tolerado tudo aquilo, mas sua paciência já estava se esgotando.

— Estou aqui — disse uma voz atrás de Sage. A rainha deu um passo para o lado antes que Huzar pudesse correr até ela.

O capitão se jogou de joelhos na frente da rainha. Para a surpresa de Sage, Zoraya se aproximou com um passo. Huzar lançou os braços em volta dela e enfiou o rosto em sua barriga com o que parecia um soluço. Todos desviaram o olhar quando a rainha segurou a cabeça

dele com a mão boa e sussurrou-lhe em sua própria língua. Sage só conseguiu distinguir algumas palavras em kimisaro.

... fez bem... grata... não esquecerei... digno...

Zoraya ergueu o queixo dele para encará-lo nos olhos. Em um instante, Sage viu que o amor de Huzar por sua rainha não era de todo unilateral. Então acabou. O capitão se levantou, quase trinta centímetros mais alto do que Zoraya, sem nenhum resquício de lágrimas no rosto. A rainha se virou para os espectadores e acenou solenemente, como se tivesse lhes dado a graça de presenciar o reencontro. Pela primeira vez desde que a flecha havia atingido seu ombro, havia um otimismo em sua postura.

— Certo, Huzar — Alex grunhiu. — Por onde andou?

— Fiz exatamente como planejado — respondeu o capitão. — Mas nada aconteceu como o esperado. — Ele apontou para Zoraya. — Todos sabem que minha rainha está viva e com vocês.

Com aquelas palavras, a centelha de esperança nos olhos de Zoraya se apagou.

Todos se reuniram em volta da mesa da biblioteca, dando a Sage uma desculpa para ficar perto de Alex. O sol lá fora lançava raios horizontais através das janelas, e as cores do poente faziam as estantes arderem como se estivessem em chamas.

O mundo, ao que parecia, estava de fato pegando fogo.

Para poder acreditar no que Huzar havia dito, Alex exigira provas de que o capitão tinha sido mandado pelo general Quinn. O kimisaro tirou um bilhete de dentro do gibão. Sage não conhecia o suficiente a letra do general para saber se era dele, mas viu a única frase que havia escrito.

Suponho que eu tenha perdido minha aposta a essa altura.

Independentemente do que aquilo quisesse dizer, Alex aceitou a mensagem como verdadeira e pediu que o capitão reportasse o que havia acontecido desde que partira. Quando Huzar chegou à parte sobre o general Quinn não ter escolha a não ser entregar a condessa Sophia e a filha dela como reféns para os kimisaros como garantia de

que devolveria a rainha, Clare chorou no ombro de Sage.

— Sophia e Aurelia já estão lá há dias! — ela exclamou. — E vamos demorar para chegar!

Lani quis saber se o brazapil Donala ou o general Oshan poderiam ter enganado Huzar desde o momento em que ele chegara, sabendo a verdade e deixando que ele mentisse para ver como agiria.

— É possível — Huzar admitiu. — Ainda mais considerando que só agiram depois que eu saí.

E Donala tinha mais informações. Ele vinha oferecendo acordos iguais aos da rainha com Sage, e dissera para Oshan que estava apenas cumprindo os desejos de Zoraya.

— Até o general me dizer que considerava as ações dela traiçoeiras e que era uma sorte ela ter morrido — disse Huzar. — Considerando isso, parece-me que as ações de Donala tinham a intenção de fazer Oshan se revelar.

— Mas Donala tinha um exército preparado para marchar ao norte — disse Sage. — Isso implica que ele estava preparado para tomar o poder. Você disse que ele enviou uma força para guardar o falso rei.

Huzar olhou para Alex.

— Talvez ele estivesse pronto para isso, mas não esperem que eu acredite que Demora não teria se preparado para intervir rapidamente, caso as conversas tivessem sido em Kimisara e algo desse errado.

Alex concordou.

— Mas acho que subestimamos o que Donala poderia mobilizar sozinho.

— Eles não vão ferir sua irmã — Zoraya disse a Clare. — Mas a única maneira de colocar um fim nisso é com meu retorno imediato.

— Podemos partir hoje à noite — Clare soluçou. — Exércitos marcham no escuro em momentos de grande necessidade.

— Até os norsaris teriam dificuldade para chegar à estrada antes que a luz se extinga hoje, milady — Alex disse gentilmente. — E não teremos um luar razoável até bem depois da meia-noite. Já seria difícil para soldados profissionais, coisa que esses homens não são. Vamos partir ao raiar do dia, depois de uma boa noite de descanso.

Clare estreitou os olhos.

— Ah, sim — ela vociferou, desvencilhando-se do braço de Sage. — É uma boa noite de *descanso* que você quer.

De alguma forma, Clare sabia sobre eles, mas ela estava errada se achava que aquilo influenciara a decisão de Alex. Sage não podia retrucar ou tentar se explicar ali, na frente de todos, e no estado em que se encontrava Clare provavelmente não daria ouvidos a ela.

Zoraya colocou a mão sobre o peito.

— Dê-me esse exército, Lady Clare — ela disse. — Trarei sua irmã de volta usando toda a força que for necessária.

— Vossa majestade não vê nenhum problema em gastar vidas demoranas — disse Alex, arqueando uma sobrancelha.

— Estou disposta a derramar meu próprio sangue se necessário — a rainha respondeu com frieza.

Sage ouviu a sinceridade na voz de Zoraya, embora os outros pudessem não ter notado.

— Se formos levantar acampamento ao amanhecer, há preparações a fazer agora — ela disse. — Não há por que decidir nossa estratégia final neste momento, ainda mais considerando que a situação certamente mudará até chegarmos a Cabeça de Flecha. Sabemos que vamos partir. Isso basta por enquanto.

Todos assentiram, exauridos, e o grupo se separou. Lani guiou Clare para fora da sala, murmurando frases tranquilizadoras em seu ouvido. Casseck saiu em seguida, gesticulando para Huzar acompanhá-lo.

— Pode dividir o beliche comigo, capitão — ele disse.

Zoraya ficou, visivelmente querendo conversar a sós com a embaixadora. Alex beijou a têmpora de Sage e sussurrou que voltaria em cerca de uma hora, depois de passar as informações para os comandantes das companhias no acampamento.

— Mas... — Com todo o foco na notícia de Huzar, eles tinham se esquecido do duque Welborough. — E o que discutimos antes? — Sage perguntou.

Alex soltou um suspiro carregado.

— Mantenha seus amigos perto e seus inimigos ainda mais, creio. Vamos ficar de olho nele. É melhor do que deixar que aja pelas nossas

costas.

Depois que Alex saiu, Zoraya encarou Sage do outro lado da mesa.

— Preciso saber agora por que está determinada a me colocar de volta no trono — a rainha disse.

— Vossa majestade é a legítima regente — Sage disse apenas. — E Demora tem grande interesse em mantê-la no poder, considerando seu desejo de buscar a paz. Seu filho também merece ter a mãe ao seu lado, pois ninguém poderá ser melhor para ele. — Como Zoraya não respondeu, Sage perguntou: — Vossa majestade pensa que algo mudaria isso?

A rainha se virou e caminhou ao longo das estantes, passando os dedos distraidamente pelas lombadas dos livros.

— O que deixa Demora tão segura de que Mesden é o rei que querem em Kimisara? — ela perguntou. — Ele é apenas uma criança. Será que só querem nossa nação fraca pelos próximos anos?

Zoraya estava desviando da verdadeira pergunta, então Sage se manteve neutra.

— O fim de uma dinastia sempre causa guerra e instabilidade, ainda mais do que um rei criança. Kimisara ficaria mais fraca se ele fosse deposto. — Ela hesitou, depois decidiu guiar a conversa na direção que queria. — Os brazapilla podem disputar o poder, mas o povo vai instintivamente apoiar o filho do rei Ragat. Seu conselho ia se arriscar caso ignore esse fato.

— É o que você diz, mas sabe de algo que poderia mudar tudo isso e me fazer ser executada. — Ela olhou para Sage por cima do ombro.

A rainha se lembrava da revelação que lhe fizera.

Zoraya se virou de novo.

— Você é uma pessoa interessante, Sage Fowler. Não usou essa informação contra mim e não parece ter mudado de opinião a meu respeito.

Sage ficou lisonjeada que a rainha se importasse com o que ela pensava.

— Fez o que era necessário para seu país.

— E se eu dissesse que minha maior preocupação não era a sobrevivência de Kimisara, mas a minha?

— Agora é?

Zoraya balançou a cabeça.

— Não, é a vida de Mesden o que mais importa.

— Tem sorte de amar tanto uma pessoa — disse Sage.

A rainha bufou.

— O amor só complica as coisas. — Seu tom não era tão duro quanto ela queria que parecesse.

— Concordo. — Sage esperou alguns segundos antes de perguntar:

— Vossa majestade amou o pai de Mesden?

— Não. Eu não podia me dar a esse luxo. — Zoraya olhou para o crepúsculo pela janela, suas palavras ficando notavelmente mais suaves. — Mas era um homem forte e bondoso. Escondi dele quem eu realmente era.

— Onde ele está agora?

— Morto.

— Sinto muito.

— Fui eu quem o mandou para a morte. — Zoraya cerrou os dentes por alguns segundos. — Ele era um soldado. Havia uma missão da qual sabíamos que ninguém retornaria. Tomei as providências para que fosse junto. Ele não sabia de nada.

— Não sabia que morreria ou que vossa majestade esperava o filho dele?

— De nada. — A rainha se virou para encará-la. — O que pensa de mim agora, Sage Fowler?

Na verdade, ela estava horrorizada pela admissão, mas Zoraya obviamente se arrependia do que havia feito — ou do que tivera de fazer. Todas as iniciativas que a rainha havia tomado deviam ter parecido impossíveis até ela deparar com a escolha, e Sage sinceramente não sabia como teria agido no lugar dela. Em vez de dizer algo, porém, torceu para que a rainha entendesse que nada daquilo era mais necessário.

— O capitão Huzar sabe disso?

— Malkim sabe de tudo — Zoraya disse. Um sorriso perpassou seus lábios ao dizer o nome dele.

— E a ama mesmo assim.

A rainha estreitou os olhos.

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Acho que é a legítima herdeira e que seu filho deve se sentar no trono de Kimisara — Sage disse. — O fato de estar disposta a se sacrificar se necessário para trazer a irmã de Clare de volta a torna minha amiga.

— Amiga. — Zoraya abriu um sorriso irônico. — Vi como trata seus amigos. Devo me preocupar?

— Não mais do que eu como sua amiga, sem dúvida — disse Sage, arqueando uma sobrancelha.

O rosto da rainha ficou sério em um piscar de olhos.

— Não sei ao certo quando cruzamos essa linha — ela disse. — Mas creio que agora nossa amizade pode ser a única coisa capaz de impedir que nossos países se destruam.

SAGE CAVALGOU AO LADO DE CLARE na maior parte do dia, embora sua amiga permanecesse tensa e silenciosa. A única coisa que ela perguntou foi onde Mesden estava. Depois de olhar ao redor para confirmar que ninguém ouvia, Sage explicou que a rainha havia pedido para Lord e Lady Broadmoor cuidarem dele.

— Não é seguro levá-lo para o que pode se tornar uma batalha, ainda mais quando ele é a peça mais valiosa para ambos os lados. Huzar está com o rei.

O guarda-costas havia se oposto à ordem da rainha, mas fora forçado a consentir quando ela apontara que a traição dele ter sido revelada fazia dele — e consequentemente dela também — um alvo. Ficar perto de Zoraya tornaria as coisas piores para ela, pelo menos no começo.

— Então vão buscá-lo quando sua majestade for restaurada ao poder? — perguntou Clare.

— Quando Zoraya achar seguro.

A boca de Clare ficou tensa quando Sage falou o nome da rainha de maneira tão casual.

— E se falharmos?

— Então ele ficará a salvo com eles — foi tudo o que Sage disse. Assim como Huzar. Zoraya o tinha feito prometer.

A tia de Sage havia dito que, se necessário, criaria “Victor” como se fosse mais um filho bastardo do marido, tal qual Aster, que tinha quase a mesma idade de Mesden. Tio William havia enrubescido, mas não se opusera à ideia.

— Você não precisa suportar esse tipo de constrangimento de novo — Sage havia dito em particular para ela depois. — Diga que é filho

de uma prima ou coisa assim.

Tia Braelaura balançou a cabeça.

— Sabe, William poderia facilmente ter largado Aster em um orfanato assim como o pai dele fez com todos os filhos ilegítimos, mas não — ela disse com firmeza. — Ele assumiu a responsabilidade por seus atos e... — Braelaura cerrou os lábios. — Você deve saber que não foi inteiramente culpa dele.

Aquilo pareceu inacreditável para Sage.

— Como assim?

— O parto de Christopher foi difícil, e sabíamos que não teríamos mais filhos. William não ligava, mas eu me senti um fracasso. — Sua tia suspirou enquanto ajeitava uma mecha de cabelo grisalho atrás da orelha. — Por meses, fiquei triste demais até para sair da cama, e odiei meu pobre bebezinho pelo que tinha feito comigo.

— Isso não é desculpa.

Braelaura balançou a cabeça.

— Eu afastei William. Deliberadamente. Não dormia com ele. Durante anos. Falei... — Ela respirou fundo. — Falei para ele encontrar outra pessoa. E ele encontrou. Uma única vez. Aster é um erro meu tanto quanto dele. — Então ela sorriu, os olhos cinza se enchendo de lágrimas. — Mas um erro encantador, maravilhoso.

Sage tinha passado a viver com eles apenas poucas semanas depois de Aster. Ao relembrar, ela percebeu que havia testemunhado a recuperação lenta e dolorosa de seus tios, mas havia interpretado mal grande parte da história na época. Tudo o que ela havia pensado enquanto crescia era muito mais complexo do que as aparências mostravam.

— Por que está me contando tudo isso? — ela perguntou.

— Porque vai se casar em breve — disse Braelaura, e Sage ficou grata pela luz fraca, assim sua tia não podia ver como ficou vermelha. — E precisa saber que nem sempre será fácil. Em momentos difíceis, devem sempre se aproximar um do outro, nunca se afastar. — Ela apertou as mãos de Sage. — Acredite em mim.

Sage pensou na conversa quando entreviu Alex por cima das cabeças de centenas de soldados entre eles. Não haviam tido uma

história tranquila até então, mas não fazia sentido pensar que as dificuldades entre eles haviam acabado apenas porque tinham escrito seus nomes em um livro e feito votos. Para ser franca, teria sido bom ter ouvido aquele conselho da sua tia em vários momentos do ano anterior, embora Sage não soubesse se o teria levado em consideração, de tão teimosa que era. Alex a encarou nos olhos e piscou, e ela sorriu em resposta. Pelo menos, já tinham certa experiência em como resolver seus problemas. E sabiam que valia a pena.

Nuvens pesadas começaram a se formar naquela noite, fazendo Alex e Casseck pedirem uma pausa mais cedo, o que Clare não gostou. As tendas menores, porém, exigiam mais preparações para manter as provisões e pessoas um pouco mais secas quando a chuva caísse. Sage combinou de dividir uma com Clare, mas tinha toda a intenção de fazer uma visita discreta à tenda de Alex quando o acampamento estivesse em silêncio e sua amiga dormindo. As primeiras gotas de chuva já caíam quando ela entrou na tenda minúscula delas.

Clare se sentou de pernas cruzadas sobre o saco de dormir.

— Por que não está com *ele*, já que agora são casados? — ela perguntou, a acidez escorrendo de cada palavra. Antes que Sage pudesse responder, Clare atacou de novo. — Sou sua melhor amiga, e você não queria que eu estivesse lá — ela disse. — Nem teve a decência de me contar depois.

— Não contamos para ninguém — Sage insistiu. — Só... não é o momento para isso.

— Não, não é. — Os olhos de Clare se inflamaram de fúria. — Estamos marchando diante de um exército para libertar minha irmã, que é prisioneira da sua *amiga* Zoraya, mas a única coisa em que consegue pensar é em si mesma.

— Não tem *nada* de errado em escolher a felicidade quando se tem a chance — Sage retrucou. — Pensei que entenderia isso melhor do que qualquer outra *amiga*.

Sage se arrependeu imediatamente das palavras duras. Ao mesmo tempo, porém, estava cansada da maneira como todos pisavam em ovos com Clare. E a situação de Sophia era grave, mas estavam fazendo todo o possível para a ajudar.

— Eu escolho viver — Sage murmurou. — Enquanto puder.

Clare deu as costas para Sage e se deitou, puxando a coberta sobre o ombro.

— Vá, então — ela disse, voltada para a parede de lona. — Viva sem mim.

— Clare...

— Só vá. Não vou contar para ninguém.

Sage saiu com tudo da tenda, deixando suas coisas para trás, e correu. Não havia mal nenhum em ter aquilo só para ela.

— Ei — disse Alex enquanto ela entrava na barraca dele. As batidas constantes da chuva tornavam difícil escutá-lo. Ele se sentou e estendeu o braço na direção dela. — Você veio mais cedo do que eu esperava. Aconteceu alguma coisa?

— Não. — Sage se secou, grata por poder culpar a chuva pelas gotas em seu rosto. — Só vim.

— Tudo bem. — Alex não pareceu acreditar que estava tudo bem. Ele a beijou enquanto a puxava para se deitar com ele. — Podemos só dormir se estiver cansada.

Sage se virou para se aconchegar no peito dele e ergueu a cabeça para dar um beijo em seu pescoço, que estava deliciosamente áspero de novo.

— Não, não estou cansada. Ainda.

Ela não precisava da permissão de ninguém para ser feliz.

SAGE, CLARE, LANI E ZORAYA se amontoaram sob uma tenda apertada, tanto para se aquecer como porque não havia espaço. Lá fora, o granizo continuava a cair como nas seis horas anteriores. O exército havia parado cem quilômetros ao norte de Cabeça de Flecha naquela tarde, onde terminavam as montanhas do oeste. Dali em diante, o terreno de ambos os lados da estrada era plano. Embora aquilo significasse que ninguém poderia se aproximar sem ser visto, também significava que eles não teriam como fugir sem ser observados. Alex pretendia avançar pela manhã, mas aquele era o melhor lugar para esperar uma atualização do general Quinn.

Lani tomou um gole de caldo quente da caneca.

— No meu país, a chuva é quente e as crianças brincam nela — ela murmurou.

Ninguém respondeu à reclamação. A princesa estava irritadíssima desde que Huzar havia contado que o brazapil Donala desconfiava do envolvimento dos casmunis no atentado e que até o general Quinn tinha considerado a possibilidade por um breve momento. Embora ninguém mais acreditasse naquilo — exceto talvez Donala —, ela se magoara profundamente, ainda mais depois de perder os soldados e Mara e Feshamay. Seu único consolo era que Casseck havia ficado furioso com a acusação.

— Acho que Sophia deve pensar que seu país a abandonou — Clare murmurou. Todos olharam para ela, surpresa. Estava apática desde Galarick, e mal tinha trocado meia dúzia de palavras com Sage depois da discussão naquela primeira noite. Sage pensara em consertar a situação na manhã seguinte, mas Clare já havia se vestido e partido quando ela retornara. Estava com medo de tentar no momento, e de

ser rejeitada de uma forma que tornaria as coisas ainda piores.

A rainha voltou a atenção para a caneca.

— Em alguns sentidos, ela ficaria melhor se Demora a esquecesse.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Sage, franzindo a testa.

— Apenas que ela foi usada para servir aos fins dos outros quase a vida toda — respondeu Zoraya. — Começando por seu casamento. Agora os demoranos querem trocar a vida dela e da filha pela paz temporária. Quando elas voltarem, a disputa por sua posse vai continuar dentro de suas fronteiras.

— Nenhuma casamenteira respeitável teria arranjado aquele casamento — Sage insistiu. — Foi o pai dela quem a vendeu para ganho próprio. Nunca deixaremos isso acontecer de novo. — Ela não havia dito aquilo para agradar Clare, mas sua amiga ergueu os olhos castanhos com uma centelha de esperança.

Zoraya sustentou o olhar de Sage calmamente.

— Essas coisas também acontecem em meu país. Gostaria de usar meu poder para mudar isso.

— Talvez vocês precisem de casamenteiras — disse Clare.

A rainha sorriu junto à xícara.

— Talvez.

— Senhoras? — Alex chamou do lado de fora. — Posso entrar?

— Sim — Sage respondeu.

Ele entrou e ficou acorado, pois a barraca não era alta o suficiente nem mesmo para Clare ficar em pé.

— Temos um visitante para vossa majestade — ele disse.

A rainha pareceu tão intrigada quanto Sage.

— Tragam-no então — Zoraya disse.

Alex abriu a porta da tenda e puxou um homem ensopado e cheio de lama para dentro. Sage notou que as mãos do “visitante” estavam amarradas atrás das costas. Ao ver Zoraya, ele se ajoelhou.

— Minha rainha! — gritou em kimisaro. — Pensei que a notícia era boa demais para ser verdade!

— General Oshan — disse Zoraya. — Fico feliz em vê-lo. — Seu tom, porém, indicava o contrário.

Ele ergueu a cabeça, e Sage o reconheceu. Água pingava de sua

cabeça calva sobre o tapete onde as mulheres estavam sentadas.

— Minha vida lhe pertence — ele disse. — Juro lealdade à vossa majestade e ao seu filho, o rei.

Zoraya ignorou o juramento.

— Como me encontrou? — questionou ela.

O ministro da Guerra se empertigou, constrangido.

— Tenho espiões entre os criados do brazapil Donala — ele disse. — Eles me contaram.

— E seu primeiro instinto foi fugir? — A rainha parecia descontente.

— Para alertá-la. — Oshan balançou a cabeça. — Não quis acreditar a princípio, mas concluí que Donala estava por trás do atentado contra sua vida. Ele parecia preparado demais para assumir o controle, e agora age para prejudicar seu retorno. — O general kimisaro se voltou para Alex. — Mostre a ela o que lhe entreguei.

O major tirou várias páginas rasgadas de dentro do gibão e as estendeu para Zoraya. Sage se debruçou para olhar.

— Minhas anotações particulares sobre nossa reunião em Bey Lissandra — Zoraya sussurrou.

— Meu espião as recuperou da posse de Donala — explicou Oshan. — O brazapil só pode tê-las conseguido com os assassinos. Ele está usando o conteúdo na negociação com os demoranos. Diz que apenas segue seus desejos, mas enfurece os outros ministros e brazapilla e os volta contra vossa majestade, mantendo uma aparência de lealdade.

Como Sage havia visto Donala usar o brazapil Nostin daquela forma, parecia bastante plausível.

— E o que pensa das propostas que fiz aos demoranos? — perguntou Zoraya. — Considera traiçoeiras?

Huzar tinha informado que Oshan dissera aquilo.

O general curvou os ombros.

— Considerei a princípio, minha rainha — ele admitiu, com os olhos no chão. — Ler sobre seus esforços com meus próprios olhos mudou isso. Posso não concordar com todas as propostas, mas vossa majestade é a regente. O poder para fazê-las é seu, não meu.

Ele baixou a cabeça em reverência, e Zoraya começou a estender a

mão, mas Clare ergueu a voz.

— Espere! O que aconteceu com a condessa D'Amiran e sua filha em custódia kimisara?

Depois de um aceno de Zoraya, Oshan respondeu.

— O brazapil Donala as trata bem, mais como hóspedes do que reféns. No entanto... — Seus olhos se voltaram para a rainha. — Não acredito que ele tenha a intenção de devolvê-las a Demora.

— Veremos como as intenções dele ficarão diante das minhas — Zoraya disse a Clare. Ela levantou a mão novamente.

Oshan se inclinou à frente para beijar os dedos dela.

— Minha vida é sua — ele disse de novo.

— Pelo que sou grata — a rainha disse formalmente, pousando a mão na cabeça abaixada do homem. — Ela não será desperdiçada.

Sage achou as frases um pouco macabras, mas os juramentos demoranos não eram muito diferentes. Zoraya assentiu para Alex e disse em demorano:

— Por favor, cuide para que esse homem seja alimentado e receba roupas limpas.

Alex baixou a cabeça.

— Imediatamente. — Como as mãos do general estavam amarradas, Alex o ajudou a se levantar antes de entregá-lo para o norsari do lado de fora, então se agachou perto de Sage e da rainha. — Aconselho cautela, vossa majestade — ele disse em voz baixa.

Zoraya estendeu a xícara para pegar mais caldo.

— Não sobrevivi aos últimos doze anos confiando cegamente nas pessoas — ela respondeu.

— Não acredita nele? — perguntou Lani, enchendo a caneca da rainha.

— Nunca aceito como fato o que é conveniente demais — respondeu a rainha. — O general veio para me alertar a respeito de uma conspiração contra mim, mas é quem comanda meu exército. Por que o deixou sob o controle de Donala se teme suas intenções?

Alex concordou com a cabeça.

— Vossa majestade quer que eu o mande para o acampamento demorano?

— Não — Zoraya respondeu. — Vou mantê-lo perto, precisamente porque não confio. Mas pode trocar as cordas por algemas.

Ele sorriu de leve.

— Como quiser.

— Uma coisa está clara, porém — a rainha acrescentou. — Um combate se torna cada vez mais provável. Quero que todos saibam que, não fosse pela irmã de Lady Clare, eu não gostaria que nenhuma vida fosse arriscada em meu nome.

— Por falar em aliados pouco confiáveis — Sage disse a Alex. — Alguma novidade sobre o duque Welborough?

Todos eles o estavam vigiando discretamente. A única vez em que Clare tinha falado mais do que meia dúzia de palavras fora quando Sage contara às outras sobre suas desconfianças, e ela até sabia o sentido de *pesta lundamyetsk*.

“Histórias dos *dolofans* eram a única coisa que conseguiam fazer meu irmão Edmund estudar história”, ela havia explicado. “Ele era obcecado por eles assim como outras crianças adoram piratas e bandoleiros.”

Agora, Alex balançava a cabeça.

— O duque não saiu da linha em nenhum momento, e não houve nenhuma comunicação fora do usual, embora ele tenha se oferecido para assumir a proteção de Lady Clare.

A expressão de Sage se contorceu em repulsa.

— O que você disse?

— Me fiz de ofendido pela implicação de que os norsaris não conseguiriam dar conta do trabalho.

Ela assentiu, sentindo a tensão voltar a crescer. Estavam quase em Cabeça de Flecha. Se o duque fosse agir, seria em breve.

EMBORA A CHUVA GÉLIDA TIVESSE DEIXADO todos infelizes durante a noite, tornou o avanço mais fácil na manhã seguinte. O que normalmente teria sido neve semiderretida agora era gelo sólido. Algumas horas depois, o sol aqueceu o caminho, mas, àquela altura, a lama tinha dado lugar a um terreno mais rochoso.

A apreensão deles crescia a cada quilômetro, e em consequência iam ficando rabugentos. Sage percebeu que o conselho de sua tia também servia para elas e suas amigas, e se esforçou para demonstrar apoio e preocupação, descobrindo que, muitas vezes, falar já aliviava muito a ansiedade. Elas discutiram hipóteses do que poderiam encontrar em Cabeça de Flecha, desde as mais realistas às mais improváveis, o que não apenas fazia o tempo passar como também tornava seus medos menores e mais controláveis. Por duas vezes, elas até deram risada.

Clare sorriu diretamente para ela apenas uma vez, mas era o suficiente.

Uns trinta quilômetros ao norte de Cabeça de Flecha, eles pararam de novo, e Ash Carter os encontrou. Como tinha estado a par de tudo o que havia acontecido, o tenente pôde lhes dar mais informações do que os mensageiros anteriores. Ele se juntou ao grupo em volta da fogueira, e Sage primeiro perguntou tudo o que ele sabia sobre a situação de Sophia, sabendo que Clare não conseguiria se concentrar até aquele assunto ser discutido.

— O general encontra a condessa e a filha dela duas vezes ao dia — Ash assegurou Clare, segurando suas mãos e encarando seus olhos. — Ela está bem, milady, embora sob muito estresse. Aurelia é o retrato da boa saúde. Os kimisaros têm muitas mulheres no acampamento, que vivem mimando a pequena. Sua sobrinha não percebe que é

prisioneira em nenhum sentido.

Clare relaxou um pouco, e ele soltou as mãos dela antes de continuar:

— Fora isso, a condessa Sophia começou a aprender o bastante da língua deles para relatar algumas coisas que falaram em sua presença, o que tem sido útil. Aparentemente, o general Oshan desapareceu, tendo roubado documentos importantes.

— Ele está aqui — disse Zoraya. — E os documentos eram meus, foram levados de Bey Lissandra. O braçapil Donala estava com eles.

— O que faz parecer que Donala enviou os assassinos — disse Sage. Ash franziu a testa.

— Não foi isso que a condessa disse. Ela nos falou que havia cada vez mais provas contra o general Oshan, e um dos ministros sugeriu prendê-lo, mas não houve tempo.

Aquilo explicava por que o ministro da Guerra havia deixado seu exército — estava prestes a perdê-lo de qualquer forma. A questão era se realmente pretendia alertá-los sobre a traição de Donala ou se só tentava incriminá-lo. Sage fez uma careta. Toda vez que as águas pareciam estar ficando mais claras, turvavam-se de novo. Ninguém era visivelmente inocente ou culpado, nem mesmo o duque Welborough, que continuava a se fazer de bondoso e prestativo.

— Sophia vai participar da reunião amanhã? — perguntou Clare. — Eles vão devolvê-la?

— Essa é a principal notícia que trago — disse Ash. — Os kimisaros exigiram receber a rainha em um campo aberto, onde todos do lado deles possam vê-la.

— É uma péssima ideia — disse Alex. — Ela ficaria vulnerável demais dessa maneira.

— Seu pai aceitou — Ash disse, dando de ombros. — Foram tantos os rumores que ele acha melhor deixar que o maior número possível de pessoas a visse. O esquadrão de arqueiros de elite da condessa de Jovan está à disposição, o que lhe dá confiança. — O tenente passou a mão calejada no cabelo preto como carvão. — Donala diz que não acredita que a rainha Zoraya viaja por livre e espontânea vontade e só vai apresentar a condessa quando a rainha estiver a salvo e tiver lhe

dado um relato completo de como foi tratada. — Ele apontou para Zoraya. — Como sua majestade jurou ter intenção de devolver Sophia D'Amiran ilesa, o general Quinn aceitou esses termos.

— Isso parte do princípio de que meu retorno será bem-vindo — disse Zoraya. — Pelo que o general Oshan nos relatou, Donala é o único que não considera meus acordos com a embaixadora traiçoeiros. Posso acabar sendo detida.

Ash pestanejou para ela.

— E pretende retornar mesmo com essa possibilidade?

O rosto da rainha estava impassível, mas Sage havia aprendido a reconhecer seus sinais. O braço dela ainda estava numa tpoia, e Zoraya ergueu a mão direita para torcer os dedos da mão esquerda onde antes usava o anel que fazia às vezes de sinete real.

— Não há chance de que a irmã de Lady Clare seja libertada caso eu não retorne.

Pensando em uma das possibilidades que eles haviam discutido naquela tarde, Sage falou:

— Sabemos que nossas intenções são nobres — ela disse. — Portanto, não há problema em planejar nosso próprio resgate da condessa.

— Os norsaris são perfeitos para isso — disse Alex.

— Tenho uma ideia melhor — disse Sage. — Quantas mulheres há no acampamento kimisaro, tenente?

— Cerca de trinta com a delegação inicial — respondeu Ash. — Provavelmente mais desde que Donala trouxe seu exército.

Alex já estava franzindo a testa, mas Sage o ignorou.

— Perfeito. Os kimisaros vão ostentar todas as suas fileiras, especialmente se os demoranos fizerem o mesmo, mas as mulheres quase certamente ficarão no acampamento. Com esses números e os acréscimos recentes, uma ou duas a mais não serão notadas. Duas de nós podem entrar escondidas, encontrar Sophia e sair com ela enquanto a atenção de todos está focada em sua majestade.

— Gosto dessa ideia — disse Lani rapidamente.

— Muitas coisas podem dar errado — protestou Alex.

— Por isso teremos um grupo norsari pronto para avançar se

necessário — disse Sage. — Você sabe tão bem quanto eu que teriam de apagar um ou dois sentinelas só para entrar no perímetro, o que já seria arriscado em plena luz do dia.

— Mas, se tiverem de *avançar* e resgatar vocês, farão isso com quase nenhuma discrição, o que vai contra seu propósito — disse Alex.

Sage não se deu ao trabalho de discutir com ele. Alex consideraria qualquer contingência, o que era útil.

— Eu entendo — ela disse. — Você concorda que uma mulher atravessando o acampamento carregando, por exemplo, um punhado de lenha, dificilmente será notada e interrogada?

Alex alargou as narinas.

— Sim. Você concorda que isso pode acabar sendo mais do que consegue lidar?

— Sim — ela disse calmamente. — Mas a rainha Zoraya está arriscando a própria vida por Sophia, e sequer a conhece. — Ele a encarou como se desconfiasse que a disposição dela em se arriscar tinha outros motivos.

— Não estou concordando ainda, mas vamos discutir os detalhes depois. — Ele se voltou para Ash. — Diga-nos como será a reunião.

Ash se agachou e formou um retângulo com os gravetos na terra diante dele.

— Será usado o terreno neutro no centro. Os kimisaros vão se alinhar a oeste, os demoranos a leste. — Ele traçou uma linha representando a estrada Span. — Três horas depois do nascer do sol, vocês virão do norte e levarão sua majestade à frente para os encontrar no meio, onde ficava a tenda de negociações, para que todos possam ver.

— Por que tão tarde? — perguntou Sage.

— Os kimisaros querem o sol alto o suficiente para que não esteja às nossas costas — explicou Ash. — O que poderia impedi-los de ver com clareza.

Ah. Sage deveria ter se dado conta daquilo, considerando que o ângulo da luz quase havia permitido que os kimisaros surpreendessem os casmunis e os demoranos na Batalha do Vidro Negro. Ela ainda sabia muito pouco sobre táticas militares básicas.

Enquanto Alex, Ash, Casseck e Zoraya discutiam como a rainha chegaria, Sage considerou quem deveria levar na busca por Sophia. Lani era a melhor espadachim e a menos suscetível a se deixar distrair por suas emoções, mas Clare nunca perdoaria Sage se fosse deixada para trás. A princesa casmuni podia se sair melhor ao lado de Zoraya, e manter Clare longe do duque Welborough também era desejável.

— Certo, Sage — disse Alex, interrompendo sua linha de pensamento. Ele a puxou de lado. — Vou deixar que faça isso sob as seguintes condições: primeiro, que não vá sozinha e nunca se separe de sua parceira.

— Concordo — disse Sage.

— Segundo, se acharmos arriscado demais, deixaremos que os norsaris cuidem disso.

— Concordo, desde que você não faça parte do grupo.

— O quê? — Alex quase berrou. — Não pode exigir que eu fique longe!

Sage balançou a cabeça.

— Se você for, não será objetivo, e sabe disso.

Alex cerrou os dentes, com um resmungo ecoando do fundo da garganta.

— Coloque Ash Carter ou Cass no comando dos norsaris — ela continuou. — Prometo obedecer à decisão deles. Além disso, é melhor que seja visto no encontro: sua presença vai implicar que também estou lá.

Alex fechou os olhos.

— Sage...

— O que faz mais sentido do ponto de vista tático, major? — ela perguntou. — Que você esteja no comando de uma unidade do tamanho de um batalhão marchando rumo ao que pode facilmente virar uma batalha, de olho em possíveis traidores, ou lidere uma dúzia de homens em uma missão paralela? — Ela baixou a voz. — Não provei várias vezes que sou capaz de me virar em situações de perigo?

Ele murmurou alguma coisa que ela não conseguiu ouvir, então abriu os olhos.

— Está bem. Quem vai com você?

No fim, só havia uma opção a se considerar.

SAGE E CLARE PARTIRAM COM UM ESQUADRÃO NORSARI ao pôr do sol para estar em posição antes do amanhecer. Ash Carter conhecia bem a área graças ao período em que fizera reconhecimento, de modo que Alex o havia escolhido para liderar o grupo. Até chegar, eles levaram quatro horas de cavalgada e mais três de caminhada com apenas uma réstia de luar para se orientar. Depois, elas se agacharam atrás de uma crista, aconchegadas sob os mantos que haviam ajustado às pressas para servir como sobressaias, e observaram o acampamento kimisaro ganhar vida. Sage passou o dedo no botão do punho da espada casmuni curva, envolto em faixas de couro para esconder o brilho dourado. A pressão do cabo da faca de Alex em suas costelas a tranquilizava. Clare carregava duas adagas — a dela e a com as iniciais de Sage.

— Tem várias mulheres lá embaixo — Clare sussurrou. As figuras de saias passavam por entre as fileiras de tendas, carregando baldes d'água e fardos de lenha.

Sage apontou para a tenda maior no centro, empunhando uma bandeira com o brasão azul e verde da família Donala.

— Sophia deve estar sendo mantida em cativeiro ali.

Clare concordou. A hora seguinte passou lentamente, e as duas se revezaram cochilando até os soldados lá embaixo começarem a formar fileiras.

Algo incomodava Sage enquanto sua amiga dormia.

— Clare — ela sussurrou. — Você e Sophia aprenderam a falar kimisaro, certo? — Clare assentiu. — Então por que Sophia fingiria não entender a língua?

Sua amiga revirou os olhos.

— Para que falassem livremente perto dela.

— Sim, mas por que ela disse ao general Quinn que não falava a língua? — Sage perguntou.

Clare pestanejou.

— Ela falou isso a ele?

— De acordo com Ash, sim. Ou melhor, ela disse que tinha começado a entender algumas coisas faladas em sua presença.

Clare mordeu o lábio.

— Talvez ele tenha entendido mal.

Sage franziu a testa. Era algo bastante fácil de entender.

— Talvez ela esteja enferrujada — sua amiga disse, dando de ombros. — Ou nunca tenha sido tão boa quanto nosso tutor falava para nosso pai. O sr. Walton era meio apaixonado por ela. — Clare fez uma careta. — Todos eram, na verdade. Você devia ver a pilha de cartas de amor que guardava.

— Ciúmes?

— Ela tinha ciúmes de qualquer outra pessoa que recebesse atenção, sim.

Sage ficou em silêncio; não fora aquilo que ela quisera dizer. Clare havia dito muitas vezes que Sophia havia mudado, então era bem possível que Sage estivesse sendo paranoica. E as pessoas costumavam mudar de acordo com as circunstâncias — ela tinha visto aquilo em Lady Jacqueline, que, antes do Concordium, era competitiva e maldosa. Quando Sage dera de cara com ela em Tennenhol no ano anterior, porém, Jacqueline fora bastante simpática, talvez porque a pressão para se casar bem tivesse passado. Para Sophia, no entanto, o estresse e a desgraça só haviam se acumulado. Não era de espantar que ela se apegasse tanto a Aurelia, a única coisa boa em sua vida.

Sage apertou o punho da espada. Tudo acabaria naquele dia. Sophia e sua filha nunca mais viveriam com medo.

Um a um, os pelotões foram saindo a caminho do espaço criado entre os dois acampamentos. A área aberta estava mais vazia do que nunca, agora que a tenda havia sido retirada. Havia um retângulo de relva morta no centro. Do outro lado, o exército demorava a se reunir.

Por uma fração de segundo, Sage pensou ver a cabeça morena de

Alex perto do general Quinn, mas devia ser o príncipe. Ela lançou um olhar para Clare, imaginando se a amiga realmente não notava a atenção que Robert dedicava a ela.

O batalhão de Alex ainda estava distante, esperando o sinal para marchar. Ela queria poder esperar tempo suficiente para vê-lo, mas Ash Carter rastejava para perto delas, movendo-se em silêncio pela inclinação rochosa.

— Tem um lugar perto daqui onde as mulheres vão se aliviar — ele sussurrou. — Acho que é sua melhor chance de entrar no acampamento.

Ele as guiou de volta pelo caminho que tinha vindo e apontou para o sentinela mais próximo. O homem mal olhava para as mulheres que passavam por ele. Sage olhou para Clare, que assentiu, e elas ajustaram as saias uma última vez. A *harish* que Sage trazia precisava ficar em um ângulo específico para se manter contra a perna esquerda dela, com o cabo enfiado dentro da túnica. Não era lá muito confortável, mas ela não deixaria a espada para trás. Um pequeno fardo de gravetos carregado junto ao quadril escondia qualquer volume suspeito, e Clare também ajudava, andando daquele lado.

Elas seguiram para a área onde Ash tinha visto mulheres indo e voltando a manhã toda.

— Tomara que o guarda não esteja prestando atenção em quantas saem — Sage murmurou.

— Damos cobertura a vocês, Sage — Ash disse a ela. — Se ele fizer qualquer movimento, vamos derrubá-lo. O mesmo vale se precisarmos ajudá-las a sair. Concentrem-se no que precisam fazer.

Naquele momento, o som de trompetes veio da área esvaziada, e o sentinela esticou o pescoço em sua direção. Sage respirou fundo. Era agora ou nunca.

De capuz e com olhos focados no chão, Sage e Clare passaram pelo guarda e entraram no mar de tendas.

SAGE FICARIA BEM, ALEX LEMBROU A SI MESMO. Ela era inteligente e habilidosa, e tinha uma dúzia de norsaris lhe dando cobertura. A principal preocupação dele era Clare. Assim como ele largaria tudo para chegar até Sage se ela tivesse problemas, Sage protegeria a amiga a qualquer custo.

A outra coisa que pesava sobre Clare era algo que Ash tinha puxado Alex e Sage de lado para discutir.

— O coronel Traysden não quer que mais ninguém saiba — ele disse. —, mas há um vazamento. Alguém do nosso lado está passando informações para Kimisara, provavelmente para Donala.

— Que tipo de informações? — Alex perguntou.

— As mais confidenciais. — Ash balançou a cabeça. — Coisas que discutimos apenas em reuniões particulares, como o fato de que a rainha Zoraya estava viva. Nem mesmo os guardas do seu pai estavam presentes naquela reunião.

Alex revirou o cérebro, tentando lembrar as conversas de que havia participado. Havia alguém que estava sempre presente, sempre em silêncio. Sempre registrando.

— O tenente-coronel Murray — ele disse.

Sage franziu a testa.

— O assistente pessoal do seu pai?

Alex assentiu.

— Que bom que não fui o único a pensar nele — disse Ash. — Comentei com Traysden e seu pai, mas nenhum dos dois quis escutar.

— Nem eu consigo acreditar direito — disse Alex. — Murray está com meu pai desde que me entendo por gente.

— Costumamos ser cegos ao que está bem embaixo do nosso nariz

— disse Sage. — Não o conheço muito bem, mas é muita coincidência. Alex balançou a cabeça.

— Não tenho olhos suficientes para vigiar Donala, Oshan e Welborough, e ainda proteger a rainha.

— Já deixei Rob de olho nele — Ash havia dito. — Queria apenas que vocês também soubessem.

Agora, Alex estava montado em Surry, perto da rainha Zoraya, que cavalgava o garanhão branco de Sage, Snow. Ao lado dela estava a princesa Lani, usando um vestido e um manto que havia ganhado da baronesa em Galarick, o que a obrigava a cavalgar de lado. Quando Alex havia perguntado a respeito, ela havia aberto o manto para mostrar que tinha cortado o vestido de modo a permitir que uma *harish* casmuni ficasse aninhada contra o tecido.

— Eles verão que estou de saias e não desconfiarão que também estou armada — ela disse.

Alex não tinha como discordar.

Atrás deles estava seu exército reunido. Por mais heterogêneo que fosse, a formação se mantinha como um batalhão profissional. Mas Alex preferiria não ter de colocá-la à prova.

Cass veio cavalgando da direção do campo. Ele bateu continência antes de dar seu relatório.

— Todos estão se movendo para seus lugares em volta do centro. O general quer que sua força espere até os dois lados estarem reunidos e que venham do norte quando ele der o sinal.

— Muito bem.

Alex se virou para passar a informação e viu algo que fez seu sangue gelar.

O duque Welborough havia avançado à frente de sua companhia e conversava com o general Oshan, que estava algemado a seu cavalo. Merda. Ele deveria ter alertado os guardas para não permitir que o duque conversasse com o prisioneiro kimisaro.

O som dos trompetes ecoou do sul, as notas longas reverberando pela paisagem rochosa e ecoando até chegar a eles.

Era hora de ir. Um atraso poderia ser desastroso.

— Cass, fique grudado ao duque — foi tudo o que ele teve tempo de

dizer. Alex gritou para o batalhão partir e esporou seu cavalo para que seguisse em frente.

O último quilômetro para o cruzamento foi o mais longo de sua vida. Assim que o lado demorano surgiu à vista, Alex procurou por seu pai e o coronel Murray, encontrando-os na frente e no centro, prontos para atravessar o campo e o retângulo de grama morta. O príncipe Robert estava com eles, e atrás havia uma fileira de dez soldados de Jovan que tinham chegado com a condessa Sophia. Eles usavam o manto com o lado direito dobrado sobre o ombro, expondo a besta que cada um carregava embaixo do braço e o broche de flecha prateado que indicava sua pontaria exímia. Alex se sentiu muito mais seguro.

Atrás deles, fileira após fileira de soldados demoranos estavam em posição de sentido. Kimisara havia se reunido do outro lado do campo, com a mesma posição. O general Quinn tinha convocado o maior número possível de homens, obrigando o outro lado a trazer a mesma quantidade e deixando o acampamento atrás deles menos protegido.

Alex mandou o exército parar à beira do campo, e um silêncio se fez quando mil botas pararam atrás dele. O brazapil Donala caminhou à frente e Robert foi ao seu encontro. Alex ficou tenso e tentou aplacar o frio em seu estômago diante da vulnerabilidade de Rob.

— Temos informações de que Zoraya, a rainha regente de Kimisara, está em sua posse — Donala disse, a voz ecoando pela área aberta, alto o bastante para metade de ambos os exércitos escutarem. — Exigimos o retorno dela.

— Não é verdade — disse Rob com clareza, causando um murmúrio pelas fileiras kimisaras. — Ela vem de livre e espontânea vontade. — O príncipe ergueu o braço e fez sinal para Alex e os demais se aproximarem. Como Donala avançara sozinho, Alex não se atrevera a levar mais ninguém além de Lani.

Estavam expostos.

Eles cavalgaram um pouco à frente para se separar da força atrás, depois desmontaram, Alex ajudando a rainha e depois Lani. Zoraya caminhou na frente, com a cabeça erguida. Parou a alguns metros do nobre. Quando seus olhos azuis encontraram os de Donala, o brazapil

se ajoelhou.

— Minha rainha — ele sussurrou, baixando a cabeça para o chão.

Atrás dele, lanças e escudos foram derrubados e fileira após fileira se ajoelhou. No fundo, algumas mulheres olharam boquiabertas antes de cair de joelhos. Alex vasculhou a área freneticamente. Só podia ser um truque. Rob e Lani trocaram olhares receosos. Até mesmo Zoraya pareceu espantada.

Donala ergueu a cabeça, com lágrimas nos olhos.

— Minha rainha, fiz de tudo em meu poder para preservar seu reinado. O rei está seguro e o traidor Oshan fugiu, mas vamos capturá-lo em breve. — O brazapil rastejou à frente e encostou a testa nos pés dela. — Minha vida lhe pertence.

A rainha deu um passo para trás.

— Por que tenho um exército atrás de mim? — Zoraya perguntou. — *Agora sou sua rainha?*

Donala recuou, com a testa franzida em confusão.

— Vossa majestade sempre foi minha rainha. — Ele virou um pouco, estendendo o braço para indicar as fileiras atrás dele. — *Este é seu exército.* Eu o dou a vossa majestade.

Ou o brazapil era um grande ator ou estava sendo honesto. Todos prenderam a respiração, esperando o que a rainha diria em seguida.

E, no silêncio, Alex ouviu o som distante do grito de Sage.

A MAIORIA DAS MULHERES se dirigia à beira do acampamento, querendo ver o que acontecia no campo. Sage e Clare colocaram a lenha em cima de uma pilha pequena, depois pegaram um par de baldes d'água que estavam largados no chão e seguiram na direção da tenda de Donala. O rosto de Clare ficou branco de tensão sob o capuz enquanto elas se aproximavam dos dois guardas do lado de fora, mas os homens fizeram sinal para que entrassem. Enquanto passavam, um bateu na bunda de Clare, fazendo-a se sobressaltar e adentrar a tenda com um grito agudo. O homem riu e fechou a porta de lona atrás delas. Clare se virou e fez um gesto obsceno com a mão livre.

— Espírito do céu, Clare — Sage sussurrou, puxando-a para dentro da tenda. — Quem lhe ensinou esse tipo de comportamento?

Clare sorriu.

— O que acha?

Elas tiraram o capuz e perscrutaram o espaço escurecido ao redor, deixando os olhos se ajustarem. Uma luz baixa vinha de uma área parcialmente dividida perto dos fundos da tenda, e Clare seguiu para lá enquanto Sage afrouxava a saia improvisada para soltar a *harish*. Quando chegou à cortina, Clare exclamou e soltou o balde, derramando água no tapete.

— Sophia!

A condessa D'Amiran ergueu os olhos. Estava sentada, mexendo em uma pilha de pergaminhos sob a luz de um castiçal. Sua filha pequena se encontrava aos pés dela, brincando com blocos de madeira. Ao reconhecer Clare, Sophia se levantou de um salto e correu até a irmã com os braços estendidos. As duas se abraçaram por um tempo.

— O que está fazendo aqui? — elas sussurraram ao mesmo tempo.

— Lendo os papéis de Donala — Sophia respondeu, apontando para a mesa coberta de documentos. — Eles não sabem que falo kimisaro.

Sage franziu a testa. O general Quinn poderia ter usado aquela informação. Passou pela cabeça dela que Sophia podia ter escondido que sabia a língua porque o general não a havia mantido inteiramente informada, mas aquilo seria não só vingativo como perigoso.

— Estou aqui para resgatar você — disse Clare, e apontou para Sage. — Nós estamos aqui para resgatar você.

A expressão da condessa ficou tensa.

— Perdoe-me se não dou valor à pessoa que fez minha irmã passar por tanto perigo.

Sage arqueou a sobrancelha.

— Clare insistiu em vir junto. Ela é bem habilidosa com uma faca, sabia?

— Estava me referindo a levá-la para Bey Lissandra — Sophia retrucou. — Por que não a deixou continuar com a escolta até Jovan?

— Todos acabaram mortos, como você deve lembrar — disse Sage, baixando as sobrancelhas. — Acho estranho que deseje que Clare estivesse entre eles.

Sophia fez um movimento de mão no ar como se derrubasse as peças de um tabuleiro de xadrez.

— Eu sabia que havia bandoleiros perambulando pela região. Se ela estivesse com a escolta, teria enviado minhas forças para aumentar sua proteção, mas você teve de arrastá-la em sua busca ridícula.

— Eu quis ir com ela — disse Clare, balançando a cabeça. — Não culpe Sage.

— Você disse que ela *precisava* de você — retorquiu Sophia. — Sou sua irmã, Clare. Implorei que voltasse para mim em todas as cartas. Quando finalmente teve a chance, escolheu *ela*.

Sage não sentiu triunfo com as palavras da condessa, porque um pavor gelado cortava seu peito. O mensageiro do duque Welborough fora enviado a Jovan, mas Sophia tinha fugido para Cabeça de Flecha dizendo não saber aonde Clare havia ido nem que o grupo de escolta existia, porque o mensageiro nunca havia chegado.

Ou seria mentira?

Sage levou as mãos para perto das armas na cintura.

— Deve ter se enfurecido ao saber que ela preferiu ir a Bey Lissandra em vez de Jovan — disse, com um tom provocador.

— Inveja está abaixo de mim — Sophia retrucou. — Morri de preocupação por ela durante todo o caminho para cá.

— Se não sabia nada sobre a escolta, quem lhe contou aonde sua irmã tinha ido? — perguntou Sage.

— Eu contei — disse Clare. — Na minha carta. Ela merecia saber.

— Mas a condessa não chegou a receber essa mensagem, lembra? — A mão direita de Sage apertou o punho da espada.

— O tenente Carter me contou aonde vocês foram — Sophia disse desdenhosamente.

— Não, não contou — disse Sage. — Ele só soube quando vocês chegaram.

— Que diferença faz quem me contou? — Sophia ergueu as mãos.

Clare olhava de uma para a outra.

— Sage, o que está querendo dizer?

Inteligente. Ambiciosa. Audaz.

A casamenteira tinha visto aquilo em Sophia anos antes.

— Estou dizendo que havia uma pessoa de fora que sabia que estávamos indo a Bey Lissandra. — Sage sacou a espada, e a condessa cambaleou para trás, segurando o canto da mesa. — Uma pessoa que teve tempo suficiente para enviar assassinos.

Clare avançou para proteger a irmã com o próprio corpo.

— Sage! Está fora de si?

— Que veneno usou na escolta, *vossa graça*? — Sage chiou.

— Em nome do Espírito, por que ela teria feito uma coisa dessas? — exclamou Clare.

Sage ergueu a espada e a apontou para Sophia.

— Porque, com aqueles norsaris e casmunis em Jovan, sua irmã não teria como dizer que estava em perigo. Ela não teria uma desculpa para fugir para o general Quinn.

Não tinha sido o tenente-coronel Murray, como Ash havia temido, nem ninguém mais.

Sage manteve a voz baixa enquanto dava um passo à frente.

— Ela queria o conde morto porque tinha ódio dele, e queria a rainha Zoraya morta para acabar com a possibilidade de paz. Eles eram necessários, mas eu era um bônus, para que você nunca me escolhesse no lugar dela de novo.

Pesta lundamyetsk. Uma frase que Sophia havia aprendido na infância, mas cujo uso implicava uma dezena de outros.

— Sophia *nunca* conspiraria com Kimisara! Por que faria isso? — insistiu Clare, mas, atrás dela, um brilho furioso surgiu nos olhos da condessa.

— Ela não conspirou — disse Sage. — Mas informou. Os kimisaros só souberam que Zoraya estava viva quando Sophia soube. É *ela* quem está passando informações a Donala. — Sage balançou a cabeça. — Mas só usava o ministro e todos os outros para conseguir o que queria. Para parar aqui, como uma refém que Kimisara nunca devolveria depois da morte da rainha. Ela enganou todo mundo.

A boca de Sophia se contorceu em um sorriso repulsivo.

— Falando assim, parece mais difícil do que realmente foi.

Clare ficou boquiaberta e se virou para encarar a irmã.

— Ah, Sophia, não!

— Fique quieta, Clare. — Sophia não tirou os olhos de Sage. — Nosso pai nos tratou como ferramentas capazes de gerar mais riqueza. Minha filha tem pela frente uma vida sendo disputada e usada para a vantagem dos outros. Eu e Aurelia não somos nada além de cavalos de carga para Demora, carregando títulos e poder que nunca poderemos usar para que o rei e seu conselho o confirmem a quem quiserem.

— Isso não justifica traição — disse Sage. — Nem assassinato. — Clare ainda estava entre elas, impedindo Sage de se aproximar. — Como convenceu Donala?

— Da mesma forma que convenci todos, fazendo-me de desamparada. É fácil quando é o que esperam de você. — Sophia apontou para a mesa atrás dela. — O tolo é leal demais à rainha para partir. Senão, eu já estaria em Kimisara a essa altura.

Ela tinha fornecido as anotações de Zoraya ao brazapil Donala, pensando que aquilo faria com que ele partisse, no entanto, ele tentara colocá-las em prática, porque era o que sua rainha queria. Sage

pensou que Donala provavelmente não sabia quem as tinha enviado. Era mais seguro para Sophia fingir não saber de nada, senão correria o risco de ser ainda mais questionada.

— Como o barão Underwood se encaixa em tudo isso?

— Como um cão pastor — disse Sophia com desdém. — Depois que eu disse a ele que consideraria Aurelia para seu filho daqui a alguns anos, o barão ia aonde eu mandasse, e gostava de causar problemas para o general Quinn. Demora pode ficar com ele.

— E o general Oshan? — Sage deu um passo para a esquerda, tentando dar a volta por Clare, que estava ancorada no mesmo lugar. — Você o enviou para matar a rainha depois que falhou pela primeira vez?

Sophia bufou.

— Não, mas ele vai levar a culpa quando ela morrer hoje. Donala está quase convencido de que ele estava por trás de tudo. Nem precisei plantar evidências.

Zoraya estava em perigo, mas não havia nada que Sage pudesse fazer.

— O que vai acontecer quando você chegar a Kimisara?

— Donala vai se tornar regente e eu serei sua esposa.

— O brazapil já é casado — disse Sage, embora não fizesse ideia se aquilo era verdade.

A condessa pegou um pergaminho da pilha atrás dela e o levantou.

— Não por muito tempo, de acordo com isto.

Sophia deixou o pergaminho cair, e Clare se agachou para pegá-lo. Os olhos de Sage seguiram o movimento por reflexo. Naquela fração de segundo, com Clare agachada e fora do caminho, a condessa atirou o castiçal aceso por cima das costas da irmã na direção de Sage.

O GRITO PARECIA ABAFADO E DISTANTE, mas era dela. Era Sage gritando.

Antes que Alex pudesse reagir, o brazapil Donala se lançou sobre Zoraya, derrubando-a no chão enquanto flechas cortavam o ar na direção deles. Robert caiu de joelhos, apertando o braço. Alex correu até o primo com a espada em punho, e uma flecha de besta acertou a lâmina, esstraçalhando-se e lançando farpas em seu rosto. Nenhuma acertou os olhos, mas sangue começou a escorrer rapidamente de um corte na testa.

Os tiros vinham do lado demorano.

O silvo letal de flechas encheu o ar, seguido pelo som inconfundível delas atingindo carne. Casseck foi voando em seu cavalo na direção deles. Ele se agachou para pegar Lani, mas a princesa já estava com a espada desembainhada e fez que não precisava enquanto se erguia diante de Zoraya, com um pé nas costas de Donala.

— Estou bem — o príncipe disse, apertando o ombro direito enquanto sangue escuro escorria por entre seus dedos. — Foi só de raspão.

As flechas pararam tão abruptamente quanto haviam começado. Alex limpou o sangue dos olhos e olhou para as fileiras demoranas. Os arqueiros jovens tinham sido derrubados e dominados pelos soldados atrás deles. Robert se levantou com dificuldade.

— Pode me dar minha espada?

Alex levou um segundo para entender que seu primo não conseguia sacar a arma com o único braço que conseguia usar. Ele tirou a espada da bainha e a entregou para ele. Robert apertou o cabo com a mão esquerda ensanguentada, deixando o ferimento no braço direito sangrar livremente. Cass havia desmontado e chutou Donala de lado,

ficando costas com costas com a princesa Lani, pronto para defender Zoraya. A calça e a camisa do brazapil estavam encharcadas de sangue, mas Alex não conseguia ver onde ele havia sido atingido. Uma fileira de soldados a cavalo guiados pelo duque Welborough foi correndo até eles, e por um momento o pavor tomou conta de Alex, diante das chances escassas que ele e Robert tinham. Então, firmou os pés e ergueu a espada para desafiar o duque quando o homem acenou e gritou para aqueles atrás dele formarem um perímetro. Enquanto se reuniam em volta do chão cravado de flechas, com as armas apontadas, Welborough parou e bateu continência, então Alex percebeu que o duque tinha vindo para defendê-los. Respondeu a continência, aliviado, mas agora os kimisaros avançavam pelo campo em direção à rainha caída.

Santo Espírito, que bagunça.

O muro de soldados entre eles e os kimisaros que se aproximavam se solidificou, e outros estavam vindo do exército do general Quinn e do batalhão de Sage. Dentro do círculo em volta deles, ficou quase silencioso por um momento, o que não duraria muito.

— Eu ouvi — Rob disse para Alex. — Ouvi Sage logo antes disso começar. — Ele indicou a direção do acampamento kimisaro com a cabeça. — Vá.

Alex não precisou ouvir duas vezes. Pegou o cavalo solto de Casseck, jogou-se em cima do dorso do garanhão e esporou o animal para que corresse.

TRÊS CHAMAS MINÚSCULAS.

Era apenas aquilo. Uma até se apagou no ar, restando apenas duas. Mas foi o suficiente.

Sage derrubou a espada e gritou como se estivesse pegando fogo, porque, em sua mente, ela estava. Cera quente atingiu seu pescoço e o cheiro de cabelo queimado chegou a seu nariz enquanto cobria o rosto com os braços e se curvava. Sua perna e seu braço esquerdo pareciam derreter. Ela se agitava, batendo nas chamas fantasmas em suas roupas.

O ardor de um tapa atingiu sua bochecha, derrubando-a e acabando com a alucinação. Ela estava com a cara no tapete, tentando lembrar onde se encontrava, então uma mão segurou seu cabelo e a levantou. Havia dois guardas kimisaros diante dela. A adaga em sua cintura — *a adaga de Alex*, Sage pensou em estupor — foi arrancada da bainha e pressionada contra seu pescoço.

— Isso não é da conta de vocês — uma voz em seu ouvido rosnou em kimisaro. — Voltem para seus postos.

Os dois homens baixaram as armas e recuaram até sair pela porta de lona.

— Engraçado como alguns homens são fáceis de subornar — disse Sophia em demorano. A condessa virou Sage de frente para Clare, que estava ajoelhada no chão, olhando febrilmente ao redor. Aurelia se levantou com dificuldade e se jogou na direção da mãe, chorando. Sage sentiu a menininha se agarrar à perna dela e à de Sophia, mas não conseguia mover a cabeça com a lâmina em sua garganta.

— Calma, querida — a mãe a tranquilizou. — Fique atrás de mim. — Os bracinhos soltaram Sage.

Clare se levantou para encarar a irmã, os olhos arregalados de horror.

— O que está fazendo?

— Era estricnina — Sophia sussurrou no ouvido de Sage. — Eu mesma levei um barril de vinho para eles e ofereci um brinde. Ninguém se atreveu a recusar. — Lágrimas escorreram dos olhos para o cabelo de Sage enquanto ela pensava em Mara e Feshamay. — Mas não fiquei para a parte suja.

— O que está dizendo? — questionou Clare, dando um passo à frente. — Solte-a!

Houve um grito distante lá fora e o choque de armas.

— Parece que a rainha foi assassinada de verdade agora — disse Sophia. — O que significa que você tem uma escolha a fazer, Clare.

— Que escolha? — A irmã de Sophia balançou a cabeça, confusa, as lágrimas enchendo seus olhos.

— Donala será regente agora, e vai voltar a Kimisara comigo como garantia de que os demoranos não atacam. Não retornarei. É a única maneira de proteger Aurelia.

— O rei Raymond vai protegê-la! — gritou Clare. — Ele me prometeu!

Sophia balançou a cabeça. Sage queria se soltar, mas a faca estava tão apertada contra sua garganta que tinha de ficar na ponta dos pés para não se cortar, e ainda assim a lâmina raspava o suficiente para tirar sangue. Qualquer movimento e estaria morta.

— Estou farta de Demora — vociferou Sophia. — Era para eu me casar com o príncipe Robert, sabia disso? A srta. Gerraty tinha me escolhido para a união. Eu seria rainha um dia.

— Na verdade — arfou Sage —, ela escolheu Clare. Vi suas anotações.

— Mentira!

— Nada disso importa, Sophia — Clare suplicou. — Nenhuma de nós conseguiu o que queria.

— Agora vou conseguir — Sophia disse. — Venha comigo. Vou me casar com Donala e governar ao lado dele. Você pode ficar conosco.

— Vai trair sua família, seu país, por uma *regência*? — Sage não

conseguia entender por que estava provocando a mulher que tinha uma faca contra sua garganta, mas odiava Sophia, e queria que ela soubesse aquilo antes de morrer. — Você é mais patética do que eu pensava.

— Nenhuma palavra a mais, sua plebeia deplorável! — A faca cortara a pele. Sage sentiu o sangue escorrer por baixo da camisa. — E não será assim — Sophia disse a Clare. — Vou criar Aurelia junto com o rei menino. Serei a nova mãe dele. E quem tem mais poder do que a mãe de um rei?

— Eu vou com você, Sophia — Clare disse em voz baixa. — Apenas se deixar Sage fugir.

Sophia balançou a cabeça.

— NÃO. Não posso permitir que volte correndo para Demora no minuto em que eu virar as costas. Você virá comigo; só precisa decidir se em uma carruagem ou algemada.

Sage tinha visto como o príncipe Robert olhava para Clare, mas nunca dissera nada porque sua amiga não estava pronta para aquela possibilidade, não enquanto ainda sofria pela morte de Luke Gramwell. De alguma forma, Sophia também havia descoberto a atração dele e não correria o risco de deixar que Clare tivesse o que acreditava que era seu por direito.

A faca no pescoço de Sage se moveu um centímetro para o lado, e mais sangue pingou sobre sua clavícula.

— Não! — Clare exclamou. Ela estendeu o braço para Sage, mas parou pouco antes de tocá-la. — Eu vou! Eu vou! Faça o que você quiser!

— Então saque sua faca e prove.

— Como? — arfou Clare.

— Use-a em Sage — disse Sophia, puxando a embaixadora pelo cabelo novamente. — Mostre-me que está sendo sincera. Escolha a mim desta vez.

Sage inspirou três vezes, com dor e dificuldade, antes de Clare sussurrar:

— E se eu não fizer isso?

— Eu farei por você, bem devagar — disse Sophia. Sua voz era fria

como gelo. — Depois vou chamar os guardas para prender você.

Sage fechou os olhos. Não conseguia nem engolir a saliva sem cortar ainda mais o pescoço. Sophia ia matá-la de uma forma ou de outra. Talvez devesse relaxar o corpo e poupar Clare de tomar a decisão.

— Nem pense nisso, sua vadia — Sophia sussurrou em seu ouvido, e Sage ficou tensa e abriu os olhos de novo. — Se Clare não o fizer com as próprias mãos, vai parar na masmorra.

Para garantir que jamais retornasse a Demora.

Ela ouviu uma luta próxima, logo atrás da porta. Mesmo com o estrondo rítmico do metal, identificou claramente o sussurro de uma adaga sendo desembainhada à sua frente. A dela. A que havia emprestado a Clare para que tivesse duas. A faca de Alex estava em sua garganta e sua própria faca logo estaria em sua barriga. Ao menos morreria entre amigos.

— Sage — disse Clare. — Olhe para mim.

Sophia afrouxou o bastante para Sage baixar a cabeça. Lágrimas escorriam sem parar pelas bochechas de Clare. A adaga em sua mão se contorceu.

— Sinto muito — ela sussurrou.

— Eu também — disse Sage.

— Vire-se, filha — Sophia disse a Aurelia. — Feche os olhos.

A luta lá fora acabou com um gemido e o som de um corpo caindo no chão. Clare avançou subitamente, e Sage arfou quando uma pontada de dor trespassou o lado esquerdo de sua barriga. Suas pernas cederam, e Sophia a soltou. Sage caiu de joelhos, apertando o cabo da faca quando Clare soltou. Sangue quente vazava por suas roupas e sobre seus dedos.

Sage ouviu o sorriso na voz de Sophia.

— Muito bem, Clare.

ALEX AVANÇOU PELO ACAMPAMENTO KIMISARO, ouvindo os sons da batalha logo atrás. Mulheres gritavam e se dispersavam enquanto ele atacava qualquer soldado que o desafiasse. Fora da tenda com o brasão da família de Donala, havia dois guardas com armas em punho. Alex atirou a adaga de seu cinto no pescoço do homem mais próximo ao passar. Em seguida, deu a volta e desmontou para enfrentar o segundo, que lutou por um minuto inteiro. Enquanto o homem jazia no chão, soltando o último suspiro, Alex tirou a faca do pescoço do primeiro guarda morto e correu para dentro. No extremo oposto do espaço aberto, Lady Clare e a condessa Sophia se encaravam. Sage estava de joelhos entre elas, apertando a barriga.

Antes que Alex pudesse entender o que acontecera, Clare deu um soco na cara da irmã.

A cabeça de Sophia D'Amiran voou para trás, o corpo seguindo o movimento, e uma adaga de cabo preto e dourado caiu da mão dela. A condessa caiu de costas no chão. A criança que estava aos seus pés se agarrou às saias dela, aos berros.

— Desculpe, Sage! — Clare se ajoelhou na frente dela, chorando. — Desculpe! Não se mexa! Fique parada!

Alex chegou ao lado de Sage para ver mais um cabo preto e dourado saindo de seu estômago.

— Estou bem — Sage murmurou com a voz áspera. — Eu acho.

Era tão absurdo que Alex levou alguns segundos para entender.

— *Ela esfaqueou você?*

— Tive que fazer isso! — Clare gritou. — Ouvi você lá fora, e se não fizesse alguma coisa Sophia teria cortado a garganta dela assim que entrasse! — O pescoço de Sage estava rosa e vermelho do atrito, e

sangue escorria de um corte raso.

Sophia se sentou, tossindo e com sangue pingando de seu nariz. Clare deu a volta por Alex até a faca que a condessa havia derrubado, depois a pegou e acertou o cabo na têmpora da irmã, que caiu como uma pedra. Clare soltou a adaga e se sentou, então uma risada leve e histérica escapou de seus lábios.

Sage virou a cabeça para olhar.

— Eu teria feito isso, mas tem uma faca na minha barriga. — Ela parecera bêbada ao falar. A lateral de seu gibão estava molhada de sangue, mas não tanto quanto Alex esperaria ver em uma ferida intestinal.

— Segure-a em pé — ele disse a Clare, desafivelando o cinto de espada de Sage para conseguir puxar as roupas dela para trás. A adaga saiu junto com o colete, revelando um corte reto na cintura. Alex ergueu a camisa dela e cutucou a ferida para ver até onde ia.

Só até o músculo. Louvado fosse o Espírito. Mas ela ainda poderia sangrar até a morte.

Ele puxou a faca do gibão dela e pressionou as roupas contra a ferida.

— Vou buscar ajuda — disse Clare, levantando-se de um salto. — O tenente Carter e os outros já devem estar vindo até nós.

— Tenha cuidado — Alex disse. Clare assentiu enquanto pegava a espada da amiga e saía correndo. Alex segurou Sage com um braço em suas costas, fazendo pressão no abdome dela com a mão. — Fique comigo.

— Não culpe Clare — Sage murmurou, enrolando as palavras. — Eu sabia que ela tinha apontado para o lado. Sempre hesita um pouco antes. Se entrega. — A cabeça dela caiu para trás enquanto tentava não desmaiar. — E Sophia ia me matar se não tivesse feito isso. Tinha que parecer real.

— Mas por quê?

— A condessa estava por trás de tudo. — Sage sussurrou, fazendo uma pausa para respirar mais fundo. — Os assassinos, o grupo de escolta envenenado, as informações passadas a Donala, embora eu ache que ele não soubesse que vinham dela. Foi Sophia quem fez tudo.

— Ela olhou por cima do ombro de novo. — Coitada da menina.

Aurelia D'Amiran soluçava junto à mãe, confusa e apavorada, fios de cabelo colados às bochechas riscadas de lágrimas. Alex não teve coragem de soltar Sage para pegar a criança.

— Sophia queria poder, mas também queria proteger a filha — disse Sage, com lágrimas escorrendo dos olhos. — E sabia que nunca teria controle sobre o próprio destino em Demora.

A cabeça de Sage estava virada, dando a Alex uma visão completa do corte no pescoço dela. A ferida rasa tinha coagulado e o sangramento cessara, mas a condessa poderia facilmente ter pressionado um pouco mais e acabado com a vida de Sage em questão de segundos.

— Não me importo — ele disse. — O que ela fez foi imperdoável.

— Eu não disse que era perdoável — Sage se afundou contra ele, mas conseguiu se manter consciente. — Só... trágico.

ALEX CARREGOU SAGE DE VOLTA ao lado demorando do acampamento e a segurou enquanto o cirurgião costurava a ferida em forma de meia-lua, mas Clare tampouco saiu do lado dela. Ela ficou em silêncio, as lágrimas deixando rastros em meio à terra e ao sangue em suas bochechas. Sage queria dizer algo reconfortante, mas já era difícil ficar parada em meio à suturação. Ela recusou qualquer tipo de analgésico, embora Alex tivesse oferecido, e pegou no sono logo em seguida.

Ele havia saído quando ela acordou algumas horas depois, mas Clare estava sentada perto de sua cama, com as mãos no colo, olhando inexpressiva para os pés de Sage. Ainda usava as mesmas roupas daquela manhã, manchadas pelo sangue de Sage, e não havia lavado o rosto.

— Você precisa de um banho — Sage disse com a voz rouca. Sua língua estava tão seca que tinha grudado no céu da boca.

Clare virou o rosto para ela.

— Você está acordada. — Ela fez menção de pegar a mão de Sage, mas recuou. — Como se sente?

— Com sede. E zozza.

— Você perdeu muito sangue. — Clare entornou água do cantil em um copo, mas suas mãos tremiam tanto que derramou quase metade.

Sage se apoiou no ombro direito, e a amiga quase entrou em pânico.

— Você precisa ficar deitada!

— Não consigo beber deitada — Sage reclamou. — E só dói um pouco.

Pelo menos comparado com o quanto doía antes.

Clare levou o copo aos lábios dela. Enquanto Sage bebia

obedientemente, notou que a outra olhava para as próprias mãos. Quando terminou de beber, Clare puxou o copo, ainda evitando encará-la nos olhos.

— Mais?

— Não, obrigada.

— O major Quinn disse que você precisa beber muita água.

— Estou bem por enquanto, mas queria um travesseiro para me ajudar a ficar um pouco sentada.

Imediatamente, Clare colocou atrás de seus ombros um travesseiro que ela reconheceu ser da tenda da embaixadora. Então o ajustou, tentando garantir que ficasse perfeito, sem nunca olhar diretamente no rosto de Sage.

— Como está? — ela perguntou por fim.

— Maravilhoso — Sage disse, afundando-se e sorrindo para tranquilizar a amiga, que tinha levado as mãos às pernas e encarava os hematomas na mão direita. Por meio minuto, ficou torcendo os dedos, com a boca trêmula.

— Desculpe — Clare começou a chorar de repente. — Desculpe, Sage!

— Estou bem. De verdade.

Clare deixou as lágrimas caírem livremente.

— Ela queria que eu te matasse! Eu quase te matei!

Sage balançou a cabeça.

— Você não teve escolha.

— A pior parte é que Sophia achou que eu ia *escolhê-la*. — Clare esfregou o rosto com a manga suja.

— Nunca considerou ficar do lado dela?

— Nem por um segundo! — Clare exclamou.

— Se faz você se sentir melhor, não achei que escolheria.

Clare a encarou surpresa, com descrença nos olhos vermelhos.

— Mesmo depois de tudo o que falei nas últimas semanas? De como agi ao saber sobre você e o major Quinn?

— Bom, eu mereci a maior parte. — Sage se ajustou um pouco e suspirou. — Não tenho sido muito atenciosa com você nos últimos tempos.

— Só estava tentando cuidar de mim — Clare disse, secando os olhos de novo. — Como sempre fez.

— Algumas vezes — Sage admitiu. — Mas também fui incapaz de admitir que você não precisava mais de mim.

— Eu preciso de você, Sage.

A embaixadora abriu um sorriso de viés.

— Está bem, você precisa de uma amiga, mas não de tudo o que eu vinha fazendo. Eu diria que estava agindo como uma irmã mais velha, mas essa pode não ser a melhor comparação, considerando as circunstâncias.

Clare riu um pouco antes de suspirar.

— Irmã ou não, nunca teria tentado me fazer escolher entre você e outra pessoa. — Ela balançou a cabeça. — Ainda não consigo acreditar que Sophia fez isso. Ou consigo, e é por isso que dói tanto.

— Sinto muito que tenha sido colocada nessa situação — disse Sage, pegando a mão da amiga.

— Fui eu quem esfaqueei você, mas é você quem está pedindo desculpas.

— Era melhor do que a alternativa. Você salvou minha vida. Boa mira, aliás.

Clare apertou os dedos de Sage, mas não conseguiu sorrir daquela vez.

— O que vai acontecer com Sophia agora? — ela sussurrou.

Sage apertou os dedos dela em resposta.

— Haverá um julgamento, mas deve haver evidências suficientes para que você não precise depor se não quiser.

Os olhos de Clare estavam secos quando assentiu.

— E Aurelia?

— Precisaré de um novo guardião. Acho que deve ser você.

— Concordo — disse uma terceira voz. Sage e Clare ergueram os olhos para encontrar o príncipe Robert parado perto delas, com o cabelo quase preto caindo sobre a testa. Ele estava pálido por ter perdido sangue, como mostrava a faixa em seu braço, mas a cor voltou a suas bochechas quando Clare o encarou. Ela fez menção de se levantar, mas ele sinalizou para que continuasse sentada. — Estava

planejando sugerir isso ao meu pai, supondo que é o que deseja, Lady Clare.

Ela mordeu o lábio e corou um pouco.

— É sim, vossa alteza. Obrigada.

— Não precisa agradecer. — Robert puxou um banquinho para o lado esquerdo de Sage e se sentou. — Falei para Alex que veria como você estava. Ele está lá fora, resolvendo a bagunça, já que não pode contar com Cass. A perna dele foi atingida por uma flecha apontada contra a rainha Zoraya.

— Cass está bem? — Sage perguntou, preocupada.

— Vai ficar — o príncipe a tranquilizou. — Mas vai mancar por um tempo. E você, como está?

— Cansada — ela respondeu.

— Posso ficar aqui se Lady Clare quiser descansar.

A outra corou mais e se levantou, puxando a manga manchada de sangue.

— Não preciso descansar, mas, se fizer essa gentileza, preciso de alguns minutos para me lavar. — Ela fez uma reverência e saiu.

O príncipe a observou ir, com um leve sorriso no rosto.

— Como ela está lidando com isso tudo? — ele perguntou a Sage quando ficaram a sós.

— Da melhor maneira possível.

Robert assentiu enquanto se virava para encará-la, com um olhar sério.

— Quero que o julgamento de Sophia seja em Jovan, e o quanto antes, para que os kimisaros possam participar.

Sage assentiu.

— E depois?

— A punição para traição é morte. — O príncipe balançou a cabeça com tristeza. — E a princesa Lani em especial tem o direito de exigir isso. Mas a rainha Zoraya também. A execução de Sophia pode ser o que permitirá que essa paz frágil se mantenha.

— A presença do rei não é necessária para essa sentença?

— Mandeí que o chamassem. — Robert suspirou e passou a mão no cabelo. — Sophia enganou todos nós — ele disse. — Manipulou a mim

e ao general para que lhe déssemos informações, que depois usou para manipular Donala. Chorou muito quando os kimisaros exigiram Aurelia, depois pareceu reunir forças e aceitou ir. — Ele balançou a cabeça de novo. — Todos pensamos que era uma heroína, mas aquilo fazia parte de seu plano desde o começo.

Sage fez uma careta.

— Ela foi vendida, explorada e abusada pelo próprio pai, depois pelo marido e pela família dele. Ela não achava que sua vida poderia mudar.

O príncipe arqueou as sobrancelhas.

— Está sugerindo clemência depois do que ela fez?

— Não, não. Os mortos merecem justiça. — Ela suspirou. — E uma parte foi mesmo por ambição, embora talvez ela quisesse poder porque sempre teve tão pouco. Eu só quis dizer que isso não precisava ter acontecido. Nós, Demora e as leis que permitem que mulheres sejam trocadas feito peões, criamos Sophia. Não pode achar que os medos dela eram completamente infundados.

Robert refletiu por um minuto.

— Entendo seu argumento. Como propõe que resolvamos isso?

— Não sei — Sage admitiu. — Mas a nobreza deve mostrar o caminho e se comprometer a corrigir o que há de errado em Demora. As três nações estarão de olho nisso.

— Começando aqui em Tasmet. — A boca do príncipe se curvou em um sorriso. — Vou falar com meu pai sobre o que disse.

Um fio úmido em seu abdome fez Sage perceber que estava um pouco tensa, esticando a ferida, e ela relaxou contra o travesseiro.

— Obrigada.

— Não faça isso de novo. — Robert secou o sangue com uma toalha. — Alex vai me matar. Por falar nisso... — Ele ergueu os olhos. — Quando vai ser o casamento?

O rosto de Sage ficou vermelho.

— Hum...

O príncipe piscou.

— Estou falando do oficial. — Ele ergueu a toalha para espiar, parecendo aliviado que o sangramento não tivesse sido abundante e já

houvesse estancado. — Deveríamos fazer em Jovan, não acha? Para compensar o julgamento? Todos estarão lá mesmo.

— Menos a mãe de Alex. — Sage franziu um pouco a testa quando Robert abriu um sorriso inocente demais. — Você já mandou chamá-la, não?

— Na verdade, tio Penn mandou — Robert disse, referindo-se ao general Quinn.

— Já falou a respeito com Lani?

Ele pareceu culpado.

— Posso ter mencionado alguma coisa.

— Então o casamento já deve estar quase todo planejado a essa altura. — Sage revirou os olhos.

Clare voltou, bastante revigorada, embora ainda pálida e exaurida, e voltou a se sentar perto de Sage. Os três conversaram por um tempo, e depois de mais um gole de água Sage agiu como se estivesse com sono e fingiu pegar no sono.

Afinal, não era com ela que o príncipe Robert queria conversar.

NO TERCEIRO DIA, SAGE FOI LEVADA DE VOLTA à tenda da embaixadora e à cama muito mais confortável que havia ali. Alex passou para contar que estava partindo e provavelmente só ia vê-la de novo em Jovan.

— Desculpe — ele sussurrou, segurando a mão dela em sua bochecha áspera. — Precisamos encontrar o grupo de Underwood para que o julgamento possa começar. Ele esteve envolvido no assassinato, mas Sophia o usou tanto quanto usou todos os outros.

— Não precisa se desculpar — ela disse, depois sorriu. — Mas volte logo, por favor.

Alex retribuiu seu sorriso e deu uma piscadinha.

— Você já vai ter se recuperado o bastante até lá para celebrarmos da maneira apropriada.

— Está falando do casamento? — Ela teve de explicar o que Robert havia comentado.

— Sinto muito por perder todo o planejamento — Alex disse.

— Mentiroso.

Ele sorriu e se aproximou para um beijo de despedida.

— Não deixe Lani se empolgar demais.

Clare continuou fazendo companhia para ela, enquanto Lani passava a maior parte do tempo cuidando de Casseck. O ferimento de flecha na perna dele tinha sido grave o bastante para impedi-lo de acompanhar Alex.

— Melhor na perna do que na bunda — dissera Lani.

Aparentemente, Donala tinha sido atingido ali, e levava uma flechada de raspão nas costas. O brazapil tinha visto os arqueiros apontando em meio às fileiras demoranas quando havia se virado para a rainha, então salvara a vida dela jogando-a no chão. Em meio à

confusão que começara em seguida, soldados dos dois lados tinham se ferido até que o general Quinn conseguisse apaziguar a situação. Quando questionados, os guardas de Jovan que haviam iniciado os disparos admitiram ser os responsáveis pela morte do grupo de escolta, agindo sob ordens de Sophia.

Zoraya também visitou Sage e disse que ia ficar para o julgamento.

— Nunca vou conseguir tirar essa tipoia — ela murmurou enquanto se sentava no sofá perto de Sage, ajeitando o manto sobre a clavícula que havia sido quebrada outra vez.

— Como vai a convivência entre o brazapil Donala e o general Oshan? — Sage perguntou.

A rainha riu baixo.

— Nos primeiros dias, ficaram se enchendo de pedidos de desculpas por ter achado que o outro havia tramado minha morte, mas não guardam rancor. Ficaram amigos até.

— E Huzar?

— Foi perdoado por sua traição, claro. Está trazendo Mesden de volta da propriedade de sua família. Os brazapilla mandaram trazer o falso rei para me agradar. — Seus olhos cor de safira cintilaram. — Estou ansiosa pela reação deles quando revelar que os enganei.

— Eu pagaria para ver isso — disse Sage com um sorriso. — O que Huzar vai fazer depois? — A rainha não respondeu. — Você merece um pouco de felicidade — Sage insistiu. — Vocês dois merecem.

Zoraya baixou os olhos para o colo.

— Esse tipo de felicidade é sinônimo de fraqueza. Meu filho é a única fraqueza a que me posso permitir. — Sua mão tremeu, e ela cerrou o punho. — Malkim já sabe segredos meus demais.

— Ele nunca trairia vossa majestade.

A rainha ergueu os olhos semicerrados.

— Não planejo mandá-lo a nenhuma missão sem retorno, se é o que quer dizer. — Sage mordeu a língua. — Mas não posso mantê-lo perto de mim. Malkim conhece Demora. Vou fazer dele meu mensageiro pessoal.

— E espião. — Sage relaxou um pouco.

Zoraya arqueou uma sobrancelha.

— Observador.

A embaixadora não podia rir, porque doía demais.

— O que vamos fazer depois?

— Pedi ao seu príncipe um ano de trégua, e ele concordou. Nossos países precisam resolver questões internas. — Zoraya colocou a mão sobre a de Sage. — As conversas serão retomadas no próximo verão, tendo os acordos de Bey Lissandra como ponto de partida. Participará delas?

— Sinceramente? — Sage suspirou. — Queria que minha vida fosse menos emocionante do que tem sido nos últimos anos.

Zoraya abriu um sorriso — um sorriso sincero, e não um de viés como quem dizia “isso é doloroso de uma maneira divertida” ao qual Sage estava acostumada.

— Então a verei lá?

— Claro.

Por mais rapidamente que o julgamento de Sophia tivesse sido organizado, levava várias semanas para que as pessoas necessárias — em particular, o rei — chegassem. Sage insistira em cavalgar até Jovan quando chegasse a hora. Como havia escrito todo o seu testemunho, sua presença não era necessária, mas ela queria estar lá para apoiar Clare, que havia decidido depor. O rei e a rainha traziam Rose, que partiria com Lani para Casmun quando tudo estivesse terminado. Ao longo das semanas antes do julgamento, os norsaris enviaram uma corrente contínua de fiéis de D’Amiran para Jovan, muitos mais do que dispostos a entregar informações depois de descobrir que a condessa os havia usado e enganado para promover os próprios interesses.

O julgamento foi público, justo e rápido. Sophia negou tudo. Desdenhou dos procedimentos, oferecendo poucas respostas, embora a maioria nem fosse necessária graças às confissões dos outros. Quando sua culpa foi anunciada formalmente, o rei ordenou que o veredicto e a sentença fossem registrados e comunicados nos quatro cantos da nação. Sophia se encontrava em pé no centro do salão principal da fortaleza Jovan, usando um vestido marrom simples, com os punhos

finos algemados e os tornozelos acorrentados. Seu rosto, seu cabelo e suas mãos, porém, estavam limpos e bem cuidados, e ela ainda se portava como uma nobre.

— Tem algo a dizer antes de sua punição ser declarada? — o rei Raymond perguntou.

— Minhas últimas palavras são para minha filha — Sophia disse, com o queixo erguido.

O rei não pareceu contente com aquilo, mas permitiu que Clare levasse Aurelia à frente a fim de que a mãe pudesse falar com ela. Sage se inquietou ao ver a condessa se ajoelhar e sussurrar no ouvido da menina por vários minutos. Aurelia tinha pouco mais de dois anos — sem dúvida era jovem demais para se lembrar daquilo no futuro —, mas a própria Sage tinha memórias vagas da mãe. Seriam as emoções do momento, traumáticas, que provavelmente ficariam.

Ao terminar, Sophia se levantou e ignorou Clare para se dirigir ao rei.

— O que será feito com ela?

— A guarda foi concedida à sua irmã.

Sophia voltou a se empertigar, com o olhar inexpressivo à frente.

— Não tenho irmã — ela disse friamente.

Clare pegou Aurelia, que chorava e esticava os braços na direção da mãe.

— Eu também não — disse, virando-se e voltando para perto de Sage.

O rei esperou ter a atenção de todos antes de falar novamente.

— Condessa Sophia D'Amiran, é declarada culpada de conspiração, traição e assassinato. Cometeu grandes males contra nossa nação, o que, por si só, é repreensível. O pior, porém, foi que suas ações prejudicaram outros países. É mais fácil perdoar, ainda que não esquecer, males feitos contra nós, mas é muito mais difícil quando isso é feito contra nossos amigos.

Sage sorriu um pouco com a verdade daquele discurso. Ela não se importava tanto com a cicatriz fina em seu pescoço, mas nunca perdoaria o que Sophia tinha feito com Feshamay, Mara e os outros casmunis, muito menos com Clare e os norsaris.

O rei Raymond se levantou.

— Portanto, como gesto de paz e um pedido de perdão aos nossos vizinhos pelo que foi feito a eles em nosso solo, seu destino não cabe a mim. — Ele estendeu o braço para as duas mulheres que se sentavam em um ângulo reto em relação a ele e à rainha Orianna na plataforma. A princesa casmuni e a rainha kimisara se levantaram ao mesmo tempo e deram um passo à frente. As duas usavam vestido preto, como tinham feito todos os dias do julgamento, embora o de Zoraya fosse fortemente decorado com desenhos em fio de prata.

O rei baixou a cabeça.

— Rainha Zoraya, princesa Alaniah — ele disse formalmente antes de dar um passo para trás. — A sentença é de vocês.

Zoraya virou e Lani deu a volta até ficarem entre Sophia e o rei, de frente para a condessa. A rainha falou primeiro, com o rosto régio e impassível.

— É nossa decisão — ela disse em alto e bom som — que seja aprisionada pelo resto de seus dias.

Sophia bufou com desprezo.

— Vocês nem têm coragem de me executar — ela disse.

Lani ignorou as palavras de Sophia.

— Embora vá ser bem tratada — a princesa disse —, não verá o sol nem a chuva novamente, assim como aconteceu com aqueles cuja vida você tirou. — Ela fez uma pausa. — E saberá apenas quantos dias se passaram pelo número de vezes em que terá escrito o nome dos mortos.

Sage havia tido a ideia de fazer Sophia escrever os nomes todos os dias ao ver Alex sofrer para listá-los a fim de escrever cartas para as famílias. O fato de que ele não conseguia nomear todos os homens sob seu comando sem ajuda — ou pelo menos lembrar quem havia enviado aonde — o despedaçara.

Sophia riu com desdém para a princesa.

— Viverei por tempo suficiente para encher uma centena de livros com essas páginas.

O sorriso de Lani não chegou a seus olhos verdes.

— Esperamos que sim — disse Zoraya.

Com aquilo, a expressão orgulhosa de Sophia se desfez.

EMBORA TODOS ESTIVESSEM ALIVIADOS com o término do julgamento, não havia muito clima para celebrações. A rainha Zoraya partiu quase em seguida, abraçando Sage com seu braço bom e se desculpando por não ficar mais para o casamento, o qual tinha sido adiado porque Alex ainda não havia retornado. A família dele tinha chegado com o rei e a rainha, e no banquete solene daquela noite Jade Quinn, que viajaria com Rose para Casmun, reclamou porque também perderia o casamento, até Lani lhe garantir que elas ficariam por mais um ano se fosse necessário. A família de Sage também pretendia ficar, o que a envergonhava, porque devia ser desconfortável. O espaço era tão exíguo na fortaleza que tia Braelaura, tio William e os quatro primos de Sage tinham que dormir todos no mesmo quarto.

Seu humor se aliviou, porém, quando uma criada entrou para lhe entregar uma carta. Ao reconhecer a letra, Sage a abriu ali mesmo e pôde dizer a todos que Alex voltaria em duas semanas. Suas bochechas coraram ao continuar lendo. Ele sentia muita falta dela e estava ansioso para revê-la. Também era bastante... explícito.

— *Sestu Sperta!* — Lani exclamou, espiando por cima do ombro. — Esse homem sabe fazer um coração acelerar.

Sage ficou vermelha e afastou a página.

— Isso é particular!

— Sem dúvida. — A princesa piscou e voltou para sua comida.

Sage enfiou a carta no bolso do vestido.

— A *palachessa* realmente precisa aprender certos limites.

O rei se levantou de seu lugar à cabeceira da mesa, fazendo sinal para todos continuarem sentados.

— É uma pena que sua majestade e eu não possamos ficar para o

casamento — ele disse, apontando para a rainha ao seu lado. — Já faz dois meses que estamos fora de Tennegol, e a viagem para casa leva duas semanas.

Sage ficou triste, mas, no fundo, um pouco grata. Ela adorava o rei e a rainha, mas, quando se era uma plebeia, ter membros da realeza em seu casamento era um tanto assustador. Além do mais, haveria bem mais espaço em Jovan depois que sua comitiva partisse.

Raymond ergueu seu cálice de vinho.

— Mas damos nossa bênção, e esperamos ver a embaixadora, o major Quinn e sua futura família muitas vezes nos próximos anos. — Sage corou quando todos brindaram.

O rei baixou a taça e esfregou as mãos.

— Isso também significa que precisamos resolver algumas questões ainda esta noite. — Ele ergueu o braço direito para o lado e um mordomo se apressou para colocar uma espada embainhada em sua mão. — Lord e Lady Broadmoor, venham à frente, por favor.

Os tios de Sage se atrapalharam com os guardanapos e as cadeiras, com uma expressão idêntica de choque no rosto. Lord Broadmoor havia se apresentado em Tennegol muitos anos antes, jurando fidelidade assim como todos os nobres faziam no ano em que herdavam seu título, mas não tinha sido tolo a ponto de pensar que o rei se lembrava dele. Até aquele momento, vinha se mantendo em segundo plano, evitando chamar a atenção. Ele e tia Braelaura se aproximaram de braços dados, então o rei deu um passo para trás e se virou para o lado para que se ajoelhassem diante dele.

O rei Raymond falou em alto e bom som para todos ouvirem.

— Os acontecimentos dos últimos meses deixaram feridas abertas em nossa nação, mas fico contente em também ter descoberto onde a lealdade e o dever são mais fortes. Quando seu apoio foi solicitado, ambos os ofereceram sem reservas ou hesitação, e gostaria de recompensá-los por isso. — O rei fez uma pausa para sacar a espada. — Portanto, confiro aos dois a distinção de barão e baronesa e lhes concedo o castelo e as terras que antes pertenciam a Nestor Underwood, confiante em saber que cumprirão seus nobres deveres à coroa, como ele não fez.

O rei Raymond colocou a ponta da espada no chão diante de si, segurando-a em pé, e tio William estendeu a mão trêmula para apertar a lâmina e declamar o juramento de fidelidade. Quando terminou, tia Braelaura fez o mesmo. Sage tinha lágrimas nos olhos ao começar uma salva de palmas quando o casal se levantou e recebeu a espada na bainha. O novo barão Broadmoor parecia prestes a desmaiar ao levar um tapinha do rei no ombro. Quando o barulho diminuiu, eles voltaram a seus lugares.

— O ducado de Tasmét está vago — o rei continuou com o ar casual, dando a volta em sua cadeira para se sentar novamente —, mas, quando a pessoa que eu escolher aceitar o título, jurarão fidelidade a ela. — Raymond se sentou e pegou o cálice de vinho de novo, voltando os olhos anogueirados para Sage. — Não importa quem seja.

Sage ficou andando de um lado para o outro pela suíte que dividia com Clare, incomodada em ver como o quarto era grande. Lani a observava de uma poltrona junto à lareira perto de Clare, que aninhava Aurelia nos braços e a embalava, beijando de leve sua testa e suas bochechas de tantos em tantos minutos. A menininha havia chorado até pegar no sono, de modo que o cabelo encaracolara intensamente em volta de seu rosto pela umidade das lágrimas.

A princesa sorriu enquanto examinava as unhas impecáveis.

— Quando vai começar a listar os motivos por que não merece o título, Saizsch? — ela perguntou. — Estou pronta para discutir.

— Não tem graça — Sage retrucou.

Os olhos castanho-claros de Clare acompanharam Sage quando ela passou na frente da lareira pela oitava vez.

— Eu e Aurelia podemos ficar com você?

Sage parou de repente e olhou para a amiga.

— Clare, você *sempre* será bem-vinda se quiser morar comigo. Sabe disso.

— Mesmo assim, é educado pedir.

Houve uma batida à porta, e Lani se levantou de um salto.

— Eu atendo!

Sage ficou parada, torcendo as mãos enquanto o pajem anunciava que a presença dela havia sido solicitada pelo rei e pela rainha. Então o menino inclinou a cabeça, dizendo:

— Lady Clare também foi convidada.

Clare olhou para a sobrinha, hesitando, mas Lani já voltava da porta e estendia os braços.

— A *shasa* Lani cuida dela.

Aurelia foi passada para a princesa, e Clare acompanhou Sage pelo corredor.

— Essa menininha vai acabar mimada com tantas “tias” — Sage disse casualmente.

— Nada disso vai compensar o que ela perdeu.

As duas entraram nos aposentos reais de mãos dadas. Juntas, fizeram uma reverência e cumprimentaram o rei e a rainha, que estavam sentados em cadeiras confortáveis dispostas lado a lado, como tronos. O príncipe Robert estava à direita deles, encostado à lareira com um sorriso bobo no rosto. Sage não conseguiu pensar em nada para dizer, então esperou.

— Imagino que saiba por que a chamei aqui, embaixadora — o rei Raymond disse. — A província de Tasmét precisa de um governante.

Clare apertou a mão dela, e Sage inspirou fundo e assentiu.

— O ducado é importante do ponto de vista estratégico e diplomático — ele continuou com um tom formal, muito semelhante ao que havia empregado para declarar o veredicto na manhã daquele dia. — Precisamos de uma pessoa que seja leal a Demora, que goze da confiança de nossos vizinhos e que entenda as necessidades tanto de nobres como de plebeus. Essa pessoa precisará trabalhar próxima ao exército, em uma relação de respeito mútuo.

Sage mordeu o lado de dentro da bochecha e focou em um ponto entre o casal real.

A rainha Orianna falou em seguida:

— Precisamos de uma pessoa que seja honesta e direta, que não esconda questões difíceis de nós, que não deseje poder pelo poder e que entenda a importância das alianças conjugais. — Sage ouviu um sorriso na voz dela. — E, por fim mas não menos importante,

desejamos recompensar uma pessoa que arriscou e sacrificou tanto pelos outros.

O rei Raymond disse:

— Sage Fowler, você cumpre todos esses requisitos.

A lista era impressionante, assim como a convicção com que eles tinham falado. Sage secou um olho com o dorso da mão e fungou.

— E se eu não desejar tal honra?

— Ela não será forçada a você — disse o rei gentilmente. — É uma posição de grande responsabilidade.

Ela não poderia alegar que era jovem demais. O duque de Mondelea tinha apenas treze anos e, tecnicamente, a verdadeira herdeira da província tinha apenas dois e dormia nos braços de “*shasa* Lani” perto dali.

— E quanto a Aurelia? — ela perguntou.

— Por lei, uma família que comete traição pode ser desprovida de seus títulos e terras — respondeu o rei. Ele balançou a cabeça com tristeza. — Não tenho o menor interesse em punir a criança pelos crimes de seus pais, mas acho que é melhor removê-la oficialmente da linha de sucessão. Ela provavelmente ficará mais segura dessa forma.

Sage olhou para Clare, que mantinha o olhar inexpressivo à frente.

— Até quando precisam da resposta?

— Tem algumas semanas para decidir — a rainha disse. — E imagino que queira discutir isso com o major Quinn, afinal, também o afeta.

— Mas Tasmet precisa de um duque ou duquesa logo — acrescentou o rei.

— E minha posição como embaixadora?

Robert se empertigou, ajeitando a túnica amarrotada.

— É por isso que pedimos que Lady Clare também viesse — ele disse. — Gostaríamos que atuasse como embaixadora em Casmun agora.

Clare piscou como se estivesse despertando, concentrando-se no príncipe por alguns segundos antes de voltar a olhar para o casal real.

— Existem dois motivos para isso, minha querida — disse a rainha Orianna. — Primeiro, porque você é extraordinariamente qualificada

para cumprir essa missão. Segundo... — Ela parou de falar, mordendo o lábio.

Clare completou a frase por ela.

— Porque Aurelia estaria longe.

— A situação vai acabar se estabilizando em algum momento — Robert disse rapidamente. — Mas, dessa forma, ela pode crescer livre das expectativas e manipulações dos outros. Podem até se esquecer de quem ela é. E será apenas temporário. Se você quiser.

Os olhos verde-azulados da rainha Orianna se voltaram para o enteado, e um sorriso ergueu o canto de sua boca. Em seguida, ela voltou o olhar para Sage, que tinha a mesma expressão no rosto. O rei não pareceu notar a comunicação silenciosa.

— Eu aceito — disse Clare. Ela soltou a mão de Sage e fez uma reverência. — Agradeço por vossa generosidade e consideração.

Sage também fez uma reverência.

— Darei minha resposta assim que tiver conversado com... meu marido. — Era a primeira vez que ela se referia daquele modo a Alex. O rei e a rainha assentiram, talvez sem perceber o que Sage havia acabado de admitir, mas ela imaginava que não faria diferença de qualquer modo.

A rainha se levantou e abraçou Sage.

— Partiremos amanhã de manhã, mas o decreto real está escrito, e Robert pode dar força de lei a ele em nossa ausência. — Como era uma despedida, ela deu um passo para trás, estendendo as mãos, e Sage segurou seus dedos por reflexo. Orianna sorriu para ela uma última vez. — Sinceramente esperamos que aceite.

OS NOBRES LEAIS A D'AMIRAN tinham sorte de que Alex era responsável apenas por sua captura e prisão. Se tivesse algum papel na condenação, não receberiam nenhuma misericórdia por tê-lo mantido longe de Sage por tanto tempo. Quando as torres de pedra cinza da fortaleza Jovan surgiram à vista, ele teve a estranha sensação de estar voltando para casa, embora só tivesse passado por ali. Lar era onde Sage estava, ele pensou.

O general Quinn o recebeu no portão externo da fortaleza, franzindo a testa para os norsaris que cavalgavam logo atrás.

— Você trouxe o batalhão inteiro? — ele perguntou, balançando a cabeça.

Alex sorriu.

— Sim, mas disse a eles que podiam escolher. — Ele observou ao redor. — Onde ela está? — Antes que o general respondesse, Alex disse: — Deixe-me adivinhar: na biblioteca.

Seu pai assentiu, estranhamente sério.

— Está fazendo algumas pesquisas.

— Onde estão os outros? — Alex desmontou e virou Surry para ficar de frente para o general. O pátio estava movimentado, mas ele não viu ninguém que conhecia. — Minha mãe e as meninas não estão aqui?

Seu pai apontou para a capela no lado oposto do pátio. Uma guirlanda de flores brancas estava pendurada na entrada.

— Estão se preparando para o casamento.

— Elas querem fazer hoje à noite? Não é um pouco apressado?

O general arqueou as sobrancelhas.

— Imagino que você poderia ter se casado alguns meses atrás. — Sem esperar uma resposta, seu pai pegou a rédea de Surry da mão de

Alex. — Vá, avise-a de que chegou.

Alex atravessou quase correndo o segundo portão e a escadaria de pedra que dava para o castelo principal. Ao contrário de Tegann, aquela fortaleza tinha sido construída para ser confortável mais do que para resistir a cercos, e as áreas de estar se espalhavam por uma torre de mensagem larga que cercava a ala interna. A bandeira real não estava hasteada, o que significava que o rei e a rainha já haviam voltado para a capital. Alex havia perdido o julgamento de Sophia D'Amiran, mas não podia dizer que sentia muito. Ele ficara dividido quando soubera que a princesa Lani e a rainha Zoraya haviam poupado a vida dela.

Sem saber o caminho, Alex teve de pedir informações duas vezes a criados que passavam. Ele entrou na biblioteca sem bater, orando ao Espírito para que ela estivesse sozinha.

Sentada a uma mesa com vários livros e mapas abertos, Sage ergueu a cabeça. Seu rosto pareceu pálido e sua expressão, exausta, mas apenas por um segundo. Então seus olhos se iluminaram e seu sorriso ficou tão largo quanto o dele. Alex não diminuiu o passo em nenhum momento, e ela saltou diretamente da cadeira para seus braços.

Seus lábios suaves, quentes e desejosos encontraram os dele. Alex a puxou para perto, querendo — *precisando* — senti-la de novo.

— Desculpe — ele disse entre um beijo e outro. — Desculpe por ter demorado tanto para chegar.

— Não importa. — Sage balançou a cabeça, parecendo prestes a chorar. — Você está aqui agora.

Ela usava roupas de cavalgada em vez de vestido, o que permitia que a erguesse junto ao corpo e a sentasse na mesa logo atrás. Sage puxou o gibão dele, abrindo-o. Com uma mão, Alex soltou as fivelas e os fechos, depois arrancou o gibão sem ligar muito aonde caísse, e pôs as mãos nela de novo. Os livros e pergaminhos tombaram no chão enquanto ele a deitava, desfazendo os nós dos cordões de sua túnica. Em algum lugar em sua mente, Alex sabia que não era hora nem lugar para o que estava acontecendo, mas não se importou. Sabia apenas que não queria que aquele momento acabasse.

— Ahã.

Os dois ficaram paralisados por alguns segundos, depois se viraram para olhar para a porta, que estava escancarada. A princesa Lani estava ali, de braços cruzados, com Casseck logo atrás.

— Eles são insuportáveis — ela disse a Cass.

Alex se empertigou, puxando Sage para ficar em pé. O rosto dela estava vermelho de vergonha.

— Vocês deveriam bater — Sage disse a Lani.

— Vocês deveriam fechar a porta.

— Opa — disse Alex enquanto aninhava o cabelo de Sage. — Desculpe por isso. — Sage deu um beijo no pescoço dele, e Alex se abaixou para encontrar a boca dela de novo.

Lani avançou para dentro do cômodo, movimentando as mãos.

— Não, não! — ela exclamou. — Não podem fazer isso! — Ela foi até eles e empurrou Alex, depois pegou Sage pelo braço e a puxou para longe da mesa. — Clare diz que você não pode ver a *goiva* antes do casamento!

Sage lançou um olhar de desculpas para Alex enquanto a princesa estalava a língua e a puxava pela porta. Depois de alguns passos, Sage parou de resistir e foi com a amiga.

— A palavra é *noiva*, Lani.

SAGE NÃO SE LEMBRAVA MUITO DOS PREPARATIVOS. A tarde toda, balançara como um pêndulo entre o entusiasmo por sua vida com Alex estar finalmente começando e a apreensão quanto a que tal vida acarretaria. Depois de ter passado os dias anteriores estudando o que seria esperado dela como duquesa e que tipo de poderes teria, ela ainda não fazia ideia se aceitaria o título.

Enquanto o vestido que Lani mandara fazer para ela era passado por sua cabeça, Sage foi dominada por uma visão de todo o bem que poderia fazer pelo país e pelo povo. Jovan seria sua casa — ela nunca moraria em Tegann, mas poderia viajar — *precisaria* viajar — e ver o que Tasmét e outros lugares tinham a oferecer. E Sage estabelecera a melhor relação demorana com a realeza kimisara desde... bom, desde sempre.

Sua tia e a mãe e as irmãs de Alex se afobavam para arrumar seu cabelo e fazer sua maquiagem enquanto Sage pensava em tudo de que Alex teria de desistir. Ela não havia encontrado nenhuma referência histórica a um duque que tivesse mantido uma patente militar ou um trabalho. Cambria, a propriedade da família dele no vale Tenne, teria de ser administrada por outra pessoa, se não fosse cedida inteiramente — o que era muito a se pedir. O exército e a casa tinham sido as únicas constantes na vida de Alex, e Sage não conseguia suportar a ideia de tirar tais coisas dele.

— Sage. — Uma unha afiada cutucou seu queixo. — Acorda.

Ela piscou e focou em olhos de ônix líquido. Dentes brancos cintilaram contra a pele lisa cor de mogno de Castella Quinn, que sorria para ela — exatamente como Alex, com um lado da boca mais erguido do que o outro.

— Você precisa parar de se preocupar — ela a repreendeu.

A mãe de Alex era uma das poucas que sabiam da decisão iminente. O rei havia contado para o general Quinn, que, claro, contara para a esposa.

— Não consigo evitar — Sage disse. — Tenho medo de que Alex desista de muita coisa porque pensa que é o que *eu* quero.

Castella passou batom cor-de-rosa nos lábios de Sage.

— É o que você quer?

— Não sei!

Todas ao redor ficaram paralisadas, com os olhos arregalados de horror. Sage entendeu o que deviam ter pensado.

— Não estamos falando do casamento — ela disse rápido.

— *Wohlen Sperta!* — Lani exclamou, apertando o peito. — Meu coração parou por um momento.

Sage observou ao redor. Um brilho dourado tomava conta da sala com a chegada do fim de tarde. Era quase hora de ir.

— Estou pronta? — Sage perguntou. Era impressionante como seu rosto parecia mais leve do que no dia em que havia conhecido a casamenteira.

Clare estendeu um espelho de mão para ela.

— O que acha?

Sage se preparou para olhar. Para sua surpresa, seu rosto no reflexo estava só um pouco realçado, em cores suaves e naturais.

Lani franziu a testa.

— Eu teria feito mais, mas sua tia tem razão. Você deve ficar como quer. — Ela abriu um sorriso presunçoso. — Mas seu cabelo é obra minha.

Inclinando o espelho para cima, Sage encontrou seu cabelo colorido pelo sol entrelaçado por rosas e flores de sálvia, com poucas tranças. Então, baixou os olhos, vendo o vestido pela primeira vez. Era de seda casmuni tingida de um tom verde-claro no decote que ia escurecendo gradualmente conforme descia, terminando em um tom de pinheiro sobre os pés. A cintura alta estava ajustada no estilo favorito de Lani, mas as mangas eram drapejadas e alargadas como Sage preferia. Além dos acabamentos com fios dourados, eram poucos os adornos.

Tudo simples e elegante. Perfeito. Ela adorara, e Alex também adoraria.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Tia Braelaura estava pincelando seu rosto no mesmo instante, antes que estragasse a maquiagem.

— Não sei como agradecer a todas vocês — Sage sussurrou.

— A cara que Ah'lecks vai fazer já basta — disse Lani.

Menos de uma hora depois, a capela estava tão lotada que Sage pensou que o reboco poderia estourar. Ela mordeu o lábio enquanto esperava no degrau superior do lado de fora, constrangida com o número de olhos observando-a por trás. Clare e Lani estavam ao seu lado, ajudando-a a bloquear o batente. Alguns degraus embaixo estavam o general e Lady Quinn, de frente para os tios de Sage, os recém-nomeados barão e baronesa, que ainda pareciam constrangidos com as faixas cerimoniais de seus novos títulos. A espera pareceu uma eternidade, embora provavelmente tivesse sido de menos de cinco minutos, pois o sol mal descera para além das muralhas externas naquele período.

Todos estavam em silêncio, o que possibilitou que ouvissem a aproximação do grupo antes de vê-lo. Alex havia escolhido apenas o capitão Casseck e o príncipe Robert para ficar ao seu lado, mas os três usavam uniforme com o cinto da espada cintilante e faixa decorada com honras militares, fazendo cada passo ecoar ao som de uma dezena de partes de metal colidindo. O sol brilhava diretamente nos olhos do noivo, de maneira que foi só quando chegou ao pé da escada que conseguiu erguer o rosto para ela.

Alex quase tropeçou no primeiro degrau.

Ele se recuperou rapidamente e continuou se movendo tão depressa que Casseck começou a subir dois degraus de cada vez. Sage pressionou os lábios um contra o outro para não sorrir feito uma idiota. Ela viu que Alex não havia se barbeado, o que significava que o bilhete dela pedindo aquilo havia chegado a tempo. Gostava da barba dele agora, especialmente quando a mantinha aparada. Alex chegou à altura dela, um degrau abaixo, e parou. Seus olhos castanho-escuros passaram por todo o seu corpo, e ele engoliu em seco, apreensivo.

Depois de vários segundos de silêncio, o general Quinn limpou a garganta. Alex teria de pedir a permissão de Sage para entrar na capela, e Clare e Lani teriam de apoiá-la caso recusasse aquilo — embora, na tradição demorana, fazer aquilo significava que ela não poderia sair antes de fazer seus votos como mulher de outro ou como uma das Irmãs do Espírito. Depois de um longo momento, Sage observou ao redor. Casseck e Robert não ajudariam muito. Os dois estavam focados nas mulheres ao lado dela.

— Gostaria de entrar? — Sage perguntou finalmente.

Alex pestanejou, percebendo o que tinha esquecido.

— Sim, por favor — ele disse, corando. — Posso?

Sage não conseguiu mais conter o sorriso quando estendeu as mãos e ele as tomou, deixando que o puxasse para junto dela. Então, de repente, Alex a beijou, o que definitivamente não era parte do ritual, mas Sage não se importou nem com aquilo nem com os risos baixos e suspiros exasperados que ouviu ao redor deles. Alex recuou devagar e levou os dedos dela à boca dele — como deveria ter feito —, então deu um beijo neles, deixando uma leve mancha do batom que os lábios de Sage haviam deixado nos seus.

— Obrigado — Alex sussurrou.

Andar com ele até o altar foi muito parecido com a primeira vez, pois Sage não notava mais ninguém além dele. Alex assinou o livro de Jovan como tinha feito em Galarick, acrescentando a data e o local do primeiro casamento deles junto aos seus nomes, o que fez o sacerdote franzir a testa, confuso. Com muito mais pompa e cerimônia do que antes, Alex colocou a mão dela no altar. Tudo em que Sage conseguiu pensar naquele momento foi na primeira vez em que o tinha visto, agindo como um soldado comum, levando o jantar para ela. Parte de Sage sentiu falta da simplicidade e da inocência daquele momento, quando nenhum deles sabia como suas vidas estavam prestes a se tornar complicadas. Mas então Alex terminou seus votos e ergueu os olhos para ela, e Sage viu que não havia segredos velados atrás deles, como havia naquela noite.

Vidas complicadas ou não, nada podia ser melhor.

Sage quase se aproximou para dar um beijo nele, então lembrou que

era sua vez de falar. Ela se apressou tanto nos votos que o sacerdote não estava pronto quando chegou ao fim, e provavelmente nem notou a palavra que ela omitira outra vez. O homem se atrapalhou com os óleos sacros enquanto os dois esperavam, depois os esfregou nas palmas de suas mãos e declarou as palavras de união enquanto eles pressionavam as mãos e completou, então com:

— Agora podem se beijar.

Mas ele estava alguns segundos atrasado.

Com Alex ao seu lado e tantas pessoas felizes por eles, Sage se esqueceu de suas preocupações durante o banquete e o baile que veio em seguida, até os brindes finais feitos pelos pais de Alex e pela família dela à meia-noite. Então ele a guiou para fora do grande salão aos sons de vivas e assobios.

— Você precisa me mostrar o caminho — Alex sussurrou em seu ouvido. — Não faço ideia de onde fica seu quarto.

— Nosso quarto.

Ele sorriu.

— Nosso quarto.

Com todos os nervos em seu corpo vibrando, Sage o guiou pela escada e pelos corredores, parando com frequência para beijos e mãos bobas. Seu cabelo estava uma verdadeira bagunça, e ela imaginou que deixava um rastro de flores desbotadas atrás de si. Por fim, chegaram à porta, e depois de um logo minuto encostados nela Sage girou a maçaneta e deixou que Alex entrasse com ela.

Ele fechou a porta com o pé atrás de si, arrancando a faixa cerimonial no processo, então parou de repente ao ver o quarto decorado como se fosse para um membro da realeza.

— Uau — ele disse. — Todos se esforçaram mesmo, hein?

A verdade voltou com força total. Robert havia insistido em colocá-la naquele quarto assim que a família real partira, provavelmente para incentivá-la a aceitar a oferta do rei. Sage observou ao redor na direção da enorme cama entalhada e das tapeçarias elaboradas que só faziam o quarto parecer ainda maior. A lareira era duas vezes maior do que qualquer outra em Jovan, e metade da parede que dava para

leste era coberta por vitrais, de maneira que, ao pôr do sol, o quarto se coloria como um arco-íris.

— Você gostou? — Sage perguntou.

— É chique — ele disse, ainda olhando admirado. — Eu preferiria estar com você em uma barraca minúscula sob o som da chuva, mas...

— Ele deu de ombros, sorrindo. — Isso serve.

Exatamente como ela achou que ele ia se sentir.

Alex já estava indo para cima dela de novo, com desejo e ardor nos olhos, quando ela ergueu as mãos.

— Espere. Precisamos conversar.

Ele parou, confuso.

— Tem alguma coisa errada?

— Não. — Sage retorceu as mãos. Provavelmente não era o melhor momento, mas era tarde demais. Ela não conseguia pensar em outra coisa. — Não tem nada de *errado*.

Sage guiou Alex até perto do fogo e deixou que ele a sentasse em seu colo. Ela segurou a mão esquerda dele, traçando o óleo nos vincos da palma de sua mão enquanto lhe contava sobre a oferta do rei. Em seguida, descreveu tudo o que havia aprendido sobre os deveres e responsabilidades de um ducado, e como um título tão elevado não era compatível com nenhuma patente militar abaixo de general — ou, talvez, coronel, mas Alex já era jovem demais para sua patente, e levaria anos para receber tal promoção.

Enquanto falava, Sage se deu conta do quanto queria aquilo — não o título, mas a chance de mudar as leis e tradições que haviam transformado Sophia em um monstro. Ela *queria* o trabalho.

Alex pousou a cabeça em seu ombro enquanto Sage falava, acariciando suas costas com a mão direita e fazendo perguntas de vez em quando. Quando ela terminou, ele ficou em silêncio por um longo tempo, então disse:

— Está me perguntando se acho que você é capaz?

— Bom, essa é uma das minhas muitas perguntas.

Ele ergueu a cabeça para ela, os olhos escuros brilhando sob a luz do fogo.

— Sei que é. Próxima pergunta.

— Mas... e você? Consegue... *quer* ser um duque?

Alex cerrou os lábios.

— Meu nome está no decreto?

— Não, mas ser casado com uma duquesa não torna a pessoa um duque?

— Normalmente. — Seus braços a envolveram. — Mas não posso ser apenas seu consorte?

— Dá para falar sério? — Ela bateu no peito dele.

— Você pode me usar para o seu prazer.

Sage revirou os olhos.

— Espírito do céu. — Como Alex não disse nada, ela baixou os olhos para ele. — E quanto a Cambria?

— Pode ficar para Serena. — Ela era a mais velha de suas irmãs, dois anos mais nova do que ele próprio. — Nunca estou lá mesmo.

Sage esperou que Alex falasse mais alguma coisa, o que não aconteceu.

— Está falando sério? — ela perguntou. — Consorte?

— Claro. Desde que me aceite. — Seu sorriso era irônico, mas seu olhar era sincero. — E se me deixar ficar com meu trabalho. Trabalhei muito para chegar aonde cheguei.

— Não... não incomodaria você ser casado com alguém de uma classe mais alta?

Alex arqueou uma sobrancelha preta, franzindo a cicatriz branca desbotada na testa.

— Nunca incomodou quando a situação era o contrário.

— Sim, mas... — Sage apertou a lapela no gibão dele, traçando o polegar na folha de carvalho costurada em sua gola. Distintivos de prata reluzentes eram pouco práticos para uma unidade do exército cujo principal atributo era ser furtivo, e sua patente não era algo para o qual Alex sentia a necessidade de chamar atenção. Ela sorriu timidamente. — Para o meu prazer, hein?

Ele se inclinou para dar um beijo onde o pescoço e a mandíbula dela se encontravam.

— Muito e muito prazer.

— Nesse caso, consorte, ordeno que me leve para a cama.

— Seu desejo é uma ordem, vossa graça.

APÓS O CASAMENTO E A CERIMÔNIA empossando Sage como duquesa de Tasmét, que veio pouco depois, era hora de Lani voltar para casa a fim de preparar uma delegação casmuni para a segunda rodada de negociações no verão seguinte.

— Você não virá com eles? — Sage perguntou, percebendo a escolha de palavras de Lani.

— Isso depende de outra coisa — foi tudo que ela disse.

Clare e Aurelia viajariam com a princesa até Vinova, mas Lani ficava encontrando motivos para adiar a partida. Foi só quando Alex recebeu um relatório de Casseck, que havia levado uma companhia norsari para Tegann, que Sage entendeu o motivo. Quando o capitão finalmente voltou, uma semana depois, Lani ficou subitamente ansiosa para partir.

— Esperou três semanas para ver Casseck e vai partir dois dias depois que ele chega? — Sage perguntou. — Vai contar para ele o que sente ou não?

— É mais complicado do que isso — retorquiu Lani, mostrando a língua antes de ficar séria. — Você vai estar lá comigo quando eu contar?

— Se você quiser. — Sage coçou a cicatriz na cintura através das roupas. Alex havia garantido que a coceira passaria em algum momento, mas aquilo ainda não acontecera. — Mas me parece uma conversa que deveria ser particular.

Lani assentiu.

— Traga Ah'lecks e Clare também.

Assim, Sage, Alex e Clare estavam no jardim na manhã seguinte, observando a princesa Lani oferecer a Cass o que ela chamou de uma

“escolha de presente”.

— Não precisa me dar nada, *palachessa* — Casseck disse, então notou o olhar sério da princesa. — Ah, Lani.

Os dois tinham ficado ainda mais próximos enquanto Cass se recuperava de seu ferimento na perna, mas, depois do casamento de Sage e Alex, ele de repente havia voltado a assumir seu comportamento formal com a princesa. Ela tinha ficado arrasada quando ele partira para Tegann sem se despedir, mas Sage achava que ele tinha tentado tornar as coisas mais fáceis para os dois. Cass provavelmente não achava que ela ainda estaria em Jovan quando voltasse.

— Sinto que deveria lhe dar algo — Lani disse, com a voz tremendo um pouco. — Desenvolvi uma admiração por você como soldado e como homem. — Ela segurava um objeto envolto em seda nas mãos, mas foi sua criada Tishi quem ergueu uma espada casmuni refinada. — Por isso, lhe ofereço esta *harish*, para que saiba de minha admiração e para que os outros possam vê-la.

— Admiração — repetiu Cass inexpressivo. Sage notou uma tensão subjacente, como se tomasse aquilo como um insulto ou tivesse ficado magoado, mas tentasse não demonstrar.

— Sim. — Lani baixou os olhos, mexendo no que segurava. — E, como Rosachessa vem para Casmun nos ensinar os costumes da realeza de Demora, pensei se não poderia vir nos ensinar seus costumes de guerra. — Suas mãos tremiam enquanto ela tirava a seda. — Mas é sem expectativa que lhe ofereço a posição de capitão da guarda no palácio de meu irmão em Osthiza.

A espada que Lani estendeu para Casseck era quase idêntica à que Tishi segurava, com uma diferença importante — gravada em letras cursivas e grossas ao longo da lâmina curva havia um nome: *Alaniah*.

Em Casmun, um presente com o nome ou as iniciais da pessoa era uma proposta de casamento.

O queixo de Sage caiu.

— Ele... ele sabe o que isso significa? — ela sussurrou para Alex. Do outro lado de Sage, Clare levou a mão à boca, com os olhos arregalados.

Cass ficou encarando a espada por alguns segundos, depois ergueu os olhos azuis para Lani. A princesa apertou os lábios trêmulos. Sem dizer uma palavra, Casseck cruzou o espaço entre eles, pegou o rosto dela nas mãos e a beijou. A espada caiu no cascalho, por pouco não acertando seus pés.

Parecia que sim.

Epílogo

ASSIM QUE O DESFILADEIRO JOVAN estava liberado no começo da primavera para que o trânsito voltasse ao normal, as cartas começaram a chegar em grande quantidade, incluindo algumas de Casmun. Chegavam vários pacotes do palácio e da família de Alex em Cambria, a maioria para ser encaminhados ao general Quinn, que estava acampado ao oeste, mas fazia visitas frequentes. Alex havia estabelecido os norsaris perto de Jovan, pois a localização era ideal para a mobilização rápida em qualquer um dos lados das montanhas. O capitão Ben Nadira era o segundo no comando agora, e o tenente Tanner havia optado por se aposentar do exército, embora tivesse aceitado o cargo de capitão da guarda pessoal de Sage.

Ela e Alex relaxavam perto do fogo em seu quarto, vestidos para dormir, enquanto examinavam as pilhas de correspondências, guardando as cartas pessoais para o final.

— Cass está se adaptando? — Sage perguntou.

— Parece que sim — Alex respondeu de trás da carta. — Mas teve algumas queimaduras de sol.

— Lani está tão feliz que dá raiva — disse Sage, virando a página para ler o verso. — Eles estão esperando um bebê para o outono, por isso ela não virá para as conversas. — Sage fez uma careta. — Os dois não perderam tempo, não é?

— Não é uma corrida, Sage — disse Alex.

Não, e ela não estava pronta para aquilo, especialmente com todo o trabalho e com todas as viagens que teria de fazer nos anos seguintes. Ela dobrou o pergaminho e o colocou na pilha lida.

— Darit voltou a ser ministro das Finanças — Sage disse. — E Lani está assumindo como ministra da Guerra. — A posição

tradicionalmente cabia ao irmão do rei, e Banneth não tinha nenhum irmão vivo. Mas por que não a irmã?

— Cass mencionou. Bom para ela.

Sage se voltou então para as cartas de Clare. Suspirou enquanto lia, sentindo a solidão da amiga, mas também a alegria em criar a sobrinha. Aurelia era inteligente e afetuosa, e adorava aprender coisas novas, o que Clare disse que a fazia se lembrar de Sage. Depois de seis meses, a menina tinha finalmente parado de perguntar sobre a mãe.

— Está tudo bem? — Alex perguntou.

Sage percebeu que franzira a testa.

— Na medida do possível — ela respondeu.

— Aurelia parece dar bastante trabalho — ele disse, casualmente.

Sage baixou a página para olhar para ele.

— E como sabe disso?

— Rob está em Vinova. — Alex ergueu seu pergaminho para mostrar para Sage, embora ela não conseguisse ler a caligrafia do príncipe daquela distância. — É uma visita oficial para garantir que Clare tenha tudo de que precisa e para receber a delegação casmuni quando eles chegarem. — Ele arqueou a sobrancelha, mas Sage evitou seu olhar. — Rob chegou muito antes do que precisava. Os casmunis vão demorar mais um mês, e essa carta é datada de duas semanas atrás.

A carta que Sage estava lendo relatava os mesmos detalhes sobre a visita de Robert. Clare parecia bem mais feliz.

— Clare está planejando ir ao próximo Concordium — Sage disse, sorrindo. — Para a reunião com o conselho do rei sobre as leis de casamento que ocorrerá logo em seguida. — A mudança era lenta, ainda mais porque o desenvolvimento das relações com Casmun e Kimisara exigia atenção, mas o rei tinha sido bem aberto à proposta feita em conjunto por Sage e Darnessa. Os meses a mais eram necessários para que se chegasse a um consenso entre a guilda das casamenteiras sobre quais sugestões deveriam ser apresentadas. — Provavelmente não a verei antes disso.

Mais dois anos. Sage suspirou e colocou a carta de lado.

— Acabou? — Alex perguntou.

Sage se deu conta de que aquela tinha sido a última carta. Havia levado apenas uma hora para colocar as correspondências dos cinco meses anteriores em dia. Com a chegada da primavera, pelo menos os mensageiros seriam mais regulares.

— Acabei — ela disse.

Ele se levantou e se espreguiçou, depois olhou para ela com um sorriso.

— Pronta para dormir?

— Quase. — Sage estivera tão ansiosa para começar a ler que havia se esquecido de tratar as cicatrizes com o óleo da noite, e sentar perto do fogo a havia deixado com coceira, de modo que não podia descuidar daquilo.

Alex a observou enquanto ela achava o frasco e erguia a camisola para passar a loção na perna.

— Posso fazer isso por vossa graça — ele disse na cama.

— Da próxima vez — disse Sage, guardando o frasco e subindo na cama ao lado dele. — Estive pensando.

— Quando não estive? — Alex afundou o rosto no pescoço dela, deixando uma mão vagar mais para baixo.

Na verdade, quando ele fazia coisas daquele tipo, era muito difícil pensar. Ela se afastou um pouco.

— O que acontece com Aurelia se Robert se casar com Clare?

Alex se apoiou no cotovelo e franziu a testa.

— Não está se precipitando um pouco?

— A julgar pelo número de vezes em que ela mencionou o nome dele na última carta, acho que não.

Ele suspirou.

— Para falar a verdade, não sei, mas raramente me preocupo com coisas que estão acima da minha competência e da minha patente. — Alex levou o braço a ela de novo. — Deixo isso para pessoas como você.

Ela deixou que ele a puxasse para perto, ainda pensativa.

— Clare daria uma rainha maravilhosa. E acho que eles seriam felizes.

— Hum — Alex disse, evasivo. — E você? — ele sussurrou no

ouvido dela. — Está feliz?

Na verdade, o título e suas responsabilidades estavam sendo ainda mais opressivos do que Sage havia previsto. Havia escassez de grãos e disputas entre lordes, e gerações de desconfianças a ser resolvidas, sem falar nos pesadelos dela, embora fossem menos frequentes. Mas nada daquilo mudava sua resposta. Ela se virou para Alex e encostou sua boca na dele.

— Tão feliz que dá raiva.

Agradecimentos

Como sempre, caro leitor, devo meu primeiro obrigada a você por ter escolhido viver no meu mundo por algumas horas não só uma, mas três vezes. Fico honrada de verdade. As artes, as fanfics, os marcadores e as velas em homenagem a esta série que muitos dedicaram tanto tempo para criar me deixaram boquiaberta. Não há elogio maior do que me escreverem para dizer que três livros sobre Demora não são o suficiente. Vamos ver o que o futuro nos reserva.

Nunca me cansarei do *Deo Gratias* que devo ao Senhor no céu, que me guia e me fortalece, além de Francisco e Dimpna, que fizeram horas extra por mim nessa terceira rodada, e aos quatro Tomás, de quem dependo praticamente todos os dias em outros aspectos da vida.

Também conto com uma superagente, Valerie Noble, que me guia em meio ao estresse e à confusão do mundo editorial, está sempre pronta para me fazer me sentir melhor ou ouvir minhas preocupações (normalmente exageradas), e atende meus telefonemas de mais de uma hora em que tento explicar tramas inteiras e entender onde as coisas estão dando errado. Eu não poderia ter feito nada disso sem você, Val!

Minha editora, Nicole Otto, que trabalhou tanto comigo para fazer com que este livro chegasse ao seu melhor resultado, também estava disposta a atender telefonemas cheios de tagarelices confusas, e ainda descobri que era minha principal defensora na Imprint: espero ter deixado você orgulhosa. Minha única pergunta é se autores de verdade precisam treinar tanto para acertar as coisas. (Não responda.) Obrigada também a Erin Stein por me dar uma chance e, depois, mais duas antes mesmo de eu ter provado meu valor. Rhoda Belleza, você fez falta, mas sei que seguiu em frente para conquistar coisas ainda

mais incríveis. Nunca vou me esquecer de sua paciência e seus conselhos nesses primeiros anos de publicação.

Obrigada, Brittany Pearlman e Ashley Woodfolk (e equipe) por todo o trabalho com publicidade e marketing que fizeram, e por me manter a par de tudo. Jessica White, eu prometeria que um dia vou aprender o uso correto dos pronomes relativos, mas seria mentira. Obrigada por me salvar desses e de outros erros vergonhosos. Minha trama reluz graças aos editores de conteúdo, mas os revisores de texto trazem purpurina às palavras.

Sempre há trechos que não tenho como resolver sem ajuda, por isso um milhão de obrigadas a Joshua Gabriel Lontoc e Nikkia Parker por me ajudar a resolver frases e questões problemáticas. Todos os erros que restaram são culpa minha.

A Kim, Amy, Ron e Dan, que leram meus rascunhos, às vezes mais de uma vez, fosse para inflar meu ego ou me repreender com amor, depois ajudaram a defender meus livros para seus amigos e parentes: nunca subestimem sua importância nesse processo. Vou pagar várias rodadas das bebidas que escolherem. Sempre há amigos e parentes demais para citar que só acabam lendo o produto final, mas seu entusiasmo e seu amor (e suas resenhas luminosas) também são o combustível que me fazem seguir em frente. Agradeço mais uma vez à dra. Kate e a seu conhecimento médico sobre ferimentos de facas, queimaduras e processos de cicatrização.

Hampton Roads Writer e The Muse Writers Center, especialmente Luran, Rick, Sherrie, Nancy, Susan, Michael e todos os outros: sinto muita falta de vocês. Estava disposta a voltar para Norfolk só por causa de vocês, mas não era para ser. Talvez algum dia.

Um agradecimento especial a Bob e Carol por seu apoio — seja como babás ou como leitores — e pelo entusiasmo com sua “filha”. Obrigada também por criarem filhos incríveis (na terceira tentativa costuma dar certo).

Mãe e pai, agradei a vocês no começo da série, mas preciso agradecer aqui também porque sempre estiveram onde eu precisava. Desculpa por só receberem uma dedicatória no terceiro livro, mas acho que este é o melhor (até agora).

Existem cinco seres humanos que devem sua existência a mim (e a outro cara, que é bem legal), e é ao mesmo tempo doce e triste vê-los crescer, especialmente os dois mais velhos. Escrever um livro não é nada comparado a ver esses dois rapazes darem seus primeiros passos no mundo lá fora. Amo vocês, meus pequeninos — e sempre serão pequeninos para mim, por mais altos que estejam. Quanto ao resto de vocês, seus pivetinhos, vamos nos aventurar!

Michael, eu seguiria você até os confins da terra. Minhas malas estão prontas. Vamos. *Sarang-hae*.



DEVON SHANOR

ERIN BEATY nasceu e cresceu em Indianapolis, Indiana. Formou-se na Academia Naval dos Estados Unidos com diploma em engenharia aeroespacial e serviu à Marinha como oficial de armas e instrutora de liderança. Ela e o marido têm cinco filhos, dois gatos e uma horta, e moram onde quer que a Marinha os leve.

Copyright © 2019 by Erin Beaty

Publicado mediante acordo com o Macmillan Children's Publishing Group, um selo do Macmillan Publishign Group, LLC.

Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Traitor's Kingdom

CAPA E ILUSTRAÇÃO DE CAPA Rafael Nobre

MAPA Maxime Plasse/ Imprint

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Jasceline Honorato e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-5451-710-6

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

ERIN BEATY

A MISSÃO TRAIÇOEIRA



A missão traiçoeira

Beaty, Erin

9788554512460

456 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sage Fowler abandona seu posto como aprendiz de casamenteira e se envolve em uma nova missão secreta ao lado do capitão Alex Quinn no segundo volume da série O Beijo Traiçoeiro.

Depois de se provar uma espiã habilidosa e uma casamenteira estrategista, Sage Fowler passou a ocupar uma posição confortável na alta sociedade, dando aulas para as princesas do reino de Demora. Quando surge a oportunidade de participar de uma nova missão secreta, porém, Sage quer aproveitar a chance para servir ao seu reino mais uma vez — e ficar mais próxima de seu noivo, o capitão Alexander Quinn.

Alex não fica nada feliz com a ideia, já que está determinado a proteger a namorada de qualquer perigo. A insistência de Sage em fazer parte da missão faz com que eles se desentendam cada vez mais e, quando um conflito com um reino vizinho resulta em uma tragédia, os dois acabam separados. Para completar a missão de Alex — e a sua própria —, Sage precisará contar com a ajuda de aliados inesperados para sobreviver em um território inimigo e salvar o reino de Demora mais uma vez.

[Compre agora e leia](#)

BRUNO



RYAN
GRAUDIN

VENÇA A CORRIDA
OU MORRA TENTANDO

Lobo por lobo

Graudin, Ryan

9788543807348

360 páginas

[Compre agora e leia](#)

Era uma vez, em outra época, uma garota que vivia no reino da morte.

O Eixo ganhou a Segunda Guerra Mundial, e a Alemanha e o Japão estão no comando. Para comemorar a Grande Vitória, todo ano eles organizam o Tour do Eixo: uma corrida de motocicletas através das antigas Europa e Ásia. O vencedor, além de fama e dinheiro, ganha um encontro com o recluso Adolf Hitler durante o Baile da Vitória. Yael é uma adolescente que fugiu de um campo de concentração, e os cinco lobos tatuados em seu braço são um lembrete das pessoas queridas que perdeu. Agora ela faz parte da resistência e tem uma missão: ganhar a corrida e matar Hitler. Mas será que Yael terá o sangue frio necessário para permanecer fiel à missão?

[Compre agora e leia](#)

ISKARI
vol.3



Kristen Ciccarelli

ATECELÃ DO Céu

SEGUINTE

A Tecelã do Céu

Ciccarelli, Kristen

9788554516741

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

No último volume da série Iskari, uma guerreira e uma ladra não vão medir esforços para encontrar Asha — mas enquanto uma quer protegê-la, a outra quer matá-la.

O reino de Firgaard passou por tempos turbulentos desde que Dax assumiu a coroa ao lado de Roa, uma garota nascida em território inimigo. Agora, cabe a Safire, prima de Dax e comandante do Exército real, manter a ordem na cidade.

Quando Eris, uma ladra capaz de se deslocar por mundos diferentes, invade o palácio e passa a cometer roubos impunemente, Safire vê diante de si um desafio quase impossível: capturar alguém que consegue desaparecer num piscar de olhos.

O que nenhuma das duas esperava era compartilhar o mesmo objetivo: encontrar Asha, irmã de Dax e namsara do reino. A diferença é que Safire quer garantir sua segurança, enquanto Eris pretende entregá-la a seus inimigos. Em uma corrida contra o tempo, uma vai tentar derrotar a outra a qualquer custo — mas um sentimento surpreendente entre elas pode mudar tudo.

[Compre agora e leia](#)

UM CONTO DE A SELEÇÃO



O PRÍNCIPE

KIERA CASS

SÉQUINTE

O príncipe

Cass, Kiera

9788580866827

72 páginas

[Compre agora e leia](#)

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon. Conto inédito e gratuito, O Príncipe não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

[Compre agora e leia](#)

NOITE DAS GAROTAS

garota < 3 garoto

ALI CRONIN



SEGUINTE

Noite das garotas

Cronin, Ali

9788543802336

18 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conto gratuito que precede o 1º volume de Garota < 3 Garoto (Nada é para sempre). Quatro garotas e três garotos de dezoito anos. Prepare-se para acompanhar seu emocionante último ano na escola... Sarah está indo se encontrar com as outras garotas para passarem um tempo juntas e colocarem as novidades em dia. O que elas aprontam enquanto os garotos não estão olhando?

[Compre agora e leia](#)